Afonso Felix de Sousa

CHAMADOS E ESCOLHIDOS

POEMAS

ÍNDICE

O TÚNEL (1945 / 1947) 15
SONETOS ELEMENTARES 16
I – AQUI ESTOU, UM PÁSSARO EXILADO 16
II – POR DEUS EU NÃO CHAMEI, POIS DEUS É DEUS 17
III – NOS RECANTOS TRANQÜILOS ENCONTRAVA 18
IV – NÃO MAIS VEREI NAS PAISAGENS TRÊMULAS 19
V – OU NUNCA O ALCANÇAREMOS. O SILÊNCIO 20
VI – QUANTOS MOMENTOS PASSEI COMO ESTE, NÃO SABENDO 21
VII – DO DIA A NOITE 22
VIII – ROLAR NO ABISMO, AO NADA MISTURAR-SE 23
IX – NÃO SÓ A INÚTIL ESPERA. AINDA RESTA UM SENTIDO 24
X - MAS VIVOS SOBRE O CHÃO PERMANECEMOS 25
XI – É COMO SE DENTRO DE MIM HOUVESSE PÁSSAROS 26
XII – QUE VÁ MEU CORAÇÃO ... VAI, BATE À PORTA 27
XIII – NADA HÁ DE MAIS NUM TÚMULO SEM FLORES 28
XIV – SÚBITO AS MÃOS PARARAM 29
XV – E DEUS CHAMOU À LUZ DIA, E ÀS TREVAS 30
XVI – TERESA APARECEU COMO ESSAS CHUVAS 31
XVII – MANHÃ DE UM DIA DESTES. DEI COMIGO 32
XVIII – DENTRO DE MIM A MÚSICA E OS MENORES 33
XIX – EU NÃO PRECISAVA CONTINUAR OS CAMINHOS 34
XX – OS UNIVERSOS CONSTRUÍDOS, HORAS 35
XXI – ENTRE OS SERES QUE EXISTEM EM MIM, QUEM SERÁ 36
XXII – MESMO DEPOIS DE A JANELA TAPAR A BOCA DOS VENTOS. 37
A FONTE E A ORIGEM 38
ELEGIA DO AMANHECER 40
INVENTÁRIO DA MANHÃ 41
RENASCIMENTO 42
ACALANTO NO FIM DO AMOR 43
O NATAL E SEUS ESPELHOS 45
POEMA 46

BALADA QUE SERIA DE AMOR 47
BURRO PRETO 50
MANGUE 43 52
O POÇO 54
NAMORADA MORTA 55
TRÊS CANÇÕES NA AREIA 56
A UMA DAMA QUE QUIS SABER COMO ENCARO A MORTE 57
ANOTAÇÕES PARA A ELEGIA DO TEMPO E DO HOMEM 59
DO SONHO E DA ESFINGE (1948 / 1949) 63
NASCIMENTO DO POEMA 64
DURAÇÃO DO POEMA 66
SONETO DO ESSENCIAL 68
MOTIVOS DE RETORNO (I) 69
POEMA DA PERMANÊNCIA 70
QUARTETOS DE CONTEMPLAÇÃO E FUGA 71
I – NO OLHAR, O OLHAR QUE BUSCA – E OS BARCOS, LONGE 73
II – ÁRVORES DESCANSANDO À SUA SOMBRA 73
CONTRAPONTO 73
NOTURNO DO DESCONSOLO 74
AS BOCAS FOSSEM OUTRAS 75
SONETO DA ASPIRAÇÃO 76
SONO 77
SONS NO DESERTO 79
MOTIVOS DE RETORNO (II) 80
SONETOS DO AMANTE 84
I – DO AMOR E PARA O AMOR, SEGUIR SEGURO 84
II – QUE PODEROSA A SEDE! O INEXPLICÁVEL 84
III – TUDO QUE TENHO A DAR QUANDO TE ENTREGAS 85
IV – NÃO NOS DEITEMOS NA ÁGUA, QUE A CORRENTE 85
V – DA CARNE OU DO MISTÉRIO É ESSE APELO 85
VI – PUDESSE OFERECER-TE O QUE NÃO TENHO 86
VII – TERRÍVEL DESPERTAR, O DESPERTAR 86
VIII – ETERNIZAR O AMOR QUE FORA ETERNO 87
O ROSTO 88

CANÇÃO 90
PASSAGEM DAS NUVENS 91
EMBALO 93
POEMA PARA EMILY BRONTE 94
PALAVRAS A LOURDES 96
SONETO DO REENCONTRO 97
VELAME 98
ESTELAR PARA A SUICIDA 99
O MONSTRO 100
CÃNTICO DA ANUNCIAÇÃO 103
O AMOROSO E A TERRA (1949 / 1952) 107
TOADA GOIANA 108
O POÇO DA RODA 110
CONFIDENCIAL A SANTA BÁRBARA 114
A CIDADE ENCANTADA 115
SANTA DICA 119
A ÁGUA QUE CANTA 123
TOADA DO ENJEITADO 124
GARÇA BRANCA 126
A NOIVA DO SOBRADO 129
A MOÇA DE GOIATUBA 133
TERESA BICUDA 139
ABECÊ DO GARIMPEIRO 142
ABECÊ DOS BOIADEIROS 145
MEMORIAL DO ERRANTE (1950 / 1955) 149
INSCRIÇÃO 150
AUTO-RETRATO 151
OFERENDA 153
SONETOS DE MEDITAÇÃO 155
I – VÁRZEA INVISÍVEL SEJA O PÃO DOS TRISTES 155
II – QUE TERRAS! QUE AFLIÇÕES – E A ALMA PERDURA 155
III – SE VEM A NOITE E O SEU GERAR DE ENCANTOS 156
CONTRIÇÃO 157
RESGATE 158

CONVITE 159
RONDÓ DE PORTO ALEGRE 160
CINCO SONETOS DE OLINDA 161
I – QUANDO NA PRAIA IMERSA EM LUZ TERMINA 161
II – RECOLHAM-ME OS TEUS REINOS, PROMETIDA 161
III – EIS, SOBRE A TORRE, A DELICADA ESTRELA 162
IV – MAR DE PALPITAÇÕES ONDE NAVEGO 162
V – FALAM POR MIM AS NUVENS EM PELEJAS 163
A EMPAREDADA DA RUA NOVA 164
ROMANCE DE ITAPOÃ 169
CANÇÃO DO PONT NEUF 174
BALADA DE UPMINSTER 176
ODE MEDITERRÂNEA 178
MONÓLOGO A BORDO 179
MARÍTIMA 181
PRANTO POR FEDERICO GARCIA LORCA 182
ROMANCE DA MALMARIDADA 184
TAMARA 185
SONETO PARA MITZI 188
TERCETOS DE LENINGRADO 189
ÍNTIMA PARÁBOLA (1955 / 1956) 192
SONETO I – ERGO AS MÃOS FRENTE A NADA E MEUS MUITOS RECLAMOS 193
SONETO II – É QUANTO HOJE ME COBRE, OS TETOS DESMANCHADOS 194
SONETO III – METAFÍSICA E AMOR – EM ÂNSIAS DE ANJO IMPLUME 195
SONETO IV – NÃO FORA DE MEUS PAIS NEM DE ANTIGOS PASTORES 196
SONETO V – QUANDO CHEGUEI AO CAMPO ONDE PASTAVAM CABRAS 197
SONETO VI – ÀS BORDAS DO NÃO-SER LEVARAM-ME AEROPLANOS. 198
SONETO VII – UMA RÉSTIA DE AZUL FOI TUDO O QUE PEDIMOS. 199
SONETO VIII – É POR TER DE MORRER QUE, TAL O CISNE, CANTO 200
SONETO IX – O BANHO AO MEIO-DIA – E TU NA PRAIA ACESA.. 201
SONETO X – FOI O AMOR QUE APAGOU AS LUZES DA VARANDA... 202

SONETO XI – ANTES DE AMAR O AMOR HEI DE ARRANCAR AS ROUPAS 203
SONETO XII – DIGO À TARDE UM SEGREDO, E A TARDE ME DÁ ONZE 204
SONETO XIII – O LEITE QUE ME DERA O AMOR, DEITEI-O AOS GATOS..... 205
SONETO XIV – PUS A MÁSCARA AZUL DE DON JUAN TENÓRIO.... 206
SONETO XV – TALVEZ NÃO FORA AMOR, MAS POR ENCANTAMENTO. 207
SONETO XVI – EU CANTAREI DE AMOR, MAS NÃO TÃO DOCEMENTE 208
SONETO XVII – NÃO IMPORTA QUE PESE AGORA A NOITE:EU AMO 209
SONETO XVIII – NO CAMPO VÃO PASTAR SONÂMBULAS OVELHAS.. 210
SONETO XIX – OUVE ESTE BÚZIO, MAIS QUE O MAR A TEU OUVIDO 211
SONETO XX – O SIMPLES SER E ESTAR NA CLARA CIDADELA.... 212
SONETO XXI – SERMOS SOLTOS NO TEMPO – ESTE GLOBO QUE ROLA 213
SONETO XXII – FIANDEIRAS DE HORAS, FORÇA É QUE HOJE DEIXEIS PRONTA..... 214
SONETO XXIII – DE ESQUIVO AMOR CRISTAL TRANSLÚCIDO PERDURA 215
SONETO XXIV – CERTA VEZ FUI PARAR NUM CAMPO DE CIGANOS. 216
SONETO XXV – DEUSES QUE RESGUARDAIS LÁ DAS CELESTES GRUTAS 217
SONETO XXVI – COMO QUEM RECEBERA, EU DEI-ME TODO À MUSA 218
SONETO XXVII – SETE VEZES PEQUEI – SETENTA VEZES SETE.. 219
SONETO XXVIII – HÁ TEMPO JÁ QUE TENDO ÀS COSTAS UMA HERANÇA 220
SONETO XXIX – O LÍRIO MACHUCADO, O ALVO SOL, A TRISTEZA 221
SONETO XXX – É DO AR QUE O TEMPO VEM COMO A AMPUTAR MEUS MEMBROS..... 222
SONETO XXXI – ELA IA MACAMBÚZIA E LENTA COMO UM CÁGADO. 223
SONETO XXXII – NA VÁRZEA, ALÉM DA SERRA, UM DOMADOR DE POTROS..... 224
SONETO XXXIII – CHEGO AOS UMBRAIS DA VIDA E, MÃOS TRÊMULAS, ABRO..... 225
SONETO XXXIV – AQUELE NADADOR, TÃO DE PERTO O CONTEMPLO 226
SONETO XXXV – ALAZES ALÇAPÕES ... E O TEMPO SEGUE EM CURVAS 227

SONETO XXXVI – SENHOR, QUE A MIM DE SONHO E VÍSCERAS FIZESTE 228
ÁLBUM DO RIO (1951 / 1964) 229
DAS ESCRITURAS – I OU PONTEIO DO RECÉM-CHEGADO 230
INSTANTÂNEO - I 234
VISITA AO TÚMULO DE MACHADO DE ASSIS 235
DISCURSO NA RUA DO CATETE 236
A FORMAÇÃO DA BAÍA OU OS AMANTES DO MORRO DA VIÚVA 237
DESENHO DE DEBRET 240
NOTURNO DA LAPA 241
ORAÇÃO 243
DISCURSO NO CAIS DO PORTO 246
SUITE DOS DILEMAS DE IPANEMA OU PEREGRINAÇÃO À CASA DO ANÍBAL 248
PRAIANA - I 251
DISCURSO NUM DOMINGO DE CARNAVAL 252
INSTANTÂNEO - II 254
VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE NOEL ROSA 255
A CASA EM BOTAFOGO 259
A MORTA DO POSTO SEIS 261
VISITAÇÃO À IGREJA DA PENHA 264
BALADA DO HOMEM NO CAOS 265
PRAIANA - II 267
CAMINHO DE SÃO CONRADO E A BELA 268
DISCURSO NA ESPLANADA DO CASTELO 270
IMPROVISO À MORTE DE ANTÔNIO MARIA 271
SANGUE NO MANGUE 272
DISCURSO NA ESTAÇÃO PEDRO II 274
INSTANTÂNEO - III 276
ASSOVIO EM TOM MENOR 277
ACLAMAÇÃO NO RESTAURANTE ALBAMAR 279
MADRIGAL NO AEROPORTO SANTOS DUMONT 280
LITANIA 281
SONETO AO BONDE DO JARDIM DA GLÓRIA 282
ENTRADA TRIUNFAL NA PRAÇA PARIS 283

ANÚNCIO NO JORNAL DO BRASIL OU À LA RECHERCHE DU FOYER PERDU 285
DAS ESCRITURAS - II 287
SONETO NA ESTAÇÃO DAS BARCAS 288
DAS ESCRITURAS – III OU TERMOS EM QUE SE AJUSTA UM LUGAR AO SOL (OU À SOMBRA) NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO 289
CHÃO BÁSICO & ITINERÁRIO LESTE (1965 / 1975) 291
CHÃO BÁSICO 292
AQUI E OUTRORA 295
OFÍCIO DE VIVER 298
ECCE HOMO 299
DISCURSO ANTI-ANTILIRA 301
DA LIBERDADE CONSENTIDA 303
TURRIS EBURNEA 305
AS DIREÇÕES 307
PARADISE LOST 309
OS MORTOS DO JARAGUÁ 311
LIGEIRA DAS INTENÇÕES 312
POEMA INSPIRADO EM TRÊS PAULOS 314
RONDÓ DO PAI EM TRANSE 316
POEMA VISCERAL 317
PRIMEIRA GLOSA ELEGÍACA 318
FORMA E CONTEÚDO 319
A ILHA DESERTA 320
SEGUNDA GLOSA ELEGÍACA 323
RELÓGIO DA FAMÍLIA 324
PAISAGEM 326
50 ANOS 328
BALANÇOS 329
RÉPLICA DO APOSENTADO OU POEMA AO EMBALO DO "ÓCIO COM DIGNIDADE" 332
ITINERÁRIO LESTE 340
CANÇÃO DO BERÇO 340
ASCENSÃO À CIDADE DE GIBRAN KHALIL GIBRAN 342
CARTAS DO LÍBANO 343

INSCRIÇÕES ANDARILHAS 360
TAPETE PERSA 365
LAMENTAÇÃO NO PORTO DE BIBLOS 367
BEIRUTE 1975 369
AS ENGRENAGENS DO BELO (1952 / 1953 E 1981) 371
I – SE A SETA DA BELEZA NOS ACERTA 372
II – O BELO VEM DO SOL DO QUE JÁ VIMOS 373
III – SENTÍMO-LO, MAS COMO TRANSMITI-LO 374
IV – PISAMOS ORA ABISMOS, ORA CIMOS 375
V – O OLHAR, ORA É INQUIETO, ORA TRANQÜILO 376
VI – POUCO NOS TOCA O INÉDITO E O PERFEITO 377
VII – SE A PERFEIÇÃO SE ERIGE EM TEMPLO GASTO 378
VIII – SE O INÉDITO A SI MESMO ESTÁ SUJEITO 379
IX – ALÉM DE SER A SUA SOMBRA E RASTO 380
X – POUCO NOS TOCA A ROSA COM SEU NEXO 381
XI – DE PÉTALAS E COR EM HARMONIA 382
XII – SE NÃO TRAZ DE OUTRAS ROSAS O REFLEXO 383
XIII – SE ELA NÃO SE ABRE EM ROSAS DE OUTRO DIA 384
XIV – SE A TUDO COBRE O SOL DO QUE SENTIMOS 385
XV – O BELO VEM DO SOL DO QUE JÁ VIMOS 386
QÜINQUAGÉSIMA HORA (1976 / 1984) 387
GÊNESE 388
O HÓSPEDE 390
NUVENS E MUROS 391
VIDA COMUM 392
GOETHIANA 393
O DOMADOR 394
PONTO DE CRUZ 395
REFRÃO DO SOBREVIVENTE 396
CANÇÃO ANTES DO DILÚVIO 397
EXERCÍCIO DE HOMEM 398
MARIA MARIA 399
OITAVAS A CAMÕES 401
TARDIA ELEGIA PARA SYLVIA PLATH 402

SEXTINA PARA JOAQUIM CARDOZO 404
LEMBRANÇA DE VINÍCIUS 406
SUGESTÃO DE EPITÁFIO 408
PEDRAS RENAIS 409
ANTIBIÓTICOS 410
TRÊS SONETOS CREPUSCULARES 411
I – EU QUE ABARQUEI AURORAS COM MEUS BRAÇOS 411
II – PLANTAMOS SIM, AMADA, E A TERRA É GASTA 412
III – E O RESTO DO CAMINHO? E O RESTO? E O RESTO? 413
RASCUNHOS DE EPITÁFIO 414
DESTINO 415
MÁSCARAS 416
O TRAVESSÃO 417
FANTASMA DE UM SOBRADO 419
A NAU DO CAMBOJA 421
CARTA AO DESAPARECIDO 425
TRISTEZA SUL-AMERICANA 429
A BEIRA DE TEU CORPO (TRENODIA) (1988) 432
I – À BEIRA DE TEU CORPO EU BUSCO, E ALCANÇO-A, E AGARRO-A 433
II – COM TEUS OLHOS QUE JÁ NÃO ME FITAM, O QUE VÊS 434
III – É DE ESPANTO, É DE ESCÁRNIO, TAMBÉM DE PAZ 435
IV – A NOITE EM QUE MERGULHAS 436
V – UMA LUZ NOS ESPERA? 437
VI – UMA LUZ NOS ESPERA 438
VII – NÃO POSSO VER-TE, AÍ, NA NOITE DENSA 439
VIII – A TAÇA DE AMARGURA QUE EM GOTAS VOU BEBENDO 441
IX – É DURO, COMPANHEIRA! A ÁRVORE DA VIDA NOS DEU FRUTOS 442
X – A LÓGICA DE DEUS, COMO ENTENDÊ-LA? 443
XI – COMO NÃO É POSSÍVEL SABER A HORA DA NOSSA MORTE ... 444
XII – A PRESSA DE CHEGAR QUANDO PARTIA 445
XIII – O NOME ESTRANHO A SEU OUVIDO E O ENTUSIASMO 446
XIV – SEU REINO ERA O DA FORÇA E DA GRANDEZA 447
XV – A MÃE QUE EM SEUS PRESSÁGIOS VIA UMA ARMADILHA 448

XVI – AO MESMO TEMPO QUE TINHA OS OLHOS VOLTADOS PARA O ALTO 449

XVII – PELA UNDÉCIMA VEZ PEDIU DINHEIRO 450

XVIII – FICOU FURIOSO AO SABER QUE NO CENSO DE 1980 451

XIX – QUE O BARBEIRO, AO CORTAR-LHE O CABELO, CAPRICHASSE 452

XX – IMPRESSIONAVA-O COMO DE UM INSTRUMENTO TÃO SIMPLES SAÍSSEM SONS TÃO MARAVILHOSOS 453

XXI – TALVEZ PORQUE O RELÓGIO, COLUNA SOBRANCEIRA NA SALA 454

XXII – ERA UM MENINO ELÉTRICO E NÃO SE AQUIETAVA UM SÓ INSTANTE 455

XXIII – DISTRAÍDO EM BUSCA DE ALGO DE INTERESSE, PERDEU O ÚLTIMO ÔNIBUS DE MARICÁ PARA PONTA NEGRA 456

XXIV – TINHA SEUS DIAS DE AZEDUME, QUANDO FECHAVA A CARA457

XXV – INTRIGADO, INDAGAVA-ME 458

XXVI – NOS DIAS DE ADOLESCENTE COSTUMAVA FAZER POUCO DA POESIA 459

XXVII – GOSTAVA DE PREGAR PEÇAS E PÔR OS OUTROS EM SUSPENSE E COM RAIVA 460

XXVIII – NO TEMPO DE SEMEAR NÃO SEMEAVA 461

XXIX – CHAMEI-O PARA UMA CONVERSA NO DIA EM QUE ELE COMPLETAVA QUINZE ANOS 462

XXX – O MUNDO, EU O OLHO, QUERO ALCANÇÁ-LO 463

XXXI – DA MESMA FORMA QUE MURILO MENDES 465

XXXII – COMO BOM SAGITÁRIO 466

XXXIII – MAIS UMA VEZ OLHO TEU ROSTO 467

XXXIV – SEM QUE HAJAS CONHECIDO 468

XXXV – DAQUI, TENTANDO DECIFRAR TEU ROSTO 469

XXXVI – AGORA QUE NÃO ME FALAS 470

XXXVII – TENTO DECIFRAR TEU ROSTO E A BOCA QUE SE ENTREABRE 471

XXXVIII – DE SÚBITO SINTO-TE TÃO DISTANTE DE MIM, AO VER-TE MORTO 472

XXXIX – "ONDE ESTOU? O QUE ESTOU FAZENDO AQUI?" 473

XL – JÁ VAIS! 474

SONETOS AOS PÉS DE DEUS e outros poemas (1986 / 1994) .. 476

I – EU BATO, EU BATO, EU BATO À TUA PORTA..... 477
II – GUIA MEUS PASSOS, BÚSSOLA DIVINA..... 478
III – JÁ TIVE AS MÃOS CHAGADAS DE DESCRENÇA..... 479
IV – EM TUDO DADO A VER VEJO TEU RASTRO..... 480
V – SOU CEGO E CEGO A VER, DISSE EU UM DIA..... 481
VI – TANTO TE PEÇO E TANTO ME CONCEDES..... 482
VII – CONTIGO QUERO ESTAR, ESTAR EM TI..... 483
VIII – CONFIO EM TI, SENHOR, EM TI CONFIO..... 484
IX – TANTAS VEZES, SENHOR, AH TANTAS, TANTAS..... 485
X – O QUE É QUE VOU TEMER, SE ESTÁS COMIGO..... 486
XI – SENHOR, SE ME DÁS FORÇA EU TUDO VENÇO..... 487
XII – POR CRER EM TI A FÉ É MEU TESOURO..... 488
XIII – POR MAIS QUE EU BUSQUE NOS DESVÃOS DA VIDA..... 489
XIV – POR SER FILHO DE DEUS, DE DEUS PROVENHO..... 490
XV – A VIDA, EM CURVAS, LANCES E PERIGOS..... 491
XVI – SE LEVO A MINHA CRUZ, SEI QUE ME LEVAS..... 492
XVII – A TI, CRIADOR E DONO DO UNIVERSO..... 493
XVIII – SEM QUE EXISTAS, QUE FORÇA MOVE O MUNDO?..... 494
XIX – O MEU INTENTO É NUNCA DISPERSAR-ME..... 495
XX – SE OLHO FORA DE MIM O QUE ACONTECE..... 496
XXI – SE OLHO DENTRO DE MIM, UM SER DIFUSO..... 497
XXII – SENHOR, ÀS VEZES SINTO-TE TÃO PERTO..... 498
XXIII – EM TI ENCONTRO A FONTE DE ENERGIA..... 499
XXIV – BEM QUE ESTÁS AQUI E ESTÁS ME OUVINDO..... 500
XXV – NA VIDA OS LABIRINTOS ME PÕEM TONTO..... 501
XXVI – AMAR-TE É TER A LUZ NO MEU CAMINHO..... 502
XXVII – À MINHA SEDE, DESTE A ÁGUA DA VIDA..... 503
XXVIII – TANTO ESPEREI DE TI E TANTO ESPERO..... 504
XXIX – SE EU ENTRO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS..... 505
TABUADA METAFÍSICA..... 507
O DESERTO, O DESERTO..... 507
MATÉRIA DE POESIA..... 508
ESTADO DE GRAÇA..... 509
O SER E O FINITO..... 510

REFLEXÕES NO JARDIM DO ÉDEN 511
AMOR 512
ESCRITO NA AREIA 513
FELIXGRAMA A MURILO MENDES 514
ARTE DESTILADA 515
AVE, MÚSICA 516
QUEIXUMES PÓS-MODERNOS 517
LEMBRANÇA DE DARCY DAMASCENO 518
REVISITANDO GRANADA 519
REMATE 520
FÊNIX REDIVIVA 522
SAUDAÇÃO DE CARL SANDBURG 522
BABEL HORIZONTAL 524
À MARGEM DO LAGO MICHIGAN 526
FLANANDO NA NEVE 528
LINGUAGEM DAS MÃOS 530
UM POEMA: "À BEIRA DO TEU CORPO" 532
O HOMEM QUE FAZ ANOS NO DIA QUINZE DE NOVEMBRO 533
O DÉCIMO CÍRCULO DO INFERNO 535
VOLTA AO LAR EM BRASÍLIA 542
POEMAS DISPERSOS (1948 / 1986) 543
SONETO COM CHAVE DE GUILHERME DE ALMEIDA 544
O TEMPLO ACESO 545
PALAVRAS AO NASCITURO 546
ARS ABSCONDITA 548
DEUS 549
ÁRVORE AVOENGA 550
LA DONNA È MOBILE 572
AVES SEM POUSO 573
QUINTANA 574
SERESTA 575
FOTOGRAFIA 576
EXERCÍCIO DE EXÍLIO - I 577
LADAINHA DA PAZ 578

EXERCÍCIO DE EXÍLIO - II 581
TROCADERO, 1955 583
DIÁLOGO COM O PAI, COMPANHEIRO DA INFÂNCIA E ENAMORADO DAS ESTRELAS 584
PERGUNTAS, COM LOUVAÇÃO, À MÃE E À SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA 586
TESTAMENTO 588
ELEGIA DE MAIO 590
A MALDIÇÃO DA CIGANA 592
O CÍRCULO 594
AÇÃO DE GRAÇAS 595
TOADA DE UM MORADOR DE BRASÍLIA 597
PAVANA PARA UMA INFANTA VIVA 603
SOLOMBRA PARA CECÍLIA MORTA 604

O TÚNEL

(1945 / 1947)

SONETOS ELEMENTARES

I

Aqui estou, um pássaro exilado
do mundo que criei à minha imagem.
Estou como meus pais, entre horizontes
de pobres paredões e frutos podres.

Em meio à cerração ouço esses passos
que ao comando do medo ou do desejo,
meu destino constróem singrando as horas
que de um silêncio vão a outro silêncio.

Por detrás brinca a infância – na planície
a se estender até a encosta em brumas
onde o corpo rolou, deixando as mãos,

as mãos que soltam no ar as aves bêbadas,
que com as asas colhidas na planície
sobrevoam cidades em ruínas.

II

Por Deus eu não chamei, pois Deus é Deus
e eu, nada e a consciência do meu nada.
Não respondem os homens, e a resposta
minha a mim mesmo morre no silêncio

de onde vim e para onde vou.
Quando olhei sepultavam já o mundo
entrevisto na infância, que entre sombras
vai cantando – e cantando afasta o medo.

Não retornar à antiga transparência,
no amor sulcos abrir. Sobre as sementes
no azul lançadas crescem novas árvores.

Ainda posso amar, sair cantando
pelas noites de lua, enquanto dormem
lagos de outrora sobre um mundo morto.

III

Nos recantos tranqüilos encontrava
a poesia. Sobre mim e o rio
debruçavam-se as árvores. Os pássaros
eram ecos aos meus primeiros cantos.

Ruas de chuvas leves, nunca o inverno.
Com o menino brincar vinham as tardes
e vinha o céu. Adeus, nuvens cinzentas
onde vagam os monstros meus da infância.

Já não vibram as músicas ingênuas
na planície escutadas. A poesia
difícil se tornou e vive em sombras.

Em mim – que tanto amei – hoje as palavras
movem-se para ásperas mensagens
e vão morrer na incompreensão dos gestos.

IV

Não mais verei nas paisagens trêmulas
da tarde ou da manhã flocos da infância.
Outros são os caminhos, alguns deles
penetrarei – já gastos os sentidos.

O sangue ainda a gritar, rios que rolam
sobre ausências de amadas. Mas informes
luzes indicam o caminho único,
com substâncias da aurora construído.

Que uma porta se abra enquanto espero.
Frágeis são as correntes que me prendem
aos que não se conformam com a ferrugem

do leito que os sustenta. Sobre rastos
de carne e espinhos continuo. E, claro,
antes do mar do sono, um porto acena.

V

Ou nunca o alcançaremos. O silêncio
aguarda as mãos – peixes enfim cansados
de se esbaterem aos sinais da aurora,
imóveis junto ao mar, na areia podre.

Meu sonho entre fronteiras nada vale.
Não cessaram os gestos de cimento
a esmigalharem pétalas de músicas.
A noite esconde a praia dos iguais.

Mas transitórios anjos me acenaram.
Meu coração é pêndulo entre os pólos.
Radiogramas do azul captei no cais.

Mortas manhãs renascem de elementos
geradores do canto que em mim vive.
Morto o sonho não morrem suas luzes.

VI

A Haroldo de Brito

Quantos momentos passei como este, não sabendo
se os homens estão alegres mesmo, ou se carregam
sobre os ombros o peso de todas as noites.
Embora haja vozes que dizem menos que o silêncio,

eu sou um só na rua. E se encontrasse
Deus de repente, sua presença me aniquilaria,
ou me tornaria leve como um cego perdido
que súbito deparasse nas trevas o seu guia.

Mas não lhe pediria que perdoasse os homens,
essas criaturas frágeis e sujeitas
à condição de serem levadas sem que saibam.

Ao encontrar os homens sinto-me fraco
para abraçá-los, mas dispo-me do que de mim existe em mim
e me torno como eles – pobre, orgulhoso, impenetrável.

VII

Do dia a noite
da noite a aurora
da aurora o tédio.
Viagem lenta.

Do amor o espasmo
do espasmo a dor
da dor a vida.
Viagem lenta.

Flores do sonho
jamais colhidas.
Viagem lenta.

No fim a origem
sangue das coisas.
Viagem lenta.

VIII

A Fred Pinheiro

Rolar no abismo, ao nada misturar-se.
Ter sido coisa e a coisa reverter-se.
Não mais o ardor do sangue e dos poemas,
rios de fogo presos na lembrança.

Mortos os mitos, mesmo a azul imagem
de Irene ao céu subindo – sucumbida.
Bênçãos de mãe, adeuses entre beijos,
horizontes e amadas – tudo morto.

Depois, sombra parada e o mar sem ilhas.
Ter sido e não ser mais, ar diluído,
pêndulo entre os limites dos espaços.

O tempo e a eternidade sobre o mar
todo azul do infinito que não morre,
se levamos em nós o céu da infância.

IX

Não só a inútil espera. Ainda resta um sentido
de palavras que resistiram à gargalhada e ao gelo.
São anjos boiando no lodo, canções que se salvaram
do desespero coletivo. E nelas esperamos.

Um anúncio raiou na manhã, rói as paredes,
incendeia as árvores crescidas na ferrugem.
Olhai como se apagam os vestígios de nossos pais,
e já entendemos a areia onde secaram os prantos.

Como tremem os terraços de sólidos edifícios!
Os bonecos se incensam com medo, conspiram
em lúgubres banquetes, e dormem com a cabeça no caos.

Vamos, que é tarde. Não sejamos uma estátua
entre deuses e templos em ruínas. Canta a esperança
nas mulheres grávidas. Ah, colheremos a aurora!

X

Mas vivos sobre o chão permanecemos,
vivos embora o corpo se descarne
deixando nus a lágrima e o esqueleto.
Brusca ausência de música, silêncio,

penetração num ar sem oxigênio.
Onde as mãos desvairadas, em que rios
de bênçãos e cristais de amor fluíam?
Onde a presença em que nos recriávamos?

A dor que o tempo não consome e riso
algum destrói – sabemos não completa.
O pranto do Tietê banhando a terra

que come o corpo seu não mais o acorda.
E embora aqui Mário de Andrade tenha
vivido, o mundo continua o mesmo.

XI

É como se dentro de mim houvesse pássaros.
Desesperos, incompreensões, descrenças, mortes,
tudo se esvai num momento, quando nascem as canções
que transbordam como hinos ao meu destino e à vida.

Uma vez gritei: Senhor! Mas os pássaros
haviam partido. Cheguei a sentir a pouca distância
o sono dos abismos. Tudo estaria perdido
não fosse o horror da viagem pelo mar que ignoramos.

Em outras auroras descansava, e era morto
o grito na lembrança suja do tempo gasto,
quando acordou meu irmão o seu eco entre brumas.

Agora os pássaros poderão voar, cessarem as canções,
que é seu eco uma cicatriz lembrando que o Senhor
imobilizará as mãos chagadas de descrenças.

XII

Que vá meu coração ... Vai, bate à porta
do nosso amor. Alguém responderá
ao teu apelo, ou, pelo menos, te
acolherão as luzes erradias.

Almas de estrelas. Não, simples lembranças
que os pássaros da vida assinalaram
entre as novas paisagens a formarem-se
em volta de seu corpo em despedidas.

O mundo cresceu tanto, Mariazinha.
Já nem a vejo mais quando seu vulto
estende-se no azul que em vão contemplo.

Sou cego e cego a ver, meu anjo pródigo.
Aceitá-la não posso – é muito tarde.
Que embora a ame já nem sei amá-la.

XIII

Nada há de mais num túmulo sem flores
perdido numa estrada. Mas em nós
existem solidões, almas que sobram
de um sonho já sepulto ou de silêncios.

Vai comigo o silêncio enquanto fujo
das multidões, das ruas e do amor
que poderia ser – e no silêncio
as tristezas e os risos vão comigo.

Mas que desejo é este que me impele
para as sombras e os ermos, onde, lúcida,
vem sempre me acolher minha presença?

Ontem o rio estava quieto, hoje corre
impetuoso. Eu olho e nada estranho:
muito de mim eu vejo nessas águas.

XIV

Súbito as mãos pararam
na última tentativa
de um gesto que acordasse
a solidão do deserto.

Já inúteis meus braços
caíram aniquilados.
Os pássaros pereceram
sem o calor dos ninhos.

Entre flores laceradas
ia rolando e comigo
o mundo em chamas de sangue.

Mas do outro lado do abismo
os mortos ressuscitavam.
E aconteceu Teresa.

XV

E Deus chamou à luz dia; e às trevas
chamou noite: o primeiro dia, feito
de elementos de mortos dias, dia
de madrugadas feito – assim nascera.

Embora com o corpo a debater-se
na sombra anterior, perdi-me ao canto
das aves primitivas, e boiei
entre espumas e o espírito de Deus.

Flores mortas brotaram e eram belas.
A terra toda se transfigurara
nessas ilhas de que só nós sabemos.

Cego sem céu e mar que de repente
recupera as paisagens, segui leve
como um louco cantando entre anjos.

XVI

Teresa apareceu como essas chuvas
que nascem com a aurora e o dia todo
em tristezas afogam nossas almas,
e retornei-me à velha e nova música.

Uma nova planície e azuis lembranças
pousando-me no ombro. As esperanças
que buscavam um ninho em mim o acharam.
No sangue fez-se em pássaro a serpente.

Mas quem sou eu? Nos céus da minha infância
novamente me banho, e ainda ontem
eram lagos boiando na memória.

O mesmo corpo, as mesmas mãos conservo,
mas, como o orvalho, brotam de manhãs,
colhem meu canto em leves paisagens.

XVII

Manhã de um dia destes. Dei comigo
pensando nos cabelos de Teresa.
Tão viva é a presença de Teresa
que relembrá-la toda não consigo.

Só os cabelos – puros como o abrigo
em que conservo a imagem de Teresa.
Lembrei-os sempre que lembrei Teresa,
mesmo agora que com saudade a sigo.

O sol caía leve sobre a vida.
Era linda a manhã assim vestida
com pedaços de idílio com Teresa.

Na paisagem, incrível realejo.
E renascia o orvalho em meu desejo
de alisar os cabelos de Teresa.

XVIII

Dentro de mim a música e os menores
gestos da amada. O âmago da noite
esconde prantos, poderosos risos
inundam as paredes do invisível.

Sou eu – do mundo em roda enfim liberto,
as mãos sem tato, o espaço sem limites.
Anterior a mim, livre das sombras
das mulheres que amei, livre de mim.

E sinto que sou eu. Vejo no espelho
do meu passado os sonhos decepados,
coração e sentidos entre cárceres.

Livres no espaço sem manhãs e noites,
nossas almas se fundem no silêncio
onde os germes do amor fecundam músicas.

XIX

Eu não precisava continuar os caminhos
pois voltei a viver a poesia fácil das estrelas,
meus passos eram bolhas d'água rodeando o lago
e todas as aves cantavam no seu ninho.

Meu coração dormia sobre as ruas
em que brinquei quando criança. O dia
acabava sem mortes nem solidões. E o mundo
não era mais que a vida sem mistérios de Teresa.

Mas eu não sabia que as luzes eram tão fortes
que pudessem penetrar o sono dos mortos
e apontar tantos rastos em caminhos ignorados.

Abri os olhos na sombra. Áridos campos
suplicavam que os regasse. Minhas mãos tremeram
e novos pássaros foram acordar as madrugadas.

XX

Os universos construídos, horas
dominadas, e como se estivesse
nascendo hoje sigo o meu caminho.
Nem sei chamar de irmãos o sol e os ventos.

As mulheres que amei – tão longe – voam
sobre o tempo perdido. No futuro,
pássaro devassando o azul e o eterno,
mergulha o coração, que parte e volta.

Já não acaricio uma criança,
nem interrogo as flores. Durmo apenas
no mistério dos passos e dos gestos.

Ao procurar-me em mim já não me encontro.
Tanto fugi de mim que minha vida
deve estar existindo em outras ilhas.

XXI

Entre os seres que existem em mim, quem será
o homem sempre triste? Se ressurgisse o menino
talvez despertasse cantando, porque a natureza
teria regaço de mãe e era límpido o céu da vida.

Vozes do charco gritam no âmago da carne.
Frutos colhidos no silêncio deixaram este gosto selvagem
de solidão, e a cabeça que não se abaixa no jardim
mas rola para sugar o lodo da terra.

Repeli as mulheres por não serem bastante puras
para amar no meio da rua. Mas depois aceitei-as
como aceitei também as árvores e os animais urbanos.

Havia vultos ajoelhados entre máquinas, pedindo socorro
aos edifícios e postes elétricos. Aproximei-me
para tocar-lhes a carne – já não eram homens.

XXII

Mesmo depois de a janela tapar a boca dos ventos
alguma coisa em nós continua. O poder dos instantes
entre a claridade e o mergulho íntimo na sombra
traz as marcas mais fundas de nossas vidas.

É rápido o momento. Tanto que mal o percebemos
e já estamos em mundos que nem sonhávamos,
mas cruzam imponderáveis os círculos
de nossos pensamentos curtidos em contínuas mortes.

Amanhã não reconheceremos senão fragmentos
do instante de plena lucidez, e afogados em lembranças
súbitos raios cairão sobre as estradas.

O momento maior será no fim dos caminhos,
quando no silêncio der o túnel que nasceu do silêncio.
Mas ninguém compreenderá o meu último poema.

A FONTE E A ORIGEM

Os inocentes brincavam com a manhã
quando enormes aves negras
sobrevoaram a paisagem.

Eu também podia fugir
pelos caminhos pressentidos
por tenuíssimas chamas.
Mas era nítido o cristal da infância
reconheci a estrela dos reis magos
e segui a carruagem de cimento.

Eles semeavam espadas
em corações de crianças,
multiplicavam as bandeiras
e as auroras escondiam.
Embaixo as rodas esmagavam
Cristo e as flores.

Ainda tentei agarrar-me à cruz
que a carruagem conduzia,
mas ela se cravava nos milhões de olhos
de que manava minha lágrima.

E nada me arrastaria de volta
à margem das mansas águas
que apagaram os vestígios
do coração
em busca de silêncios e de amadas.

Que não se cumprisse
o destino do corpo
antes que aprofundasse os caminhos
onde os pés sangravam
em pedras e lembranças.

O movimento
esboçando as horas,
ódio entre braços
e bocas que amavam,
pedaços de alma sangrando,
a participação
- o canto.

Não águas escorrendo da nascente,
antes relâmpagos no céu da madrugada.

Fios elétricos
comunicando-me com anjos
gerados pelo abismo.

Algum dia mãos alvíssimas
romperão as pedras,
e esta lucidez
esta ternura
os resíduos da infância
renascerão como flores
em baladas de amor.

ELEGIA DO AMANHECER

Cruzavam-se visões e eram belas
e embora eu quisesse dominar as chamas
que através de invisíveis correntes
chegavam aos sentidos,
o grande desejo
que outrora pousou na cabeça de Lázaro
fazia brotarem do âmago das pedras
os rios da infância.

Fragmentos de espelhos repetem o passado
- as janelas não se fecharam
apesar de todos os desencontros –
A solidão é um meio de aceitar as substâncias
que restam de tristezas e alegrias,
mas não pude conservar o derradeiro pensamento do suicida
no momento em que o rosto da primeira namorada
surgira de poças de treva,
nem mesmo o olhar da mãe
quando me viu nascer sobre o cadáver
do irmãozinho morto meses antes.
Mas ficou o horror do homem que súbito acorda
entre gritos de renegados
e a noção confusa de presenças.

Meu corpo não se banhou na aurora
mas já pressente a paisagem futura.
Somos todos irmãos e nosso filhos não nasceram mortos.
Embora germinados na sombra
eles destruirão as paredes
que hoje apenas abalamos.

Ah, eles mal nascem e se vestem de valsas fúnebres
e desfilam sobre as mãos apodrecidas
que ainda dirigem o barco onde para sempre
secou o brilho dos olhos de Teresa.

INVENTÁRIO DA MANHÃ

Nenhum gesto conserva a salsugem de águas podres.
O pouco de amor salvo rega as ruas
com as substâncias mais profundas da alma.
Nada que lembre o corpo entre paredes fechadas
ou os pensamentos articulados no escuro.
Apenas o vento que vem de onde dorme o silêncio maior dos mares
e traz no seio os instantes de lembranças claras
em cristais de músicas
(analgésico).

Eles se movem inocentes.
Ainda há pouco vapores do tédio,
agora equívocos e gestos
sobre tapetes mecânicos.

Eles se arrastam inocentes.
Do chão onde pisaram voam fragmentos de anjos.
A madrugada terá absorvido as queixas e os violinos,
mas permanece a música
feita de despojos da alma renovada com o orvalho
e do calor de mulheres de quem esquecemos as feições.

RENASCIMENTO

A poesia nasce pura.
O momento é de renúncias
e o pensamento se perde
na presença profunda das coisas.

Se eu pudesse cantar, cantaria.
Há um perfume no mundo, e de manhã.
Nascem da infância os pássaros
que cantam em minha lembrança.
Límpidas são as nuvens,
a palpitação nos ventres, a rua, os desejos de amar.
Em tudo a pureza
de animais que dormem no regaço da aurora.
A natureza declama
o meu primeiro poema.

Estrelas passeiam
na música universal
que penetra todas as almas.
As sombras dos homens
se entrelaçam nas ruas.
São retratos de velhos irmãos.

ACALANTO NO FIM DO AMOR

I

Minha mão em teu corpo
cobre o esqueleto do amor.
Não há jardim nem palavras.
A última flor
morreu em meu peito
que registrava ausências
no céu despido de sugestões.
Chamo-te pelo nome,
quem responde é o abismo.
Não escutas, ou minha voz
que pobre se calou?
Ou chamo pelo nome
da primeira namorada?
Por minha mãe? Por Irene?
Ou foi a morte que chamei?

II

Somos pedaços de carne sem consistência.
um coração apenas, e profundos
são todos os abismos.

Estamos sós, sobre nós dois o luar e o passado.
Mas tudo nos falta para que fundamos
num só o nosso desamparo de crianças.
Nem mesmo compreendemos que nos uniram
por um momento a nossa fragilidade
diante de imponderáveis enigmas,
e o poder de ásperas músicas
diluídas no sangue.

a rede da vida nos embalou, cuidou
com carinho dos nossos sonhos.
Dentro em pouco absorverá este desgosto,
até que a aurora nos traga à lembrança
a amargura de duas águas
que se desviaram da mesma corrente.

O NATAL E SEUS ESPELHOS

A Suzy Cruz

Não é propriamente a noite que me chama.
A música – doce como a lâmina de meus desejos
cortando o espaço.
Vem do fundo do corredor escuro ou do infinito.
Sinto que não sou mais que uma lembrança perdida nem sei onde,
e há imagens de seres que não morrem nunca
arrastando-me para a noite.

Oh a memória procurando a doçura de um lar impossível.
Vaga noção de que devem existir no mundo
pessoas que a esta hora em volta de uma mesa
falam no filho ausente.
Lembrar que as contas do rosário de minha mãe
estarão neste momento exato pendendo sobre o meu destino.

O Natal está longe de mim.
Está escondido entre as paredes de uma sala antiga
que talvez nem exista mais.
Sei que vive em mim um poder de luz
capaz de iluminar a áspera noite em que sinto meu espírito.
Neste momento de paisagens sem sombras
a vida se reduz à música que vem do infinito.
É tudo claro
- Não estou perdido.

POEMA

É fácil o amor
quando vencemos o nojo.

O coração encontra-se na rua,
rola sobre vestígios
de poemas recalcados.

Não sabemos sofrer.
Ora somos crianças,
ora gemidos patéticos
de carne se dilacerando.
Temos parentes, temos amigos,
temos direitos e deveres.
Tudo arrasta nossos corpos
por invariáveis caminhos.

Somos da rua, somos a rua.
Mulheres passeiam em nós,
sobre nós,
em nossos quartos, remorsos e destinos.
Seus passos são dor, canto,
sal e gargalhada.

Amamos
e esquecemos.

BALADA QUE SERIA DE AMOR

Eu olho e vejo
sou outro homem
sou muitos homens.
Eu olho e vejo
e sou eu mesmo.

Os pés me prendem
quero fugir.
Os pés me soltam
quero ficar.

Eu choro a infância
mas não a quero
que sem lembrá-la
não viverei.

Não quero as moças
por quem suspiro.
Eu quero a moça
que nunca vi
que não sonhei.

A das pestanas
de Margarida
mas já os olhos
começam verdes
ou mesmo azuis
e acabam tristes.

A que chegou
levou-me o sono
tirou a roupa
deitou na cama
e quando olhei
não era ela.

Não era ela
nem Margarida
nem Teresinha
que garantiu
que inda viria.

Eu quero a moça
que não é moça.

Que não tem nome
a sem história
nem endereço
ficou em mim
não no passado
mas no presente
só no presente.

Senhor meu Deus
me dá a moça
que nunca vi.

Escuta Deus:
eu sou católico
maritainista
e me dou muito
com São Francisco.
Eu tenho mãe
que conta casos
de um bom menino
que era eu.
Dos mandamentos
só um não cumpro.
Não perco missa
nos dias santos.
Se saio antes
não é preguiça
de ouvir sermão
nem é por nojo
dos fariseus.
É precisão.

de ir andando
atrás da moça
que nunca vi.

Vou explicar:
Eu ia à toa
vi uma sombra
pensei que fosse
me apaixonei.
Chamei: ê moça!
Não era moça.

E eu quero a moça
que não é moça.

Eu olho e vejo
o mar é largo
e tem o longe
e tem o fundo
e o nunca mais.
Eu olho e vejo
a terra é grande
tem Ipanema
e tem a moça
que não é moça.

Eu vou ficar.

BURRO PRETO

A José Godoy Garcia

Ainda que a música se acabe
os copos se estilhacem
e os homens morram

eu acordarei trepado na cadeira.

O rosto sério
anuncia o fim do mundo
mas quando os braços se abrem
estou pedindo socorro.

Vejo-me nu na parede.
Estou no teto
no espaço
meu corpo ocupa o mundo inteiro.
Os homens continuam imóveis
como se nada houvesse de extraordinário
mas o momento é tão profundo
que a noite penetra as almas
rios de outrora chegam até meus pés
e cessam.

Movem-se mãos e notas
a orquestra restitui o passado.
Súbito as nuvens cobrem a terra
saio do meio delas
estou sendo vaiado
sal e espinhos se aprofundam nos poros
o recalque crepita entre garrafas vazias.

Minha mãe me contou casos
de guerras de verdade
e quando fui brincar
de guerra
já não me encontrei
nos olhos dos outros meninos.

Vou para a rua.
A amizade substitui os problemas
soldados de polícia me respeitam
na rua sou carne
participo
e esqueço.

Mas Burro Preto caminha
não morre no vento
não é uma língua
ou um esqueleto nu pregado na sombra.
É sorriso salvo de mocinha pobre
é inocência de cão.

MANGUE 43

Me desse a lira o Vinícius
de Moraes – e ia cantar
os mal curados resquícios
da dor entre o Mangue e o mar.
Helena a me arder no sangue
eu trouxe lá de Goiás,
e fui em busca no Mangue
de alguém que me desse a paz.
Guiou as vontades minhas
o vento forte do amor
às flores tão podrezinhas
orquídeas do despudor.
Helena estava no vento
Helena estava no chão
estava no pensamento
estava no coração
vinha das ondas do Atlântico
das nuvens por onde vim
cantava dentro do cântico
cantando dentro de mim.
Eu tinha pernas ou asas?
Pois tão depressa cheguei
e ao entrar numa das casas
era pássaro era rei.
Entrei respirando Helena
e foi Helena que vi,
ou vi seus olhos de hiena?
Me fui da casa e corri.
Disparei ave insofrida
fugindo daquele olhar
para encontrar-me suicida
chorando as águas do mar.
Olhei a beira da morte
olhei a beira do mar
passou Helena em um corte
da faca daquele olhar.
E eu a quis com meu desejo

com o coração eu a quis
quis aquele olhar sem pejo
de ser de Helena, tão *miss*.
Helena morreu matada
por seu olhar em alguém
contra esses homens de nada
nessa terra de ninguém.
Helena morreu e eu vivo
o mar e a morte deixei
e fui pássaro cativo
de volta a onde fui rei.
Com Helena e sem Helena
fui colher a flor do mal
no corpo daquela hiena
hiena tão maternal.

O POÇO

A Bueno de Rivera

Profundo espelho
que só reflete
a mais rude imagem
de meu ser.
Profundo poço
de águas podres.

Lá dentro meu rosto.
os olhos marcados
pelas noites longas.
A infância não-morta
no entanto longe.
Minha boca crispada
no desejo violento
de um corpo
jamais possuído.

Profundo abismo
de águas lodosas,
que será de mim?

Se o sol ao menos
não maltratasse tanto.
Se as paisagens fossem propícias
a uma lembrança suave,
não olharia
o fundo do poço
e tudo resolveria
provavelmente
num pensamento leve
de amor.

NAMORADA MORTA

Soluços vindos da noite.
Irene chora no espaço.
Irene cuja história é curta,
de há muito adivinho-a morta.

Talvez esteja bem viva
em qualquer lugar do mundo.
Mas a Irene que me dói,
a menina sem segredos
que pôs a alma sem sombras
na palma de minha mão,
há tempos não vive mais.
Chamou-me um dia ao quintal
mostrou-me os seios miúdos
(tinha um corpinho tão limpo!)
Pobre Irene por quem tive
imundas ânsias de amor
embora seus olhos in-
finitamente inocentes
fossem a coisa mais pura,
mais pura que conheci.

Irene que passou a infância
num quarto de bonecas.
Nem chegou a abrir os olhos
para o sol do meio-dia.
A morte veio espontânea
como coisas que acontecem.
Irene nem suspirou.
Daí levaram Irene
mas ficou na cama branca
aquele cheiro de moça.

Seu piano ficou mudo.
O cachorrinho, esquecido.
E seu retrato na sala
tem um sorriso tão simples
que até parece viver.

TRÊS CANÇÕES NA AREIA

I

É uma mulher na praia,
presença brusca do céu.

São mãos que ensaiam na areia
as carícias que virão.

É um murmúrio de lábios
no vento que vem do mar.

São desejos nas espumas
que nunca irão a Goiás.

É uma canção na praia,
o mar entre mim e a dor.

II

Um pouco de mim vem vindo
da vida que eu quis viver.

Afinal entendo as ilhas
e o pranto que não voltou.

Nasce em mim um arco-íris,
logo abraça a terra e o mar.

III

Achei versos que Anchieta
noutras praias escreveu.

Achei auroras e fugas,
achei você, achei eu.

A UMA DAMA

QUE QUIS SABER COMO ENCARO A MORTE

Mote alheio

Onde foi Tróia,
onde foi Helena,
onde a erva cresce,
onde te despi.

Glosa

Vou buscar o tempo
que perdi sem ver-te,
vou buscar a lágrima
que chorar não pude,
vou buscar os anjos
desaparecidos
antes que eu os visse.
E que tudo cubra
meu sono de mármore
onde foi Tróia.

Já sem esperança
de colher a aurora
de outro mundo novo,
em meio à ruína
da antiga revolta
diante do homem
cavalgando o homem
não importarei
que o rio cesse
onde foi Helena.

Sou ligado ao mundo
por cordas de vidro.

Na rua o abismo
em cada esquina
espreita meus passos.
Minutos ou lâminas
cavam uma cova
do tamanho meu
no fundo silêncio
onde a erva cresce.

Contudo caminho,
caminho e resisto.
De lagos que dormem
na memória incólume,
do sangue da rua,
de ti e de mim,
construí meu canto:
tranqüilo epitáfio
gravado no céu
onde te despi.

ANOTAÇÕES

PARA A ELEGIA DO TEMPO E DO HOMEM

A Domingos Felix

Abria-se a porta.
Fundo era o canto das aves
no bico trazendo flocos de esperanças.
A terra
embora guardasse no seio poças de sangue
e fragmentos de almas
tinha ainda a face da mãe
que nunca esquecemos.
Do amor salvaram-se as alegrias,
alvas espumas escorrendo nos rios da origem.
Sugestões nascidas do vento noturno
e mãos arcadas em desespero
novos jardins formavam.
Do calor que ficara de corpos de mulheres
quando acabavam de morrer
ia nascer o homem novo.

A luz rasgando acenos, uma possibilidade
de nos evadirmos das sombras
onde a infância passeia em canoas de fogo.
Mais um passo – e talvez a luz mais forte
que os relâmpagos que rebuscam o âmago da alma
e partem os espelhos solitários.
Ou talvez o mergulho no túnel
que levaria às margens de um rio
onde as águas não caminhassem para a destruição
entre lodos e plantas rasteiras.

Mas o homem de 1945
era a nostalgia de um sonho
mais claro que o recente pesadelo
uma lágrima de pedra
um medo.

Melhor deixar que se extinguissem as luzes
e permanecesse o passado
diluído nas babas do irmão bêbado
espancado nas ruas miseráveis
e na dor da irmã humilhada no meio da festa.
Muito mais fácil caminhar sobre o destino traçado,
cada criança a nascer mais uma estrela
brilhando na constelação de ódios.
Continuar pobres palavras, pobres paisagens
entrevistas por corações e cérebros trancados em cofres.
Continuar – liberdade limitada pelas ruas
de edifícios sem flores, ruas,
mas nunca os momentos profundos
em que caem as bocas após o último protesto.
Continuar – no fim moribundos pedindo bis,
esqueletos lançados ao esgoto.

Que o sustentassem as alegrias salvas da infância,
os sonhos descarnados, as lições de Cristo
já deturpadas.
Que o sustentassem os podres frutos
das árvores encontradas,
a solidão que é medo, surda revolta,
ou o tédio do amante satisfeito.

Lembras-te irmão, de nossas fugas
para interrogar a floresta e o rio
que anos mais tarde já não encontramos?
Lembras-te das histórias ouvidas na varanda
nas quais alta noite nos ressuscitávamos
e íamos esconder-nos de nós mesmos no quarto de nossa mãe?
Lembras-te da madrugada da primeira viagem,
quando na branca cidadezinha abandonamos a infância?
Doce é mergulharmo-nos em rios adormecidos,
mais belo seria o vôo através do azul que ignoramos.

Profundo é o mar das coisas, e a ele
retornaremos.
Em nossos movimentos pressentimos
a fria imobilidade dos braços
estendidos sobre o abismo.
No vácuo que formará o último suspiro
já canta a maldição de nossos filhos.

Não podemos suster as mãos
que em árvores milenárias
colhem os erros de nossos avós.
E era tão fácil construir a vida
sobre os despojos da infância.
Volta a noite a ofuscar as luzes que acenavam.
Das rochas de carne que regem a orquestra de lamentações
manam os rios de angústia
que terminarão no mar do sono.
É a noite que chega, ou a infância
refugiando-se em ninhos de pássaros mortos?
Escorre da manhã e inunda as horas
o sangue de meu canto. Dentro da solidão
não estou só – meu canto despetala-se
entre pedras e pobres ironias.
É a noite que chega.
Além da treva vislumbro a claridade
que nascerá da cinza e de antigas lágrimas.
Mas já não choro, irmão. Aos vinte anos
anoitece a alma
e desaprendido o amor já não me salva.

É tempo de amargas aceitações.
Tempo de podres vermes corroendo-nos o sangue.
Brinca a vontade sobre as ondas, no pensamento
escuros répteis passeiam.
Tempo de olhos cegos nos fitando.
Rubros lenços espalham-se pelos portos
de onde tantos navios partiram e não voltaram.
Tempo de jovens mães pedindo a morte
dos filhos que no ventre trazem.

Frágeis movimentos
conduzem a esperança amortalhada.
Nosso próprio clamor já não ouvimos
e do amanhã descem chuvas de desespero,
secam nas praias
onde neutros dormem nossos corpos.

Entre as nuvens que se formam
sobre o sono de nossos filhos
negras aves revoam.

DO SONHO E DA ESFINGE

(1948 / 1949)

A

DARCY DAMASCENO,

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

E

SÁBATO MAGALDI

NASCIMENTO DO POEMA

Onde plasma o impossível
o que mais queres, onde auscultas
nas coisas o pulsar de enigmas,

onde a incoerência dos deuses
desaba em desertos de carne
e (cego) olhas a realidade.

Onde estás quando és
o mesmo, o múltiplo e pesa
em ti o que embora é morto – vives,

cantar ao sol da essência ... e das formas
a que expanda, eterna,
a rosa agora a abrir-se,

e seja como som
ferindo os horizontes banidos
de tua alma,

e arda, diamante
no transmigrar-se
da flama em treva.

Do canto (do que nele
há de amargo) extrair o mel
com que te embriagues.

Dele – formar as asas
que te levam, leve,
enquanto, com o pensamento,

sonhas ... pois se pensas, raízes
das mais pobres horas te penetram,
e cantar, já não cantas.

No etéreo, muito além
de onde os caminhos cortavam
o mistério, teu canto é um sopro.

E sopram os ventos, das sombras
que de ti se projetam
para ti, para trás,

e espalham as palavras
de que alcanças
a mansa superfície.

As palavras ... como a um fruto
abri-las - a polpa áspera
da vida.

DURAÇÃO DO POEMA

O amar esmaga o amor e os campos da vida se desmancham.
As janelas que davam para fora de ti,
já todas se fecharam. É tarde para abri-las.
Agora voltas – de onde? Agora sabes que é preciso silêncio
para que mais te sintas o exilado. Praia espessa do espanto.
Ilhas, ó ilhas longes, impalpáveis! Queres corrê-lo, o verde
país de ontem, onde a criança que foste ainda brinca.
E é tarde para o retorno. Força é acordares no estrangeiro
que, pálido, acorda no teu íntimo. As árvores, de pedra!
Oh, os pássaros emudecidos. Entre quatro paredes, tua alma
clama pelas estradas livres, no azul ... no azul! Ah, não seres
o pastor tangendo as nuvens por invisíveis campinas.
Ou mais além, nas praias mais recuadas, não guardares
o rebanho de estrelas, assim que adormecem. Vôo inútil
da imaginação estilhaçada em aves, se não foges
para além da carne e de ti mesmo. Mas, ouves. Que ouves?
São os pensamentos, os doces pensamentos de outrora
que voltam, mas envoltos em ventos que contam – ai! –
de um iludido. Ouve: alguém mais triste do que tu, alguém
que pudera atravessar o areal em chamas, repete o que calaste
quando as palavras te cegaram com sua luz mais pura.
Precisas de ar. Precisas abrir a porta e dar uma gargalhada
para acordares o mundo e de novo te saberes vivo.
Precisas ... que no fundo de ti se descobrem as palavras
e no fundo das palavras – ouve: falam as coisas.

As coisas falam. Eis o indizível.
As bocas ... nada dizem as bocas, mas tudo se revela.
Os anjos, já frios e informes, eis que se animam,
e te transportas, em tapete de ausências, às regiões da fábula.
Cavalos galopam sobre a areia. O mar recebe o mensageiro
do outro mar – de pranto – onde afogaste a alma.
Barcos noturnos levam a mensagem. O céu desaba
sobre ti, dominado, o clamor de deuses em fúria.

E eis: com as ondas, do nada chegam...Goiás em mil violinos...
Ou as colinas em que, dominado, te reencontras
sobre os teus próprios rastos, no antigo? Em paz te deitas
e sob as bênçãos de Vênus, a quem ofereceste
em sacrifício o melhor de ti, a criança que foste,
dormes. E sabes que teu sono,
embala-o o indizível.

SONETO DO ESSENCIAL

A vida, a que não tens e tanto buscas,
terás, se te entregares à poesia;
se andares entre as pedras, as mais bruscas,
da escarpa a que te leva a rebeldia;

se deres mais ao sonho, com que ofuscas
as luzes da razão e o próprio dia,
o coração que pulsa, se o rebuscas,
no eterno ... Ou pulsa um deus que em ti havia?

Que pobre o teu sentir, se não te salvas
perdendo-te de vez nas terras alvas
que chamam da mais alta das estrelas.

Se a tanto te ajudar o engenho e arte,
ao impossível possas elevar-te
subindo em emoções, mas por vivê-las.

MOTIVOS DE RETORNO

(I)

Clareiam-se os abismos
e volto sobre os rastos
que em mim deixou o amor.

Curvar do tempo em púrpura,
e as aves, eis que cantam
nas torres do vazio.

Em vão pedir à esfinge,
se as horas absorveram
a flor em que te abrias.

Em vão colher no sonho
espelhos derramando
as fontes já perdidas.

Ouvir ... que pungitivo
o amor que fora outrora
a música de um corpo!

Teu corpo
          - a sede
                  - a fuga
Desenho em claro e areia
de ausências e de chagas.

POEMA DA PERMANÊNCIA

Benditas as mãos que para vestirem o nada
teceram as nuvens.
Agora, antes que a tarde se derrame em ouro,
posso vestir a tua ausência com os sentimentos mais simples e esvoaçantes.
Posso esperar que as coisas, a que estou preso, se encantem,
e as rosas ressurjam de entre os espinhos, no amoroso oásis.
Pois alguma coisa existe, mais profunda que a memória,
e ainda que te multipliques em flocos e borboletas,
ao mirar-me te encontrarei, como foste, na dor e nos espelhos.

Que ecos de adeuses retidos
no peito, no escuro onde palpita a alma
daquele que já fui, em outros tempos
que a lenda acobertara!

Quantas palavras te trazia!
Quantas pedras do íntimo! Quanto brilho!
Hoje, nada que acorde as flores sepultadas,
e um sol de ocaso esteriliza as fontes
de onde o canto jorraria.

Só o que passou está vivo. E ao partir, eu volto
nessas naus que me levam pelos rastos do perdido
e de novo me lançam onde o que foi meu coração
rasteja entre ervas desoladas.

... e assim possas viver enquanto houver alturas
e te encontrares, como foste, nos fins e nas origens
entre formas destruídas.

QUARTETOS DE CONTEMPLAÇÃO E FUGA

I

No olhar, o olhar que busca – e os barcos, longe.
Aves (mas de que amor?) no mar perdido.
Ah, velas soçobradas no impossível
afloram junto a mim, mas tarde, tarde!

De amor não falo ao mar, deixo que à brisa
meu silêncio navegue até às ilhas
que cerquei de lembranças – e uma voz
que reconheço minha o mar devolve.

A tarde em mim pulsando. Rubros frutos
de sóis que se apagaram tingem sonhos
doendo em despedidas ... E douraram
ocasos que moldaste, foram nuvens

que olhava para ver-te ... Eras meu reino.
E eu tinha asas nas mãos, dedos crispados
a desenhar teu corpo. Ah! flor e espinhos
no jardim onde o amor dorme em raízes.

II

Árvores descansando à sua sombra
a sombra do que fui. Brancas estradas
no curvo pensamento, luz tardia
no que foi sonho e é sonho, morto embora.

De pássaros sou feito, e quero espaços
para verter em ária a nostalgia
de ninhos destruídos ... Flores de ontem
renascem sobre o amor já feito em lenda.

Na mão cinco prisões, cinco destinos
indico além de mim, e ouço o bater
de asas que não me valem: sou alguém
fugindo de outro alguém jamais ausente.

Acenos do longínquo: o céu e um lenço
na alma de cada tarde em que mergulho
meus passos de quem foge – e voltam, volto
ao que já fui, sustento do que sou.

CONTRAPONTO

Depois de muito andar, sentir-me ainda
alguém que se perdeu no abismo de todas as músicas
e não mais reconhece as riquezas do íntimo.

Onde meus passos me trouxeram: aqui e além
sempre chegando ao que não quis ... Nunca as derrotas
que me indicou a bússola do sonho, nunca um barco
que viajasse o amor e do mistério trouxesse o frêmito
de que vivesse ao me sentir tão pobre, nunca um atalho
que me conduza a Deus e aplaque em mim a sede
junto à fonte intangível.

Não é esta, a hora. Dentro de mim
que luz mortiça! – e ainda cantam aves (existo!)
Fora de mim
quantas ruas de árvores e incertezas, quanto silêncio
e um céu tão alto! E andar, andar, voar – um corpo nu
detrás de cada janela que em meus olhos se desmancha
dança na espera,
e espero.

Era o sonho. É o escuro - e me perdi. Ah, do outro lado
uma voz me chame, mas tão forte que atravesse a noite
e as noites. Andar, andar – onde me levarão as ruas
e a incerteza? É o escuro! No outro lado, onde semeaste
o que não foste e tudo o que não pude ser,
antes que seja tarde, te ergas: mulher e torre
por que te alcance – e, na altura, não me alcancem
as sombras do que fora uma sombra, no amor.

NOTURNO DO DESCONSOLO

De alguma coisa
o peso sobre as mãos
(cortadas).
Gelado
meu gesto.
Gelados – todos
os gestos.
E o corpo
          - e o vivo
                    - e a insônia
entre os lençóis
do amor ... vazios.

Nenhuma estrela,
nenhuma árvore,
nenhum consolo
- e tua ausência.
Nenhuma boca,
e esta vontade
e esta cidade
e este frio.

Esta carícia,
amor,
há muito tempo,
amor,
aqui reservo,
amor.
Mas minhas mãos
(cortadas)
só formam gestos
(gelados)
que não são meus,
amor.

AS BOCAS FOSSEM OUTRAS

As bocas fossem outras, que falassem
de terras, mas não esta,
onde a beleza, eterna, perderia
os homens só por vê-la,
e ouvir não fosse ouvir tantas perguntas
a medo murmuradas,
mas a que espero há muito, uma resposta
que fale mais que a música.
A vida, a que sonhamos em segredo,
palpá-la com um gesto
de fogo, de poesia, de loucura,
e mansos, em espumas,
cantassem aleluias dentro da alma
os anjos dominados.
Toquei em muitos seres, tantas coisas
por mim tocadas foram,
que, como vento, levo – mas suave –
um beijo, um arrepio.
Mas como te alcançar com mãos de pluma
se as aves são de carne?
Fugir, fugir ... de mim e desta sede,
pois fonte alguma basta,
e ser, no húmus do amor, uma semente
rompendo o escuro e o duro.
E cresçam. Crescei, árvores, milagres
em terras, mas não esta,
onde a beleza eterna seja, e a vida
ganhássemos por tê-la.

SONETO DA ASPIRAÇÃO

Que mais pedir à vida? Tenho tudo
enquanto é salva a infância e o recordá-la
possível for na terra, onde só fala
a amarga voz da carne e é doce e é mudo

o coração ... que tanto diz! Contudo
a quem me possa dar, a quem me embala
na rede de horas fluidas na ante-sala
sempre da morte, eu peço ... (Ah, se me iludo

tudo pedindo a nada, que os ferozes
mistérios que me cercam outras vozes,
porém minhas, alcancem.) A tardia

forma que sou de um deus – vida inimiga,
peço – dome o destino e cante e siga
os meus rastos no sonho e na poesia.

SONO

Te aquietasses, carne
cortada em mil apelos
de amor, de sono. E as mãos
(suspensos teu destino,
teu peso, tantas noites)
leves, fogem do leito
e voam, voam, cortam
as regiões do exílio.
Dentro: tocar o ausente,
o irreal, o tempo
feito em perdas e formas
irrecuperáveis.
Dentro: janelas dando
para ontem, árvore
donde pendiam frutos
do céu que não pudeste
levar à boca,
serpente em volta à flor
que colhias na tarde ...
Mas eis que é noite – e esqueces.
Dentro: o esquecimento,
ilha – a cercá-la o tédio
e o tédio e o tédio. Estradas
aqui terminam; ruas,
roupas, hábitos, planta
cotidiana, aqui
terminam – dormem.
Ou dormes. Que silêncios
em ti se reuniram
para dar-te o sono
a que te entregas!
Para entregares o corpo,
quantos passos, cansaços
sobre lajedos, sombras
do íntimo e de edifícios
entre as cores – e dormes,
derrotado. Ó derrotado,

dorme. Dentro do sono
o sonho, alado espelho,
e o que querias – sonho –
e não querias – sonho.
Aves do intangível
te contemplam e chamam
de longe, no perdido:
Não vês – mas corres, voas,
dormes.

SONS NO DESERTO

A face
e em face o tempo que comigo se perde e desespera em noites
para explodir-se em auroras em que eu, só eu, não renasço.
Ante o passado que recua – imóvel. Ante horizontes que recuam
para além do mais remoto horizonte – imóvel. Entre palavras
que em violino mergulham ou roçam em meio ao vento
o pântano que foi lago e me conserva a alma
- imóvel.

Mãos ... modelassem no branco minuto as formas de uma ave,
ou um gesto recolhesse a visão de portas
que se abrem ao meu sem fim apelo e ao meu contato
se fecham.

Em vão buscar em mim. Em vão buscar no além a fonte que foi
Deus.
Em vão, passado morto. Em vão, presenças mortas. Em vão,
futuro que se alonga em corda a vibrar ao toque do efêmero
e em que um dia, por um instante, me penderei da árvore
do eterno.

Inútil afogar-me em poesia. Inútil seguir sobre teu rasto,
amor,
e sempre e sempre te rimar com dor, e com pranto não só,
ó vida,
o teu encanto, mas as raízes de todas as palavras.
Que em todas elas o eco ressoa, do imemorial alaúde
a chorar cada vida e cada morte, e que dorme na substância
da carne.

MOTIVOS DE RETORNO

(II)

Cristal no escuro,
o pensamento
a desdobrar-se
em mil lembranças,
singrando a história
dos muitos tristes
que foram eu
e que sou eu.

No escuro crescem
peixes de fogo
e cortam lúcidos
o espesso rio
do que se foi
que em mim deságua
e me conduz
... mas para onde?

Saber por onde
já fora muito,
e se o soubesse
não perderia
por tantas ruas
à-toa os passos
na busca inútil
de que? de quem?

Comigo vai
o pensamento,
íntimo sol
percorre e aclara
o céu de agora
inalcançável
e as nuvens ontem
inalcançadas.

Voltar a ser
o que não fui
e tanto quis
nas cinzas tardes
em que brincava
esse menino
que brinca em mim
de eternidade.

E ouvir histórias,
as que violavam
o véu do sono,
de mim fazendo
tantos heróis,
amor mendigo
de altas princesas,
senhor do mar.

Claras manhãs
de alma e janela
sempre a se abrirem
para a esperança
tão verde e vasta
e o céu baixando
na luz da aurora
ao meu encontro.

Não descobrisse
um dia a sombra
no olhar do pai
dando-me as bênçãos
e olhando além
o além da serra,
o seu segredo,
o meu mistério.

O que eu pedia
meu pai me dava

e o que meu pai
a olhar a serra
pedia a um pai
além e oculto
(não descobrisse!)
ninguém lhe dava.

Chuva a cair
das horas mortas
e estanque em mim
lago materno
na sala antiga
e uma cantiga
de amor e queixa
(mãe pequenina).

Dor pequenina
o som velado
de arroio ou flauta
no peito que
terno recorda
e não o abafam
muros e abismos
do tempo gasto.

Curvas estradas
atrás da serra,
sonho e surpresas
e sede alada
de outras cidades
e outras saudades
descendo em aves
de um céu já longe.

Cresceu o mundo
ante meus olhos
que se cegaram
de vê-lo tanto
e por já cegos
me arremessaram

a novos mundos
que me perderam.

SONETOS DO AMANTE

I

Do amor e para o amor, seguir seguro
da força de viver que clama e trago
no sangue, nas palavras, no mais puro
dos gestos da lembrança enquanto apago

os versos que escrevi, nos quais procuro
em vão os que escutava e apenas vago
vagido do indizível rompe o escuro
silêncio que me esmaga quando o esmago.

De amores faz-se o amor – parar cantando
os que morreram logo que nasceram,
os que ficaram e são chagas na alma

e a ti que o que perdi me entregas quando
à sede onde outras sedes pereceram
entregas com teu corpo a febre e a calma.

II

Que poderosa a sede! O inexplicável,
buscá-lo neste amor que me liberta
e mais me prende a mim, como indomável
gesto de louco apelo na onda incerta

que forma espumas neste sono instável
de um coração de carne à descoberta
do que possui de gaze, de inefável
pulsar de instantes plenos. Ver aberta
a porta que me guarda, e dentro a imagem
forte de um deus suspensa da miragem,
ou não mais que um perdido, que ébrios remos

conduzem para nada, para a vida
mais verdadeira quanto mais erguida
a mundos que sentimos e não vemos.

III

Tudo que tenho a dar quando te entregas
a mim – é muito pouco. Já não basta
que os gestos guardem tantas ânsias cegas
de amar, de ser. Pois a memória arrasta

o rio do passado, que não regas,
que não regaste, com a água da vasta
fonte com que me embriagas; e se negas
ser a que fica em mim quando se afasta

da carne e da poesia: hora em que tento
outros mundos criar no pensamento,
contigo, além do tempo e da distância.

Não basta dar-te o canto como preço
do corpo junto ao meu, se ainda não desço
ao abismo onde o amor devolve a infância.

IV

Não nos deitemos na água, que a corrente
tem o sabor do que deixou de ser.
E em ondas que se formam no presente,
nunca no já vivido ou por viver,

voguemos sempre nós, mesmo que vente
o vento de algum outro entardecer,
em outra praia, e sons de antigamente
voltem nos sons de agora, ao acender
do inédito (talvez antigo) em cada
recanto da alma, a cada ânsia de voz
que de uma vez apenas sobe a escada

que leva a ti, que leva ao céu – e, sós,
saber o amor, a aurora irrevelada
de um sol mais forte, a arder dentro de nós.

V

Da carne ou do mistério é esse apelo
tão frágil como o frêmito da espuma

a estalar contra as praias – e contê-lo
não posso nunca ... Oh, mesmo que de alguma

tarde impossível me acenasse, pelo
fim de um dia de tédio, falta e bruma,
um gesto tão do azul que só de vê-lo
voltassem do passado, uma por uma,

as flores que romperam (entre espantos,
revelações, milagres) o outro lado
da vida que vivia e em sonhos tantos

eu fora um dia o jovem deslumbrado,
havia de buscar outros encantos
buscando o que no amor me houvesses dado.

VI

Pudesse oferecer-te o que não tenho
numa palavra há muito tempo presa
nas grades do silêncio. E, donde venho
buscar-te com a minha natureza

de deus e de animal, trouxesse o lenho
que avivaria a sede sempre acesa
de aplacar tantas sedes que retenho
de ser mais do que sou, dar-te a beleza
do efêmero perdido, do que tive
de infância e de ternura, do que vive
em mim de quem mais quer e que te quer

- talvez sentisses mais que a carne pobre
que me eleva e revela, mas me cobre,
e sentisse eu em ti mais que a mulher.

VII

Terrível despertar, o despertar
do humano. Súbito o que fora o belo
pulsar no tédio com a alma de um mar
pulverizado. Em um instante o elo

de luz que nos ligava abandonar
meu corpo: corpo apenas. Onde o anelo
de converter-me em anjo e tudo dar
à sede a que me entrego, enquanto velo

o sono das alturas? Do que fui,
sombra de um deus, ao me perder na chama
do amor, salvar-se apenas a ansiedade

no olhar. E ver: do mar que tudo frui
o que te dei de amor já se derrama
- e em que doçura, e sal! – na eternidade.

VIII

Eternizar o amor que fora eterno
embora só vivesse dois instantes:
um quando ao céu me alçou – a um céu sem antes;
depois, ao acender em mim o inferno.

Banida do presente, em lago terno
voltes a me banhar e desencantes
o mar que clama em vão, de ondas cortantes
partindo do meu ser, banhando o eterno.
Eternizar o amor de um só momento
e quanto mais perdê-lo mais ganhá-lo.
E quanto mais ganhá-lo mais alento

trazer no que recordo e no que falo,
para que possa, em febre e em sentimento,
em mármore e em saudade, eternizá-lo.

O ROSTO

Quando mais triste for
a noite, olhar no lodo
o céu
e um rosto – espera e espanto,
a boca em náusea, o escárnio
após o sonho
ou medo
ante o deserto, o óleo
da vida, ou não,
da morte
sustendo a chama
no templo inviolável.
De mim partir, partir
do meu vazio
e o sortilégio e abismos
romper
até bastar-me
na fonte, oh sim: na fonte.
Ó fonte, ó poderoso
amor que em leito
de espinhos
escorre
buscando o próprio amor
... mas onde? O mar
do amor é feito, mas
de pranto, e dele nasce,
volta a nascer,
o arroio primitivo.
Que escorre (um grito dói
eterno) e tantas mães
parindo!
Mas, eu. Só eu
morrendo, e renascendo
em desespero e rosas.
Só eu
(o que não foi criado)
retendo meu primeiro

e último soluço.
Tão fundas, descobrir
minhas raízes,
mas onde? Oh sim:
no tempo em que fui deus,
a refletir-se
no lodo
que guarda, bem no fundo,
um rosto
a cuja imagem eu,
só eu, fui feito.
Ninguém,
nenhum espelho
de olhar ou vidro ou água
que me responda
aos gestos, à incerteza.
Algum fantasma, ou dedo
de algum demônio,
na música indicasse
ou no silêncio
um som
de além da vida,
de além
da morte.

CANÇÃO

Além de mim te percas,
mas nunca em meu silêncio.
Mãe-vento vem, te leva
a ilhas entre brumas,
e olhas – frágeis barcos
vogando no impossível
soçobram ante o ocaso
de mundos que não este.
Mudo amor, lábios mudos,
mas não flor a fechar-se
ao látego da noite.
O teu silêncio ... oh, nunca
o meu silêncio seja:
não seja do oceano
cansaço de procelas,
último olhar de náufrago
em flocos de saudades
que acordam no meu peito.
Onde o azul? Pobre vôo
os anjos não alcança
e sem rumo se perde,
amiga, em teu encanto.
Crepúsculos sangüíneos
tua presença apaga
e vem do mar, do ventre
do longe e das espumas,
o pranto de meu filho.
Não fora teu encanto
e acabaria a espécie
comigo, com meu sono.
Ah, fosse o mundo meu
o espaço de ternura
que há entre nós dois!

PASSAGEM DAS NUVENS

Os montes, ei-los. O verde
onde dormíamos. Que paz!
Que impossível! Se os buscamos,
recuam os horizontes.
Detê-lo, o carro luminoso.
Inútil: o dia prossegue.
Nas mãos, na bola de cristal,
pelo avesso o que hoje
é sonho, e em tantas
direções (não a que peço
e quero ... outras)
se perde meu destino.
E penso, pálido prisioneiro,
penso. E quanto mais sobes,
pensamento, mais preso
estou à terra.

Suaves, as nuvens fogem.
Para onde? Para onde
irão, lúcidas estradas
em vôo, os pensamentos?
Baixassem, nuvens, errante
me levassem, a alma.
Quero fugir, buscar
- até que o encontre -
o que não creio,
mas quero.

Se há deuses, me chamem.
Estou cansado e mais suave
quero o sono. Tenho fome.
Dos frutos, os proibidos,
dai-me o sabor. Que sede!
Dai-me a beber o amor,
a plenitude, e antes do sono
o pensar na vida sem dizer:

merda! merda! Dai-me o vinho
com que não me esqueça, mas cole-me
asas. Pois estou cansado.

Suavemente, as horas
fogem. Quando não mais
vivê-las, as horas fugirão
ainda. E o que me espera?
Nada, o nada. Que apelos
de amor, de vida: o nada.
Incompleta é a vida, sei,
mas são tantas as águas
da eternidade, que jorram!
Dai-me a beber, ó Deus,
ó deuses. E se há deuses,
não me abandonem.

EMBALO

Onde quer que estiveres
entregue ou fugitivo
verás o que não queres
na morte e no estar vivo.

Onde quer que banhares
a carne e os pensamentos
virão de outros lugares
banhar-te outros momentos.

Onde quer que dormires
será teu sono prece
que sobe em arco-íris
e sem que alcance desce.

POEMA PARA EMILY BRONTE

Ventando, folhas esquecidas
que instante foram
fluindo
no espaço de um minuto
maior e mais profundo
que o eterno.

Vem no vento, vem
do vento
muda flor do adeus
aberta na dor, quando
as portas e os horizontes
comigo, com meu tédio, me
fecharam.

Nas árvores, selvagens
antenas não o recolhessem
e o uivo – acordes
daquele, deste adeus, longe
de mim, e muito, cantariam hoje
na alma errante de algum rio.

O amor está em mim, está em mim
o adeus que pronunciar não pude
na fronteira entre o amor
e a dor
e a poesia.
Está em mim o adeus, mas não é o
vento, ventando, que
chora?

Que chora ...Chora desgraçado
irmão, em mim gerando vozes
das mais longes regiões
do mar, da morte.

Ventava no meu berço, som
de espanto inocente
ventando
no atalho impreciso
da infância.
Ventava sobre os caminhos
de ásperas curvas, ventava
no nada a que os caminhos
me conduziram.
Ventava, como ventava
no amor que por um instante
me salvou
e para sempre
me perdeu.

Ventando ... alma da natureza
ventando. Dentro de mim a alma
ventando. A voz que não soou
no adeus de que parte a poesia
e além do que vemos
devassa o eterno, vem
no vento, vem do vento
ventando, ventando.

PALAVRAS A LOURDES

Estas cinzas... já foram flores.
Nada dizes, para acordá-las.
Ouve meu peito: onde eram pétalas
cresce o frio de espera e espinhos.
Ouça-te o céu: e que outras nuvens
soltem à brisa o que não dizes ...
Ah, possa eu ouvir quem queria
e não foste – para acordar-me.

Estas cinzas foram cristais
e em sentimentos mais brilhavam.
Mãos sem asas. Para acordá-las
não vieste ... e como era puro
o que eu trazia e hoje são cinzas.
Vê na altura: os corvos, o nunca ...
Ah, que céus da terra teríamos
se viesses – para acordar-me.

Foram vidros, por onde olhavas
e eu via o jardim sepultado.
Era em meu peito ... Flores! Flores!
Mas onde tu, para acordá-lo?
Era o campo de amor e aromas
e eu o príncipe em teus domínios ...
Ah, se me ouves: meu peito ... Cinzas!
Bem hás de vir – para acordar-me.

SONETO DO REENCONTRO

Nada mais a esperar, se o sentimento
que um dia escravo e deus de mim fizera,
é hoje o doce e o amargo no alimento
a alimentar quem sou com quem eu era

e nunca o fui, senão em pensamento.
Nada mais esperar? – Mas clama a espera
no fundo do que sonho, quero e invento
com o que resiste, em mim, ao anjo e à fera.

Oh, não mais esperar! – E o desespero
seria em minha voz, como em meus braços,
a espera mais total, do prisioneiro

que, encerrado em si mesmo, sente o espaço ...
Que inteiro está o amor no derradeiro
pedaço deste amor que despedaço.

VELAME

Neste lago de espelhos
perder-me no velame
de brancos pensamentos.
Quatro ventos me levam
por quatro direções,
e quantas são as terras
que, sonhadas, esperam
um pouco desse estranho
que sou quando me encontro!
E quantas, as feições
que vejo e foram minhas
nestas águas que o escuro
e a dor fazem de espelhos!
Perder-me nesses barcos
- E o rumo?
            - O não sei onde ...
E no espaço formado
de cristais, de vazio,
beber, pois já meus gestos
são outros, não aqueles
que, espontâneos, buscavam
o que alcançam as mãos,
mas logo se dissolve
em tédio ou em saudades.
Que eriçados apelos!
Que praias mais recuadas!
Mas quatro são os ventos
e corta meu velame
de alvor, de pensamentos,
as nuvens e as campinas.
E corta – oh bruscas! brancas! –
os rastos que ficaram
em mim do que é perdido
e entanto nunca tive,
enquanto singra as águas
deste lago de espelhos.

ESTELAR PARA A SUICIDA

Antes que do alto te lançasses
para bem mais alto subires,
não viste que alguém rebuscava
no peito as estrelas mais tristes.

Apagada estrela cadente,
vinhas (de que tormento!) e abrias
clareiras de espanto na noite
e numa alma escura e vazia.

Vinhas como as velas velozes
do barco a levar-me, perdido,
por meu destino, em sete mares
que batem nas praias do exílio.

Fora a luz, fora o pensamento ...
Quem te trouxera, se te erguias
tão leve e de leve, no sopro
da alma do amor ventando abismos?

O céu dava em meu peito – e a noite
enquanto ias, te fez mais viva.
E era a chaga que mais sangrava
a estrela que a morte acendia.

O MONSTRO

Ah, foi tudo e é nada.
As pastagens verdes,
os bois que amparavam
nos olhos a olhar-me
a filosofia
do que eu era e a lenda
onde muitas vezes
viajei nesses barcos
que em todo retorno
são carícias brancas
por mim deslizando.
E os montes, e os rios
de que não secou
o murmúrio, e as nuvens
que foram fantasmas
a guardar as portas
do céu – e ainda guardam
as portas que se abrem
para a infância e o nada.

Ah, foi tudo e é nada.
Irmã, se me escutas
nas árvores de antes,
ouve como falam
de flores feridas,
de carvão, de cinzas
dos brilhos roubados
pelo tempo – e os ventos,
ouve-os: de meu peito
vão ventar diluídos
em sons e palavras
que dizem ... ai, nada.

Ah, foi tudo e é nada.
Não falam as bocas
de formas já mortas

na que fala e é pobre,
senão falariam
os muitos que fui
de histórias pungentes
de rosas entregues
às garras do MONSTRO.
E do ouro arrancado
com unhas e risos
da alma aprisionada
no que nela existe
de oásis poluídos.
Dos anjos brotados
nos jardins e abismos
de meu pensamento
e entregues, que o monstro,
a nada poupava,
e deixou apenas
na mesa e no enigma
a taça onde sorvo
o que já transborda
de amargo e de amor
em mim e em mais nada.

Ah, fui tudo e nada
sou mais - que não mais
escorrem arroios
de ideais e sonhos
pelos sentimentos.
Ai, os sentimentos
que a campina e acordes
ontem recolhiam
em cristais e músicas,
são bosta a fazer-se
nos bofes do monstro.
O sol, que aclarava
os vales de lágrimas
onde o adolescente
ia beber água
jorrada dos olhos

dos que se perderam
dos rastos de tudo,
de todos, no escuro,
já não me ilumina
a alma – e o céu me foge ...
Ai! o próprio Deus,
o monstro o engoliu.
E onde eram estrelas
despertando amadas
no fundo romântico
em que me ardi poeta,
os olhos que o monstro
pelos meus trocou
só vêem o vazio
do que vejo ... e o nada.

CÃNTICO DA ANUNCIAÇÃO

Vozes não mais de homens. Ventos unindo a terra e o céu
num só gemido, sons imemoriais da fonte
onde a dor germina e choram bocas invisíveis.
Sem degraus, cercada pelos abismos que dentro de mim
se formaram, a colina a sustentar o santuário
de quanto amei e é morto. E foi em meu sangue, no espesso
mar da carne os instantes que vivi mais puros
acordaram ilhas, maravilhas ao sol e à poesia.

Em quatro direções, o vento. Em quatro estações
o tempo. E eu – preso aos rochedos, e eu – ébrio do nunca ao meu alcance
e escravo de irreais estrelas, a ouvir e repetindo
ressonâncias de almas partidas em espumas.

Com a força do sangue tocasse eu
a presença redentora dos anjos,
e em pedras, frutos da eternidade das coisas,
se converteriam. Tão pobre, e ser divino.
Tão forte, e ser o desespero de meus pais, o pranto
de meus filhos, o primeiro e o último poeta.
Tão frágil! Pois era eu a substância de argila e lágrima
com que os deuses modelavam um outro deus
- e incompleto o abandonaram.

Do sonho não se salvaram minhas asas, e é tão longe
o além, e é tão alto o amor! Flores – bem que as colhi –
mas ao amanhecer se foram em saudades
que ainda fecundam espinhos no chão, no corpo.
Palavras que me ensinaram, pensamentos
a se estenderem por meu coração, onde o amor arde em túmulos.
Que mais dizer? Ser alguém a regressar
do mergulho no pungente e sangüíneo oceano
e tudo ter ouvido dos cavalos da loucura
e do desejo. E nada mais cantar, que muito dói

a lâmina do verso. Olho: a sufocar o canto dos pássaros
sou eu a voz da carne, os gestos com raízes no lodo.
Mas – vejo – sou eu também o pássaro
frustrado no seu canto.

Não fora minha vida. Ah, não fora a vida
mar sem margens e sem fundo, e eu incerto veleiro
batido por dois ventos. Deus profanado
a projetar nos lagos do amor a sombra do vencido,
e a imagem, sob a luz, já não recorda o anjo
nem o menino. Da pedra que já fui sou a exilada alma,
de mim nasceram árvores e os rios me banhavam e os ventos com
falas de irmã
choravam-me o tédio da paisagem humilde e única.
Disperso em sons de flauta, chorei no peito
de errantes pastores.
E agora,
que acordei do sono de mil séculos;
e agora,
que velho aqui cheguei, mutilado em guerras
a que não fui, música ao meio partida pelo silêncio;
e agora,
como completar-me?

Buscar-te, céu impassível. De ti e do esquecimento
cai a chuva, e entre tantas palavras
em meu segredo, mudo, me segrego.
E quantas vezes, Poesia,
te encontrei e foste amor e foste sentimento e foste
perdição em rastos de anjo e de serpente!
E quantas vezes
me ergui erguendo as inúteis asas que acordaram do sonho
na antevisão de teus domínios, no além
que minhas mãos de espera e carne não atingem!
Onde, deuses ou vazio imponderável, que reinais
além da mais longe estrela, onde o impossível
que criei, para que depois me criasse?

Filha, mãe, esposa – bendito fruto do ventre
do meu desamparo de cego sem árvores nem lágrimas.

Desceste, imagem querida, mas não podia eu
decifrar o doce enigma a cintilar entre espinhos
e era surdo meu coração à música das formas.
Chegaste – tão bem caberia o nebuloso corpo
entre meu corpo e a ilha de meu exílio, mas se dormes
passiva ao sonho meu, também pastoreias nuvens
jamais tocadas pelo segredo dos pássaros.

Sombras de minha alma que se salvou na perdição,
cristais sem brilho do amor, à essência retornai.
A meu lado pousasses, forma ausente, como na tarde um barco
singrando o pensamento. E ai, olhar de criança,
mão de mãe nos meus cabelos – e
amar não poderia.

Será o demônio a pulsar no âmago das coisas,
deus de sede invencível, ou o pungitivo sono
de alguém que não nasceu?

Palpitante e dolorosa matéria, rio amargo
a escorrer nas horas mais doces. Em vão espumas do azul
semeio no coração; de novo ao teu apelo, ó carne,
se erguerá de mim quem sou, e serei o noturno, o bêbado, o perdido.

Sou eu – e aqui vim,
pobre de mim, ser prisioneiro do meu íntimo.
Buscar-me em carne e poesia, e em meus vestígios lançar,
caçador no pântano, os violentos cães do instinto.
Ah, eu
outro sono habitei, uma treva que não essa
conheci.

Lembrança alguma palpitasse, nenhum relógio
marcasse as horas e as janelas do tempo a despedir-se.
Ser eu, plenitude imensa, ao mundo misturar-me,
ser árvore entre árvores, mar respondendo ao mar, poesia
no meu canto – e entanto ser eu mesmo.
No corpo que viesse recolher a alma e com a alma
recompor o corpo e nele morrer para depois nascer.
Nascer – outro nascer – e ser eu mesmo.

No indevassável, cantando a infância,
sem possibilidade de retorno.
Escuto. Sou eu chorando, sou eu no ventre de Eva
chorando. Procuro. Que dor! e atravessei os séculos.
E em vão as idades tateio, de todas as paredes
escorre o mesmo rio oleoso que me inunda o peito
de meus próprios lamentos.

Mas vejo.
Não anjo ofuscando todas as possíveis luzes. Vejo.
Estrela, não. Quão fundamente vejo! Não uma luz,
mas vejo. Abram-se as portas que me trancaram
dentro de mim. Abram-se os túmulos, e sairei entoando
o canto que há de acordar o dia sem crepúsculo.
Não o desenhar de um corpo, não a esperada
que na praia do amor espera por meu corpo. Não flores
que tarde viessem colorir as histórias que vos contei
e eram a minha história. Ah, fosse Deus, ante as cortinas
que encobrem o que é mais negro em mim, a chorar o que não choro.

Tão claramente vejo, que as palavras resvalam
num deserto súbito. Fossem os homens – enfim apagadas
as linhas e as montanhas – dançando na planície irmã ...
Que belo, enfim descubro, os olhos que de anjo foram e foram
de demônio. Com eles vejo, com eles me vejo, e tão
definitivo! Outra será minha história. Outro, meu nome
a calcinar no olvido. Brilha, visão amiga.
Devastadoramente brilha, fumo do que serei, até que incendeie
o sol, e as estrelas à luz mais forte caiam. Até que se destruam

aquele que fui eu, aqueles que foram eu
– e a tudo eu destrua.

O AMOROSO E A TERRA

(1949 / 1952)

AOS COMPANHEIROS DE GOIÁS

À MEMÓRIA DE LEO LYNCE

TOADA GOIANA

Correr chapadas e serras
cobertas de casimira.
As noites que lá se foram
voltam dançando, e a catira
que se escuta sempre longe
é doce – ainda que fira.
O vento dá na roseira,
mas meu bem, ninguém me tira.
Quem ama, reclama e chora,
canta e suspira.

As muitas matas, as muitas
solidões ... que amor as planta?
Quero bem a uma menina
que vê-la é ver uma santa.
Deixei-a, vim correr mundo.
Agora tenho a garganta
atravessada do espinho
desta saudade que é tanta.
Quem ama, chora e suspira,
reclama e canta.

Poeira em giros vermelhos,
e o tempo já foi de lama.
Sete cravos, sete rosas –
é pouco para quem ama.
Sete cartas de lembrança –
e a ingrata, que não me chama!
Faço fé que ainda me lembra,
pois sou goiano de fama.
Quem ama, suspira e canta,
chora e reclama.

O vento vem, dá na vida.
Mas a terra – é em mim que mora.
Passarinho no coqueiro,

do meu bem fala-me agora:
se está morto, se está vivo,
se casou, se foi embora.
Vem a seca ... Vêm as águas ...
E a resposta já demora.
Quem ama, canta e reclama,
suspira e chora.

O POÇO DA RODA

Quem passa?
- Os bois que passavam.
Quem geme?
- O carro de boi.
E mais gemia em seu peito
o dia a mais que se foi.

Quem passa?
- O sol que passava
pra trás da recordação.
Quem diz?
- Quem diz é a tarde
que é tarde ao seu coração.

"Minha gente, eu vou-me embora.
Vou-me embora, vou deixando
quem não sei e não me quis.
Sei de um poço muito fundo
onde cabe um infeliz."

O sol! O sol! – E o trem pára
na estação junto a Bonfim.
"Seja bom, seja o diabo,
isto aqui será meu fim."
E o sol, ao notar em sombras
sua alma, lhe diz assim:
- "Filho meu, assim não morras
num dia assim, sol assim."
- "Ai, sol, tão já não morrera
se ela esperasse por mim."
- "Ela quem?" – o sol pergunta.
- "Ai, dor! pra morrer eu vim,
pois nem o sol, que vê tudo,
viu quem nasceu para mim."
- "Filho meu, pra quem não acha,

há cachaça e botequim."
- "Ai, sol, nem mesmo se bebo,
a sorte me diz um sim."

Sei que são muitos caminhos,
sei que são muitos espinhos
na vida – para quem ama.
Mas só um caminho o leva
para o acalanto da treva,
um só espinho é que o chama ...

E o mesmo caminho leva
o sol para o meio-dia.
E o sol, a pôr fogo em tudo,
lhe queima a alma vazia.
"Queime, sol, até o poço,
que a água da morte é bem fria."

É meio-dia, e já meio
cansado descansa o resto
de alma que resta no moço.
E o sol descansa, com um gesto
de cansaço, sobre o poço.
"Ó poço, quando aqui vinha
não sabia o que era amar.
Mas fui, por desgraça minha,
querer quem não pude achar.
Ai, poço, meu belezinha,
venho agora me matar."

Mas onde o Poço da Roda
dormia o seu sono de água,
mas onde o Poço da Roda
ao vento espumava a mágoa,
olhando não vê mais água
o moço afogado em mágoa.

"Perdi a vida que tinha
por quem não sei procurar.
Agora procuro o poço

que havia neste lugar.
Meu poço, meu belezinha,
ah, nem você encontrar!"

Bem se lembra: havia um poço.
Fora um sorriso do moço
escancarado na terra.
Agora ... E as águas amadas?
Agora luzes douradas
nascem das águas, da terra.

E batem sinos nas nuvens,
batem no seu coração
que bate, bate – os cabelos!
que bate, bate – seu rosto!
que bate, bate – "Ó esplêndida
flor das águas, ó visão
que mais sonhei, e impossível,
não venhas, que é muito tarde.
Não me salves, perdição!"

Ah, ela – o sol a gerara
no ventre frio das águas.

E todo o ouro da terra
escorre por seus cabelos
e todos os sóis da altura
vêm repetir-se em seus olhos
e toda a vida do moço
se lança onde havia um poço
e abraça e beija e então ama
seu corpo de ouro e de chama.

Quem passa?
- O sol que passava
do meio-dia pra além.
Quem dorme?
- O poço é que dorme
guardando o sono de alguém
que amou a filha do sol,

filha da morte também.

CONFIDENCIAL A SANTA BÁRBARA

Tenho tudo, mas não tenho
o que é meu.

Basta-me saber que morre
uma coisa, para amá-la
com a dor de quem se cala
enquanto um grito percorre
o peito afogado em porre.
De tão morto nem alcanço
o que mais amo, ao balanço
do que a vida já me deu.
Tenho tudo, mas não tenho
o que é meu.

O tempo, sei, tudo come.
Mas na igreja pequenina
a branquejar na colina,
deixe, para minha fome,
pelo menos os dois nomes:
meu nome e o nome da morta
bem juntos bem junto à porta
- e foi o amor que escreveu.
Tenho tudo, mas não tenho
o que é meu.

Foi numa tarde. Doçura!
O sol de quem sente a amada
dourava a Serra Dourada.
Instante que sempre dura
na mais funda sepultura,
onde dorme, minha Santa,
a luz que nada suplanta,
que o amor me deu mas não deu.
Tenho tudo ... só não tenho
o que é meu.

A CIDADE ENCANTADA

As águas que nunca param,
pararam naquele poço
que se formou como o esboço
de um céu que se quis pintar.
Naquela poça entre pedras
desde pequena se via,
enquanto na alma do dia
feliz se punha a brincar.

(Seus dias claros da infância
carregava em seu olhar.)

Que dor! De sua ternura
escapou a bonequinha
que era de tudo o que tinha
quem tinha para brincar.
Caiu no poço a boneca.
Do poço foi à corrente
e rolou como quem sente
vontade de não ficar.

(Seus dias que já se foram
acabavam de acabar.)

Já bem longe, numa curva,
a boneca se sumia.
Com coisa que não sofria
ela se pôs a acenar.
- "Quero que o rio te leve
e não deixe nem saudades.
Que bom ver outras cidades!
Que bom, se eu fosse a rolar ..."

(Seus dias claros já mortos
perderam-se em seu olhar.)

Na água do Rio Vermelho,
no poço à beira do rio
formou-se o líquido espelho
onde já moça se viu.

Onde ela não viu só ela:
na água, clara como dia,
por trás e bem junto dela
outra cabeça tremia.

Espantada, Abigail
voltou-se – não viu ninguém.
Outra vez olhou no rio,
lá não estava também.

- "Que vejo? Sou eu já moça?
Quem vejo, se não sou eu?
Cruz credo! Eu vi foi Francisco."
... E Abigail compreendeu.

Ou acabou compreendendo ...
E ao notar que ela queria
Francisco que não queria,
embora desde criança
sem a menor esperança
quisesse, acabou querendo.

As águas jamais pararam
de nascer e de se pôr.
Contai-nos, então, ó águas,
em vossa língua de mágoas,
como nasce e morre o amor.

Ora, vejam só! menina
pra se casar com doutor
por aí nos escondidos
com um ninguém que o pai criou.

E numa noite Francisco,
que a um gesto que ela fizesse
vinha como se viesse

a um céu que do céu rolou,
não veio quando seu nome
por duas vezes chamou.
Quem sabe o rumo que toma
quem vai, se alguém o mandou
para longe, onde não veja
a filha do seu senhor?
O céu do lado da serra
três luas o sol dourou,
e ninguém a ela falava
daquele que não voltou.
Do outro lado, atrás da serra,
foi onde Cristo pisou,
onde havia outras cidades
com que ela sempre sonhou.
Francisco havia de estar,
como ela sempre sonhou,
numa cidade a que iriam
dormir nas painas do amor ...

Manhã não era – era noite
a manhã nos olhos dela
quando no fim de dez luas
com toda a alma à janela
o lado da serra olhou.
Debaixo daqueles seios
onde Francisco vivia,
debaixo daqueles seios
estranha flauta chorou.

Dizei agora, águas trêmulas,
dizei, ó águas da dor,
quem à trêmula menina
deu força quase divina,
fostes vós ou foi o amor?

O bem-amado Francisco
com vossa força chamou.
Depois ficou em silêncio.
e em silêncio se prostrou ...

Foi numa noite de lua
que Abigail acordou.
E para a beira do rio
Abigail caminhou.

Olhou nas águas seu rosto,
seu rosto não encontrou.

Águas que jamais se calam,
falai, falai do esplendor
da cidade que lá dentro
com uma lua no centro
Abigail contemplou.
Falai dos jardins sonhados,
dos palácios encantados
e do leito onde se viu
a amar nas painas do amor.

Nos jardins dezoito flores
nasciam – e em cada flor
ressuscitava um dos filhos
de Abigail e Francisco
- os filhos que ela sonhou.

SANTA DICA

Vê bem essa pedra
no alto da colina.
Vê bem: é cortada
de três cicatrizes.
Aí nessa pedra
é que a santa dormia.

No rio a banhava
a doçura e o brilho
do sol feito em água.
O céu então vinha
envolver-lhe o corpo
com o próprio vestido
de estrelas e nuvens,
de altura e safira.
Em pouco, alva e enxuta,
da terra já limpa,
sem pisar a terra
à pedra subia.

E o rio cantava
ao vê-la subindo.
- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
em volta da pedra
os homens pediam.
- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
mulheres cantavam
ao vê-la subindo.

Em cima da pedra
aguardá-la vinham
dois anjos mandados
da altura invisível.
A um gesto da santa

os anjos se erguiam,
e em cima da pedra
dois ramos de lírio
davam-lhe uma taça
com a água da Vida.

Debaixo da pedra,
em torno à colina,
por mais de três léguas
a turba se ouvia.

- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
Eu trago uma arroba
de espigas de milho,
que dou pela cura
da perna partida.
Quem quebra uma perna
não tem serventia;
e eu dela careço,
que tenho família.
- Que Deus me dê forças,
que os anjos me inspirem.
Quebrar uma perna
é mesmo o castigo
de quem não respeita
os dias domingos,
e vai bater pernas
em vez de ir à missa.
Que se deite sempre
de pé para cima,
até que se colem
os ossos partidos.
- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
Não tinha mais nada,
só trouxe um franguinho.
Picada de cobra
está minha filha.

Já botei vinagre
em fumo curtido.
Rezei três semanas
e mais alguns dias.
Mas nada lhe cura
a dor da mordida.
- Que Deus me dê forças,
que os anjos me inspirem.
Cobra nunca ofende
quem olha onde pisa.
Que beba três vezes
ao nascer do dia
um chá de água-benta
com casca de cidra.
Depois, em três noites,
por não ter morrido
dê graças a Deus
 e à Virgem Maria.
- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
De meu mais não tenho
que meus cinco filhos.
Já vai quase um ano
se foi meu marido.
Largou-me sozinha
depois de uma briga
e foi pelo mundo,
não manda notícias.
- Que Deus me dê forças,
que os anjos me inspirem.
Mulher que não presta
é que perde o marido.
Que corte os cabelos
na altura do ouvido
e ponha uma trança
bem suja de cinza
debaixo do prato
onde ele comia.
E até que ele volte

que durma sozinha.
- Valei, minha santa!
Valei, Santa Dica!
Por mais de três léguas
em torno à colina
povo que chegava,
povo que partia.

Depois de três horas
falar aos que vinham
pedir-lhes milagres,
chorar-lhes as feridas,
deitada entre os anjos
a santa dormia.

E o rio cantava
ao vê-la dormindo.

A ÁGUA QUE CANTA

Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

Quem bebe da água que canta
por ter que morrer um dia
e já deu banho na santa,
sai rindo – se antes sofria.
Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

Quem bebe da água que canta
ao céu do seu alto Esposo
e já deu banho na santa,
se cura – se era leproso.
Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

Quem bebe da água que canta
o que ouvia Santa Dica
e já deu banho na santa,
mais moço que é, ele fica.
Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

Quem bebe da água que canta
a dar vida enquanto escorre
e já deu banho na santa,
vive mais depois que morre.
Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

Quem bebe da água que canta
à sombra dos Pireneus
e já deu banho na santa,
bebe os segredos de Deus.
Não beba! A água é quem canta,
pois já deu banho na santa.

TOADA DO ENJEITADO

Em cima daquele morro
corre a chuva e corre o vento.
Corre mais meu pensamento
sem ter nunca onde parar.
Mundo de Deus ... Vou-me embora.
Por que me vou, nem não falo.
Muita mágoa em meu cavalo
vai – e não deixa sinal.

Este meu cavalo
só falta falar.

Não ter pai, não ter parentes.
Já no tempo de eu menino
aloitava com o destino
vivendo aqui e acolá
em trabalhos e canseiras,
e não tenho um querer-bem
que bem me cuide – ninguém!
Não por falta de eu tentar.

Este meu cavalo
só falta falar.
Parece que sabe
o que vou mandar
e vai onde quero
ao me ver montar.

Açoita-se o ar. Chão ferido.
Bem que dá gosto ir correndo.
Mas me pisa o não ir tendo
pela estrada em quem pensar.
Tinir de esporas, de espinhos.
Duros cascos ... Quanta mágoa
no meu peito não deságua!
- E onde alguém para a secar?

Este meu cavalo
só falta falar.
Largo toda a rédea.
(- Meu bem, quem será?)
Não é que ele sabe
o rumo a tomar!
Do lado de lá do rio
há duas casas pequenas
onde vivem as morenas
de quem um dia ouvi contar.
Mundo de Deus ... Que vazio!
Ninguém mais aqui não mora.
Daqui também vou-me embora,
e nunca mais vou voltar.

Este meu cavalo
só falta chorar.

GARÇA BRANCA

Na casa que de tão branca
se perde atrás do areal,
branca ausência vinha à noite
embeber-me em sonho e sal.
E branca, como se feita
de um dia de sol e paz,
era a garcinha que veio
à minha porta parar.
Abri-lhe a alma, e a garcinha
ficou comigo a morar.
Meus dias, que foram brancos
não de penas, mas penar,
a garça branca arrastava
para trás do para trás,
como se a vida antes dela
não fosse nem minha mais.
Minhas manhãs eram brancas
com Garça Branca a cantar.
Cantava e quando cantava
o céu se punha a escutar.
Parava e quando parava
o céu se punha a cantar.
Que tardes! Eram tão brancas
com Garça Branca a cuidar
de meus trapos de silêncios,
de minhas sedes de amar.
das fomes que de comer
frutos do bem e do mal
se fecharam noutras fomes
diferentes, mas iguais.
Nas noites de lua branca
sobre nós a passear
ou de sonho ainda mais branco
para longe a nos levar.
Garça Branca – bem a ouvia
a errantes nuvens falar –
falava, e enquanto falava,

o que eu ouvia era o mar ...
E com que alvor! – Nem se fora
feita de nuvem ou de ar –
Garça Branca abriu um dia
as asas de par em par
e foi, se foi de minha alma
para nunca mais voltar.
Enfiei o pé na estrada,
pois havia de a encontrar
em qualquer lugar do mundo,
que era o meu grande rival.
Garça Branca ia bem longe,
pra lá de Minas Gerais;
mas como estava presente
no vento ventando ais
e em cada rasto dos rastos
que me levaram ao mar!
Eis que vi, mas já bem longe,
levantando espuma e sal,
um navio e nele a alvura
da saudade a me afogar.
Duas bandeiras, dois brancos
acenos do nunca-mais,
diziam que Garça Branca
iria desembarcar
muito além, por este mundo,
que era o meu grande rival ...
Só depois de muitos anos
e depois de muito andar,
numa esquina de pecados
vim a encontrá-la, afinal
deitada à beira da fonte
de um desespero mortal.
Oh volta, minha garcinha
(e Garça Branca a chorar),
pois nos espera a casinha
perdida atrás do areal.
O que passou já se apaga
de tanto estar para trás.

Vê meus cabelos, já brancos,
vê minha alma a conservar
tua forma em branca ausência
... e Garça Branca a chorar.
A noite cobriu de noite
seus olhos doces de sal,
mas de manhã já voltávamos
deixando europas e mar,
à casa que em nós morava

- E Garça Branca a cantar!
Quem nasce nessas planuras
e quer bem, o amor é tal
que por mais que delas fuja
mais nelas vive a morar,
e do amor só mesmo a morte
que é morte, pode apartar.

A NOIVA DO SOBRADO

Ventava, e ao dobrar dos sinos
a janela estremecia.
Lá fora a vida de sempre,
e a casa como vazia.
Ninguém (e a tantos chamara)
a fazer-lhe companhia.
Ai, se o vento não trouxesse,
num suspiro, a ave-maria!

Os sinos da igreja em frente,
- desde quando que os ouvia?

De quatro irmãs que eram elas
ela era a quarta Maria.
Por ser a filha mais nova
teve o que nem sonharia,
ficando com quase todas
as jóias de doze tias.
Criança, os dobres dos sinos
para si os recolhia;
o próprio tempo entornado,
por enchê-lo de alegrias
sem saber descobriu como
guardá-lo enquanto o perdia ...
Que não teve? E quando ao vento
a janela estremecia,
não ter nem quem lhe dissesse
se era noite ou se era dia,
e por quê tão bem coberta
a carne tinha tão fria.

Roçar de sedas na sala
ou morcegos que fugiam?
Nem bem paravam os sinos
de tocar a ave-maria,
um murmúrio – e que murmúrio!

nada estranho, todavia –
vinha da sala contígua
e era tudo que se ouvia.
As três irmãs – ai, falavam
da febre que a consumia,
e falavam – ai, falavam,
sem mostrar melancolia,
que naquela mesma noite,
bem antes que um outro dia
raiasse aos dobres dos sinos,
por certo que morreria.

E as jóias que eram só dela
e foram de doze tias
num murmúrio – e que murmúrio!
(era tudo que se ouvia)
entre brigas e artimanhas
as três irmãs repartiam ...
Pois antes que amanhecesse
por certo que morreria.

Então o vento da tarde,
nunca mais o escutaria
soprar da infância ao trazer-lhe,
num suspiro, a ave-maria?
Então seu noivo (oh, que ele era
um nobre da monarquia),
que para dali levá-la
em poucos meses viria,
ao chegar, para consolo,
com outra irmã casaria?
Então seu corpo ainda fresco
e que em febre agora ardia,
e seus seios e seu ventre,
ninguém jamais tocaria?
E as vontades? E as saudades?
E as cismas? E as regalias?
E as jóias em seus guardados,
que ela herdou de doze tias?

Mais ventava, e mais ao vento
a janela estremecia,
quando, erguendo as formas trêmulas
do corpo que em febre ardia,
caminhou, qual se sonhasse,
a mais moça das Marias.
Vestiu-se, espumas de rendas,
como em breve casaria,
em gestos brancos de fada
apanhou tudo o que havia
na sua caixa de jóias
e desceu a escadaria.
Mas que mais estranha força!
Que mais estranha energia!
Quem diria que pudesse,
sozinha, a quarta Maria
cavar a cova que em pouco
no quintal funda se abria?
Ventava, e na asa do vento
iam-se os restos do dia,
e tudo, qual dentro dela,
num suspiro escurecia.
Logo as estrelas, qual jóias
feitas de altura, surgiam.
e as jóias que eram só dela
e foram de doze tias
cobriam-se, ao mesmo tempo,
debaixo da terra fria.

E naquela mesma noite,
muito antes que um outro dia
raiasse aos dobres dos sinos,
na treva além da que abria
em volta dela o caminho
das jóias que o céu cobriam,
mergulhou qual se sonhasse,
a mais moça das Marias.

Ao silêncio envolto em vento
a janela estremecia.

A MOÇA DE GOIATUBA

Em Goiatuba
tem uma moça.
Que coração grande
ela tem.

A moça de lá
é só chamar vem.

José Godoy Garcia

Mal rompeu o dia – a moça
foi levar café com leite
para o filho do patrão.
Sentada à beira da cama,
como fez sempre, esperava,
como fez sempre, que o moço
lhe reclamasse mais pão.
Mas o moço não queria
nem pão nem café com leite.
Queria – e com que paixão
dentro dos olhos! – queria-lhe
os peitinhos em botão.
Daí o moço pediu-lhe
que se deitasse com ele
um pouco ... que assim veria
como era bom o colchão.
Mas a moça riu e disse
que não tinha precisão.
pois era dia, e de noite
já tinha dormido um tantão.
Daí o moço pediu-lhe
que ela tirasse o vestido,
depois a combinação,
depois deitasse na cama,
que era bem quente o colchão.
Mas a moça riu e disse
não estar com frio não,

que o vestido que vestia,
tirar não podia não,
que a patroa foi quem disse
que devia ter vergonha
e cobrir-se com vestido,
calcinha e combinação ...
E se foi, deixando o moço
a se torcer de paixão.

E quando foram chamá-lo,
o moço tinha dormido
e não acordou mais não.

No outro dia, antes do enterro,
mal rompeu o dia – a moça
foi colher flores no mato
para enfeitar o caixão.
e a cada flor que apanhava
dizia à Virgem Maria,
ao seu bentinho e a São João
que tantas flores bonitas
o moço ao céu levaria,
mas a troco do perdão.
Pois uma das quatro velhas
que deram banho no morto,
disse que viu nos seus olhos,
quando os fecharam, o Sujo
a dançar com danação.
E a cada flor, uma lágrima
descia pelo seu rosto,
que morrer assim tão moço
como o filho do patrão
e ainda ter de curtir penas
era mais que judiação.

Enquanto apanhava flores
encontrou o pai do moço,
que também a buscar flores
foi colher consolação.
A moça, como fez sempre,

ao vê-lo estendeu a mão.
para assim, como fez sempre,
tomar bênção do patrão.
Ele tinha havia tempo
a mocinha em sua casa,
mas só agora é que dava
com seus seios em botão.
Sem largar a mão da moça
lhe pediu que ela tirasse
seu vestido de chitão,
que depois ia lhe dar
muitos de seda e sapatos
mais bonitos que os das outras
moças de todo o sertão.
Mas a moça riu e disse
que não tinha precisão.
que era até muito bonito
seu vestido de chitão.
Sem largar a mão da moça
o patrão lhe suplicava
que ela tirasse o vestido,
depois a combinação,
depois a calça, e depois
deitasse nua no chão.
Mas a moça riu e disse
que o vestido que vestia
tirar não podia não,
que a patroa foi quem disse
que devia ter vergonha
e cobrir-se com vestido,
calcinha e combinação ...
E daí se foi, deixando-o
a se torcer de paixão.

E quando foram buscá-lo
mais tarde, estava dormindo
e não acordou mais não.

"Que coisa, gente! Que coisa!
Mais parece mangação ...
De primeiro morre o filho,
depois vai, morre o patrão
de tanto pedir a gente
o que não posso dar não.
A gente quer ter vergonha,
a gente quer ter razão
e bota o vestido novo
feito para a procissão
- os homens mandam tirar,
me mandam deitar no chão.
Esses trens são mesmo uns bobos!
Chega dói no coração.
Mas não quero que eles morram,
'tadinhos! - como o patrão.
Vou fazer tudo o que pedem
na primeira ocasião."

E como as fontes que a todos
de beber sempre lhes dão
e como as plantas que os frutos
dão como consolação
e como o céu que as estrelas
dá a toda escuridão,
a moça de Goiatuba
se dava como se davam
ao sol as ervas do chão.

E os caixeiros-viajantes
e o vigário e o sacristão
e o revoltoso de trinta
e o promotor e o escrivão
e o juiz e o médico e os loucos
e o boiadeiro e o peão
e os polícias e os meninos
e o dia todo e de noite
não parava a procissão.

Era só chamar – e vinha
como se dar o seu corpo
fosse a sua religião ...

Uma vez mal se deitava
no quintal, atrás da cerca
de moita de são-caetano,
com um peão de boiadeiro
das bandas de Catalão,
sentiu uma dor doída
que lhe subia do ventre
para o peito e o coração.

Foi andando e entrou na igreja,
pois sabia que as doenças
tão feias como era a sua
não saram, mas Deus as tira
a troco de uma oração.
Ao ver que Deus era um homem
foi levantando o vestido,
mas Cristo não a quis não.
Dor tão grande que sofria
seu corpinho tamanino
nu bem no meio da igreja
como em terna adoração!
Dor tão grande! Ela só via
o Cristo, que nem os homens,
a se torcer de paixão,
e largando o crucifixo
lhe pedir, que nem os homens,
que ela deitasse no chão.

E como as fontes que à terra
as águas da terra dão
e como as plantas que os frutos
dão a quem estende a mão
e como o céu que em estrelas
se dá de noite ao sertão,
a moça de Goiatuba
deitou ... em pouco dormia

- e não acordou mais não.

TERESA BICUDA

O fogo na serra
- quem foi que atiçou?

De onde é que ela veio
ninguém me contou.
Ela era tão negra
que o sol se apagou
ao vê-la, e em seus olhos
nem brilho deixou.
Mais suja que o brejo,
mais feia que a dor,
uma vez banhava-se:
o corgo secou.
Foi-se ver no espelho:
o espelho quebrou.
Seus beiços caíram
- assim, meu sinhô!
Caíram no queixo,
- assim, meu sinhô!
bico de tucano,
- assim, meu sinhô!
Teresa bicuda
(que assim se chamou)
não quis nos seus dias
que o tempo afundou
entrar numa igreja,
e nunca rezou
ou deu a quem fosse
um pouco de amor.
Das mães dos meninos
ela era o pavor,
pois quantos olhara
a vida os gorou.
Tanto mau-olhado

nas moças deitou
que por muito tempo
nenhuma casou.
Dizem que entre cobras
foi que ela morou.
Bebia veneno,
depois ia pôr
o cuspe nas plantas
e nos pés de flor,
até que o terreiro
da casa crestou.
Por onde passava,
por onde passou,
de muitos pecados
ficava o fedor ...
De quê que morreu
ninguém me contou.
Morreu madrugada,
- assim, meu sinhô!
não quis ver o padre,
- assim, meu sinhô!
e rogava pragas ...
- Assim, meu sinhô!
E foi, no outro dia
o povo pegou
enterrou-a como
quem a Deus rezou
no largo da igreja
de Nosso Senhor.
Teresa Bicuda
(que assim se chamou)
três noites seguidas
de noite gritou
a pedir ao povo
que ali a enterrou
para retirá-la
do túmulo e pôr
bem longe da igreja
de Nosso Senhor.

Depois de três noites
de insônia e terror
o povo, tremendo,
da cova a tirou
e então lá na serra
de novo a enterrou.

O fogo na serra
- quem foi que apagou?

ABECÊ DO GARIMPEIRO

Ah, vida! Ah, vida sem graça!
Não ter terras, nem dinheiro.
Não ter mais, por mais que faça,
que trabalho o dia inteiro.

Bem sei que o céu que o céu cobre
é dos que aqui não têm sorte.
Mas coisa triste é ser pobre,
e pobre esperar a morte.

Cuidar, cuidei de ser rico,
mas feito um burro-de-carga.
Dor de lembrar ... Até fico
como a beber água amarga.

Do acender do dia à noite,
fosse chuva, ou sol, ou vento,
era a canseira, era o aloite
por pouco mais que o sustento.

E fui pensar que era fácil
morar no meu próprio ninho,
com mulher que me cuidasse
e – quem sabe? – um pançudinho.

Flor do sertão ... Quem queria
por achar mais do meu gosto,
casei com ela num dia
cinzento do mês de agosto.

Ganhei – mas quê? Nem dois anos
passaram ... e há quem suporte?
Ah, vida! Ah, carga de enganos!
Vida mais dura que a morte.

Homem ter sonhos – e vê-los
rolarem todos na areia;
depois, queixas e atropelos
de mulher que ficou feia ...

Isso não, que eu tinha peito
e era bamba no gatilho.
Quem vive mal dá um jeito.
Ah! deixei mulher e filho.

Já no ombro as coisas que eu tinha
(e era pouco mais que nada)
assim como uma andorinha
saí, saí pela estrada.

Léguas e léguas de mundo ...
e sempre a lâmpada acesa
no meu peito, bem no fundo
dos suspiros por riqueza.

Mãos que escavam esperanças.
A quem apenas a pisa
que dá a terra? Ah, lembranças!
Ah, garimpos de Balisa!

Noites sem sono, em que abertos
meus olhos a cada instante
viam brilhar, sempre perto,
uma pedra de diamante.

Os sonhos entre cascalhos.
O revolver de mil nadas
na terra – em que ânsia de galhos!
E a dor das buscas baldadas.

Pobre de mim! Não ter onde
mais ir atrás do que ofusca
mesmo o sol, e mais se esconde
se mais queima quem o busca.

Quantas vezes vi brilhando
no chão a pedra que ardia
no meu peito! – E eis senão quando
um raio (e de onde?) fugia.

Raios de espera e de fogo
que vão e vêm feito o vento,
qual milhões de caga-fogos
no escuro do pensamento.

Sempre a querer, sempre a sede
de que me desse o garimpo
ao corpo – a vida na rede,
e à alma – o céu sempre limpo.

Talvez, se não desistisse ...
Talvez com mais alguns meses ...
Talvez a sorte sorrisse.
Talvez ... e quantos talvezes!

Último sol que se deita ...
Último sonho de lava
queimando o chão, que a maleita
em febre já me acabava.

Voltar ... Mas, ir para casa?
Ah, não, que tinha vergonha.
Ah, vida, por que pões asa
no sonho e não em quem sonha?

Xadrez nem nada me prende.
Sem destino o mundo corro.
Mas um fogo em mim se acende,
e a buscá-lo sei que morro.

Zanzar assim sem ter onde.
Morrer – e nem sepultura.
E a sorte, como se esconde
se dá sonho ao que a procura.

O ***til*** é letra esquecida,
mas o ***não*** ela é que cobre.
E de ***nãos*** se cobre a vida
de quem sonha e nasceu pobre.

ABECÊ DOS BOIADEIROS

Acolhe a serra entre os lábios
o que o céu colore e abrasa.
Um tropel rola dos longes,
aproxima-se da casa,
e o chão despede em poeira
muitas ânsias de ter asa.

Berrante – quanta amargura!
(Que perdeu? O que reclama?)
Como a chorar já sem lágrimas
nas quebradas se derrama ...
A serra engole, de um trago,
natas de cinzas e flamas.

Chega a noite. Os brejos cantam.
O escuro faz tudo em nada.
Os golpes de mil galopes
cessam – e gritam da estrada:
- Ô de casa! abra a porteira,
que já ê-vem a boiada.

Disparar de bois que avançam
contra o curral já aberto,
na fúria das trovoadas
que pisam o céu deserto.
Mas logo calam-se os cascos.
Tudo é silêncio por perto.

Eis o fogo ... eis que a fogueira
acende o escuro e a quietude.
Em volta seis sombras falam.
Choram seis mágoas no açude.
E eis que crepitam lembranças
e sobem na fala rude.

- ***F***oi minha culpa, foi culpa
de ter deixado o meu povo.
Já me cansava da vida
em casa, e um dia resolvo
bater pernas, correr mundo,
atrás do que fosse novo.

Gastando tudo o que tinha
dois anos vivi à-toa,
sem pensar em coisa alguma
que não fosse coisa boa ...
Mas, não sei como, uma noite
no escuro um grito ressoa.

Hora amarga! Nem sei como
à casa fui tão ligeiro.
Toda ao chão ... Meus pais e irmãos
enterrei-os no terreiro.
Sem ninguém, sem ter mais nada,
me ajustei de boiadeiro.

- ***I***nda agora me alembrava
de quando era um rapagote
Instrução nunca me deram.
De amores eu tinha um lote.
Mais que de tudo gostava
de lidar com um bom garrote.

Já nem sei se me arrependo,
se me dá tristeza e dor
lembrar o dia em que disse
a meu patrão: - meu senhor,
quando for tirar boiada
quero ser seu laçador.

Levar a vida que levo.
Nunca ter onde parar.
Sempre a ir, uma só mágoa
me espera em cada lugar:
daí eu vou pra adiante,
daí não posso voltar.

- ***M***e alembro: as terras lá longe ...
lá perto de Mato Grosso.
Era o bamba nos pagodes.
Montado, eu era um colosso.
Me alembro: as moças gostavam.
Ah, meu tempo de mais moço!

Não fosse bolir, não fosse,
com uma dona até que feia.
Por cismar com seus galeios,
minha vida – esperdicei-a.
Sangrei o cujo, mas outro
era eu depois da cadeia.

- ***O*** meu caso? De tão triste,
eu nem não vou contar não
Ah! talvez se alguém me ouvisse
menor seria a aflição.
Mas quem não ri quando escuta
histórias de ingratidão?

Parece até que é pecado
gostar de quem não nos queira.
Seria ela ou a fazenda?
Ao fim de muita canseira
da fazenda eu fiz um brinco
... e me quis a fazendeira?

- ***Q***uando fico a cismar coisas
é porque não tem mais jeito.
Também cresci feito os moços
que têm o mundo no peito.
Agora a vida lembrada
lembra um mel que não foi feito.

Razão forçosa, isso tenho
de clamar por todo canto.
Onde vou, está a moça
que, vai ver, botou quebranto
em mim, me deixando mole
como casca de pau-santo.

Sei lá porque fui deixá-la,
se era dela que eu gostava?
Voltei ... Voltando meu peito
ia que nem vaca brava.
Mas no mesmo dia a moça
com um pau-rodado casava.

- ***T***ambém se penso na vida
logo me sinto logrado.
Não tinha nem vinte anos,
fui no exército alistado.
Por dois anos roí osso.
Dura sorte, a do soldado.

Um dia volto homem feito.
Já não encontro meus pais.
Sem eles, sem uma ajuda,
eu vim por esses gerais.
Agora toco boiada.
Já nem sei se volto mais.

Vai-se fazendo a fogueira
em cinzas e despedidas.
De um aboio sobe aos ventos
a mágoa de seis feridas,
até que o sono despeje
o esquecimento em seis vidas.

Xô-xô galinhas! o milho ...
Vacas põem mudos os galos.
Mais alta, a voz do berrante
do sono vai arrancá-los,
aos boiadeiros, que mudos
arreiam os seus cavalos.

Zona tão triste, a que a serra
empresta o sono de idades ...
A boiada come aos poucos
longes de azul e alvaiade.
Sobe poeira e o berrante
sopra ao ar mais seis saudades.

MEMORIAL DO ERRANTE

(1950 / 1955)

A

Aníbal M. Machado,

Antonio Pedro Martins Rodrigues

e

Aurélio Buarque de Holanda

INSCRIÇÃO

Roam, ratos da vida, roam, roam-me
o coração e o seu poder de entrega.

Um pouco será meu – e esse pedaço
faz de mim um pastor de ovelhas surdas.

É tempo de falar ... Entre montanhas
me responde meu eco, e me transvio.

É minha a voz. Nela palpitam pássaros
frustrados nos desvãos de torres mortas.

Se em mim se exila um rei que sonha um trono,
rolem, pedras da altura, rolem, rolem.

Um mar em conchas muitas, tenho o ouvido
desses índios que ao chão escutam longe.

Um cruzador que vem de entre ilhas rubras
fere o cristal de vagas represadas.

Cavalguem-me, cavalguem-me, almas áridas.
Em pouco lhes darei água da fonte.

Ah, beberemos, juntos, numa copa
que outra aurora a chegar há de ofertar-nos.

Nas árvores ao sol escolho um tronco,
gravo um nome e por baixo:

Eu te amo, ó vida!

AUTO-RETRATO

A maneira de andar
como quem busca
estrelas pelo chão.

A cabeça a dar contra os muros.
Em cada olho, o mundo como um punhal
- cravado.

O pensamento a abrir estradas
numa várzea distante.
Os ângulos do sonho formando orlas
povoadas de fêmeas
que a meu encontro viriam
do outro lado, em lânguidas posturas.
Diante do mar, a sede, a sede
de beber a vida em infinitas viagens.
As garras de gato ante paredes impostas.
A impaciência de que chegue a manhã e a praia,
a tarde e o amor.

A maneira de andar
como a fugir dos homens
- e tê-los contra o peito.
O pensamento a atirar pedras
contra as vidraças
que guardam os produtores frios
de injustiças.

O coração que bate
ao som de fábulas.
Que bate
contra rochedos mortos
numa praia de cinza
onde palpita o primeiro amor.

coração eterno.
O amor eterno
que bate.

A alegria! A alegria!
Íntima, espantada de si mesma, gloriosa
como palmas a se abrirem aos quatro ventos,
a alegria de sentir-me vivo, a alegria
de bicho do mato, criança, dominada,
eterna.

OFERENDA

Altíssimas estrelas,
guardai nosso destino
em ânforas de febre.
Ah, ser e estar na terra
e ter que ser e ter
que estar entre horizontes
preso a essas raízes,
qual se não nos bastara
colher no lodo flores
que sonham o alto e o orgulho
de altíssimas estrelas.
Não somos senão homens,
mas de nós algo sobe
em delírio e vertigem
e volta com centelhas
de sóis que jamais vemos.
E ser e estar na terra!
As emoções roubadas
vão fugindo com as nuvens
e há feras que mastigam
a beleza esmagada.
O espaço que nos sobra
é o que mais nos oprime.
E a infância? – Meigo arco-íris
partindo de meu peito
vai descer sobre as águas
de um rio que se forma
da lembrança de um rio.
De meu, que tenho a dar-vos?
No princípio era o verbo
e o verbo se fez carne
e a carne se fez caos
e o caos já se faz forma.
Ah, névoa enfim rendida!
Olhai, se vos perdestes
do farol da esperança –
olhai o cais da vida.

Eis o porto sonhado
que não é meu (é nosso)
e é quanto pode dar-vos
um bicho vil da terra
a refletir-se na alma
de altíssimas estrelas.

SONETOS DE MEDITAÇÃO

À memória de Jones Rocha

I

Várzea invisível seja o pão dos tristes.
É seco o oásis ... Companheiros, sonhem.
Nosso destino é um só; sobre estes sítios
não deixaremos mais que rastos de homens.
Aqui, à sombra de árvores da Queda,
o rumo foi traçado pelos monstros
que antes foram, notai, servos diletos
de reis sem coração mas fulvos tronos.
Que ouro guardei num cofre aberto ao fundo!
E o que é meu? O que é meu? ... Umbrais acesos
mostram, nas extensões da vida, a suma
de quanto por amar lancei aos deuses.
        O rumo foi traçado entre dois pântanos.
        Sangram-nos pedras ... Companheiros, cantem.

II

Que terras! Que aflições! – E a alma perdura.
São seus esses caminhos pobres, entre
árvores despojadas de seus frutos
e a cujas sombras solidões se estendem.
Que desolados céus! – Nuvens e abutres.
Nossos passos, de vez em vez mais lentos,
pisam seus próprios rastos e assim buscam
pomos que já tivemos entre os dentes.
Que há de valer voar, beber alturas,

se as águas vão da terra e o oceano freme
de azul a azul e joga à praia angústias?
Ah, terras e aflições! – Que nos sustenta?
Levitados no amor e entanto músculos,
onde formos é a dor que encanta a bússola.

III

Se vem a noite e o seu gerar de encantos,
posso inventar penínsulas e mares,
pisar ilhas ao sul entre ondas mansas,
mas pouco ainda terei nas mãos de barro.
Há de estar Deus por entre as sombras ... Digam-me
como estender-Lhe as mãos e olhar o absurdo.
Assim fraco e mortal, para que eu siga
força é acostar-me à cal de humanos muros.
É noite e se desfaz toda a beleza
do que eu amara em formas feitas humo.
Para que a sinta em mim vai a alma acesa
arrancar minha vida dos seus túmulos.
E os sítios que habitei e mais os outros
que sonhei habitar, voltam com a noite.

CONTRIÇÃO

Como não tinha amor, não guardei o rebanho
para bem tarde ver que era eu o desgarrado.

Como não tinha amor, descuidei-me das flores
e é meu peito, é meu peito o jardim em ruína.

Como não tinha amor, não dei quando me davam
e este é o meu coração: a aridez de um deserto.

Como não tinha amor, fugi à voz do sonho
e a máquina de Deus mói o cristal da vida.

RESGATE

Que pode dar-vos, príncipes guapos,
quem não tem nada do que pensais?
Falam meus olhos de uma alma em trapos.
Minha alegria, que pode mais?
Vede se canto: choram raízes
adormecidas em cicatrizes ...
Que hei de dizer-vos, ó suseranos,
que não estrague vossas noitadas?
Tudo o que falo volta em pedradas.
Tudo se estorce num mar de enganos.

Se tenho amores? – Que ouçais meu peito.
(Um baque surdo diz sim, diz não.)
Meu reino é outro, não vos aceito,
e a vós me achego. Rogo perdão!
Tenho uma dama: tendes os tronos
e cães de guarda nos vossos sonos.
Tenho uma dama que é filha vossa;
tendes as chaves de alta morada.
De meu só trago braças de nada
e um querer louco ... Querê-la eu possa.

CONVITE

Agora que o campo é de areia
pisemos de modo que os rastos
não nos mostrem como voltarmos.

E vamos ao mar, que derrama
sobre nós seu licor de pérola
e em mim todo um fervor de espumas.

Sei de ilhas contidas em conchas.
A elas pediremos repouso
quando a noite trouxer lembranças.

Segue-me ... e para trás deixemos
pais e irmãos, esposos e filhos,
e os cinzas gradis que nos guardam.

Depois de ao mar nos atirarmos,
qual seja o rumo a que nos leve
há de ter fim no que buscamos.

RONDÓ DE PORTO ALEGRE

No te pongas melancólico,
amigo. Voemos sorrindo.
Quem nos deu a melhor arte
não deu o mal de quem parte
como prêmio por ter vindo.
Ao ar! Ao ar! – Evaporam-se
as lembranças, formas de éter,
e entre as nuvens onde estamos
nossas almas, em suéter,
se nutrem do que deixamos.

No te pongas melancólico,
Se por seis dias dormiste
no que fora alegre porto,
não seja agora um sol morto
que acorde em ti quem foi triste.
Se em águas sem sal nem lágrimas
aportaste em noites frias,
não sentes já que não mais
hão de secar, se as bebias
em meio a ventos carnais?

No te pongas melancólico,
meu velho. Se já não clamam
anos mais anos de sede
prostrados junto à parede
da fonte aberta aos que amam,
seja o amor tapete mágico
a levar-te entre dois braços,
já que preso te libertas,
e é mais alto que os espaços
o teu mundo em descobertas.

CINCO SONETOS DE OLINDA

A Lúcia Dantas

I

Quando na praia imersa em luz termina
a inquietação de mares prisioneiros,
com três rosas na mão subo a colina
e são a brisa e o amor meus companheiros.

Tesouros que arranquei da eterna mina
da beleza – que os possa dar inteiros
a quem borda um jardim que me destina,
e espera-me, infinita, entre coqueiros.

Igrejas, casarões ... onde lembranças
de era flamenga voejam pedregosas
e tombam num tombar de paina, mansas.

Batem de novo à praia ondas raivosas,
mas dou por mim numa ilha de bonanças
e nesse oásis plantam-se as três rosas.

II

Recolham-me os teus reinos, prometida.
Antes de vir sentar-me à tua porta
cruzei touças de dor, dando por morta
a vida que por mim fora esculpida.

Se o amor semeia o chão que ainda suporta
as paredes mortais de minha vida.
possas dar-me a beber da água pedida
por quanto resta em mim de uma alma torta.

E possas também dar-me, em meio a escombros
do mundo que por meu pesa-me aos ombros
ao coração o azul de novos trajos.

Pois se o destino é outro em minha palma,
veio sentar-se à tua porta uma alma
que se cobre de pérolas e andrajos.

III

Eis, sobre a torre, a delicada estrela
onde o hálito de Deus em luz perdura.
Se me é dada entre as mãos gema tão pura,
tua presença – eu possa então contê-la.

Altas aves do amor sustêm na altura
tudo o que há de magia numa estrela.
Tua presença – possa então sustê-la
a alma que em mim são aves de ternura.

Tens a força da luz, e tens da rosa
o segredo de erguer-se em glória e encanto
para roubar ao céu sopro divino.

E assim se vais, andante e majestosa,
ao piano acordar deuses em pranto,
desce da altura um rio, cristalino.

IV

Mar de palpitações onde navego
desde que a meu cismar se dera um dia
e seus fardos de azul e de poesia
pesam na voz que a meus silêncios nego

por tê-la dado a um pássaro e por cego
não ter visto que o pássaro morria
sem que antes lhe gravasse a melodia
nesta concha interior que em mim carrego

e enche-me o coração de igual tumulto
ao desse esbravejar de um deus sepulto
a erguer-se em ondas e a despedaçar-se

para mais belo erguer-se novamente
como alguém que pudesse a um sonho ardente
liberto se sentir no próprio cárcere.

V

Falam por mim as nuvens em pelejas.
Falam por mim os pássaros e o vento.
Falam por mim presenças benfazejas
que vão cobrir o mar do mar que invento.

São coqueirais, são praias, são igrejas,
e, mais que tudo, a voz de um sentimento
tão mudo e a te falar, para que estejas
comigo no que ao ver sinto que invento.

Com meu amor te entrego o meu destino.
Com meu destino, os sonhos que um poeta
pastoreia nos páramos que invento.

Vamos subir às landes que imagino.
Vamos viver ... que a vida é mais completa
quando bebe no azul do céu que invento.

A EMPAREDADA DA RUA NOVA

A Fausto Cunha

Mortal madrugada.
Silêncio em Recife.
Na sombra do quarto
meu primo comigo.
Eu dava-lhe o favo
de quentes carícias.
Almas enroladas
e corpos unidos,
quanto mais se dando
mais a se pedirem.
De súbito – estranho! –
senti sermos vistos
através da geada
e da gelosia.

Era fria a madrugada.
Mortal silêncio em Recife.
Da janela do seu quarto
aproximou-se o marido.
No escuro tinham seus olhos
a força de olhos de um tigre.
Viam por trás da parede
e por trás da gelosia
... E na sombra do seu quarto
duas sombras se mexiam ...

Que por seus membros cravassem
espetos em brasa viva
e lhe abrissem pelo corpo
as sete chagas de Cristo
- que era nada ao pé do inferno
que em seu peito se acendia.

Por mais que ao chão se arrojasse
e contra o chão investisse
com mãos e dedos arqueados
e os cabelos como espinhos,
mais via dentro do quarto
as sombras que se mexiam
e o ranger fofo da cama
navalhava-lhe os ouvidos.

Descesse a estrela da morte
de altas geleiras do olvido.
Sobre as negras correntezas
descesse em lôbrego brilho,
sua alma e corpo afogando
no negro Capibaribe –
que onde ele fosse, seus olhos,
mesmo que nada mais vissem,
veriam na mortal sombra
as sombras que se mexiam.
E aquele ranger de cama
e de entrega entre suspiros,
na morte ou além da morte,
onde estivesse, o ouviria.

Oh, desde criança
te querer, meu primo,
e ter de implorar-te
a ficar comigo.
Na noite do quarto
deixar-me sozinha,
vai ver que cansado
de minhas carícias.
E mais, ouvir passos
em hora tardia
de alguém que pisava
com a força de um tigre
e à porta do quarto
parou – ó suplício!

(Talvez que na sua ausência
sozinha sempre dormisse.
E as duas sombras mexendo-se
talvez não houvesse visto.
Sonhava, talvez sonhasse
ao ver um vulto que se ia,
quando a noite foi cortada
de galopes e relinchos.)
Como a vir de um pesadelo
abriu a porta, e ao abri-la,
ela, qual pomba espantada,
em si mesma se encolhia.
- Meu Deus! estarei sonhando?
Vossa Mercê, meu marido?
Não foi por duas semanas
que ontem à tarde partia,
com promessa de presentes
para mim e nossos filhos?
Oh, não me olhe desse jeito!
Por Deus, senhor meu marido!

Era um corpo de criança
sob a alvura da camisa.
Com olhos de fogo e de ódio
vendo-a podia o marido
ver-lhe no busto e nos braços
do amar os roxos vestígios.
Era um corpo de criança
úmido de outras salivas.
Ah, pensar que dera a outro
suas mais quentes carícias!

Modos mais estranhos,
os de meu marido.
Desfazer em trapos
a minha camisa.
Como um cão danado
lamber-me a barriga,
molhando-me em babas,
com doidos gemidos.
As unhas crispadas
meu corpo ferindo.
Até que eu gostava
e dor não sentia ...
Deixou-me no quarto
também meu marido.
Mas quente era a cama
e em breve eu dormia.

Era fria a madrugada.
Mortal silêncio em Recife.
Só o ruído dos tijolos
e do barro que os unia.
Em pouco, em vez da janela,
uma parede era erguida.
E em frente à surda parede
ajoelhava-se o marido:
- Perdão, amor, mas eu te amo
com todo o amor que maldigo.
Ai, fiz para contentar-te,
mulher, o que era preciso.
Comprei engenhos e escravos
e o que mais pode o prestígio.
Te dei jóias e carruagem
e os mais bonitos vestidos ...
Por mercê do que eu te fora,
me puseste um par de chifres
fincando fundo em meu peito
esta dor que nem Deus tira.

Ah, pensar que deste a outro
tuas mais quentes carícias!
Ah, pensar que deste a outro
tuas mais quentes carícias!

Era fria a madrugada.
Mortal silêncio em Recife.
Só o ruído dos tijolos
e do barro que os unia.
Em pouco, em vez da porta,
outra parede era erguida.

Minha carne unhada.
Meu corpo, um suplício.
Já o ar me faltando.
E um terror. E um frio.
Chamava em voz alta.
Ninguém respondia.
Onde meus escravos?
Onde meu marido?
E a porta do quarto,
por que não se abria?
E a janela dando
no escuro terrível.
Mortal madrugada.
Daqui, quem me tira?
Ter sempre esta alma
num quarto, maldita.
De que sou culpada?
Pois quem eu queria
antes de casar-me
foi sempre meu primo.
Por que me casaram?
Ó noite! Ó martírio!

ROMANCE DE ITAPOÃ

Quem vai pela estrada
que vai junto ao mar
verá que ainda existe
o velho solar.

Solar de outros tempos
- lá viveu Guiomar.

Já se ouve das conchas
o que lhes contar
vêm a voz da noite
nas águas do mar
e os amantes mortos
que vagueiam no ar.

- Ó conchas, dizei-nos
que par era o par
entrando na igreja
para se casar?

- Foi um senhor nobre
daqui do lugar.
E a moça de encanto
assim singular,
a afogar-se em rendas
de um branco lunar,
não veio das nuvens
e nem de além-mar.
Eu vos digo: era ela
a bela Guiomar.

Não se vira nunca
um mais puro olhar
do que o dela quando
chegava ao altar.
E por muito tempo

não se ouviu contar
que houvesse entre os homens
outro similar
a mostrar no porte
força de um jaguar
e que assim tivesse
majestades no ar,
como era o marido
da bela Guiomar.

- Contai-nos, ó conchas,
se podeis contar,
se muito viveram
no seu novo lar.

- Muitas são as coisas
que pode contar
quem tem por ofício
repetir um mar
a dar contra a terra
mas sem a alcançar.
Um senhor tão forte,
porte de jaguar,
quando veio a noite
sobre o novo lar,
tentou várias vezes,
sem poder amar
a esposa em seus braços,
a bela Guiomar.
A moça enrolava-se
num silêncio alvar.
Alto, o céu se ria
num riso estelar.

Muito cedo a moça,
sem nenhum pesar,
notou o marido
a cama deixar,
e ir como se fosse
para não voltar.

- Dizei-nos, ó conchas,
onde foi parar
depois o marido
da bela Guiomar.

- Ninguém nunca soube,
nem se ouviu contar.
Deixou a Bahia
sem que terra ou mar
mostrasse num rasto
o que pôde o azar
dentre os rumos tantos
um rumo lhe dar.

- Ó conchas, ó conchas,
e a bela Guiomar?

- Indiscretas fomos
por assim gravar
em nós toda a história
da bela Guiomar.
Muito ela esperara,
sem jamais voltar
quem, dando-lhe o nome,
a fortuna e o lar,
por mais que a abraçasse
não a pôde amar.
Depois de algum tempo
passou a habitar
atrás das paredes
de um velho solar.
Passava o seu tempo
de vida exemplar
nas lidas da casa
ou pelo pomar.
Ou senão tecia
num pequeno tear
panos que bordava
com as cores do mar
para nas igrejas

cobrirem o altar.
Mas o que teria
de feio ou vulgar?
Por que seu marido
não a pôde amar?
E por que se fora,
sem jamais voltar?
O que teria ela
de feio ou vulgar?
Uma vez, na estrada
que vai junto ao mar,
ela viu um moço
de garboso andar.
Chamou-o, e lá dentro
lhe deu a tomar
do vinho guardado
num armário-bar.
À noite lhe dera
o que pode dar
alguém a dar água
às sedes de amar.
O céu já voltava
do sono estelar
quando ela com os braços
em quente colar
o garboso moço
pôde estrangular
e com suas forças
arrastá-lo ao mar.
E por muitos anos
se ali, por azar,
passasse algum moço
de garboso andar,
ninguém o mistério
saberia explicar
- pois vinham a achá-lo
no mesmo lugar
onde muitos outros
morreram no mar.

Quem nos dias de hoje
por ali passar,
verá que ainda existe
o velho solar.

CANÇÃO DO *PONT NEUF*

Como a juntar meus próprios ossos
debrucei-me sobre lembranças
que acreditava em frias poças
mas nunca em águas assim mansas
nem neste rio longe e próximo.

É tão bom quedar-me em tais margens
junto de águas que nunca bebo,
onde por muito contemplar-se
o céu da tarde ficou bêbado
e entortaram-se aquelas árvores.

Meu Sena amigo, tantas vezes
parei neste cais dolorido,
que uma possível correnteza
levará em meio a detritos,
toda minha alma pelo avesso.

Perguntas, silêncios e fomes
- tudo te trago qual um filho.
E algo de mim se desmorona
aqui nestas bordas tranqüilas,
pois *ci-gît mon coeur vagabond*

Barcos de solidões flutuam
sobre tuas noites – e afogas
louros fantasmas de uma lua
mais longínqua, mais melancólica,
mais de outro mundo do que a Lua.

De ti me abeiro, e me dissolvo,
mas nunca me sinto sozinho.
Os que têm ouvido aqui ouvem
palavras que um dia o destino
prendeu a trechos de Beethoven.

Ou são falas de amar que escuto?
Meu rio, de mim o que guardas?
Sei de meu coração sepulto
nalgum ponto de tuas margens,
mas sei que de há muito está mudo.

Em volta a cidade, profunda,
vai pelos dois lados do rio.
Para lá da cidade, o mundo.
Mais para lá, o amor que tive ...
meu rio como eu vagabundo.

BALADA DE *UPMINSTER*

Vá lá, filosofemos.
O tempo foge, mas
a lei que rege extremos
une o eterno e o fugaz.
My darling, quem diria
que te encontrasse um dia?
Nós vamos lado a lado
e anjos bons, do pecado,
me falam de entre os ramos.
É nosso o verde e o prado,
é nosso o que sonhamos.

Se de tudo o que vemos
também eu sinto a paz?
Ora, o alto céu dos demos
outra visão me traz.
Darling, bem que podia ...
Olha: a tarde é tão fria!
Olha o sol encarnado
de Londres, e o sombreado
no jardim onde estamos.
É nosso o azul sitiado,
é nosso o que sonhamos.

Ir aos cumes supremos
onde estou, onde estás,
onde o céu que perdemos
nos engole, voraz.
Darling, não te dizia
que nem tudo é poesia?
Já se funde o passado
sobre o jardim violado
e outra altura alcançamos.
É nosso o além franqueado,
é nosso o que sonhamos.

Oferta

Como o céu nos foi dado,
guardemo-lo malgrado
a alma ter muitos amos.
É nosso o encanto ilhado,
é nosso o que sonhamos.

ODE MEDITERRÂNEA

A Pedro Galery

Que dádiva infinita de ardência e de safira
no manto posto em volta de um deus em oferendas.
Temos à boca o eterno sal da mitologia.
e súbito acordamos, náufragos de outros tempos,
no bojo da epopéia.

As ilhas se desvendam cobertas de doçura.
Muito antes de existirem erramos nos seus campos.
E que paz nemorosa! Nessas ilhas em grutas
taciturnas fiandeiras nosso destino tramam.

MONÓLOGO A BORDO

Meu silêncio a barlavento
singra-te o corpo, estrangeira
(latitudes ... longitudes ...
entre teus pés e os cabelos),
deixa as grades do mar alto
para prostrar-se em teus joelhos.
Ah, que coisas eu diria,
menina, se me entendesses;
se a Babel não se elevasse
do meu anseio a teus seios.
- Já te contaram de um moço
que ouviu canto de sereia?
Pois se pôs a andar em mares
e ouviu (mas era em si mesmo).
Era uma voz que o arrastava
para medonhos rochedos,
onde as ondas, minha filha,
se esbatem sobre caveiras.
Dizem que para salvá-lo
há no mundo uma princesa.
O moço foi pelo mundo ...
E onde o amor cercasse um feudo
ia à castelã rogar-lhe
que aplacasse tais apelos,
jogando a novo destino
seu coração cheio de erros.
Mas por levar sempre às costas
a trouxa de desesperos,
veio alfim perder-se em périplos
atrás de um maiô vermelho.
Saibam todos que é esse moço
quem te guarda ao sol dos deuses.
Pajeia-te e desmilingue-se
sua alma esculpida em cera.
Se um pouco de si lhe sobra,
diz: - "Höre, meine ... princesa" –
enquanto grita por dentro:

- "Nunca vi tanta beleza!"
Pobre Afonso! Pobre Alphonsus!
- chora um mar de espasmo e espelhos.
Pobre de mim! geme o moço.
Se à proa fosses mais ele,
havias de aprender coisas
da fala do brasileiro,
por obra das nuanças várias
do que vem a ser chamego.
Foi do mundéu dos goiases,
de lá que esse moço veio.

MARÍTIMA

Joguei-me contra ondas tão altas
para dar-te uma ilha de rosas,
e só fiz cortar tuas palmas
de outro destino, que era o nosso.

Na areia mais branca, escolhida
de conchas de azuis tessituras,
risquei a vida que teríamos ...
Lambeu-a o mar, indo-se em música.

Bebi-te o corpo como ao cântaro
onde o mar bebe essas falazes
sugestões de embalos e de ânsias,
forma atlântica entre meus braços.

De peixes e brisa, teu hálito
soprava o amor que não dizias.
Te calaste ... Entre nós um pálido
fantasma olhava-nos, se ria.

Fêmea violenta, te arrancaste
de quem mais te dera, o poeta.
No teu encalço ia o fantasma
a esmagar nas mãos uma pétala.

Não te chamei. Frente a ondas trêmulas
eras anjo e gata encolhida.

Não te chamo. Esta alma de sempre
ouve à concha um mar destruído.

PRANTO POR FEDERICO GARCIA LORCA

A Ayla Martins

Não.
Não quero vê-lo!
O olhar muito abarca. A luz
é o vislumbrar de um sonho
a abrir todas as portas.
Da janela da torre escorre
uma cidade.
E para além são campos
ressequidos, são curvas
que sensuais revelam
oliveiras e formas
que ao sol da Espanha roubam
um tórrido destino.
Mas o olhar muito abraça.
Um rio exausto
chorará uma canção
de desterro, que corre
- ensangüentada!
Tão bem sobe às nuvens
essa canção
como se levada
nas asas de uma guitarra.
Não.
Não quero ouvi-la!
O céu se fecha em cinza e disco
e dele desce
outra canção, que é a mesma.
Não! Sei que numa câmara
da memória, onde guardo
profundo diamante,
lá estão essas paisagens
de aspereza e sono,
e sinto que esse canto

ao penetrar-me a alma
consigo mesmo se encontra.
Ó pobres terras, ó terna
Andaluzia, mas que sombra,
que sombra assim se projeta
por tuas extensões,
mais alta que teus campos?
Meu olhar tudo abarca. E tomas,
e és a forma de um corpo, e és
um cadáver que se alonga
a banhar de vida a Espanha!
- assassinada!
Não.
Não quero vê-lo!

ROMANCE DA MALMARIDADA

Ela olha o mundo em silêncio.
Ela olha os campos da noite.
A noite acorda figuras
contidas nos seus contornos.
Ah, que suplício a presença
do marido, lá na alcova!
Seus roncos nela destilam
ódio e amargo em frias gotas.
Ah, mesmo sem poder vê-lo,
sofrer seu sorriso torto,
seus dentes, suas perguntas,
seus olhos, os cílios louros.
Ah, quantas vezes dormira
junto a um corpo assim viscoso!
Ela fecha os dedos e a alma
a esmagar nojentas moscas.
- Ó meu Deus, dai-me coragem
de matá-lo. Ou dai-mo morto.
Dai-me o gostinho de vê-lo
lançado ao fundo de um poço,
de onde não suba nem mesmo
a lembrança de seu corpo.
Ela olha seus pensamentos
a fugirem como sopros
da própria vida estragada
aos vinte anos. Fruta podre.
E lembra: ainda conserva
os seus vestidos de moça.
Ela se veste de branco,
e ao roçar fresco da roupa
sente no peito a leveza
de quem deixa um calabouço.
Ela olha o mundo em silêncio.
Sai pelos campos da noite.

TAMARA

Pelas praias de seu sonho
raios de lua se espalham.
São doces raios de lua.
Quisera nuvens roubá-los.
Jorram dos planos da altura
como leite de alva cabra.
São doces raios de lua
pelo mar não seqüestrados
que se espalham pelo morro
e caem sobre palácios.
Ah, não sabem que há na terra
gente que nunca tem nada.
São doces raios de lua
que em sereníssimo gáudio
pensam na terra seis dias
para ao sétimo olvidá-la.
São doces raios de lua
sobre a casa onde Tamara
dorme no chão de tijolos
com a família num só quarto.
Pela janela entreaberta
entra a lua com seus raios,
expondo aos ventos da terra
o corpo nu de Tamara.
Pela janela entreaberta
o vento que vem da praia
traz-lhe frescas de água e iodo
ao corpo nu de Tamara.
Pela janela entreaberta
entra o sonho com seus raios.
Pela janela entreaberta
sai Tamara e o namorado.
Descem do morro, vão juntos
pela Rua Santa Clara,
até às orlas que bordam
de sonho a areia da praia.
Deitam-se aos raios de lua

que por seu sonho se espalham,
e o vento que vem de longe
chega em suspiros de vagas.
É quando aos suspiros dela
desperta o irmão de Tamara.
- Tamara, por que não dormes?
Por que suspiras tão alto?
Que tens, que teu corpo treme
feito um peixe fora da água?
Minha irmã, não tens vergonha
de dormir assim pelada?
...Mas puxa, mana, que corpo!
Dizer que nunca o notara!
Dois seios assim tão duros
não terá outra mulata.
Tamara, não tremas tanto
eu quero é só apalpá-los.
Mas que boca! Por que tremes?
O que eu quero é só beijá-la.
Ai, Tamara, tens na boca
gostosura de goiaba.
Dizer que é teu esse corpo,
e eu antes nem reparava!
Tamara, não tremas tanto,
eu quero é só apalpá-la.
Um par de coxas como esse
não terá outra mulata.
Tamara, de agora em diante
serás minha namorada.
Vamos morar nós dois juntos,
mas em rua lá de baixo.
Teremos colchão de molas
e janela para o asfalto.

Minha irmã, será que dormes?
Por que suspiras tão alto?
Pentelhos assim macios
não terá outra mulata.
Não tremas tanto, não tremas,
só quero que as pernas abras ...-
Os doces raios de lua
que pela areia se espalham
cobrem na praia do sonho
os dois corpos que enlaçados
vão rolando até a linha
das ondas que se espedaçam.
E o vento que traz de longe
salgados suspiros de água
sopram na praia do sonho
Tamara e seu namorado.
Pela janela entreaberta
entra a lua com seus raios,
a dar aos ventos da terra
o corpo nu de Tamara
e espalhando-se em tristezas
sobre seu ventre violado.

SONETO PARA MITZI

Às margens de águas meigas, numa antiga
formação do estuário da esperança,
em suas mãos deu-me a beber a amiga
da água que a vida agora não alcança.

E trouxe o mar certo jardim de França,
onde encontrara em forma de uma urtiga
a rosa do que em mim há de criança,
sempre a nascer de si por mais que eu siga ...

Do amor, fosse do amor o claro manto
vindo de solidões para na areia
dar às aves da dor sonho e repasto.

Às margens dessas águas deu-se o encanto
... enquanto a vida, a vida fiava a teia
de rastos indo atrás do próprio rasto.

TERCETOS DE LENINGRADO

Brisa do Báltico, um soprar de enlevos.
A doçura de pombos em meu ombro
Vibrai, ó álamos de irreais canteiros!

Trinta anos vão de mim cobrir de escombros
sentimentos que dei, mas sem destino,
e estas sombras no chão são minha sombra.

São trinta solidões numa campina,
trinta voltas do amor à borda amarga
de um lago que afogou trinta meninos.

Reconheço-me em todos, todos guardam
o jeito meu de olhar a natureza
e pedir um brinquedo ao céu da tarde.

Sempre era a tarde – e fábulas acesas
nas fímbrias das regiões fulvas do ocaso
contavam-me de além, de outras belezas ...

Meu sonho entre currais, meu não ter asas
com que romper as cercas de azuis longes
e ter por mim a bússola dos pássaros.

Depois, a altura e estradas. Tantas pontes
levaram-me a outros lados, a outros reinos,
que hoje às vezes nem sei onde me encontro.

Sementes de meu ser queimam-me, queimam-me
a infância seqüestrada a um céu de exílio
e que o leite da terra ainda sustenta.

À sede contra oceanos juntei ilhas,
e um colar de saudades já se forma,
(este tesouro eu guardo-o como a um filho).

Coqueirais ... litorais ... Qual foi meu norte?
Meu coração repete o mar e clama
por alguém que ficara em vários portos.

Vamos, Afonso. A vida dói, mas vamos.
Descem aves de agouro a teus pomares,
mas se amas te enriquece a dor ... pois vamos!

Brisa do Báltico e de muitos mares
chega-se a ti – trinta anos desmoronam-se.
Ficas nu, estás sós, sentes que és barro.

E que trazes, além desse abandono?
Nada tens entre as mãos? Guias um ego,
mas não sabes onde ir? Feras te domam,

e o coração é o fardo que carregas.
Árvores dão-te os frutos: não alcanças
a altura de um cismar. És cego. És cego!

Brisa do Báltico, os cristais de um manso
sonho arrancado à dor, na manhã russa
plantados fundo como o amor se planta.

Cantam as amplidões, chaminés buscam
as nuvens torpedeadas, falam sopros
meigos como os da brisa, o sol não custa

e seu brilho é um só brilho sobre todos
e em seu brilho um só brilho se reflete.
Já podemos viver, somos já outros.

Ou só agora somos nós. A terra
nos dá de novo a forma que não tínhamos
ou que cedo perdêramos. A terra

abre suas mais entesouradas minas
para que na visão simples de um vale
ou de uma flor, ou mesmo de uma vinha

a estender-se nos campos do passado,
novamente aprendamos a querê-la
qual se fora uma irmã entre ramagens.

Ó praia dos iguais! muitos apelos
de exaustos corações formam as ondas
que buscam teus remansos, sem rochedos.

Nas extensões do amor, enfim os homens
mais fundamente vivem. Soprai, brisas!
Quero enviar, nas asas de uma pomba,

a Lênin uma rosa, e um hino à Vida.

ÍNTIMA PARÁBOLA
(1955 / 1956)

A Cassiano Ricardo

With this key
Shakespeare unlocked his heart
W. Wordsworth

SONETO I

Ergo as mãos frente a nada, e a meus muitos reclamos
plasma-se o plano infindo onde o inefável erra.
Mas sinto os pés na terra – e vou por onde vamos,
e se penetro o azul mais sinto os pés na terra
E vou como quem roga a Deus misericórdia
por estar existindo à sua sombra e imagem.
Se me enleva a beleza e ávida a vida morde-a,
eterna faz-se em mim por mais que de passagem.
Vou tudo contemplando, às formas dando forma,
e o meu poder de amar eu jogo e, se amo, ganho.
Terrível poldro, o tempo – eu cavalgo-o sem norma,
de sol a sol tocando um difícil rebanho.
Às bordas de onde sonho ouve-se em pouco um rio,
sonâmbulo escultor do seu próprio extravio.

SONETO II

É quanto hoje me cobre, os tetos desmanchados
de um reino que eu sonhara – e era meu, e era tudo.
Eu que a vida lhe dei como a jogá-la em dados,
findei por ter em câmbio estrelas sem conteúdo.
Cantam, quando me calo, impassíveis sereias,
trazendo-me no canto um mar de extintas vozes,
e o reino antes suposto em paragens alheias
projeta em meu andar impulsos de albatrozes.
E ter sempre a envolver-me esses lençóis humanos,
e ver formar-se na alma a escama de alma escrava,
e ir, só por dever ir, por sobre um chão de enganos,
enquanto a ave do tempo o seu bico em mim crava.
Meu reino, ele se funda em meu poder de tê-lo,
e seus tesouros são meu viver a perdê-lo.

SONETO III

Metafísica e amor – em ânsias de anjo implume
tento alcançar, no escuro, as franjas do universo.
Risco um fósforo em Deus e faz-se tudo em lume:
Tudo é visível, tudo, e em desespero imerso.
Guardiões de outro destino empurram minha sombra.
Escuto ... e nada tem a dizer-me o silêncio.
Um dragão que não sei se me encanta ou assombra
dá-me esta força e o olhar que não o vê, mas vence-o.
No outro lado da vida (escuto) a mesma fala
de quem por não ter pão monta em pêlo a esperança.
Metafísica e amor – e quanto em mim se cala!
Quanto de mim espera, apalpa, e não alcança!
Ouvido à terra escuto, escuto-lhe os segredos,
e a última rosa do alto eu esmago entre os dedos.

SONETO IV

Não fora de meus pais nem de antigos pastores
que herdei essa euforia ao ir por entre as árvores.
Nos troncos como a ler nomes de meus amores.
Nas folhagens, a paz de um hino inscrito em mármore.
De tanto errar em vão não haverá pedreira
que na palma da mão eu já não tenha escrita.
Príncipe condenado a, sem eira nem beira,
buscar o próprio reino, eu busco o que me habita.
Mesmo os céus, velhos céus que me foram negados
quando as nuvens eu quis para passear a infância,
do muito que os pisei já gastei meus calçados,
e muito além dos céus ficam as margens da ânsia.
Nos rios e no mar perdi minhas raízes.
O arco-íris, se o contemplo, enreda outros matizes.

SONETO V

Quando cheguei ao campo onde pastavam cabras,
fiz que a flauta acordasse uma porção de luas,
roubei ao galo o canto e o bordei com palavras,
e fui pelos vergéis – comigo moças nuas.
Tinha o peso do tempo, eu tinha-o sobre os ombros.
Mas de meu, minha carga oculta em simples odre
era um mundo a clamar, era o peito entre escombros,
e o fruto que ao comer sentia-o belo e podre.
Ia pelos vergéis ... Pisava estrelas, nardos,
praias à luz do amor, vozes que foram de anjo,
mesmo o silêncio em volta e seus quentes leopardos,
tudo que em pensamento à febre e à treva esbanjo.
Tinha um pé na beleza e o outro em Hiroshima.
À cólera da rosa ergui as mãos e a rima.

SONETO VI

Às bordas do não-ser levaram-me aeroplanos,
e então já não senti meu próprio peso às costas.
De mim tive clemência, a Deus tive resposta,
falando-lhe sem voz e sem gestos humanos.
Não sabia se a terra ou se um país de fábula
é que errava a meus pés na colina da ausência.
Mas a Deus respondia, e a mim dava clemência
por não viver à lei de uma íntima parábola.
Via-me encurralado entre macacos e anjos,
e era em vão que aos umbrais erguia as mãos de carne.
Numa lucarna acesa eu via o olhar e o escárnio
dos homens a bordar seu tapete de arranjos.
E a vida, em flama e seta, atravessou as brumas,
vindo atingir-me em cheio as costelas sem plumas.

SONETO VII

Uma réstia do azul foi tudo o que pedimos
para em nós disfarçar roupagens incompletas.
Bem vimos Prometeu em desolados cimos;
bem vimos seu olhar ao mundo feito em setas.
Ah, não fora a nascente atrás da eternidade,
nem a esplêndida lã dos capotes dos deuses;
não pedimos ao lírio as asas de alvaiade
antes de andar no chão de Delfos ou de Eleusis.
Por um pouco de azul nos fizemos de bobos,
prostrando-nos aos pés de um rei que não o tinha;
e vimos multidões berrando que eram roubos
nossos gestos de erguer as mãos a alheia vinha.
Esse falhado vôo em meio a tantos rastros,
foi que nos pôde alçar ao que só têm os astros.

SONETO VIII

É por ter de morrer que, tal o cisne, canto,
e como sangra o amor, fez-se o amor o sentido
da vida que se dera à minha espera e espanto,
mas sem que a deus algum eu a houvesse pedido.
É por ter de viver que canto como as aves,
que passam a buscar ninhos feitos de além.
E como encanta o amor, tem o amor as mil chaves
que abrem os mil portões do quarto de meu bem.
É por ter de domar emoções e serpentes,
que rego os meus jardins com tristezas de flauta.
Se os rogos da alma em sal guardam sedes ardentes,
na alma da minha voz canta outra voz, incauta.
    É por ter, onde pise, o amor como suporte,
    que em meu canto se esboça a minha vida e morte.

SONETO IX

O banho ao meio-dia – e tu na praia acesa.
Tu, comandando o mar; oh, tu, pastora de ondas,
fazes, sem o saber, que se acenda a beleza,
e em volta de onde estás eu sinto anjos em rondas.
Brava perturbação de um mar que me repete,
e achega-se a teus pés – mas cantando se afasta.
Guardadora do mar, para que o mar se aquiete
dá-lhe a beber na fonte onde o sonho diz: Basta!
O mar se despedaça e a teus pés ... sonha um banho.
E eis o sol a descer sobre a luz que irradias.
Jogo meu coração ao mar e ao céu – e ganho
o arder-me no esplendor que para a tarde guias.
   Ante beleza tal – poder, como Rimbaud.
   sobre os joelhos tê-la em seu negro maiô.

SONETO X

Foi o amor que apagou as luzes da varanda
e que estando partiu, deixando-nos a sós.
Breve nos dava o mar sua brisa mais branda,
e a noite um reino irreal abria para nós.
Nós pudemos falar às desterradas luas
que em lago ébrio de céus tombavam de outro mundo.
Minha língua cuspia o sal das horas cruas
de um tempo a me envolver no seu raio profundo.
E de meu peito ouvia o rio entre paredes,
ora cascata em febre, ora bem terno arroio.
Na própria fonte o amor matava imortais sedes,
e eis que subiram alto as formas, sem apoio.
E subiram de nós asas do sentimento,
para habitar o céu do eterno de um momento.

SONETO XI

Antes de amar o amor hei de arrancar a roupa
e pôr-me nu de encontro a furiosos espelhos.
Ao íntimo cristal direi que não me poupe
e qual sou me revele: ante o amor, de joelhos.
Outros lados do rosto angélico do amante
deixarei que uma vez saiam dos seus gradis.
Entre nós, seqüestrada, uma lua constante
dirá do meigo ardor que meu peito não diz.
Franjas de muitos sons jorrarão de uma clave,
luas irão ceifando o tempo em que houve espinhos,
as gargantas do mar contarão em voz grave
qual ilha que me dera a beber dos seus vinhos.
Tudo o que com a vida e com jardins reparto
virá então ventar na janela do quarto.

SONETO XII

Digo à tarde um segredo, e a tarde me dá onze
chicotadas de um mar de grandeza e granizo.
Jogam-se dos torreões as pétalas de bronze
que cobrem de outro tempo os campos onde piso.
Saber que vivereis num ontem sempre agora;
saber que estarei sempre onde vos encontrardes;
saber que o meu caminho haveis de andar, senhora,
a soltar de entre as mãos nuvens de antigas tardes.
Vendo-vos, imagino um jardim todo hortênsias
que por mil multiplica a alma de vosso rosto.
Não vos vendo, imagino um jardim todo ausências
que por mil multiplica a alma de vosso rosto.
Ébria dos próprios tons de azul e de vermelho,
a tarde se olha em vós – e oculta-se no espelho.

SONETO XIII

O leite que me dera o amor, deitei-o aos gatos.
E depois fui colar-me aos peitos das mulheres.
Que me enchesse – pedi – de novo um dos meus pratos.
Mas vi-me em um jardim, a indagar malmequeres.
Eu tinha o jeito e a voz de um cavaleiro andante
a buscar pela vida a exata Dulcinéia,
mas quanto ia tocar estava mais adiante ...
E riam-se de mim – sendo eu mesmo a platéia!
O Norte, como o Sul, levava a parte alguma.
E eu partia, e eu partia ... ai, como a estar de volta.
Só bruma havia atrás de cada campo em bruma.
E eu voltava ... e a mim próprio eu tinha por escolta.
Por mais que mude agora o meu jeito e a roupagem,
onde esteja e onde vá, sempre estou de passagem.

SONETO XIV

Pus a máscara azul de Don Juan Tenorio
e, como quem espreita arranha-céus incautos,
a celestes balcões joguei meu canto inglório,
que voltou sobre mim depois de muitos saltos.
Quantas vezes, pastor, em sete anos e um dia,
servira sem mudar de trabalho e de sogro.
No fim davam-me em paga irmãs de quem queria,
e só depois, de noite, eu percebia o logro.
Quando já não sabia a que céus ou a que porta
bater para chamar quem teria por prêmio,
junto a mim uma voz fez abrir a comporta
do tempo represado ... e enfim, o encontro e o prêmio!
A máscara arranquei e dei-a aos oceanos,
antes de, por amor, servir outros sete anos.

SONETO XV

Talvez não fora amor, mas por encantamento
mares de fúria e sal tremeram de ternura.
E muito dei de amar no enlevo de um momento,
ao súbito acordar no estuário da procura.
Na face do silêncio, em deslembrado espelho,
abriu-se novo espaço, e nele um tempo louco
do portal que me encerra arrancou o cravelho,
e de um mundo perdido eu pude ter um pouco.
Por ter-me dado todo, eu pude ter bastante.
Pude subir ao céu e acender uma estrela.
Pude chegar ao mar e ouvir um mar distante.
Pude apanhar a vida e em minhas mãos bebê-la.
E pude até sentir o seu veneno lento ...
Talvez não por amor mas, por deslumbramento.

SONETO XVI

Eu cantarei de amor, mas não tão docemente
que possas no meu canto ouvir mais do que diz;
e se toda expressão fala a verdade e mente,
serei, sempre que cante, infeliz e feliz.
A sede junto à fonte (e nunca amortecida!)
no húmus da minha voz podes sentir, se a escutas.
E eis meu canto, eis cristais jogados frente à vida
como sonhos de amor aos pés de prostitutas.
Quanto guardara em mim de efêmero e incorpóreo,
quanto de espaço e tempo eu sinto a dar no peito,
tudo é matéria ao canto – e acorda um território
entre as esquinas de um pretérito imperfeito.
   Mas por dizer *amar* no infinito presente,
   eu cantarei de amor ... mas não tão docemente!

SONETO XVII

Não importa que pese agora a noite: eu amo
E que noites na noite! – exclamo, e não me importa.
As árvores da vida envolvem-me num ramo
a alma que, por amar, se morre e nunca é morta.
Eu amo – e a infância acorda e acorda um fim de tarde.
Eu amo – e canta um galo em fímbrias de manhãs.
Eu amo – e o meio-dia em verdes campos arde.
Eu amo – e a própria noite embrulha-me em suas lãs.
Não me importa que pese (e sempre!) em mim o mundo,
se lhe anteponho – ao mundo – o mundo onde palpita
o que há de mais profundo em meu ser vagamundo,
e se um protesto-flor sempre em meu peito grita.
Eu amo – e é este amor o que mais pesa em mim.
De cada pensamento é o começo e o fim.

SONETO XVIII

No campo vão pastar sonâmbulas ovelhas.
As nuvens, desde sempre os fâmulos da altura,
vão envolver o sol entre colchas vermelhas
- e em tanta paz da tarde um presságio perdura.
Do que haverá talvez por detrás do horizonte
golpes vibram, mortais, qual de um chicote eterno.
Por detrás do destino há de perder-se a fonte
que tem água do céu e tem água do inferno.
E em tudo o que hoje traz a beleza e deslumbra
o tempo há de deixar as marcas de seus dedos.
Em torno a qualquer luz sei que a espera a penumbra,
no mel de toda fruta há ressaibos azedos.
A noite já desfaz as nuvens e as ovelhas,
e a amarga flor do amor já se cobre de abelhas.

SONETO XIX

Ouve este búzio: mais que o mar a teu ouvido,
e mais que a eterna voz com suas fúrias ternas,
vezes multiplicado e vezes dividido
terás o coração de um homem das cavernas.
Que não te cegue tanto azul ... Olha as gaivotas
em brandas sugestões de buscas e desenhos,
e poderás sentir que imprecisas derrotas
cruzo antes de te ver, de cada vez que venho.
Sente esse palpitar de imensidões e de ais,
e a distância a contar de auroras andarilhas,
e terás a razão dos trêmulos cristais
que o mar vai apanhando em verdes armadilhas.
Fala depois ao mar – e estranha voz composta
de espera e desespero, ouvirás em resposta.

SONETO XX

O simples ser e estar na clara cidadela,
vendo em cada jardim outro jardim sonhado.
De onde instalei meu ser debruçar-me à janela
que se abre sobre o feudo instável do meu fado.
Quatro pontos cardeais ... e estas quatro paredes
em que risco na cal rotas com que me iludo.
Receber nas manhãs o sol qual vós o vedes,
e dar às mãos do tempo os nadas que são tudo.
Domado e solto o amor, através de uma lente
olha o infinito e alcança a mulher que quisera.
Corro ao mar a esperar que antigo mar se invente
e arroje sobre o mundo a praia e a primavera.
Bebo aos goles a vida, e nada peço mais.
Mas sempre que olho o mar, sonha um barco no cais.

SONETO XXI

Sermos soltos no tempo – e este globo que rola,
e este gesto de amor que no ar teu nome escreve.
Este hálito de mar num beijo que consola.
Entre as mãos esta flor que é a vida longa, e breve.
O amor vai por um lado, e nós por outro lado.
Este globo que rola ... e não nos encontramos!
Horizontes que dão noutro horizonte invado.
Este gesto que busca ... e não nos encontramos!
Irmos rolando assim – e esta vida, e este globo
te leva para um lado e para outro me leva.
Este hálito que lembra um pássaro em arroubo.
E horizontes que vão beber a altura em treva.
Sermos soltos no tempo – e este globo que gira,
e este gesto de amor que a vida não nos tira.

SONETO XXII

Fiandeiras de horas, força é que hoje deixeis pronta
a veste com que irei render-me em sacrifício.
Quero-a da cor da aurora assim que o sol desponta,
e que do homem que fui cubra qualquer indício.
Assim não lembre a cor das árvores selvagens
da floresta onde vai perder-se a minha infância,
e em seus bolsos não guarde as formas, sons e imagens
com que eu tivera sempre o detrás da distância.
Que cubra, ao me cobrir, a sombra do que eu fora,
as garras do indivíduo inerme contra a altura,
a alma que por sentir-se eterna devedora
se rói por não poder pagar ... e assim perdura.
   Caminho ao sacrifício – e em pouco a sobra única
   aos urubus da sorte é estraçalhada túnica.

SONETO XXIII

De esquivo amor cristal translúcido perdura,
que, em se mudando, é sempre a mesma a coisa amada.
Com argila de luz eu a moldei criatura,
fazendo-me, a seguir, na forma por mim criada.
O mundo, ele me dá de comer – e devora-me.
Piso-o pisando a morte, e por mais que o reinvente,
o mundo é sempre o mesmo ... Esta a razão, senhora,
de em minha voz alguém se rir tragicamente.
Vezes e vezes junto a ilusórios portões
eu clamei, mas se alguém respondia de dentro,
a vida me barrava a entrada em seus salões.
A vida é sempre a mesma – e a morte rói-lhe o centro.
Neste árido jardim a minha sede é tanta,
que sempre há de romper-se a grade da garganta.

SONETO XXIV

Certa vez fui parar num campo de ciganos
no lombo do alazão que há muitos sóis cavalgo.
E como algo roubei, na rapidez de um galgo
fui abrigar-me atrás de cães de guarda urbanos.
Mas comigo eu guardara o quanto ali roubei
e hoje bem suave traz, mas com poder de polvo,
este não me prender aos burgos de onde volvo,
este prazer de ser um rei sem ser um rei.
Basta-me assim pensar em certa ilha longínqua,
e tenho-a junto a mim – como se minha fosse,
e passo a caminhar na alameda mais doce
se nas cidades de ar do pensamento finco-a.
E mais, por ver que a vida em mortes se sustém,
eu príncipe me fiz na terra de ninguém.

SONETO XXV

Deuses que resguardais lá das celestes grutas
os campos de que sou senhor e há muito lavro,
vede, se eu os semeio é fatal colher frutas
que para preservar, delas me faço escravo.
Ó deuses que me dais arriscar minha sorte,
que pouco é, quando o alcanço, o que espero ou procuro!
Como erigi no azul para a alma um contraforte,
do castelo que ergui resta ao menos um muro.
E da glória de amar resta ao menos um traço
do jardim a que dei todo o suor do rosto
e de onde as flores, quando eu perto delas passo,
fecham-se como a ver o espectro do sol-posto.
Deuses, se atiro os grãos a terra se sujeita.
Ó deuses, que há de ser ao tempo da colheita?

SONETO XXVI

Como quem recebera, eu dei-me todo à musa,
e, Orfeu errante, face à dureza das feras,
eu soprei, face à vida, a terna cornamusa
de onde rolam cristais de mortas primaveras.
Depois, pilhei na lua a lógica dos loucos
e fui como quem busca o atrás de alta montanha,
e eis que as mãos do real recebiam-me a socos
se em meus próprios umbrais mostrava a face estranha.
Sem radar em meus pés eu me vi cego e inerme,
e amargos chãos transpus, com lodo até o peito;
no pensamento a vida entrava-me qual verme
roendo o último sonho à lei de um deus desfeito.
Posto em terra ou no mar, ter a alma clandestina.
E o que tentei viver seria a minha sina!

SONETO XXVII

Sete vezes pequei – setenta vezes sete
disse-me em voz bem baixa estar já perdoado.
E vendo-me do acaso insonte marionete,
um arco-íris eu fiz com meus sete pecados.
Como num campo azul a alma jogava tênis,
a dor, somente a dor, dirigia-se a Deus.
A altura armazenava as palavras solenes,
e zombavam de mim estrelas e pigmeus.
A fruta que pedi às árvores na altura,
uma rede entre a vida e a fábula aparou-a;
no fim tinha eu na boca esta maçã madura
que não posso comer, e é preciso que a roa.
E sei que em sua polpa o mel de meus pecados
sabe a sal de alto-amar e ácidos delicados.

SONETO XXVIII

Há tempo já que tendo às costas uma herança
deixei minha cidade e a casa de meus pais.
E o coração, perdido o hábito da abastança,
vai mendigando amor junto a frios portais.
Do que enchia o embornal resta-me o jeito agreste
na poesia que herdei e por aí espalho,
na alma que vai tocando uma flauta campestre,
e num cristal não feito em carvão de borralho.
Por ter de caminhar sem saber qual meu rumo,
às vastidões de Deus dou um sentido oculto;
espremo bem a vida e o doce amargo sumo
bebo-o brindando o céu, com mímicas de estulto.
Hoje onde quer que eu vá segue-me um olho terno,
se bem que eu não reencontre o meu solar paterno.

SONETO XXIX

junto ao túmulo de Sumaia Helou

O lírio machucado, o alvo sol, a tristeza,
é quanto cobre a paz a se expandir na lousa.
Eu colho no ar, na dor, no tempo a forma acesa,
e súbito cristal em minha mão se pousa.
Um vulto vem e vai, meiguice e porcelana.
Não forma uma visão, mas bate, bate à porta.
Eu grito ao ar, à dor, ao tempo: - Quem me engana?
Se é morta, por que é bela? É bela ... por que é morta? –
Já me mentiste, ó morte, e eis que de novo mentes.
Tudo que sinto aqui da morte é tão contrário,
que um cântico à beleza acode em sons frementes
que vão ter no silêncio o calmo itinerário.
Eu jogo no ar, na dor, no tempo a flor desfeita,
e nos coxins do sol meiga visão se deita.

SONETO XXX

É do ar que o tempo vem como a amputar meus membros,
que se inteiros estão – onde é que tomba o gume?
O espelho a abrir no escuro os espaços que lembro
há de vir de um cristal que a luz de Deus presume?
Cansa-me prosseguir entre barranco e abismo,
e, sem asa ou corcel, de quê me vem a força?
E a vida? Se a cultivo em ilhas de lirismo,
por que ser o que foi, embora o esqueça e torça?
Ó sois! Ó direções! Ó curvas! Ó surpresas!
Onde ir, que não depare as sombras de amanhã?
Das coisas que ajuntei, quais delas estão presas,
se o efêmero é sem fundo e a segurança é vã?
Como não me sentir a um tempo fraco e forte,
se por estar vivendo enfrento a vida e a morte?

SONETO XXXI

Ela ia macambúzia e lenta como um cágado.
A cada flor ou lua ela se dava inteira.
Postou-se ante o portal de um implacável sábado,
e dos olhos limpou a lágrima e a poeira.
Eu lhe disse: - Ó minha alma, avante! vamos! trilha
os caminhos do bem e do mal; a esperança
que no fim te sobrar, seja ela mãe e filha
da arma que contra mim no escuro o tempo lança. –
Ela entrou como em sonho, e num salão austero
arrancou de um tapete, emaranhado, o tempo.
Entre os fios estava o quanto quis ou quero,
e formas que não vejo – e, por não ver, contemplo.
Depois, continuou seu andar macambúzio,
a ouvir-me e repetir-me as vozes, como um búzio.

SONETO XXXII

Na várzea, além da serra, um domador de potros
contra seu próprio peito usava a fúria e o açoite,
já que lhe era mister domesticar a noite,
e os dias que vivera os converter em outros.
Pelos longes da várzea os garanhões corriam
atrás de antigo pasto ou de invisíveis éguas.
A lua, exausta já de andar léguas e léguas,
parou sobre vergéis que a si mesmos destruíam.
Houvesse um boi ou mar para abafar os berros
desse morto de amor a dispensar ajuda,
e que ao interromper-se, em fala tartamuda
contava como a dor queimava-o com seus ferros.
Dentro de si guardava o mundo – flor e carga.
E cuspia a própria alma em lago de água amarga.

SONETO XXXIII

Chego aos umbrais da vida e, mãos trêmulas, abro
a porta que há de dar em vasto labirinto.
Entro como num sonho, e à luz de um candelabro
ponho-me a decifrar as leis de um tempo extinto ...
Onde o antigo gravara esquiva e estranha lenda,
fosse em lajes ou no ar; onde um calor ressurge
do mármore da morte – eu peço que me entenda
ao enigma num canto a se propor ... Pois urge
que também me desvende, e que algo me esclareça
sobre meu ser e estar no estranho labirinto,
quando, à mortiça luz, vai dar minha cabeça
contra os muros e o teto, e pouco e muito sinto.
Impelem-me a seguir mistérios e motores.
E nunca chego ao fim dos vastos corredores.

SONETO XXXIV

Aquele nadador, tão de perto o contemplo
como se o acompanhara ... Ao se dar às espumas,
sinto o mar contra o peito e, breve, a seu exemplo,
eu nado em direção a uma forma entre brumas.
E vai o nadador .. Seu pensamento volta
às praias de onde em vão lhe atiram salva-vidas.
Segue e é tal qual um deus ... Seu pensamento solta
luas que na lembrança há muito erram perdidas.
Vai atrás do que quer e que ele apenas sabe.
Se perguntam-lhe o que é, não responde à pergunta.
Não lhe importa que assim a vida, a arder, se acabe,
nem que a luz de um farol não venha a atingir nunca.
Ele vai devagar, como a pisar um templo.
E não pode voltar ... Tão de perto o contemplo!

SONETO XXXV

Falazes alçapões ...E o tempo segue em curvas.
E, enredando-se, o espaço é bem um vasto bosque.
Marcho a esperar, enquanto engulo tardes turvas,
que a serpente da morte em meu corpo se enrosque.
É belo o nadador! – Vai sobre as águas verdes,
e há de antever, bem longe, a praia do impossível.
Essas águas sem foz, se um dia as entenderdes
muito elas vos dirão do seu ventre invisível.
É belo o nadador ... E vai com dorso agudo
contra o mar avançando em braçadas de plumas.
É um mundo em vibrações ... Pode em pouco, contudo,
sobre ele desmanchar-se um túmulo de espumas.
Tão belo, o nadador! – Se vence e alcança a praia,
põe-se a tragá-lo a areia antes que dela saia.

SONETO XXXVI

Senhor, que a mim de sonho e vísceras fizeste,
e me tens nu, qualquer que seja a minha veste,
sinto, desde que aqui tuas varandas varro,
ter, bem junto a meu corpo, alma também de barro.
É por isso que vou com asas rastejando,
e as plumas de meus pés as perdi não sei quando.
É por isso que pães sabendo a lama como,
quando creio colher em tua mão um pomo.
Tua presença é como a vida, é como açoite,
e vergasta-me sempre, onde quer que me amoite.
Tua presença é luz que tive entre meus braços
e, terrível, mostrou-me os meus próprios pedaços.
Senhor, alma de sóis que dão vida e a consomem,
eu não tenho perdão, eu sou carne, eu sou homem.

ÁLBUM DO RIO
(1951 / 1964)

A Astrid

La ciudad está en mí como un poema
Jorge Luís Borges

Cidade mulher
Noel Rosa

DAS ESCRITURAS – I
OU
PONTEIO DO RECÉM-CHEGADO

Saibam todos que uma porta
fechou-se - e eu por ela entrava.
Saibam que do alto descia
o sol desfeito em luz brava.
Saibam que batia à porta
minha voz, que me chamava,
pois quando entrei, para trás
um pouco de mim ficava.
Saibam todos que a cidade
pedaços meus já tragava,
dando lições à minha alma
de como tornar-se escrava.

- Poeta, aqui corre o leite
que restou de muitas luas.
Hás de estar melhor que em casa
em qualquer das minhas ruas.
A teu encontro em meus mares
virão velozes faluas.
Filhas minhas que sonhares
terás em carne e osso e nuas.
Dar-te-ei todas as virtudes
e outras mais que te atribuas.
As chaves de minhas portas
serão todas elas tuas.

- Cidade, se me dás muito,
muito mais meu ser reclama.
Mas antes deixa que eu volte
à minha voz, que me chama,
e traga-a com outros trastes
que não estão no programa.
Tudo o que fui e amei antes
essa voz em mim derrama

com a água dos pensamentos
que me acompanham na cama
E em ti quer estar inteiro
este que, cidade, te ama.

- Poeta, se repetires
que amas sem que amando estejas,
far-te-ei lamber as entradas
de minhas muitas igrejas
para limpares a boca
de tais palavras sobejas.
Se queres me amar, arranca
do corpo as pernas andejas.
Teu coração traz-me em postas
em uma ou duas bandejas.
Então, quando só meu fores,
me amarás se assim desejas.

- Cidade, venho de longe
e nem sei bem o que quero,
mas ser de alguém totalmente
é coisa que não tolero.
Por seres bela ofereço-te
amor bobo mas sincero,
que o amor se faz de bobagens
e sendo enganoso é vero.
És bela e por teus encantos
muito mais do que sou libero.
Mas o que fui não me roubes
com teu exigir severo.

- Poeta, a entrega é o primeiro
de outros muitos exercícios,
se queres receber a alma
dos cariocas vitalícios.
Entrega-te, e quando achares
naturais meus artifícios,
até aos teus descaminhos
serão os ventos propícios.
Filhas minhas que sonhares

virão cuidar de teus vícios,
e hás de ouvir à minha sombra
Drummond, Cecília, Vinícius.

- Cidade, mas onde a escolha?
Como voltar, se não posso?
A porta está bem fechada
e o teu desejo é o nosso.
Teu sabor de céu e inferno
sinto cada vez mais próximo,
e cada vez mais se apaga
o que fui, feito em destroço.
Quero cantar-te, cidade,
e meu canto é um paradoxo
que tem raízes na terra
enquanto nuvens esboço.

- Poeta, vai, pega a lira
e por aí sai cantando.
Mas segue como um cão dócil
sempre fiel a meu mando.
Não cantes em falsos hinos
meu passado venerando,
nem fiques em odes ocas
a meus encantos, e quando
triste estiveres não chores,
mesmo que esteja chorando.
Canta só o que viveres,
sempre fiel a meu mando.

E saibam todos que em volta
de mim fechou-se a cidade.
E saibam todos que preso
respirei a liberdade.
E se uma porta se abrisse,
onde andaria a vontade
de escolher uma outra sorte
ou libertar-me da grade?
Minha vida amores dores
correm no chão da cidade.

Disto, os cantos que se seguem
dão fé e conformidade.

INSTANTÂNEO - I

Essas imagens amarelecidas, esses rostos
que se desfazem à arida luz do tempo.
Sérios e humildes, esses homens
(chegados de onde?)
da Zona da Mata, ou de Recife,
ou de algum burgo branco e esquecido
no interior de Mato Grosso;
esses homens, eretos
por trás do paletó escuro e da gravata,
aqui posaram um dia,
daqui levando para convencer a si mesmos
e aos conterrâneos, a prova
de sua vida ao Rio.
Esses pares de noivos, ainda hoje
os trens e lotações dos subúrbios
aos domingos despejam em bandos
no centro da cidade.
E esse sorriso, com que dificuldade
terá sido arrancado a essa criança!
Essas imagens hão de exibir-se para sempre
na montra dos aparelhos antigos,
e como que se refletem nos olhos
dos fotógrafos do Passeio Público.

VISITA AO TÚMULO DE MACHADO DE ASSIS

Aqui venho e virei. À beira
de teu túmulo uma fiandeira
como que me entrega, tecida,
tenuíssima teia – e da vida
mais clara aceitação eu posso
ter, pois do que é teu, meu, e nosso,
por ser um comum atributo,
extraio o que há de seiva e fruto,
e dou, como alimento, à alma,
que come, espanta-se, e se acalma.
Não te trago flores, ó mestre,
nem hinos minha voz campestre
é capaz de erguer a teu nome.
No entanto, mataste-me a fome
da alma, ao me deslindar a estranha
teia de almas que me acompanha.
No entanto, sem sequer pintá-la,
tua voz é que melhor fala
desta cidade onde, por obra
e graça da sorte, soçobra,
e vai existindo, e repousa-
rá o Afonso Felix de Sousa.

DISCURSO NA RUA DO CATETE

Casais que olhais a rua ou as vitrinas
sei que vos tangem sonhos de automóveis
e móveis
Jovens em roda e em pé pelas esquinas
Chegam e estudam (são de toda parte)
e partem
Jovens que hoje guiais só as narinas
pensar que do Brasil sereis um dia
os guias
Moças em flor atrás de altas cortinas
filhas de funcionários da República
e públicos
Moças que viestes do Nordeste ou Minas
vós porém não sois públicas e tendes
só dengues
Solares hoje hotéis de amplas latrinas
onde anciãs relembram a batida
da vida
Velhos hotéis que em mornas disciplinas
guardam moças que têm por só apego
o emprego
Palácio em que os salões são oficinas
onde forjaram vãs politiquices
e asnices
Triste palácio de águias tão mofinas
Suas paredes contam de uma História
sem glória

A FORMAÇÃO DA BAÍA
OU
OS AMANTES DO MORRO DA VIÚVA

Cantemos, Musa, esta história
que ainda não acabou.

Ba-iara era filha da Água
e entre as ondas se criou.

Entre as ondas vinha à praia,
mas nunca um rasto deixou.

Mal chegava e estava longe,
onde a mãe a aprisionou.

Certa vez, por um instante,
Ba-iara em terra parou.

Guanã esculpe na areia
forma que sempre o encantou.

De uma mulher era a forma,
mas da que sempre sonhou.

Ao ver a forma esculpida,
Ba-iara se interrogou.

Até a forma esculpida
com pés de onda caminhou.

Na forma esculpida, como
num espelho se encontrou.

Ba-iara desceu os olhos
até Guanã e o aprovou.

Era a mesma forma de homem
com que ela sempre sonhou.

Ba-iara voltou os olhos
para o mar, se apavorou.

As ondas fortes clamavam,
dentro Mãe-d'Água a chamou:

- "Filha, voltes ou não voltes,
juro que não te perdôo". -

Guanã ergueu-se da areia,
com Ba-iara se abraçou.

E correram abraçados
em passos que eram de vôo.

No dorso das ondas bravas
Mãe-d'Água atrás disparou.

Terras por onde passava,
sem freio o mar devorou.

Foi só na encosta de um morro
que Mãe-d'Água os alcançou.

Ba-iara subiu ao morro,
mas Guanã escorregou.

As ondas logo o colheram,
e em pouco o luar o tragou.

Ali, na encosta do morro,
o mar, exausto, parou.

Às praias de antigamente
nunca mais o mar voltou.

E a baía então formada
Guanabara se chamou.

Ba-iara em cima do morro
em triste voz se elevou:

- "Desnaturada Mãe-d'Água!
ó mãe, eu te amaldiçôo.

Já o homem a quem amava
em teu ventre se afundou.

Já a terra onde pisamos
em água se transformou.

Mas aqui crescerão homens
(minha palavra eu te dou)

que erguerão uma cidade
(minha palavra eu te dou)

e aterrarão a baía
que contra mim se formou.

As tuas ondas mais altas
não chegarão onde estou.

Onde hei de morrer viúva
de Guanã, que nem me amou". –

E então Morro da Viúva
o morro ali se chamou.

DESENHO DE DEBRET

Esmaecidos – o ângulo da igreja, a cruz altaneira.
Esmaecidos – o casarão senhorial, os populares, o soldado,
como se fora outro o mundo do outro lado da praça pública.
De súbito ergue-se o açoite, ergue-se com dedos inflamados,
que vibram no ar fazendo em volta um vivo colorido.
E há então os escravos que amarrados aguardam o açoite,
e há os já açoitados a lembrarem caveiras em transe,
e há o escravo que açoita e um dia foi também açoitado,
e usa de toda a força porque um dia será de novo açoitado.
E há, antes de tudo, estas negras nádegas que sangram.

NOTURNO DA LAPA

Ao Poty

Mas de onde vem a música? **UBI SUNT**?
Mas de onde esse lamento?
Do cabaré que dorme,
ou da igreja em silêncio?

Onde o Largo da Lapa,
não este mas o de antes?
Onde as fomes de fêmeas
Onde as sedes de sangue?

E os bondes que acordavam
com seu estrondo a noite?
E as vidas a rolarem
em rodadas de chope?

E as luzes que velavam
bordéis da *belle époque*?
(Mecas de endinheirados
do Prata ao Oiapoque,
oásis de marujos
após ermos oceânicos,
estuário poluído
de semens parnasianos.)

E as casas de após-guerra
até quarenta-e-nove?
E as Marlenes em série?
E as Shirleis? E tu, Jove?

Tudo tudo tão longe!
Mas se acabaste, Lapa,
por que ainda esses homens
dormem pelas calçadas?

II

Homem do povo, escuta: a minha voz é frágil, **DISCURSO**
minha tristeza é inútil, e a piedade
(já me disseram) é um sujo sentimento.
Somos do mesmo barro, é teu o sangue em minhas veias,
igual aurora nos arrancou da treva,
o sol nos cobre e juntos
brincamos pelos prados da infância,
é comum o nosso odor de humanidade,
e nem sei tua linguagem, é impossível
fitar-te sem baixar os olhos, homem do povo.

Vesti-me com teus andrajos e as estrelas
incluíram-me entre os príncipes da noite.
Chorei de tua fome, senti como sentes
sobre as costelas o peso das calçadas.
Falei, não em nome de Cristo ou de marxismos,
mas como irmão por anos desterrado
e que esquecera os teus hábitos, homem do povo.

Não sei tua linguagem mas conto-te, homem do povo:
Entre o Convento da Lapa e o de Santa Teresa,
em toda esta extensão, até a encosta do morro,
ergueram-se sobrados e casas solarengas
onde passaram a viver os avós que esquecemos.
A cidade mudou, mudaram-se as famílias,
e entre o Convento da Lapa e o de Santa Teresa
os orgulhosos sobrados e os salões solarengos
abriram os corredores a uma triste mercância.
É findo esse comércio, também mudou a Lapa,
e entre o Convento da Lapa e o de Santa Teresa
tu porém permaneces, só tu, homem do povo.

III

Rua Teotônio Regadas **TEMPO CARÍCIA**
Quero ir por essas calçadas

Rua Teotônio Regadas
Meu fim de mornas jornadas

Rua Teotônio Regadas
Limiar de buscas baldadas

Rua Teotônio Regadas
Balcão de grades caiadas

Por certo não me esperavas
mas no balcão sempre estavas

Adolescias à clara
noção de um sol que não pára

Contavas coisas da Itália
Eu os meus solhos e falhas

Anos depois por mim passas
A vida se ia em fumaça

Encontro em que falo falas
Não se encontram as escalas

Nesse balcão (dizes) lá
meu coração (rubro) está

IV

ORAÇÃO PROFANA

Era preciso um pouco de lirismo, era preciso
que a tarde me envolvesse em macias nuvens
e um gesto de irmã pousasse em meus cabelos,
antes de, no exílio de mim mesmo, preparar-me
para ir beber em vossos corpos
a água do amor sem êxtase nem destinatário.
Os sinos da Lapa tocavam a ave-maria,
mas era impossível pensar em Deus sob vossas janelas,
era impossível pensar em minha mãe distante

ou na distante namorada, sob vossas janelas.
Ouvia os sinos da Lapa e vossas vozes lá dentro.
E foi então
que me pus a orar, sob vossas janelas:

Ó Marias que no olhar fosco
guardais luas de graça plenas
perdão se venho estar convosco
na hora sempre de minhas penas

e se assim busco em vosso ventre
doce favo de céus amargos
e as pérolas que arrancais de entre
contorções e tristes letargos

Eu vago e poeta ante os altares
em que sois mães em desespero
e escutais vindos de outros ares
choros de invisível canteiro

eu de minha própria alma expulso
por não ter luz que me transporte
rogo guardeis meu sol convulso
na hora sempre da minha morte

NEVES DE ANTANHO

E a hora é sempre de nossas penas, e a hora é sempre
de nossa morte. Agora, nesta noite de 1964,
aqui estou de novo sob vossas janelas.
Onde andareis com vossos corpos, em que vinha
pastar (perdão!) a besta em mim encarcerada?
Dizei-me: em que hospital ou asilo ou cemitério
ou em que pálida vida a dois num qualquer subúrbio?
Marlene! Alzira! Teresinha! Tu, Teresinha,
que para amar erguias teus vestidos de virgem,
cerravas os olhos e proferias palavras cândidas de namorada.
E tu, de quem não me acode o nome, que cantavas antes
para criar, como dizias, atmosfera.
E tu, ítalo-paulista, que excitavas a prometer inéditos excitantes

E tu, Dolores, que te trajavas de negro e amavas entre
melodramáticos suspiros.
E tu, ó Neusa, flor da Lapa, que choravas no ombro de todos
a repetir: "É você que vai me tirar daqui" – e logo
te multiplicavas nas muitas formas de extorquir dinheiro.
Tu, Jove, que por tudo brigavas mas eras mansa
na hora do amor, de ti, sobretudo de ti, o que foi feito?
Agora, nesta noite de 1964,
nenhum ruído detrás das janelas que vos guardavam
e apenas fantasmas respondem ao eco de meus passos.

DISCURSO NO CAIS DO PORTO

"Amor só mesmo a lambadas"

Ouvido no sertão

Eu vos digo que não tereis repouso
nesta cidade
e as ruas cruzareis como quem cruza
um pesadelo
Eu vos digo que em breve dissolvidos
ao sol do trópico
não tereis consistência nem vontade
de ter vontade
Eu vos digo que haveis de entrar em filas
intermináveis
por qualquer usufruto e até as baixas
necessidades
Eu vos digo que aqui são de outro mundo
os arredores
mas que mais que beleza há assaltantes
à vossa espera
Eu vos digo que ao sol vereis os campos
de Adis Abeba
mas se chove por mais de duas horas
vereis Veneza
Eu vos digo que uns prédios são milagres
da arquitetura
mas muitos são pombais e há as favelas
e o Cine Azteca
Eu vos digo que o samba é mesmo nosso
e há Villa Lobos
mas escorre pelo ar o pranto aguado
de Celestino
Eu vos digo que assaz louvadas sejam
nossas mulheres
mas que há por contra generais em pencas
por esses bairros
Eu vos digo que aqui paga por todos
os seus pecados

quem por azar dependa de um processo
num ministério
Eu vos digo que estais em frente à fonte
da falta d'água
e o suor novo há de lavar o suor velho
de vossos corpos
Eu vos digo que é mais do que perfeito
o contrabando
e com jeito achareis tudo o que é feito
em vossa terra
Eu vos digo que estais enfim em plena
terra do jeito
e reis sereis se o jeito desse jeito
vós descobrirdes

SUITE DOS DILEMAS DE IPANEMA
OU
PEREGRINAÇÃO À CASA DO ANÍBAL

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

O que somos
gente
o que somos?

Nós somos os frutos do tempo

Mas que tempo
gente
que tempo?

O tempo prenúncio do tempo
do encontro do homem com o humano

Mas que humano
gente
que humano?

O que há em nós de flor a abrir-se
nas glebas de um mundo mais justo

Mas que mundo
gente
que mundo?

O mundo em que afinal seremos
o que na verdade nós somos

Mas que somos
gente
que somos?

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– Sou poeta acho que poeta
Todos os que amam a poesia
leram meus versos
Não sabias?
A senhorita não sabia?

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– Como os meus quadros não há outro
na amostra de arte de vanguarda
É impossível que não marquem
a historia da nossa pintura
Por que falas na bomba atômica?

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– A peça que estou escrevendo
vocês vão ver como reflete
toda a angústia da vida moderna
e o absurdo da existência do homem

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– O que la vie est ennuyeuse
Querido eu te amo mas não creio
no amor

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– Todo o meu mal foi ter nascido
num mundo assim burguês e estúpido
Mas a título de consolo
existe a solução do uísque
e outra mais digna é o suicídio

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

– A única musa é a dor de corno
Meu filme? Quero terminá-lo
só depois de ter visto os filmes
que fez e fará Ingmar Berman

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

Rolamos mas dão os caminhos
na casa de Aníbal Machado

Quem se perde à porta fraterna
não precisa pedir licença

Não é somente o peito amigo
mas a presença que enriquece

Logo os nossos seres precários
aceitam-se ou aclaram rumos

E a vida incompleta de há pouco
completa-se com o ouro oculto
que traz no seu bojo e não sabe

O que somos
gente
o que somos?

Nós somos o que nós pudermos
fazer de nós como nós somos

Rolamos rolamos rolamos
vazios vazios vazios

Mas todos os caminhos levam
à casa de Aníbal Machado

PRAIANA - I

Na areia, quando o corpo deitas
levanta-se a ilusão de uma ave
que vai pelo ar e em breve corta
o céu de ilhas por mim perdidas,
mas de que tens na mão a chave.

Na areia o teu reino se expande
e chega a meus pés, que a buscá-lo
foram por nós amarrados
à proa de um barco sem leme
em mares de íntimos degredos.

Na areia mil fios absurdos
tecem o que me resta de alma.
E em meio a imprecisos despojos
de quanto perdi por ter ganho,
do seio de uma onda renasço.

DISCURSO NUM DOMINGO DE CARNAVAL

Pierrôs e colombinas
dominós e palhaços
mulheres feitas homens
homens feitos mulheres
almas feitas em carne
em sambas em tristezas

sepultadas tristezas
em peitos de palhaços
no olhar que atiram homens
a aladas colombinas
que descem e são carne
e fogem – são mulheres

vaporosas mulheres
furtando-se às tristezas
de pierrôs feitos carne
aos pés de colombinas
que dançam sobre os homens
a segui-las palhaços

Elas seguem palhaços
o odor de éter e carne
num bloco de mulheres
feitos cães feitos homens
e vão mascar tristezas
num céu de colombinas

etéreas colombinas
feitas carne e mulheres
feitas samba e tristezas
dançai sobre os palhaços
sobre a fome de carne
em suas almas de homens

Perdão mas esses homens
só hoje colombinas
não tem ar de palhaços
só por hoje mulheres
gumes de ermas tristezas
não lhes cortam a carne

colombinas palhaços
homens dando a mulheres
mãos de carne e tristezas

INSTANTÂNEO - II

É ele o último
a conseguir pegar o trem que parte
às seis da tarde.
Não há lugar e vai dependurado
entre dois carros. Embaixo
o espaço para um de seus pés apenas.
Enquanto o trem desliza
em direção aos subúrbios da Leopoldina,
seus olhos exaustos
passeiam pelas casas e postes
que passam, passam.
No trem que o vai levando,
menor do que seu corpo
é o espaço que ele ocupa.
(E é um corpo.)
E é preciso
voltar à casa de onde saíra
ainda antes do nascer do sol.
É preciso
chegar em casa, ou onde alguém o espere.
(É um homem.)

VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE NOEL ROSA

Olhemo-la da terra
ou
olhemo-la das nuvens
ou
olhemo-la do mar
e esse jeito e esse jeito
e esse jeito de dar

De um lado ai que me afogo – nessas praias
e do outro lado esbarro – nas montanhas
Estou preso
cidade
a tuas manhas
e a esse jeito esse jeito
esse jeito de estar

De um lado são teus olhos – busca e bússola
Do outro lado é teu corpo – o itinerário
Estou preso
mulher
a teu ser vário
e a esse jeito esse jeito
esse jeito de andar

Em meus olhos se cravam
punhaladas
e meus pés se magoam
nas calçadas
Tu me feres
cidade
tu me cansas
e móis todas as minhas
esperanças
e me róis com as tuas
esquivanças
Praguejo contra ti e te olho e afagas-me

as feridas com teu estar presente
e este teu descobrir-se interminavel-
mente

As noites pela noite
me maltratam
Falo sozinho a trevas
que me achatam
Tu te ausentas
mulher
mas sempre perto
povoas o vazio
do deserto
e ris como quem acha
tudo certo
Expulso-te de mim e vens e deitas
a cabeça no peito que te clama
e és outra e és a mesma para quem te
ama

II

Deitas a cabeça no peito que te clama das profundezas
do meu ser mas sou eu quem escuta o teu coração que bate
e ouço o ritmo de um samba-canção na encosta de um morro
entre barracos e barrancos e ouço o zoar da bola que sobe
de uma pelada no Maracanã e ouço o grito preso na garganta
dos torcedores no momento que antecede o *goal* e ouço o morto
que acaba de ser atropelado na esquina da Real Grandeza
com a Voluntários da Pátria e ouço um trem que desce
da zona suburbana e ouço os próprios subúrbios que acordam
antes do nascer do sol e ouço os caminhões de feira
varando as madrugadas e ouço os passos dos desesperados
que levam a última esperança aos barbadinhos e ouço a fala
das meninas que mal refeitas do sono se dirigem à escola
e ouço os trapos de confissões que sobem da janela
de um bar noturno em Copacabana e ouço o riso murcho
dos funcionários públicos em fim de carreira e ouço o choro
secreto das mães que olham as filhas a se porem seios
à borda dos abismos do mundo e ouço o pai que interroga

o futuro enrolado nas dobras do tempo e alisa a cabeça
do filho e ouço os filhos que olham os pais e espantam-se
por vê-los de repente tão pequeninos e perplexos e ouço o diálogo
exausto das prostitutas com os gigolôs que ao fim da noite
vão apanhá-las no Bolero e ouço os passos dos desquitados
à procura de novo pouso e ouço o esvoaçar dos pombos
na Praça Floriano e ouço como um eco gravado no meu íntimo
meus passos tantas vezes perdidos pelas ruas da cidade

III

ELE – Cidade quero
pleno domínio
de seus segredos
Quero espalhar-me
por seus meandros
a beber copas
de guanabaras
verdes-azuis
Quero o feitiço
com que enfeitiça
e essa poesia
de suas tardes

ELA – Sob este céu
já falta espaço
para os que nascem
sob este céu
Nos cemitérios
não há espaço
para os meus mortos
Sob outro céu
talvez o cubra
um céu perfeito

ELE - ...

ELA – Não fique assim
Não há espaço
mas dá-se um jeito

ELE – Mulher eu posso
saber se pode?

Conheço muitos
escondidinhos
por trás do austero
de prédios sérios
Trago reserva
de força e esperma
para dez anos
de amor eterno

ELA – É bom que saiba
que uma mulher
não é um vaso
de que se sirva
como se serve
de um *water-closet*
É bom que saiba
que nós mulheres
temos por baixo
de nossa roupa
alma também
É bom que saiba
que não tem nexo
isto de sexo
se falta o amor
que o justifique
É bom que saiba ...

ELE - ...

ELA – Ora amorzinho
não fique assim
dá-se um jeitinho

IV

CIDADE ELA

CIDADELA

SE
DÁ
DELA

CIDADEMULHER

A CASA EM BOTAFOGO

Do seu futuro ou sorte – e é mesmo sorte
saber quando há de ser a própria morte? –
teve a revelação num sonho, ou mais
do que num sonho, teve-a por sinais
bem claros a mostrar que morreria
tão logo pronta a casa que construía.
- "Ah morte, não me pegas!" – E num momento
a casa, perto já do acabamento,
foi abaixo, voltando ao chão em osso,
ou ao projeto, ou menos: ao esboço
aos poucos desenhando-se em projeto
ainda na cabeça do arquiteto.
Pouco a pouco outra casa, a pouco, e pouco
ergueu-se ali, para antes do reboco
ser também posta abaixo ... Os alicerces
seriam de outra casa ali a erguer-se
em outro estilo: À frente uma varanda ...
Não, sem varanda ... No alto, platibandas ...
Ah, não, sem platibandas ... O telhado
ora ardósia, ora telha, ora inclinado
ora plano ... Janelas ora em arco,
ora em retângulo ... Na entrada um marco
junto do alpendre, ali gravado o *dia*
da conclusão da casa. Oh, não! ... Queria,
em vez de um marco, o que? ... Uma coluna

de nobre estilo, marca da fortuna
de quem ali morava. Ornatos postos
eram tirados ... logo mais repostos.
Rosáceas e vitrais lembrando jóias,
lambrequins, esquadrias, clarabóias,
o mármore do piso, os azulejos,
sancas, florões, sobejos e sobejos
eram de um jeito, em pouco de outro jeito,
e em pouco de outro, a dar um outro efeito
não só por fora, mas também por dentro.
Até que um dia, ao refazer o centro
da sala e planejar riscos e entalhes
para os portais de dentro .. e mais detalhes,
ele sentiu faltar-lhe o ar no peito
... Mas do que planejou tudo foi feito
e a casa, pronta enfim, tinha um zimbório
a pousar sobre a noite do velório.

A MORTA DO POSTO SEIS

Sonho? Verdade?
Mas foi comigo?
Por mais que lembre,
não acredito.
Lembro: era verde
o meu vestido.
O mar coberto
por véu de vidro
e dele vinha
um vento frio.
O sol deitava-se
num longe ambíguo.
Foi pesadelo?
Deu-se comigo?
Na praia, olhava
para o infinito;
se achega um moço
de olhos submissos.
- Moça, em que pensas? -
Nem olho ou ligo.
- Sei que teus olhos
fitam o abismo,
pois também sinto
esse feitiço.
Se queres, vamos
a um edifício
que sei, e do alto
veremos sítios
que nem concebes
no azul marítimo. –
Então eu olho-o,
e o olhar oblíquo
como se escusa
do que foi dito,
traz-me confiança,
faz-me segui-lo.
Verdade? Sonho?

Mas foi comigo?
Nem bem chegávamos
a eirado altíssimo,
ele me agarra
com jeito aflito
e quer que eu tire
o meu vestido.
Tento acalmá-lo,
sorrio e digo-lhe:
- Tenho quinze anos.
- Mais um motivo!
- Mas sou honesta,
sabe, e é preciso
tratar as moças
com modos dignos. –
E então seus olhos
antes esquivos
têm brilho estranho
como acendido
pelo demônio.
Mas foi comigo?
Ou foi um sonho?
Eu grito, eu grito,
e de repente
pra meu alívio
surge outro moço,
que vem solícito ...
Também me agarra
e os dois, num misto
de desespero
e ódio esquisito,
rasgam-me a roupa;
como dois bichos
mordem-me toda
entre ganidos.
Pedem-me dócil
a seus caprichos,
e deles sujam-me
cuspos lascivos.

Ao mar, às nuvens,
eu grito, eu grito.
Eles me agarram,
mostram-me o abismo,
e um deles fala:
- Cede, ou te atiro. –
Ao vento, às nuvens,
eu grito, eu grito,
e me deu asas
o vento frio
por onde voga
o meu espírito.
Lembro: era verde
o meu vestido.

VISITAÇÃO À IGREJA DA PENHA

Trezentos-e-sessenta-e-cinco
degraus teremos que subir

Mas ao chegarmos lá em cima
possamos ainda a boca abrir

A Nossa Senhora da Penha
muito temos para pedir

E Nossa Senhora da Penha
lá na altura há de nos ouvir

Subamos antes de joelhos
para dos erros nos remir

E peçamos muita paciência
mas muita para o ano a vir

Trezentos-e-sessenta-e-cinco
dias teremos que curtir

BALADA DO HOMEM NO CAOS

Ao médico Waldemar Rosa Santos,
mago de ossos

Já que o caos é nosso elemento
e os ônibus, carros, buzinas
têm sempre mais forte argumento
quando nos fazem em ruínas,
cantem todos um miserere
ao ver-me ruína dolorosa,
mas que seja na Rui Barbosa
à altura da Escola Ana Neri.

Já que é inútil ser prudente
e qualquer esboço biográfico
que de mim falar, certamente
dirá da vítima do tráfego;
já que futura dor me fere
e meus ossos vão ser quebrados,
ao menos deixem-me aos cuidados
das enfermeiras da Ana Neri.

Operem-me os ossos da perna,
desde que, por anestesia,
sobre mim se debruce, terna,
uma aluna de ortopedia.
Que meu corpo se recupere
de seus membros despedaçados,
mas aos poucos, sempre aos cuidados
das enfermeiras da Ana Neri.

Envio

Bem sei que o tráfego prefere
vítimas mortas a aleijados.

Mas todo não me dilacere,
só deixando uns ossos quebrados
e o resto incólume aos cuidados
das enfermeiras da Ana Neri.

PRAIANA - II

Altaneira e ao vento
de pé sobre a Pedra
do Arpoador
doma o espaço e o tempo
doma o mar e a terra
e o meu fervor
Nem sabe que a velo
Nereida impassível
ao guardador
e a apenas dois metros
acima do nível
de um mar de amor

CAMINHO DE SÃO CONRADO E A BELA

No fim da curva outra curva
e a estrada entre pedra e mar
e ao fim da curva outra curva
no corpo agora meu par

- Amor? Mas olha o romântico!
- É tão difícil?
- Se é!
- Por que te fazes perversa?
- Sou das melhores, até.

e o carro vai como em sonho
vencendo as curvas fatais
e logo a praia alongando-se
perde-se em dunas carnais

- Eu te amo.
- Quero que saibas
que qualquer uma não sou.
- Eu te amo.
- Conversa de homem
comigo nunca pegou.

e logo a praia alargando-se
e logo o céu mais azul
e logo a voarem seus cabelos
ao sopro do vento sul

- Mas és tão bela! Impossível
com esse corpo dado a ti
que passes em brancas nuvens
a vida inteira.
- E daí?

e logo o encontro impreciso
de areis espumas sal
na Praia de São Conrado
e a voz do bem e do mal

– Eu te amo.
– Pois sim, precisas
é de um lar, de uma mulher ...
– Vamos devagar, menina,
que o destino é mau chofer.

DISCURSO NA ESPLANADA DO CASTELO

Deuses de ofício que atrás de mesas
teceis em laudas nosso destino
nada requeiro que as leis são belas
mas não amparam o que mais quero

Com essa pasta por sob o braço
ides notáveis guardar da pátria
nossas finanças espandongadas
e nossas fábricas de analfabetos

Com essa pasta por sob o braço
sois infalíveis e obrais justiças
em folhas rotas que já parecem
as esperanças dos justiçados

Com essa pasta por sob o braço
tratais das nossas várias mazelas
ou fazeis cálculos sobre os salários
dos operários da estratosfera

Com essa pasta por sob o braço
plantais nos tacos dos gabinetes
que aram as verbas da agricultura
muitas sementes de nossa fome

Com essa pasta por sob o braço
sonhais estradas somais os deficits
das ferrovias e das costeiras
e pensais alto que a pátria existe
graças a vós.

IMPROVISO À MORTE DE ANTÔNIO MARIA

Vivias de ave da noite
e eu vivo de ave do dia.

Por isso nunca nos vimos
em vida, Antônio Maria,

e embora as solidões nossas
às vezes em companhia

uma de outra, um do outro tínhamos
só uma ou outra fatia.

Por isso estranhos soavam-te
versos da minha autoria

e vogando em tuas crônicas
de mim mesmo me fugia

para onde as tuas canções
levam-me a triste euforia.

Numa boate, está claro,
te foste, Antônio Maria.

E assim não me foi possível
ir ver-te com uma elegia.

Mas nas boates da morte
encontram-se a noite e o dia.

E assim lá será possível
encontrarmo-nos um dia.

SANGUE NO MANGUE

Ana dos Homens
frente a palmeiras
onde não cantam
os sabiás
De suas cismas
nasce clareira
entre palmeiras
de anos atrás

Ela aos dez anos
subia às grimpas
de alto coqueiro
súbito cai
Mas entre os braços
de homem estranho
que bem podia
ser o seu pai

Ele em silêncio
a põe nuinha
pega-lhe as partes
indo-se então
Aos quinze anos
ela na vida
deitou com homens
em multidão

Mas ao estranho
que a apalpou nua
suas lembranças
eram fiéis
E sempre nele
é que pensava
quando se dava
por cem mil-réis

Ana dos Homens
volta da casa
onde no Mangue
a vida faz
Pela Avenida
Getúlio Vargas
tombam matizes
de um céu lilás

Ana dos Homens
em frente a aurora
e uma navalha
sobre ela cai
Antes de morta
vê um estranho
que bem podia
ser o seu pai

DISCURSO NA ESTAÇÃO PEDRO II

... Subúrbios longínquos, esses homens
Murilo Mendes

São congressos tédio-cômicos
sobre prismas econômicos
nestes tempos bombatômicos
e o trem já vai e o trem já vem
O ouro é de matéria plástica
A beleza em forma elástica
é mais fruto de ginástica
e o trem já vai e o trem já vem

São crânios da Era Neolítica
os bambambãs da política
nos palcos desta Era Crítica
e o trem já vai e o trem já vem
Em nome de frágeis lógicas
sopram flamas demagógicas
de brasas escatológicas
e o trem já vai e o trem já vem

São polêmicos eufêmicos
São anêmicos pandêmicos
como em grêmios acadêmicos
e o trem já vai e o trem já vem
São frases sem sangue e músculo
em caracteres maiúsculos
dadas depois em opúsculos
e o trem já vai e o trem já vem

Mas vós de olhar cronométrico
deslizais num tempo tétrico
espremidos num elétrico
e o trem já vai e o trem já vem

O sonho vosso funâmbulo
marca no tempo o preâmbulo
de um mundo menos sonâmbulo
e o trem já vai e o trem já vem

Nada dizeis mas na prática
conduzis clara gramática
na tática apostrofática
e o trem já vai e o trem já vem
Ides levando em sarcófagos
os que vivem (antropófagos)
de vosso sangue (hematófagos)
e o trem já vai e o trem já vem

Sem saber levais os cômicos
sem sal destes tempos vômicos
destes tempos bombatômicos
e o trem já vai e o trem já vem
Sois assim vivas casuísticas
a mostrar por estatísticas
o vazio em velhas místicas
e o trem já vai e o trem já vem

INSTANTÂNEO - III

- Amor, o Rio é tão sujo!
Por que será que o mundo
é tão sujo?

- É porque o ano está acabando
e todos atiram pelas janelas
as marcas do ano que acaba..
É porque o vento passa,
o vento está sempre passando,
e sempre as folhas das árvores
espalham-se pelas ruas.
É porque a chuva traz de longe
lama, meu bem, lama e tristeza.
É porque o mar devolve à terra
os seus (dela) detritos.
É porque jogamos ao chão
tudo o que nos pesa ou se nos torna
inútil.

Mas eles vêm, amor, surgem de súbito
de portas invisíveis no asfalto.
São os garis. Olhe-os: dir-se-ia
que dançam um *ballet* à música do tráfego.
E varrem, varrem. São eles
heróis silenciosos e obstinados
contra a sujeira do mundo.

ASSOVIO EM TOM MENOR

Por esta rua do Rio
perdem-se passos perdidos

Em minha mão uma chave
e a porta qual é? quem sabe?

Meus passos vão rua acima
A rua nunca termina

Meus passos vão rua abaixo
Só uma porta não acho

E o coração vai comigo
por esta rua do Rio

Vai moleirão farejando
uma sombra um vulto um manto

Que à sua dona quer dar-se
como um cão a meigo cárcere

E como um cão pela rua
ladra à lembrança de luas

E como um cão ao chão joga-se
uiva rebola e se coça

E como um cão lambe os rastos
invisíveis de seus passos

Degraus de tristeza subo
Num décimo andar procuro

Elevadores me trazem
de volta – e desertos se abrem

E nesta rua do Rio
perdem-se passos perdidos

Vão dar (nem sei) numa praia
na orla do amor ou em nada

Em minha mão uma chave
e a porta qual é? quem sabe?

ACLAMAÇÃO NO RESTAURANTE ALBAMAR

Uma semente engravidava a tarde
Carlos Drummond de Andrade

Era a tarde uma exausta
gleba de barro e cinza
junto a um rio sem rumo
- e caiu a semente.

Entre destroços de alma
e um sol a se pôr sempre,
ali jazia um sonho
de encontro e permanência

- e caiu a semente.

Do que crescera, da árvore
vinda de um chão de fábula
ou das várzeas da infância,
colhemos e juntamos
flores que mal se abrindo
já se sonhavam frutos.

Breve à nossa passagem
abrira-se alameda
com dois ermos caminhos
que no fim se encontravam

- onde de alma e mãos dadas
um só nos aclamamos.

MADRIGAL NO AEROPORTO SANTOS DUMONT

Desces – e em minha mão pousas de manso
a tua mão que conservou das nuvens
o frio e a pluma, e traz de ébrias estrelas
meiguice e flama.

Desces como a acudir a um meu chamado,
e o que me resta de alma é em tapete
para que pises e teus pés te tragam
onde me encontro.

Sós, em frente do mar e do aeroporto,
apertamos nas mãos ninhos de espera
e há distâncias, há fugas, há convites
em nossa frente.

Desenham-se ante nós ilhas de sonhos:
um navio que parte em pouco é fábula,
sobe um avião e leva-nos às bordas
do que sonhamos.

LITANIA

A minha amada mora na Glória.
Como ir à glória? Quem me dirá?

A minha amada mora na Glória.
Para ir à gloria regras não há.

A minha amada mora na Glória.
Falam-me outeiros de onde ela está.

A minha amada mora na Glória.
Todos os bondes passam por lá.

SONETO AO BONDE DO JARDIM DA GLÓRIA

Bonde,
por
onde
for,

ronde
flor,
sonde
cor;

leve
breve
a ela

meu
eu
dela.

ENTRADA TRIUNFAL NA PRAÇA PARIS

Trezentos milhões de arcanjos
Em plena Praça Paris.
Lêdo Ivo

Na Praça Paris um anjo
guarda invisível portal.

Em sua mudez de pedra
fala do bem e do mal.

Fala das chamas que espreitam
qualquer pecado carnal.

Numa das mãos tem a Bíblia,
noutra o Código Penal.

Cai num ouvido, sai no outro
sua fala angelical.

Ali é que os namorados
fazem seu sacro local.

Um mais uma ali se somam
numa unidade integral.

Ali trabalha-se muito,
mas o trabalho é manual.

Se seios fossem buzina,
era um barulho infernal.

Há um avanço de lábios
e um avanço de sinal.

Muitas semivirginddes
têm seu suspiro final.

Os bancos ali preparam
para ao leito conjugal.

- Não vos perturbeis, colegas.
Sou eu e meu ideal,
que após dar em muitas portas
vim a encontrar afinal.
Para a vida e para o sonho
temos licença legal,
e aqui somente aguardamos
os sons da marcha nupcial.

E deu-se entre os amorosos
a nossa entrada triunfal.

À porta, o anjo sorria
com ar sobrenatural.

ANÚNCIO NO JORNAL DO BRASIL
OU
À LA RECHERCHE DU FOYER PERDU

Procura-se nesta cidade
para o poeta e sua amada
prisão suave com janela
sempre a abrir-se para o infinito
onde ambos possam debruçando-se
comentar as pequenas coisas
ou mesmo as verdades profundas
deste milagre de existir.

Na Rua Mário de Andrade
eu quero, amiga, morar.
Não sei quem tivera a idéia
de abri-la em algum lugar.
Um jornal deu-me a notícia,
fui a rua procurar ...
Dos lados do Botafogo
não muito perto do mar,
subirás a São Clemente
olhando do lado par
- assim dizia a notícia -
e por certo hás de a encontrar.
Andei por dúzias de ruas
depressa ou bem devagar,
perguntei pelas esquinas,
parei num bar, noutro bar,
apelei para as antenas
de um meu íntimo radar,
e nada de a rua achar.
Na Rua Mário de Andrade,
para o bem ou para o azar,
na Rua Mário de Andrade
vamos, amada, morar.

O mestre dos meus vinte anos
não posso ter num altar,
pois haveria de rir-se
de preito assim tão vulgar.
O mestre dos meus vinte anos
que me ensinou a cantar
e que me diria agora
se inda pudesse falar:
"É milhor que não versejes
com tantas rimas em ar".
Venham, incorporadores
construtores corretores
me digam já vendedores
que fazer para comprar.
Quero um prédio face norte,
talvez um terceiro andar,
uma peça para os livros
e outra peça para amar
e outra peça para os filhos
que em conseqüência eu ganhar.
Na Rua Mário de Andrade
vamos fazer nosso lar.

DAS ESCRITURAS - II

Saibam todos que ao fim de uma tarde nesta cidade de São Sebastião
compareceram como dois exilados perante mim, tabelião,
a pouco menos de dois mil anos do nascimento de Nosso Senhor
e a pouco mais de dois anos do nascimento do seu grande amor,
o poeta e aquela que por mercê e lei do amor é sua eleita,
a fim de que diante dos códigos e leis do mundo fosse feita
a união de seus corpos, já que as almas estavam unidas
desde os séculos dos séculos, nesta e noutras vidas.
E como davam a impressão de exilados de secreto território
onde o encontrar de dois corpos chega a tornar-se incorpóreo;
e como usassem uma linguagem que não se traduz nos autos,
e de um mundo apenas sonhado parecessem eles os arautos;
e como impedimento algum houvera à vista dos proclamas
nem nas sindicâncias sobre o poeta junto a donzelas e damas;
e como se mostrasse ele disposto a dar à eleita, além do nome,
no caso de se virem um dia mastigados pelos dentes da fome,
as fibras menos impuras de seu coração feitas em cozido,
isto embora (como se diz) nenhum poeta sirva para marido,
e as musas do poeta Manuel Bandeira vivam e morram de brisa,
e sonhem mesmo os poetas bem-casados com indecifrável Adalgisa;
e como, afinal, contra um grande amor não é possível argumento,
de acordo com vontade expressa de ambos foi o casamento
dado e passado nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro,
sob uma revoada das aves do amor, em data de seis de janeiro.

SONETO NA ESTAÇÃO DAS BARCAS

Quem canta em nossos passos? Quem nos guia?
Quem fez calar os pássaros do agouro?
Quem funde o mar de agora e o mar vindouro?
Quem faz que para nós não morra o dia?

Esta é nossa primeira travessia.
Como que nos embala o embarcadouro,
e em pouco o mar que ao longe dorme em ouro
salpicará em nós sua magia.

Da vida guardaremos este instante
e este instante, a sugar o sal do eterno,
com nosso sangue há de fluir, sem foz.

E assim, mesmo que o mar não cante e encante
um dia, dir-nos-á, imenso e terno,
que o amor jorra do eterno – e flui em nós.

DAS ESCRITURAS – III
OU
TERMOS EM QUE SE AJUSTA UM LUGAR AO SOL (OU À SOMBRA) NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO

E fica ajustado que o bairro
é o Bairro de Santa Teresa
e são três quartos e uma sala
bem no meio da natureza

E fica ajustado que a rua
só morre onde nasce uma fonte
a fim de que lembrem que a morte
é mesmo o início de uma ponte

E fica ajustado que o prédio
em vez de subir desce à terra
para que não pairem na lua
ao passo que a vida os soterra

E fica ajustado que a nesga
de mar que entra pela janela
é para nas horas difíceis
dizer-lhes de coisa mais bela

E fica ajustado que a sala
que se abre sobre o Pão de Açúcar
responderá à sede de ambos
com as águas tranqüilas da Urca

E fica ajustado que a sala
terá um Chagall na parede
para se a paisagem for pouco
os olhos matarem a sede

E fica ajustado que a mesma
sala terá duas cadeiras
de onde se embeberão nas cores
da aurora sobre Laranjeiras

E fica ajustado que os quartos
à sombra das árvores dormem
e a bem do aconchego bucólico
os donos jamais os reformem

E fica ajustado que o quarto
aquele em que dormirão juntos
há de encerrá-los cego e surdo
a seus mais íntimos assuntos

E fica ajustado que o dono
que tem na dona a sua dona
não espalhará pela casa
a sua tristeza trintona

E fica ajustado que os filhos
virão ocupar todo o espaço
e até mesmo o espaço lá fora
terá deles sempre algum traço

E fica ajustado que passa
para a posse de ambos o teto
neste traslado um pouco à moda
do João Cabral de Melo Neto

CHÃO BÁSICO & ITINERÁRIO

LESTE

(1965 / 1975)

CHÃO BÁSICO

É o chão
que me dá de beber
e a água
é como se jorrasse
de tuas mãos
em concha

É o chão
que amassa o pão nosso
e o amor nosso
de cada dia

É o chão
que vem tecendo
pelos caminhos do mundo
os fios invisíveis
que me guiaram
a teu encontro

É o chão
que nos acorda
para a manhã e a vida
com uma bandeja de pássaros
e frutas

É o chão
que aquece as raízes
a flor ainda em promessa
e numa estrela
o teu olhar de lebre
e de infinito

É o chão
que vai crescendo
e se multiplicando
em explosões de grãos
e de horizontes
e faz com que germine
em mim o ímpeto de asas
para eu voar em teu encalço
enquanto enrola teu corpo
em fragmentos de algodão
e nuvem

É o chão
que traz para lamber-te
os pés
no chão
o mar e a sua mensagem
de distâncias

É o chão
que abre as entranhas
para que eu nasça
e tu renasças
dia por dia
e estende-me teus seios
para que eu neles sugue a seiva
da vida
e da poesia

É o chão
que nos embala e envolve
entre paredes e lajes
enquanto lá fora uivam
os rigores do mundo

É o chão
que eu vou calcando
é o chão
que nós vamos calcando
- e o chão se abrindo aos poucos
aos poucos
para engolir-nos

AQUI E OUTRORA

Há muito tempo
que sou
um habitante
do mundo

Eis como prova
minha carteira
de identidade
de número
um dois três quatro
assim disposto
em ordem
cinco dois nove
já em perfeita
desordem
assim como eu
e o mundo
misturas per-
feitas de ordem
e caos

Há muito tempo
que uso nos pés
esta couraça
e que me envolvo
beatificamente
nesta armadura
de lã e linho
e assim mostrando
corpo fechado
ao gume ambíguo
da morte

eu vou à vida
e levo a vida
como quem leva
na palma
da mão esquerda
a marca
a ferro e sina
da morte

Há muito tempo
que vou
jogado à fúria
das águas
e à fúria
da terra
e indo na onda
dos sete mares
aqui recebo
e ali entrego
mercadorias
e me despeço
do grande amor
em cada porto

Há muito tempo
que vejo
na água da vida
esse reflexo
de mim
e é sempre o mesmo
o mesmo
desconhecido
num parque
de uma cidade

desconhecida
sentado ao lado
de águas passadas
- essas que movem
os meus mais íntimos
moinhos –
e fala fala
como quem fala
a uma criança
maravilhosa e
desconhecida

OFÍCIO DE VIVER

O mundo que encontrei já era isso.
O jeito foi bordá-lo
com palavras.

Palavras e palavras, esta a herança
que tive e vou deixando.
O jeito foi juntá-las
untá-las
soprá-las
dobrá-las a meu jeito
Perdão ó mestres
vos dou a mão à palmatória
mas não sei ser outro, não sei
ser de outro jeito.

O mundo é isso
e o jeito é ir chutando e vou chutando
e vou driblando e vou sendo driblado
e vou caindo e vou-me erguendo e vou
e vou gemendo
atrás da bola
e a bola à frente
e ao lado a bola
e do outro lado
e nas alturas

Mestres
meus mestres
qual o sentido
de tudo isso?

ECCE HOMO

Vim ocupar este lugar no espaço.
O espaço me dá o ar e o inefável
que aspiro e de mim volta
ao mundo
em névoas de veneno.
Eis o homem!

Fui por aí e plantei árvores,
escrevi livros, fiz alguns filhos
que já vão por aí.
Eis o homem!

Vou por altos
e baixos
e um sal feito de lágrima, suor e sangue
tempera as iguarias
que vou comer à mesa de nababos.
Meus dentes não têm ética
e vão moendo
todos os reinos
da natureza,
que vão fazer-se em fezes
que vão voltar aos reinos
da natureza,
por onde vamos por altos
e baixos.
Eis o homem!

Vou indo
feito uma abelha, vou indo
de palavra em palavra
a extrair das palavras
a polpa e o sumo
e a devolvê-las
ao mundo
mexidas a meu modo.
Eis o homem!

DISCURSO ANTI-ANTILIRA

Vós
que ditais as Normas
vós os Sábios
perdoai-me por ter este sotaque
estranho ao Ritmo
e estes versos amarrotados
fora de Moda e fora
dos meus bolsos
e este ar de gênio esconso
com que respondo em tom de desafio
aos desafios
da vida

Vós
que pregais os Dogmas
sem réplica nem tréplica
e trazeis já Respostas
às minhas não perguntas
perdoai-me se vou passando
e não vos ouço
e sigo o peito aberto
às fórmulas do acaso
assim dando água à sede
de quem só teve o mar
depois de grande

Vós
que guardais em caixa
inviolável
e a sete chaves
todo o Segredo

da Poesia
perdoai-me
mas o meu canto é este
não tem jeito
que ele é assim mesmo
e a culpa é das palavras
enroladas nas goelas da semântica
com que a vida
enquanto vai pisando
os chãos desta alma
a arder em mim e por aí vogando
atlântica
astromântica
me escalavra
e lavra
e lavra
e lavra

40 ANOS

"A vida começa aos quarenta"
Dito-consolação popular

Rugir severo
na estrada atrás, se a retomo
na estaca zero.

DA LIBERDADE CONSENTIDA

As vozes
dos nossos amos
descendo das alturas
nas vozes
de corifeus armados
e impassíveis

Os ecos
ao repeti-las
em eloqüência
de pedra
vão escalando
nossos lugares
à sombra

Eis-nos livres
para um mergulho
nas águas turvas
da vida
e só voltamos à tona
ao ritmo de um cântico
tão nosso
e tão estranho
e hermético

Eis-nos livres
para rangermos os dentes
à margem do milagre
da multiplicação

e divisão
dos pães
enquanto vamos correndo
de um lado a outro
a aparar o leite
das tetas do Tempo
das Vacas Gordas

Eis-nos livres
e de mãos soltas
para adornarmos com asas
os pensamentos
e os masturbarmos
trancados entre celas
transparentes

Eis-nos livres
livres
para casarmos
com quem quisermos
desde que seja
com a Maria
da Conceição
ou Concepção
ou Concessão
dos nossos amos

TURRIS EBURNEA

Foram degraus
e degraus
e degraus
e aqui estou
senhora
no alto
da torre

Céu limpo
e eu limpo
do pó das ruas
assim purificado
senhora
aqui eu só espero
que venhas

Enfim sós e longe
de tudo
e embalados em rede
de nuvem
que senhora farra
faremos
senhora

Enfim sós e longe
de tudo
e sentado a uma mesa
de nuvem
com que versos mais belos
senhora
vou falar do mundo
ao mundo

Por que me trazes
senhora
à janela
da torre?
Não vês
que aquele lá embaixo
crucificado
nos cruzamentos
das ruas
sou eu
senhora?
Não vês
como me jogam
as ruas
pra lá e pra cá
e como de mim fazem
gatos e sapatos
senhora?

Foram degraus
e degraus
e degraus
para chegar ao alto
da torre
e a torre
senhora
não existia

AS DIREÇÕES

É uma aranha
que sobe
pela parede
e as garras
numa certeza
de setas
apontam para aqui
e para ali
e para todos
os lados
mas conduzindo a aranha
num só sentido

É sobre as setas
voltadas para todas
as direções da Terra
e das alturas
que a aranha sobe
mais leve do que o ar
e enquanto isso
meu pensamento
batido pelos ventos
da Terra
e das alturas
meu pensamento
com todo o peso
do mundo
põe-se a segui-la

São muitas
e muitas
as direções

e em todas elas
as cidades do mundo
estão chamando

É sempre sinal verde
e é sempre o pensamento
que segue
com suas garras
pelas paredes da memória
e pelos muros rabiscados
de formas lúbricas
e desacertos
É sempre o pensamento
que parte
e esbarra no horizonte
e volta
e parte novamente
e novamente esbarra
na ausência de horizonte
ou de sentido
para a partida
e/ou para
a volta

PARADISE LOST

Vou à fonte
beber água
e a água
que bebo
não é água
da fonte

Pelos pomares
que restam
no chão calcado
de vidas
e mortes
as árvores
a darem frutos
e sombra
à vida
são árvores
mas não as árvores
da vida

Os peixes
que sobem
do ventre
sua
   vio
      lento
das ondas
no eterno milagre
dos peixes
e aqui embalam
a fome
do nosso ventre

não têm mais carne
de peixe
e nem se parece
com fome
a fome
do nosso ventre

Nas tardes
saio pelas ruas
dos homens
e as tardes
não são mais tardes
e as ruas
não são mais ruas
e os homens
já nem se lembram
do gosto
da água da fonte
e nem do gosto
de um fruto
ou de uma sombra
e nem do gosto
de um peixe
e nem do gosto
da fome
e nem do gosto
do gosto

OS MORTOS DO JARAGUÁ

Eles dormem: são dóceis
farelos de alma e ossos,
e nem como fantasmas
retornam, num espasmo
do que foram. E dormem
dentro da teia enorme
dos casos de família
Ou nem isso: são ilhas
submersas no não-tempo,
em nunca mais, em sempre ...
Mas movem-se: em meus ossos,
no olhar dos filhos nossos,
Astrid, eles retomam
o ar de mulheres e homens,
e erguem-se do repouso.
Freitas, Félix de Sousa,
Amorins e Camargos,
todos fazendo carga
nos rumos do meu sangue,
todos vértices do ângulo
onde hesito, entre brumas,
entre este e aquele rumo.

LIGEIRA DAS INTENÇÕES

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Vou sair por este mundo
e todo o mundo abraçar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Já vejo pernas e braços
que o mundo vai mutilar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Vou arrancar os antolhos
e de uma vez tudo olhar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Quem quer ver o sol de frente,
o sol queima até cegar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Tirando as mechas do ouvido,
quanto se pode escutar!

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
É doce a voz das sereias,
e à morte pode arrastar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
O amor veio e abriu meu peito.
Agora o jeito é cantar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Onde o amor eleva um templo,
mil vendilhões vêm cobrar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
Vou pegar meus restos de asas
e um vôo imenso ensaiar.

Ei! d-a, dá.
Ei! d-a, dá.
O mundo-inferno está cheio
de asas que querem voar.

POEMA INSPIRADO EM TRÊS PAULOS

Bem-aventurado aquele que não se
condena a si mesmo naquilo que aprova.

Da "Epístola de São Paulo aos Romanos"

Sur les sentiers éveillés
Sur les routes déployées
Sur les places débordant
J'écris ton nom

Paul Eluard

Que seja aberto na praia,
não na sala do notário,
o testamento de todos.

Paulo Mendes Campos

Na Praça dos Três Poderes
seja aberto o testamento
e a cidade-monumento
dê por expressa vontade
a seus seres, seus haveres.
Tudo o que tem a cidade
em amplidões, horizontes,
céu, sol-se-pondo e outras fontes
das bordas da imensidade;
tudo o que tem como tetos
das abstrações de arquitetos
ou como normas e formas
de engenho e modernidade
ou como formas e normas

da vida em comodidade
- que tudo se distribua
como um canteiro de grama
no centro desta cidade
onde nós vimos, da cama,
homens pisarem a lua.
E as coisas se distribuam
por igual aos que flutuam
nesta ou por esta ou sobre esta
comunidade candanga,
como último bem que resta
de edênica bugiganga.
Cidade filha, criatura
do arrojo e da arquitetura,
criando-te somos teus filhos
assim como és nossa filha
e ao se fazer a partilha
ir e vir sem peia ou canga
e ir e vir nos próprios trilhos
é o que mais, mais queremos,
e é menos que merecemos
não viver pela metade
e ir e vir abrindo o peito
cantando a torto e a direito
por essas retas e curvas
e remar com nossos remos
mesmo que águas turvas turvas
se espraiem pela cidade.

RONDÓ DO PAI EM TRANSE

Eles nada pediam
e eu os tirei do nada

Eles nada pediam
e pelos seus narizes
foram entrando sopros
de vida

Eles nada pediam
e agora eles vão soltos
no mundo

Eles vão indo
e o mundo
vai empurrando-os
para os abismos
do mundo

Eles vão indo
e o mundo
vai imprensando-os
contra as paredes
do mundo

Eles vão indo
à minha imagem
e semelhança

POEMA VISCERAL

Ser homem é ter o estômago
infinito dos deuses

e ter chegado tarde
ao banquete dos deuses

e ir por aí ciscando
as migalhas dos deuses

Ser homem é ter nas vísceras
os abutres dos homens

e ir por aí bicando
as migalhas dos homens

Ser homem é ter o estômago
infinito dos homens

PRIMEIRA GLOSA ELEGÍACA

À notícia da morte de Lupe Cotrim Garaude

Na tarde, a aparição: nimbada, etérea.
Eu a estender-lhe o ser e estas mãos grossas,
e era feita de graça, de imatéria.

Era feita de garça: e desfazia,
diáfana, esses nós de que sou feito,
dando razões de estética, e poesia.

Pois dava uma canção, só por tangê-la.
E entre nós dois, uns versos de matuto
e a lenda a repetir-se: o sapo e a estrela.

E repetiu-se a história: alada, etérea,
jovem se foi, dos deuses filha e eleita,
ela feita de nuvem, de imatéria.

FORMA E CONTEÚDO

Uma semente
na frente
do espelho

Uma semente
e seus muitos
reflexos

No invólucro
as arestas
da casca
do mundo

No tamanho
os contornos
de um fruto
infinito

Nas entranhas
os apelos
na treva
por vida

E na forma
os formatos
dos germes
do amor

A ILHA DESERTA

Cercado de água
por todos os lados
tão doce era a vida
na ilha deserta
com meus dez livros
de cabeceira

e com o afago
de brisa e espumas

e com o verde
de água e palmeiras

e com o corpo
da musa
que vinha
e nos amávamos
e se ia
segundo a música
do meu corpo

Cercado de água
por todos os lados
na ilha deserta
só povoada
por mim e a musa
não me atraísse
o mundo tão longe
e tão próximo
com o seu ímã
de precipícios
não me envolvesse
esta fumaça
em sua névoa
a tomar formas
de mãos
que me agarravam
e de olhos
olhando-me
como se olhassem
a última tábua
entre os despojos
de um naufrágio

não me envolvesse
esta fumaça
vinda de tão longe
e de tão próximo
com o seu cheiro
de ácido e óleo
cinza e crepúsculo
e de almas
e vidas
tostadas em fornos
crematórios

não me engasgasse
esta fumaça
que sobe
de chaminés fincadas
per omnia saecula
saeculorum
nas paisagens
do Século
e em negro arco-íris
desce nas ilhas
onde relemos
sem entendê-los
nossos dez livros
de cabeceira

SEGUNDA GLOSA ELEGÍACA

Minha mãe está morta e os pássaros
ainda cantam, cantam, como que me chamando
para os seus ninhos de fofura e acordes,
como que me chamando para
os seus redutos de infância e levitados.
Mas estou surdo. Está surdo
o pouco que sobrava em mim de íntimo
da infância e seus desvãos e suas várzeas.
Vou só, e minhas pernas estão frias,
frias, e o chão me foge aos pés, me foge,
e mal arrasto tanto peso do próprio ser
de súbito caído, vazio e inerme, no
coração do nada ... Minha mãe está morta.
Antes, era simples partir sabendo sempre
para onde voltar. Era simples sair
pelo mundo batendo a cabeça contra
as paredes, e em algum lugar um dia
poder sobre um regaço deitar
o sono dos muitos sonhos gastos.
Mas minha mãe está morta, as duas mãos
que me levavam em meio às muitas sombras
até à sombra de Deus, assim que me doíam
as mordidas da vida ... E agora, vou como
uma barata tonta em meio a sombras e golpes
do imprevisto: vou como
arrastado por pernas como
amputadas do meu corpo como
amputado de mim, e, órfão de mim mesmo,
onde vá eu chego à imensidade
do pequenino espaço onde
minha mãe está morta.

RELÓGIO DA FAMÍLIA

Ê – vem como quem diz – E agora? E agora? –
desde as brumas do século passado
até este momento – agora, agora –
E ele enche o espaço, e a casa e os seus espaços
com secos tiquetaques e indiscretas
batidas, que vai dando e repetindo
- E agora? Agora. E agora? - Agoroutrora
ê-vem meu bisavô, ele ê-vem vindo
de entre a poeira erguida de uma tropa
no sertão de Goiás, e ele é quem manda
que desçam três caixotes: num o pêndulo,
noutro os dois pesos, noutro o maquinismo
e esse pavão dourado, que lá do alto
da parede da sala de estar-sendo
pôs-se a chocar o estar de uma família.
E ê-vem testemunhando nascimentos,
mortes, conversas, choradeiras, risos,
gestos de adeus dos que depois voltaram,
gestos de adeus dos que não mais voltaram.
E do alto da parede, lança a sombra
do que já terá visto, e é já coberto
pelo bolor, ou já feito em serragem
pelos gumes do tempo – E agora? Agora
lá vai meu bisavô, vai para sempre ...
e meu avô ê-vem, ele olha as horas,
toma café, acende um pito, e em antes
de ir cuidar dos negócios, ele sobe
num tamborete e cuida do relógio
como a cuidar de um filho, e lhe dá corda
a fim de que não pare. E um dia pára
o coração de meu avô – E agora?

Pois lá vai meu avô, vai para sempre ...
e ê-vem meu pai, e à sombra do relógio
ele me explica tudo: esse mistério
de algarismos romanos, e o do tempo
que vai passando enquanto, enquanto – E agora?
Lá vai meu pai, vai para sempre ... E agora
olho o relógio, e ele me vê do alto
da parede da sala onde estou sendo
- E agora? ...

PAISAGEM

Esse cartão-postal
(o Rio)
com um abraço
e afagos
silenciosos
e oceânicos
da Enseada
do Botafogo
e com o ardor macio
do Aterro
e Praia do Flamengo
e com os latifúndios
de azul lá longe
lá onde estão pastando
e me saúdam
os dragões recuperados
da infância
e com os edifícios
a me envolverem
nos seus vapores
de tédio
e com os meandros
de verde
e os meandros
de asfalto
que do Pão de Açúcar
ao Corcovado
vão desenhando
formas que falam
de coisas soterradas
e eternas
- tudo isso

eu receber de deuses pródigos
e distraídos
tudo isso
eu receber à beira
dos cinqüenta

E eu à janela
debruçado à beira
dos cinqüenta
e eu à janela
a contemplar esse cartão-postal
(o Rio)
e a olhar lá longe
lá onde o horizonte se despeja
na fonte
do tempo
e a olhar ainda mais longe
mais longe
lá onde dança
em explosões de aurora
ou fogo
o começo
ou o fim
do mundo

50 ANOS

Prossegue o jogo
mas já de cartas marcadas
a ferro e fogo.

BALANÇOS

Já não hei de prostrar-me
a lamber os pés infinitos
do amor.

Sim, o amor fecundou-me
com seiva de diamantes.

E tantas luzes
franquearam o acesso
às tantas cercas
de um jardim de delícias
onde eu levava à boca as polpas
de impossíveis.

De tantas, tantas luzes
resta-me agora
um toco de vela
aceso
na poesia
e assim enfrento as noites
e assim enfeito as áreas
da vida
vivida
pela metade.

Sim, é o passado que aflora
como em jardim proibido
e escorre entre flores de bruma
e de remorsos.

E o tempo a me pôr máscaras
para eu olhar-me no espelho
e ver como reflexo
o coração
          aberto
e as mãos
          fechadas.

II

Num prato da balança eu ponho
a alma
e seus mistérios
e seus anseios de criança que busca
o seio materno.

No outro prato,
o espaço outorgado
a meu corpo-e-alma.

A empreitada tem sido às vezes dura,
meus senhores,
e o capital a pôr em movimento
sabeis que fui
e sou
eu mesmo.

Tem sido eu mesmo e o que acrescentastes
em préstimos e empréstimos,
senhoras e senhores,
tanto guardei para outro dia
no fundo de um saco sem fundo
tanto guardei para outro dia
que tudo está somado de um só lado
a meu lado
passivo.

E tudo, ó vós todos
que partilhais comigo o chão
e a atmosfera,
tudo o que vos dei ou que me arrancam
é tudo um peso morto
do outro lado
ao lado do coração que apesar de tudo
ainda pulsa
ativo.

RÉPLICA DO APOSENTADO
OU
POEMA AO EMBALO
DO "ÓCIO COM DIGNIDADE"

Eu que fui feito
d
i
r
e
i
t
o
mas
por li nhas tor tas
donzel capaz
a quem
o mundo
à frente
e
ao fundo
abria frio
e em desafio
as suas portas

eu que
poeta
cedi
em franco jogo
a um banco
o esboço e a meta
da alma embebida
na lauda em branco

onde era lida
por voz secreta
a obra completa
a ser
        o fruto
           ou o
        Produto Interno Bruto
        da minha vida
eu que
        bancário
era esquisita
espécie de extra
subindo à cena
fora do horário
e em neutra escrita
deixando a destra
(esquerda e inábil)
ir ao contábil
sabor da pena
molhada em ganhos
enquanto a esquerda
somava
        a perda de tempo
                +
        sinais de estranhos e incitadores nós do
        não dito ou não escrito pelos demais da
        confraria dos escritores
                +
        a quantia
        - luzindo lon-
        ge ... em gás neon
        e cifra móbil –
        que embolsaria
        um dia o Afon-
        so: prêmio Nóbel

ou num respon-
so mais fiel:
prêmio Nobel

e eu registrando
contas abstrusas
enquanto 100
ou mais %
do pensamento
iam além
do meu comando
ou meu desmando
sobrevoando
formas profusas
de um mundo onírico
sempre ensaiando
um bote lírico
nos pés das musas

e eu registrando
totais absurdos
por adição
da árida Lógica + da Razão
e à vista e ao mando
de um Dia-Não-
Se-Sabe-Quando
os sonhos surdos
à voz da lógica
e da razão
indo aos aromas
das altas somas
tudo gastando

eu a dar tudo
nas horas ocas

de expedientes
como entre bocas
rindo sem dentes
eu sobretudo
dava
        o presente
           pelo
        futuro
        (se é que viria)
        e o inconseqüente
           pelo
        seguro
        (se é que existia)
eu que por tudo
e por teúdo
e manteúdo
à mesa e à cama
de empresa-dama
ou dama-empresa
capitalista
devia à vista
pagar
        ao preço da alma
        a despesa de estar à mesa
        entre os convivas
e seguir modas
do lado avesso
e entrar nas rodas-
vivas mais vivas
e ficar mudo
ou surdo-mudo
quando gritava
e estrebuchava
meu lado avesso

eu – e
n
a
s
fincada
o
s
t
a
s

a cruz
assinalando
- este é alguém
que, em se plantando
nele, produz
de tudo e bem –
e nas respostas
sempre que eu via
a perspectiva
de um cargo honroso
ou vantajoso
sempre um porém
ou a evasiva
nua e direta
- e eu não podia
por ser poeta –
mas o trabalho
do cargo honroso
ou vantajoso
se ele exigia
um quebra-galho
por ter crescido
mais que o ordinário

- eis-me o escolhido
por ser bancário

Pois eis-me livre
como singrando
a um ar bem brando
o **bateau ivre**
de procedência
da adolescência

Mas indo ao peso
e ao contrapeso
da liberdade
e ao embaraço
do último traço
da meia-idade,
se não vou preso
o que é que faço
do facho aceso
da liberdade
que hoje em mim arde
- ainda que tarde?

O que é que faço
se nessa dança
de homem liberto
mesmo a esperança
vista de perto
já erra o passo?

Se me dei todo
ao céu e ao lodo,
se me dei todo
gastando a rodo

o que me veio
por sorte e herança
ou nas partilhas
da aventurança
e suas ilhas
- o meu receio
se quero um seio
onde eu criança
grande me deite
e me deleite
chupando o leite
do que há na vida
de maravilhas,
é que a esperança
em ofensiva
vá de investida
ou à deriva
de águas confusas
e arranque blusas
que cobrem filhas
de outrora musas
e o leite à míngua
chegue-me à língua
num indigesto
sabor de incesto

Eis que impossíveis
voltas ao mundo
descem aos níveis
do giramundo
que imóvel fui;
mas nestes anos
de tantos planos
de volta ao mundo
o mundo em volta

como que rui,
e tantas voltas
à minha volta
ele já deu,
tantas revoltas,
reviravoltas,
que hoje pergunto
cogitabundo
sem mais assunto
e assim me enfado
feito o Machado:
- Mudou o mundo
ou mudei eu?

ITINERÁRIO LESTE

CANÇÃO DO BERÇO

Não durma
menina
e veja
bem próximo
de nós
o Oriente Próximo
tomando a forma
de um coração gravado
na Terra

Ou talvez seja
menina
meu coração cravado
na Terra
tomando a forma
do Oriente Próximo
próximo próximo
tão próximo
de nós
que eis-nos à sua porta
e em nossos lábios
menina
a senha
de Ali Babá

Não durma
menina
e entremos
de coração
no coração
do Oriente Próximo

E agora
menina
durmamos
que é nosso pouso
o berço
de Adão e Eva
o berço do alfabeto
com que me embalo
e a embalo
no berço
das Mil e uma Noites
no berço
de Deus

ASCENSÃO À CIDADE DE GIBRAN KHALIL GIBRAN

If this is my day of harvest, in
what fields have I sowed the seed,
and in what unremembered seasons?
If this indeed be the our in
which I lift up my lantern, it is
not my flame that shall burn therein.

"The Prophet"

Voz poderosa, a tua, e ergueu-se dos silêncios do teu coração, e
/espalha-se pelos espaços da terra.
A tua voz, do coração da terra tem ela a força magnética e tem do céu
/o eco de imemorial chamado.
A tua voz, ora bálsamo, ora bisturi, ela se enxerta e em pouco é ela
/as próprias batidas do coração humano.
É tua voz que me atrai, é tua voz que me leva, e este é o meu primeiro
/ato neste país, é ir no teu encalço.
É tua voz que me eleva, é tua voz que me enleva, e vou como levitando,
/e vou por uma estrada estreita beirando abismos.
E a devassar as alturas e vales que te semearam, escuto, mais do que
/nunca escuto, a tua voz, a tua voz poderosa.

CARTAS DO LÍBANO

À Magalhães Pinto, que me confiou a missão de promover exportações brasileiras junto à Embaixada no Líbano

Antes que a mim se endosse
este termo de posse
e assim em ação entre,
possa eu dizer que dentre
cem milhões de patrícios,
para enviar aos fenícios
de fato o homem certo
a por no lugar certo
sou eu – não por virtude,
ou pelo jeito cru de
dar duro, que em mim vence a-
té o sonho, Excelência.
E se o jeito de um vate
não é bem de mascate,
a fé com que lhe falo
sem rodeio ou abalo
enquanto a alma veste a
máscara da imodéstia,
saiba, se estriba no
jeito de ser no Líbano,
que é dado a quem exerce o
ofício do comércio.
Se aqui é o que me toca
dar rédea ao troca-troca,

aqui o povo lambe os
lábios se fala em câmbios,
e almas se armam em tendas
para compras e vendas.
Aqui planto um negócio
e durmo à sombra do ócio
ou do ópio, já que, aqui, che-
guei à terra onde o haxixe
sai de invisíveis hortos
para invisíveis portos
e daí ganha o mundo
em menos de um segundo,
dando em troca ao país as
mais visíveis divisas.
Assim entre peritos
no comércio e seus ritos,
aqui bem pouco valho
no meu próprio trabalho,
que mal penso está feito
com perfeição e jeito
melhor do que eu faria
se com mercadoria
fosse à feira ou quermesse
e a desse a quem mais desse.
Nossa ou deles a oferta,
o lucro é coisa certa
e os contos do vigário
aqui não têm otário,
que aqui mesmo se tomam
o que é nosso, eles somam
algo bem especial do
que são – a nosso saldo.

Beirute, 6.2.70

A Nélida Piñon, pelo envio
do romance "Fundador"

Allah i salim daitik, amiga! – Que assim dissera
o filho à mãe quando bem nítidas
soaram dentro dele as vozes de um chamado.
Deus salve as tuas mãos, que elas plasmaram
em barro de primeira e amolecido
com águas das fontes do real,
um chão de sonho e deram bafo humano
a formas que o entrecruzam em duetos
a arrastar como correntes ao tornozelo
as suas próprias raízes
de bruma e sortilégios.
Deus salve as tuas mãos, que elas riscaram
além do espaço e além do tempo
este mapa de mágicos roteiros
e indo por eles
não vou dar num ponto misterioso da Ibéria
nem onde Jerusalém se abre a filhos pródigos.
Indo por eles
eu chego às grutas de Adlum, no sul do Líbano,
e paro a decifrar em pedras carcomidas
os balbucios dos primeiros homens.
Ali, entre o mar e as florestas,
eles estão perplexos, e não sabem
qual dentre as frutas devem levar à boca
ou qual dos animais que rondam as cavernas
trará nos dentes o enigma da morte.
Perplexos
diante do que está próximo, eles falam
ao que é alto, a relâmpagos e estrelas,
e falando ao que é alto
criam um deus na zona imensa
do coração.

E assim,
agora que criaram um deus e seus mistérios,
têm força para entrar em mares e florestas,
subir pelas montanhas e ver os animais
com olhos de armadilhas.
E ainda assim perplexos, os fundadores
de raças e de impérios,
vão plantando
num corpo de mulher o rio turvo
da imortalidade

Beirute, 22.70

A Samuel Rawet, a propósito de "Viagens de Ahasverus à Terra Alheia em Busca de um Passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque Sonhado"

O livro que como carga aérea pesa bem menos do que o estranho
/título
por um engano muito comum nesta cidade onde o ende-
/reço de uma pessoa
jamais será encontrado por quem se baseie em nome de rua
/ou número de casa
veio de súbito parar-me às mãos em grato refúgio de uma terra
/alheia
onde não vim em busca de um passado nem de um futuro mas
/do presente
ou de um presente a ser dado em generosas inalações de paz de
/espírito

a paz possível a quem tenha por trás de si um passa-
/do e pela frente um futuro
e que hoje eu só poderia encontrar com um pé no Oriente e o
/outro no Ocidente
num país onde os habitantes ao mesmo tempo que acendem ve-
/las nos templos mais diversos
e obedecem a um dogma particular em todos os passos da vida
/particular e política
são sábios o bastante para fazerem de religião comum o comér-
/cio entre os homens
e compreendem que eu empunhe a lira e saia a apregoar as ex-
/celências da indústria pátria –
mas vendo pela oferta do livro que não sou eu o seu real e
/legítimo destinatário
eu o devolvo pela volta do correio ao seu real e legítimo re-
/metente
não sem antes o ter lido e ficar sabendo e fazer saber a todos
que por mais que nós queiramos e tentemos metamorfosear-nos
/em outros
ou trocar nossa pele ou nos cobrir com máscaras ou nos virar
pelo avesso
ou pelo avesso do avesso ou pelo avesso do avesso do avesso
nós não passamos de uns condenados a ser agora e sempre o
/que nós somos
agora e sempre nós mesmos agora e na hora da nossa morte
/nós mesmos
embora se metamorfosear em si mesmo seja a mais difícil das
/metamorfoses

Beirute, 18.8.70

A Aída Felix de Sousa, pelo envio dos contos de **É a Noite**

...E assim vou indo,
irmã, como se estivesse
em casa, e peço a todos
não se preocuparem com guerras
e terrorismos
por estes lados,
que aqui a paz me cerca
por todos os lados;
e até a velha guerra
entre mim e mim mesmo
tem agora uma trégua.
É verdade que devo
além de carregar as pedras
que onde eu vá me esperam,
ir acertando os passos
em saguões e salões forrados
de lhanas etiquetas;
mas trabalhar no Líbano,
irmã, é ir levando,
é quase tão suave
como sair colhendo flores
para levar à amada.
O árabe que se fala
é o turco, o mesmo que jorrava
das janelas da minha infância
em Catalão, em Pires do Rio,
e deste modo é como
se eu estivesse em casa.
Eu mal cheguei e, foram
me cercando de lendas
e mitos
por todos os lados.

Na verdade, é como
se eu estivesse em casa.
E de casa contemplo as ondas
contra a Gruta dos Pombos
e as espasmódicas espumas de onde
nasceu Vênus.
Se isto se deu aqui ou em Chipre
onde há a Baía de Afrodite,
ninguém sabe, e Vênus
bem feminina e fescenina,
não diz nem desdiz e deixa
que aqui e lá seus seios
se ergam imponentes
do coração das águas
a cada bater de onda
e odor de maresia
contra a lembrança
dos homens.
Na verdade, irmã, as fêmeas
com suas coisas
estão em toda parte.
Há dias fui parar num santuário
não longe de Damasco
onde, falam, foi enterrada Eva.
Curvei-me e beijei a terra,
não por ser aquela terra,
mas por ser a Terra,
a nossa mãe comum,
e em suma
a terra toda ser o túmulo de Eva.
É isso uma das razões do livro
que venho escrevendo
e espero terminar assim que me permita
esta vida

de sol a sol entre o trabalho
e o devaneio.
E assim vou indo, e por onde eu pise
vão brotando lendas.
Já beirei as portas do Éden,
fui ao lugar de onde se alçou aos céus
o profeta Elias, ao ponto
onde o dragão foi morto por São Jorge,
e até à nascente do rio
em que Marte, por ciúme de Vênus,
estraçalhou Adônis,
tingindo a água do rio
com o rubro da imortalidade
e do caldo da laranja sangüínea ...
E louvemos as frutas.
As frutas da costa, as frutas
das encostas, as frutas
dos altos do Monte Líbano, as frutas
para todos os gostos
e em todas as estações, e em todas
um pouco de sabor do fruto proibido.
E assim, bem vê, é como
se eu estivesse em casa.
A terra é boa, pois se na Bíblia
isto aqui é chamado de terra
do leite e do mel! E tem sido terra
cobiçada por muitos.
Perto daqui tem um rio
chamado Rio do Cão
porque junto à foz ficava
de sentinela e guardião
sobre o rochedo mais alto
um cão com voz de trovão
a latir se pressentia

qualquer aproximação
de amigos ou de inimigos
pelo mar ou pelo chão
a esta terra se lançando
de lança ou de coração.
Por é ali mesmo, irmã, bem junto
à foz desse rio, que se pode
ver as marcas que há mais de dois mil anos
vêm sendo deixadas
por diferentes conquistadores.
No meu caso, porém, aqui cheguei
e vi
e sou eu, afinal, o conquistado.
Mas o melhor, irmã, foi receber o seu livro.
Isto sim, é linguagem que jorra
das janelas da minha infância
em Jaraguá, em Pires do Rio,
e entro nela como a dar um mergulho
nas águas do Corumbá ou do Rio das Almas.
E aquela gente de que você fala,
toda ela vai empurrando-me
de volta a umas ruas empoeiradas
por onde corro e corro e corro
a chicotear com as mãos as próprias popas
para chegar mais depressa
e chego – e então é que na verdade
estou em casa.

Beirute, 11.11.70

À Guima Vieira, pelo envio de saudações
de Boas Festas em mini-desenho do próprio
punho, como vem fazendo desde 1956.

Já recebi o seu cartão de Boas Festas
e não podendo responder à altura
apenas retribuo os votos
e conto-lhe que indo em andanças
pelo país fui dar no alto de uma colina
onde
existe uma gruta
onde,
segundo dizem,
Cristo, isto mesmo, Cristo
e também Maria
um dia se abrigaram
e onde,
talvez por isso mesmo,
quem tem ouvidos de ouvir pode em meio ao silêncio
ouvir o silêncio maior de Deus.
Lá, no alto da colina, eu por um momento
parei como fazem os pastores com suas cabras
frente à cidade de Sidon que logo abaixo avança
na ânsia fenícia de desvendar o mistério dos mares,
e afastando da boca a taça de amargura
pus-me a beber o verde-azul-infinito do Mediterrâneo
e o verde-amarelo-infinito de infindáveis limoeiros.
E foi então que como por encanto saltou do meu bolso
o seu cartão e como por encanto o tapete
que nele se achava colado a uma janela
desprendeu-se e como por encanto foi colar-se
à paisagem com seu verde-amarelo-limão-infinito.

Beirute, 21.12.70

A Antonio Carlos Villaça, pelo envio
*de **O Nariz do Morto**, que me fornece*
à página 26 o mote: "Cai no meu lugar
Cai em mim"

Abri teu livro e pus a mão no fogo.
Deixei-a estar. Que há coisas que me queimam
mas vão por alma adentro. E ficam. Teimam
em me levar, num safanão, ao jogo
do ser que tem em si chama e estopim.
E que explosões, eu lê-lo em contrabaixo
comigo! E eu, que me escondo de mim e acho
a vida assim e assada e assada e assim,
caí no meu lugar.
Caí em mim.

E fui o livro afora o livro adentro.
Vão-me apertando, contra o peito e as costas,
paredes de perguntas sem respostas
e piso em chão instável, no epicentro
do que sou, e aonde vou, e de onde vim;
mas fui no faro de "O Nariz do Morto"
e num chão de conforto e desconforto
onde entrei sobre rodas de patim,
caí no meu lugar.
Caí em mim.

Fechei teu livro – um eco repercute
e eu penso, logo hesito ... Ah, ressonância
de ondas que dão na juventude e infância!
Em pouco, pelas ruas de Beirute
ias comigo, de anjo e espadachim;
nós de mãos dadas, nós e Segismundo,

e então só de tocar teu ser fecundo
de ermos que se disfarçam em jardim,
caí no meu lugar.
Caí em mim.

Beirute, 24.1.71

Ao mercador de tapetes em Teerã,
Haroon Tomtobian, que só por mi-
nha cara concedeu-me o crédito
de 875 dólares

Mal entrei em casa fui desenrolando
o tapete na sala e foi como se a meus olhos
se abrisse um jardim desses que a gente
pensa já ter visto em algum lugar em algum
tempo mas não sabe onde nem quando talvez
por ter ficado em um remanso de sombras
perdido à margem da margem esquerda
da lembrança ou por ser reflexo daquilo
com que ficamos ao voltar de uma viagem
a transbordantes zonas de fadas; e é por isso,
ó senhor de sereno perfil, com quem
estive por menos de uma hora e que ao ver-me
sem voz diante de tal milagre das tecedeiras
ou feiticeiras persas e sem dinheiro bastante
para fazê-lo coisa minha, fez dele coisa minha
na condição de que eu viesse a pagar seu justo preço
quando e de onde me fosse possível; e é por isso
que mal voltando a Beirute desenrolei o tapete
e constatando sua real existência fui às pressas
a uma rua só de bancos ver o que mais depressa
lhe fizesse chegar às mãos um cheque no justo
valor da dívida, o que ora faço, e ao recebê-lo
peço que não se dê por pago, pois a título

de juros ou de ágio fico a dever-lhe, a exemplo
do mercador de Veneza, para quando e onde
houver por bem cobrar-me, meia libra de carne
do meu peito gratíssimo, o mais perto possível
do coração; e para que o tempo e suas luas de borracha
não venham a apagar o que ora afirmo, escrevo-lhe
com aquela mesma tinta vegetal mágica e indelével
usada para detonar as explosões de flores
e desenhos no tapete que ora em minha sala abre-se
como o canteiro de um jardim desses de fadas.

Beirute, 30.6.71

À Maria Helena Kühner, fragmento
de carta agradecendo ***Teatro em***
Tempo de Síntese

... se cortados das nossas raízes
já não vemos no espelho o que somos
e colamos os próprios fragmentos
à memória de nus esqueletos
e nos segue um rebanho de sombras
desde as fontes do mar e da música
e calcamos as neves de antanho
por ladeiras sem fim de esperanças –
é possível colarmos o ouvido
a colunas fundadas em mitos
e escutarmos ... que enfim nossas bocas
não nos falam em línguas estranhas ...

Baalbeck, 18.7.71

À Alphonsus de Guimaraens Filho,
pelo envio de "Poemas da Ante-ho-
ra", onde se lê: "Em camaradagem
com Deus, um pintassilgo.
Que se devem dizer um pintassilgo e
Deus?"

Pois estive mesmo em Pasárgada
mas lá só resta a sepultura
do rei

Andei também por trilhas bíblicas
que o certo mesmo é ser amigo
de Deus

Então subi a um desses píncaros
onde os profetas conversavam
com Deus

Lá no alto falei ao Altíssimo:
Non sum dignus ... só falei isso
a Deus

E um pintassilgo ali bem próximo
pôs-se a falar bem à vontade
com Deus

Pus-me a ouvir tão estranho pássaro
que tão à vontade falava
com Deus

Pois versos do seu livro, o último,
eram ditos ao pé do ouvido
de Deus

Beirute, 15.9.71

Ao poeta Mário de Oliveira, guardião de ações no Banco do Brasil

A ti, feito anjo-da-guarda
do alheio, sei que perdoas
se hoje peço que peses
minhas ações más e boas,

pois mesmo os ventos que sopram
daí me trazem notícias
da alta da Bolsa e me tocam
com dedos de ouro e carícia,

e antes que eu deite na cama
de quem tem a vida ganha
e queira um harém na Arábia
ou um castelo na Espanha,

a ti, que vês como crescem
num ventre de aço os meus teres,
rogo mostra-me onde devo
calar a voz dos quereres.

Beirute, 18.9.71

À Rui Mourão, pelo envio de Curral dos Crucificados

Curral de fados
dados aos rios da sorte
sem fundo e lados.

Beirute, 24.9.71

À Lélia Coelho Frota, falando
de alma pra alma, após a lei-
tura de ***Poesia Lembrada***

Alma irmã, nunca alma-penada,
que apareceis como elfo, alada,
à minha alma que, arabizada
e a mil salamaleques dada,
fica eternamente obrigada
por se ver de longe brindada
com vossa "Poesia Lembrada",
e aos Céus vai, bem-aventurada,
por ver no livro, bem na entrada,
Cecília, a mestra, a alcandorada,
num romancim ressuscitada
rimando em "im" em disparada;
mas desce depois pela escada
de Jacó, ao ver-se tocada
por nuvem da Terra, exalada
de poesia tão caprichada
mesmo quando desacertada,
como é a vossa, alma prendada;
e aqui minha alma, enfeitiçada,
como acha sempre uma charada
opinar sobre o que lhe agrada,
faz da mestra supracitada
e inimitável, a imitada
- coisa que não quer dizer nada
por estar ela acostumada;
e nestes trinos de balada
ou, bem melhor, nesta embolada
em rimas assim, só em "ada"
vos diz e dá fé: Exaltada

que seja em toda a Pátria amada,
não há de estar assaz louvada
a poesia nunca olvidada
para o bem de todos lavrada
por vossos dez dedos de fada.

Beirute, 6.11.71

Bilhete a Mariana, filha recém-nascida

Sabias que entre os árabes
se a mulher engravida
aos pais todos auguram
um varão e não filha?

Que se nasce menina,
o pai já tem por praxe
do que cobra a parteira
não dar mais que a metade?

Pois nasceste menina
contra o augúrio de todos,
e por isso à parteira
eu pagaria em dobro.

Beirute, 27.4.72

INSCRIÇÕES ANDARILHAS

À BEIRA DE UM SARCÓFAGO

Como cortinas
camuflando a morte, imagens
de dançarinas.

NO TRONCO DE UM CEDRO

Vencer o tempo
mas tendo o tédio do eterno
por passatempo.

NO CUME DA MONTANHA DE BARUQ

(Tradução de fragmento de um poema
de Georges Scheade, poeta libanês)

Sobre a montanha
onde os rebanhos conversam com o frio
à maneira de Deus
onde o sol tem a sua fonte
existem granjas cheias de doçura
para o homem que segue em sua paz

TRADUZIDO DE SHAKESPEARE

(Estrofe do poema "Venus and Adonis",
lembrada junto à Gruta de Afka)

Como aqui te prendi – falou-lhe Vênus –
num círculo com cerca de marfim, -
um pasto eu seja, e tu, meu bem, não menos
que um gamo a em mim comer: de tudo em mim.
Pasta meus lábios ... Se aí mal comeres,
vai mais abaixo, à fonte dos prazeres.

NA ESTRADA DE DAMASCO

Num raio desças
e abras ao verbo dos verbos
nossas cabeças.

NO TÚMULO DE EVA

E quem me leva
no colo, quando me perco
em meio à treva?

À RAINHA ZENÓBIA, DE PALMIRA

Salve, rainha,
mãe e doçura de exércitos
pelos desertos.

NO ALTO DO MONTE NEBO

(Recordando Moisés)

I

A eterna dívida
da eterna sede – ao Eterno:
a eterna dúvida.

II

Por um descrer,
ver a terra prometida
e então morrer.

A REFUGIADA PALESTINA

Pasto dos cílios
o olhar de pasmo entornando
brilhos de exílios.

NUM MURO DE PETRA

Um reino oculto
das incertezas do mundo
jaz insepulto.

AO PÉ DAS PIRÂMIDES

A olhá-las cismo
que o tempo é que me contempla
feito em cubismo.

NA AREIA, PRÓXIMO ÀS PIRÂMIDES

(Com imagem de Augusto dos Anjos – I)
E eu a pasmar
ante interjeições de medo
à luz do luar.

ONDE FOI MÊNFIS

Os dedos de Ísis
apontando entre as ruínas
minhas raízes

NA SACADA DO HOTEL SEMÍRAMIS

(Com imagem de Augusto dos Anjos – II)
Pelo ar tranqüilo
o estradivário em soluços
da água do Nilo.

EFÍGIE DE NEFERTITE

A aura da alteza
e o poder e força emanam
é da beleza.

VALE DOS REIS

Aqui onde foi Tebas
nós vamos pelas glebas
dos mortos
Pisemos com cuidado
que o chão está plantado
de mortos

Vamos e em cada passo
pesa em nós o cansaço
dos mortos

O mundo um cemitério
e no ar sopra o mistério
dos mortos

TEMPLO DE PHILAE

E eis que a represa
submerge o templo e de um tempo
o eco e a grandeza.

DANÇA DO VENTRE

É fêmea e encerra
no ventre muito do impulso
que move a Terra.

ADENDO AO LIVRO DOS MORTOS

É de obscuro estigma, a herança
que um dia recebemos e vamos
relegando, como se nada tivesse
a ver conosco, enquanto um rato
vai roendo, roendo, com seus dentes
de máquina sedenta, as raízes
do que somos agora, e vomitando
no espaço indiferente os restos
do que fomos.

TAPETE PERSA

... e se emaranha
um fio em outro
e em outras cores
a cor avança
e pára e deixa
o esboço ou o ovo
de uma figura
que de si mesma
nasce e enrodilha-se
e volta em busca
do seu reflexo
ou sombra ou forma
definitiva
e como que
não a antevendo
segue e prossegue
e de si mesma
se perde e pára
e encontra e encontra-se
e é já o grito
de um medalhão
em pleno centro
de um mundo em flores
que se inaugura
e insatisfei-
to de si mesmo
segue e persegue
as trilhas lógicas
da geometria
e deixa rastos
de aranha ilógica
nas curvas com

seus dons de dúvidas
e de imprevistos
e nas preclaras
tramas de retas
e semi-retas
seguindo sempre
por infinito e
multiplicável
ou divisível
céu de arabescos
num sempre dar-se
sem nunca dar-se
por acabado
e vai e avança
a cor sobre outras
cores e um fio
vai contra um outro
e se emaranha ...

LAMENTAÇÃO NO PORTO DE BIBLOS

Depois de andar meio mundo
o coração trota-mundo
ir indo aqui entre pedras
curvo ao peso de lembranças
que saltam como em escombros
do mundo em caleidoscópio
com tratorias latinas
ermos de lautas latrinas
museus hotéis lojas fêmeas
ruas igrejas estradas
dos baixos e alpes do mundo
ir caminhando e em meu ombro
essas titicas de pombos
ir curvo ao peso da Terra
tão em balbúrdia de escombros
ir sob o peso do mundo
aqui andando entre pedras
que toco e saltam com rostos
a me seguirem os passos
do coração vira-mundo
a me seguirem do fundo
de seis mil anos de mundo

Ir caminhando entre rostos
de deuses em sacrifício
por terem como os mortais
no peito posto o cilício
e o vício do amor e agora
suportarem seu suplício
em doses para imortais
que podem tudo e não podem
botar a boca no mundo

ir entre indícios e auspícios
e impropérios e bulícios
de antigos nautas fenícios
que deste porto largavam
para o largo mar ao largo
do mundo
o coração giramundo

Ir caminhando entre pedras
frente ao castelo que abriga
cruzados petrificados
ir caminhando até dar—me
à beira do mar profundo
e à beira do mar eu vivo
seis mil anos num segundo
e sei tanto e não sei como
botar a boca no mundo

Há seis mil anos o porto
há seis mil anos a terra
há seis mil anos os homens
em erros e erranças erram
sem um só ano sem guerra
em algum lugar do mundo
São seis mil anos de guerra
e eu que nunca fui à guerra
e eu que não sou deus nem Atlas
tenho que ir levando a Terra
devastada devorada
sacaneada saqueada
em seis mil anos de guerras
não nos ombros mas nos escombros
de um coração barafundo
que solto em meu eu mais fundo
vai preso aos longes do mundo

BEIRUTE 1975

Não é aqui que eu vivia?
E ela calada,
a Esfinge.

Não há pedra sobre pedra!
E ela calada,
a Esfinge.

Aqui foi Tróia? Foi Tebas?
E ela calada,
a Esfinge.

Galgo o seu ombro de treva.
E ela calada,
a Esfinge.

Falo, grito a seu ouvido.
E ela calada,
a Esfinge.

Aponto o mundo que rola.
E ela calada,
a Esfinge.

Traduzo a vida em enigmas.
E ela calada,
a Esfinge.

Meu ser, minha alma complico.
E ela calada,
a Esfinge.

Por que? ... Que eu mesmo responda?
E ela calada,
a Esfinge.

Então não temos mais jeito?
E ela calada,
a Esfinge.

O que fizemos do mundo?
E ela calada,
a Esfinge.

E de nós, o que fizemos?
E ela calada,
a Esfinge.

AS ENGRENAGENS DO BELO
(1952 / 1953 e 1981)

A Rosário Fusco

I

Se a seta da beleza nos acerta
e em êxtase pairamos de repente,
que mão ou que inefável nos desperta
da vida e sua lógica inclemente?
Cada manhã o mesmo sol nos cobre
e sempre o mesmo é o ar de que vivemos.
A alma se encolhe, cada vez mais pobre.
A boca, já nem sabe o que comemos.
Olhamos no jardim flores murchando
e no pomar nem nos importam frutos.
As horas morrem, nem sabemos quando.
Rendemos (e a que reis!) honra e tributos.
    De súbito de nós nos ressurgimos:
    O belo vem do sol do que já vimos.

II

O belo vem do sol do que já vimos,
em nós e sobre nós mantendo acesa
nossa alma a equilibrar-se em seus arrimos
de formas e quinhões da natureza.
Do núcleo desse sol descem imagens
que expostas frente a nós e contrapostas
uma a outra, desdobram-se em paisagens
de angras ou de vergéis, de céus, de encostas ...
Imersos, a seguir esse cortejo
de imagens ora claras, ora em fumo,
no fim já nem sabemos a que ensejo
bebemos da emoção em febre o sumo.
    E o belo vindo a nós como em sigilo,
    sentímo-lo, mas como transmiti-lo?

III

Sentímo-lo, mas como transmiti-lo,
esse frêmito, a alguém, se é regra termos
também ao ver e ouvir um nosso estilo
e projetarmos sombras de ilhas, de ermos?
Tanta coisa em comum: instintos, fala.
Vamos, um de outro, cada vez mais perto,
e ao nos calarmos, do silêncio exala
o hálito de quem prega no deserto.
Quão próximos um do outro, e quão distantes.
E no abraçar, quão pouco o abraço abarca.
Tudo como se em grei de semelhantes
cada um levasse à fronte a própria marca.
    E mesmo o nosso ser, se o descobrimos,
    pisamos ora abismos, ora cimos.

IV

Pisamos ora abismos, ora cimos,
por mantermos nos pés pássaros tontos.
Um passo a mais – se não nos sucumbimos,
já o próximo hesita entre dois pontos.
Um pé pisando o sonho e o outro o provável,
do que há de vir adiante nos perdemos.
O mar convida com seu dorso instável
a singrá-lo, e ilusões são nossos remos.
Se subimos, aguardam-nos descidas
e o chão pode fugir aos nossos passos.
Descemos, o horizonte são subidas,
e no alto nos esmagam os espaços.
    Mundo belo e falaz ... Ao vê-lo e ouvi-lo,
    o olhar, ora é inquieto, ora tranqüilo.

V

O olhar, ora é inquieto, ora tranqüilo,
que os olhos, nesse câmbio ou livre jogo,
sem nunca se deter nisto ou naquilo,
têm no seu centro essências de água e fogo.
Se eles fechamos, salta do invisível
e seus porões de adormecidas brasas,
um território a erguer-se ao plano, ao nível
daquele a que se vai com nossas asas.
E o invisível, no que será o centro
de nós, se mostra em formas, cenas, vultos
girando num caleidoscópio dentro
de nós, em planos claros, bem que ocultos.
    Mas do que vemos e é por nós aceito,
    pouco nos toca o inédito e o perfeito.

VI

Pouco nos toca o inédito e o perfeito
quando o que é novo é por si só o novo
sem ter com que ferir-nos a alma e o peito,
sem o pulsar de um túmulo ou de um ovo.
E o que é perfeito é como o fruto exausto
que cai da árvore mais do que maduro,
a si mesmo se dando em holocausto
por se bastar no seu esmero puro.
Mas nós, trazendo às costas nossa história
de erros a gerar erros; nós, expulsos
do Paraíso, nós somos a memória
de árduas jornadas, com grilhões nos pulsos.
    E o perfeito não é da alma repasto,
    se a perfeição se erige em templo gasto.

VII

Se a perfeição se erige em templo gasto
(gasto – que não se pense em tempo, danos –
gasto por nada mais dizer no vasto
domínio em que se erguera um dia, há anos),
acaba por cansar-nos ... É que ilude
um céu de muito azul, onde encontramos
por instantes o gozo, a plenitude,
e em pouco mais, são outros os reclamos
do coração saciado. Que a nós venha
um outro céu de nuvens e tristezas,
e assim de nossas almas o céu tenha
as cismas e a linguagem a ele presas.
    O antes não visto em nós não faz efeito,
    se o inédito a si mesmo está sujeito.

VIII

Se o inédito a si mesmo está sujeito
e surge qual de planta sem raízes,
traz todos os sinais do que foi feito
e não do que se criou, nos seus matizes.
Terá do belo o tom, e até o canto
de música ritmada em sons forjados,
que ouvimos como a ouvir um contracanto
de pássaros sutis, mas ensinados.
Terá do belo a plástica, o contorno,
e nuanças de paisagens longe, belas,
a fazer-nos erguer um olhar morno
de quem olha miragens sem crer nelas.
    Far-se-á de sonho lúbrico, mas casto,
    além de ser a sua sombra e rasto.

IX

Além de ser a sua sombra e rasto,
tem de Narciso a converter-se em templo
de si mesmo, quem faz de espelho e pasto
o próprio ser e a si tem como exemplo.
O travo solitário, o de um eunuco,
sobre seu peito é vácuo, é tédio, é peso.
Da vida o que ele extrai é neutro suco
de acre ou nenhum sabor a que vai preso,
e seus passos, seus passos indo em torno
de si mesmo, ressoam no vazio.
Se ama, mesmo no amor o ardor é morno;
se abre-se em flor, é flor de hálito frio.
    E a nós, de alma votada ao que é complexo,
    pouco nos toca a rosa com seu nexo.

X

Pouco nos toca a rosa com seu nexo
se as pétalas não têm por alma gêmea
o viço das auroras e, em anexo,
as vibrações da pele de uma fêmea.
O que há por trás da rosa – a carnadura,
a seiva e os tons de arco-íris seqüestrados –
é que a mergulha em favos de doçura
e vida lhe insinua aos rendilhados.
Um corpo de mulher, se nele vemos
tantas formas captadas à beleza,
não baste o culto a esses dons supremos
de Deus-Consolação à natureza.
    Nele busquemos mais que a aura vazia
    de pétalas e cor em harmonia.

XI

De pétalas e cor em harmonia
forma-se a rosa, e nela o odor e a essência
são porções da peçonha em que se cria
já no contorno o breve da existência.
Um corpo de mulher, na área do busto
enroscam-se nos ombros, nas axilas
e entre os seios, serpentes que sem susto
seguimos, como ao charme das pupilas.
Que seus caminhos levem-nos ao ventre
e o silvo agudo ao deslizar no bosque
da redenção, ao fim do qual se adentre
o que em nós é serpente – e ali se enrosque.
    Que ali se sagra o amor, mas desconexo
    se não traz de outras rosas o reflexo.

XII

Se não traz de outras rosas o reflexo,
que pode a rosa dar de estrume ao homem?
Pensemos em Adão no Éden, perplexo
ante flores que os dias não consomem.
Rosa, rosa do sexo, as suas garras
de ventosas e céus de êxtase plenos,
movendo o homem prende-o nas amarras
de um barco que fundeou na onda de Vênus
- onda em que surge a súmula do belo
e onde ressoa o canto das sereias.
Dessas amarras parte o fio ou elo
de luz que vem buscar as nossas veias.
    Rosa, rosa do amor, o amor esfria
    se ela não se abre em rosas de outro dia.

XIII

Se ela não se abre em rosas de outro dia
seu existir efêmero é a morte
e nem ao neutro sol da geometria
o que a faz bela não terá suporte.
Falam-nos vozes, vozes do passado;
de quanto amamos queima-nos o fogo;
o coração no peito, aprisionado,
de baque a baque enfrenta a vida, ao jogo
em que se apraz, de impulso contra impulso.
A sermos nós, nós somos o que fomos,
embora pulse em nós um ser avulso
a dar ao nosso ser proibidos pomos.
    Cegos podemos ver, surdos ouvimos,
    se a tudo cobre o sol do que sentimos.

XIV

Se a tudo cobre o sol do que sentimos,
chegamos mesmo à zona mais sombria
que há em nós, e por nossa, compartimos
em formas, cores, música, poesia.
Cecília a sussurrar seu eu profundo,
Vinícius em seresta ao próprio enterro,
Drummond domando a máquina do mundo,
Darcy buscando em seus acertos o erro.
E assim nos vemos, deslumbrados, bobos,
frente a um Goeldi, Guignard, Santa, Pancetti
ou Portinari; ou quando Villa-Lobos
os sons imersos no seu ser repete.
    Se a tudo cobre o sol e ao sol seguimos,
    o belo está no belo que já vimos.

XV

O belo vem do sol do que já vimos.
Sentímo-lo, mas como transmiti-lo?
Pisamos ora abismos, ora cimos.
O olhar, ora é inquieto, ora tranqüilo.
Pouco nos toca o inédito e o perfeito,
se a perfeição se erige em templo gasto,
se o inédito a si mesmo está sujeito
além de ser a sua sombra e rasto.
Pouco nos toca a rosa com seu nexo
de pétalas e cor em harmonia,
se não traz de outras rosas o reflexo,
se ela não se abre em rosas de outro dia.
    Se a tudo cobre o sol do que sentimos,
    o belo está no belo que já vimos.

QÜINQUAGÉSIMA HORA

(1976 / 1984)

GÊNESE

No princípio
    é o verbo
    em vai e vem
    como à procura
    do próprio eco
Depois
    a música
    em mil e uma
    escalas
    se segue ao sangue
    que escorre
    do olhar rasgado
    por mil e um espinhos
    do imprevisto
    com que se paga
    o ter as rosas
    e as travessias
    sobre águas turvas
    e estradas curvas
    curvas
E logo
    as formas
    que acordam

espaços vagos
ou abstratos
e o ríctus
e os transes
da expressão
a rebuscar-se
e a rebuscá-la
- a poesia -
por entre as moitas
de enigmas
do ser
que escande o tempo
em jogos
de esconde-esconde
e de palavras

E então
a nudez
mais se mostrando
porque a encobrem
os véus do verbo
e mais e mais
porque reflete
os gestos e expressões
de quem se nutre
de ir devorando
o sal
e o sol
que traz na alma

Um sopro sobre as secretas faces do silêncio

O HÓSPEDE

A estrada não tem retorno, e ele, ele
que vem de um mundo há muito esquecido
ou já desfeito em névoa, em cinzas,
ele chega e sai a saudar os habitantes
da cidade (vazia?). Ele fala, fala.
Mas sua língua, que é outra, tem o timbre
de línguas que não são mais faladas
nem mesmo por fantasmas. E estranha
que não percebam, tão perto, as paisagens
do mundo que esquecera ou se desfizera
e ele recria com olhos agora de criança.
Ele fala, fala, e estranham que não traga
no bolso a passagem de volta (para onde?).
A estrada não tem retorno, e ele se encolhe
todo, como a desculpar-se (por estar vivo?
Por ocupar um lugar no espaço?). E se recolhe
a si, definitivamente hóspede de si mesmo.

NUVENS E MUROS

Se tens uma alma, vem, chega-te à janela
e olha as nuvens, olha como fogem, fogem.
Elas não cobrem o céu apenas, elas cobrem
o mundo de que fazes parte, de que és parte
e vês fora de ti, lá embaixo. Elas fogem
entremostrando às vezes o mundo, diluído
ou atrás de máscaras. Olha. Escuta. Vozes
vêm do que há por trás do véu espesso.
São os perdidos em si mesmos ou de si mesmos
que clamam de onde estão. E eles tateiam
por ilhas de desespero. Escuta-os. O coro
não chega ao fim e quer que lhe façam coro.
Se tens uma alma, penetra as nuvens, penetra
até a profundeza o que há por trás das nuvens
e fala de modo que te ouçam. – E ouvem? Ouvem?
De onde estou eu lhes atiro pétalas de música,
e pedras se amontoam formando muros, muros.

VIDA COMUM

A vida é um sonho mas não é o sonho
vivido por sonhado
A vida é a morada onde habitamos
porões que o tempo escava
A vida mora em nós e nos reflete
em áridos espelhos
A vida mói o tempo e o pó que deixa
aos poucos nos esculpe
A vida nos conduz e nós às costas
seus fardos conduzimos
A vida que carrego – por sustê-la
refaço-a sonho e canto
A vida – em a sonhar como que tanjo
ovelhas desgarradas
A vida – em a cantar como que cantam
aves de extinta espécie

GOETHIANA

Porque o mundo destila
tanto veneno em meu peito
já marcho fora da fila
em cada vez mais estreito

caminho onde o olhar oscila
como um farol contrafeito
mostrando na água tranqüila
o mar revolto em seu leito

Por verdadeira e absurda
a canção que fala em flores
mas deixa marcas de espinhos

a expressão nunca me aturda
e tristezas penas dores
eu passe por seus moinhos

O DOMADOR

A Maria Pia Mendes de Almeida

As palavras – só a chicote.
Se não, a poesia dá nisso:
Nós mesmos nos passando trote
enredados em seu feitiço.

PONTO DE CRUZ

A Astrid

De ponto a ponto, a cruz, e em contraponto
à cruz, de um ponto a outro, a cruz conduz
a vida como à de um inseto pronto
a projetar-se no âmago da luz.

De ponto a ponto a cruz tem por confronto
a vida por um fio, e assim reduz
a visão do real a um olhar tonto
a se ocultar em si feito a avestruz.

Um ponto, e a cruz; a cruz, e um ponto em treva
arranca à fala e à dor ais e reclamos,
e da cruz outro canto é que se eleva

a um ponto em luz ... Esposa e musa, vamos,
crave em meu peito a cruz que a um ponto leva,
que o ponto é voz da cruz que carregamos.

REFRÃO DO SOBREVIVENTE

O sol a iluminar
- para que eu viva.

Um homem a sonhar
- para que eu viva –
uma mulher e um lar
- para que eu viva.
São dois a se encontrar
- para que eu viva.
São dois aos pés do altar
- para que eu viva.
São dois que vão se dar
- para que eu viva.
São dois que vão buscar
- para que eu viva -
o pão, o leite e o ar
- para que eu viva.
São dois que vão penar
- para que eu viva -
e vão desocupar
- para que eu viva -
um abrigo, um lugar –
- para que eu viva.

E o universo a girar
- para que eu viva.

CANÇÃO ANTES DO DILÚVIO

A Terra, o que herdastes e gira e gira
e gira, ela é uma nave no espaço, solta
em redor de si mesma, ou de nada; ela
é o que tendes e vos mantém até a morte
nesse pobre equilíbrio, e a vós, soltos
também e sempre em redor de vós mesmos,
é o seio da mãe a doar-se e a doar-se
para que lhe sugueis e sugueis as entranhas
que sugais e sugais, para logo em seguida
cuspirdes nela, na Terra, como quem cospe
- ai de vós! – no prato em que comera,
gotas
gotas
gotas
de veneno bem pior que o das serpentes,
esse que em vós, que em vossas entranhas,
há ou se produz, por maldição ou sina.

EXERCÍCIO DE HOMEM

A Anderson Braga Horta

No princípio, o barro
de que somos feitos.
Depois, o verbo, a fala
ainda em grunhidos
pela estrada estreita
da garganta.
A saída, as saídas,
mesmo que nos revelem
ao fim de um túnel
o verde em extensões ensolaradas,
vão projetando pelos caminhos
as múltiplas formas
de nós, de nossa sombra.
E vamos.
Ao corpo temos presos
a voz, o movimento.
Se não voamos,
vamos,
e acenam-nos e atraem-nos
torres que levam a nuvens
com formas de uma deusa,
e além, além das nuvens,
a uma idéia imprecisa
de Deus.

MARIA MARIA

Um traço e outro traço
na noite vazia
Um braço e outro braço
   Maria Maria

Um traço e refaço
o que dela havia
no tempo e no espaço
   Maria Maria

Outro traço e a um passo
a irmã se recria
pedaço a pedaço
   Maria Maria

Com sombra a argamasso
e ao sol da magia
em mim me embaraço
   Maria Maria

Jaraguá – um traço
Goiânia – a agonia
e o epitáfio eu faço
   Maria Maria

O horizonte – um traço
e a muleta guia
no chão outro traço
   Maria Maria

A cruz num abraço
e a paralisia
no espelho que embaço
   Maria Maria

Não a alcança o laço
da dor se a energia
jorra dela – e é um traço
Maria Maria

Minha infância – um traço
de melancolia
posto em seu regaço
Maria Maria

Que a vê-la desfaço
o que poderia
ser de um riso um traço
Maria Maria

Um traço e outro traço
um dia e outro dia
e o espelho estilhaço
Maria Maria

Que ela nasce e eu nasço
da mesma agonia
que em traços refaço
Maria Maria

OITAVAS A CAMÕES

(No 4º centenário de sua morte)

Desde meninos mamamos
Nos rudes peitos da Lírica

Murilo Mendes

Sinais de tua sina e amores e erros
precedem-nos na estrada, onde pisemos,
e falas de bravatas e desterros
calam sereias, tangem nossos remos,
que é livre o coração que é posto a ferros
quando a lira lhe outorga os dons supremos.
E, aqui, os muitos sóis que são passados
trazem teus cantos sempre iluminados.

Por mares e por séculos nadando,
levas na mão bem mais que um manuscrito.
Em versos que se vão multiplicando
até beirar as franjas do infinito,
tocados por tufões ou vento brando
levas os sopros da alma de um proscrito.
E não se apaga n' água nem se emenda
o que foi vida e é já verdade ou lenda

TARDIA ELEGIA PARA SYLVIA PLATH

Sem bater à porta
chego à soleira
do teu delírio

Sem lira ou lírio
feito um verme faminto
me adentro por teus olhos
e roubo e rôo
visões que se desfazem
e se refazem
e te apavoram
e te alimentam
enquanto vão te lambendo
as línguas geladas
da morte

Línguas do inferno
oh the tongues of hell

Traduzo-te as palavras
e o que há por trás das tuas
palavras
(*What does it mean?*)
e sinto-te bela
como se estivesse entrevendo

numa rua de Londres
no outono
de mil novecentos
e cinqüenta e nove
e próxima
como se nos amássemos
há três dias
há três noites
há milênios

Enquanto te traduzo
línguas do inferno
chegam às soleiras
do coração
da mente

Querem lamber-me
e queima-me a tua febre
e molha-me o suor
de tua pele
e tudo o que vês e deixas
de ver
e eu vejo
de dentro de teus olhos
vai-se cobrindo
das cinzas de Hiroshima

SEXTINA PARA JOAQUIM CARDOZO

Quando os teus olhos fecharem
Para o esplendor deste mundo

Joaquim Cardozo

O olhar tinhas profundo
para o esplendor do mundo
e agora as mãos repousas
no peito já deserto
ou na essência das cousas
de que estarás mais perto

assim como mais perto
estás do que profundo
buscavas ver nas cousas
e também nesse mundo
de geleira e deserto
onde agora repousas

assim como repousas
do que em nós dentro ou perto
é vazio ou deserto
e do que em nós profundo
fala o esplendor do mundo
no mistério das cousas

assim como das cousas
tens enquanto repousas
o que nelas é um mundo
a pulsar dentro e perto
e o que em nós é profundo
e o que em nós é deserto

assim como deserto
é o âmago das cousas
e o sentido profundo
do sono em que repousas
e o que se tem mais perto
do sentido do mundo

assim como do mundo
fazemos um deserto
se não o temos perto
do sentido das cousas
e se de onde repousas
não fala o que é profundo

como é perto e profundo
o deserto das cousas
do mundo em que repousas

LEMBRANÇA DE VINÍCIUS

Para isso fomos feitos
Para lembrar e ser lembrados.
Vinícius de Moraes

É noite. É Natal. Sinos de outrora
tangem não sei onde, irrompem
pelos desvãos da sala, e de repente
uma voz – tão brusca e tão familiar –
irrompe por meu silêncio adentro.
É tua voz, poeta. Vem de não sei onde
e de tão perto que o hálito de teu peito
embaça-me a vidraça, de onde devasso
ou tento devassar lá fora o não sei onde,
o que está para trás e encoberto
talvez dentro de mim. E fala. E canta.
Mas não te foste, poeta? Se sei que há meses
desceste ao túmulo, e eram tantos,
tantos, naquela hora íntima e intransferível,
os teus amigos no caixão, contigo.
Ou ao inferno é que descias, sempre em busca
de Eurídice, a definitiva, a inencontrada?
Tinhas os braços longos para os adeuses
e os acenaste e aí estás. Então és tu mesmo
teu enterrado vivo, que do sufoco lá dentro
do caixão escapara? Ou será teu morto vivo,
aquele inglês que ao ver-se morto vai e louco

de amor ama, faz um filho e planta a loucura
na mulher que o aguardava? Mas como és duro,
hein, poeta? E és delicado. porque morreste
com delicadeza, tu que eras um monstro
de delicadeza, capaz de dizer carícias
até à bomba atômica, tu, poeta já pronto
e sempre em construção, agora e sempre nasces,
imensamente ... e duras, infinitamente.

SUGESTÃO DE EPITÁFIO

JOSÉ DÉCIO FILHO

8-1-1918
A
4-6-1976

NA SUA EXISTÊNCIA INQUIETA
DE POETA
ASPIRAVA JOSÉ DÉCIO FILHO
À FLOR DO SILÊNCIO E DA PAZ
NÃO À DA GLÓRIA E DO BRILHO
AGORA ENTRE AMBAS AQUI JAZ

PEDRAS RENAIS

Ninguém dirá por que sua intrusão na carne,
nem se dirá da sua origem e procedência,
que para isso é a ciência frágil feito a carne.

E eu creio-as infinitas partículas do Gólgota
a se espalharem rins adentro, só os deixando
na hora em que pagamos com a moeda do martírio
nossos pecados e mais os pecados do mundo.

E sei que essas pedras mais duras do que os ossos,
mais ásperas do que a alma na hora do martírio,
formam junto de Deus um monte, e Deus, olhando-o,
mais uma vez nos redime dos pecados do mundo.

ANTIBIÓTICOS

Alvas essências de cogumelos
em fungo e mofo sobem da terra
anjos da guarda mas pelo avesso

Se nos penetram sustentam guerras
ao que há de podre nos nossos corpos
e os nossos corpos à morte fecham

Falam de tantos de tantos mortos
mortos por falta da artilharia
dessas essências de anjos amorfos

que como a temos hoje teriam
que ser os corpos corpos fadados
a dar nos longes confins dos dias

em múmias vivas eternizados

TRÊS SONETOS CREPUSCULARES

I

Eu que abarquei auroras com meus braços
eu que me via a um tempo livre e preso
eu que subia aos céus por nós e laços
eu que embebia o amor em verbo aceso

eu que me dava a abismos como a espaços
eu que avançava impávido e indefeso
eu que arrancava flores de fracassos
eu que me arcava sob azuis sem peso

eu que projeto a luz de um deus desfeito
eu que me calo enquanto grita o peito
eu que olho a vida em ilhas e estilhaços

eu que o passado escuto em acalanto
eu que já perco as claves do meu canto
eu que abarquei auroras com meus braços

II

Plantamos sim, Amada, e a terra é gasta.
Agora é tarde. Agora cismas, cismo.
O mundo rui (se rui!) e nos arrasta
ou para a redenção ou para o abismo.

A música, imortal, já não nos basta
e máquinas abafam meu lirismo.
Ah, terra, terra-mãe, terra madrasta.
Vamos por ela como em ostracismo.

O que dizer num hospital? ... Dois pombos
amam lá fora e, oculta por biombos
invisíveis, cá dentro a morte espreita.

Junto de cada leito ela é quem vela
enquanto amanhã os grãos, enquanto em tela
invisível projeta-se a colheita.

III

E o resto do caminho? E o resto? E o resto?
Bússola alguma vindo em meu socorro
e a dúvida é o menos indigesto
dos pratos que rumino enquanto morro.

Que morro em ter adiante esse funesto
ter que morrer. E o resto? E o resto? Escorro
rampa abaixo, e é em vão qualquer protesto
como em vão é o uivar do meu cachorro

ou a armadura do Anjo que me guarda.
Fé, esperança, amor – e onde a certeza?
Onde Deus, que não falha, e tarda? E tarda?

E eu aqui a esperar que de surpresa,
ou não, Ele em mim entre, e arda, e arda,
última luz, última estrela acesa.

RASCUNHOS DE EPITÁFIO

I

Aqui jaz
quem por sorte
disse à morte:
Tanto faz!

II

Morte completa
dissolve em lento
esquecimento
um poeta.

III

No último dos seus
suspiros, a vaga
expressão indaga:
E Deus?

DESTINO

Porque nasceste obscuras raízes se espalharam
traçando esses caminhos. Agora vais em frente.
Ainda que desejes parar debaixo de uma árvore,
comer de um fruto que não seja teu, deitar à sombra
que não cai do céu para todos, ou desviar-te
por outros caminhos que sonhaste e só por isso
julgas teus, irrevogáveis e mecânicos são os passos
que te vão levando, inerme, sobre a corda bamba
até a outra margem – de onde voltar não podes.
Voltar atrás não podes, é tarde, é sempre tarde,
que a cada momento a corda arrebenta atrás de ti
e arma-se de novo a tua frente para que de novo
a pises, vás em frente, chegues lá. Mas a que eira
ou beira? A que destino? Mãos invisíveis traçam
o destino; e os fios com que o trançam, tramam,
são igualmente invisíveis. E vais. Por onde vais,
sejam ou não os caminhos que sonhas teus e pisas,
em toda a água sobre que te debruces, vês, encontras
a imagem de que foges e é a imagem que buscas.

MÁSCARAS

A vida nos põe no rosto
máscaras de gosto e desgosto
que o tempo afoga
em espelho sem nexo
e sem tamanho
onde fica o reflexo
do rosto de um estranho
que se interroga

O TRAVESSÃO

A fenda sexual, expressa pelo travessão

Gilberto Mendonça Teles

Vida – travessia.
Nascimento – morte.
O homem – o que o guia,
se é cego? – Um recorte

que é o fraco – ou o forte? –
de nós – nós, os bravos.
Aguilhão – suporte
de reis – e de escravos.

Sua essência – os favos
do bem – ou do mal?
Na polpa – mil travos
da fruta – a carnal.

Traço – o horizontal
que vai – rasga o véu.
Traço – o vertical
que sobe – e eis o céu.

Com bússola – e ao léu
move – e o que ele move! –
o mundo – e é troféu
a quem venha – e o prove.

Na prova – a dos Nove
é mel – da permuta
do amor – e remove
a flor – numa gruta.

FANTASMA DE UM SOBRADO

Nego-me a olhá-lo, o ponto onde plantaram um prédio
/a erguer-se neutro
sem o calor, sem as paredes de mofo ou pátina de uma
/fachada acolhedora.
Daqui parti um dia. Daqui parti de olhos acesos em
/direção à porta
que ia se estreitando à medida que abria as clareiras
/de um incerto destino.
Daqui saí um dia. E agora o que daqui sai – ou é de
/mim que sai – é um fantasma
que forma, vai formando com traços sinuosos e com bor-
/rões incoerentes,
a parede, as portas e janelas em arco sobre a lembrança
/amarela de um sobrado.
Ele é que vejo, esse sobrado. Por ele me adentro em bus-
/ca de um salão no andar de cima
e subo às pressas os degraus da escada para acompanhar
/a velha tia
nas tardes de chá com bolachinha, descendo pelo corri-
/mão ainda mais depressa
para esborrachar no chão duro o vexame de quem achava
/a coisa mais difícil
tomar bênção dos mais velhos e dizer muito obrigado por
/um agrado ou gentileza.

Daqui voei um dia, da mesma forma como do telhado voa-
/vam as andorinhas
que volta agora como fantasmas de antigamente, da
/mesma forma que volto
como um fantasma de antigamente, e fecho os olhos para
/ver a grade da sacada
de onde certa vez um político por pouco não se despenca
/no auge da eloqüência
e ver a bela noiva moribunda que enterrara no quintal
/as suas jóias
para não deixá-las a ninguém e vaga pelas noites à
/espera de quem alguém as descubra
É isso o que aqui vejo enquanto vou descendo pelo
/corrimão do tempo e me esbor-
/racho no ar, em nada.

A NAU DO CAMBOJA

Ouvide agora, senhores,
uma história de pasmar.

De "A Nau Catrineta" de Garret

Lá vai a nau do Camboja
que muito tem a contar.
Na dura história dos homens
há muita coisa que enoja.
Mas esta história – ai, os homens! –
é dura até de escutar.
Ai, duro mundo dos homens!
Ai, mundo de pesadelos
duros até de sonhar!
Ai, fosse um sonho esta história
que é de eriçar os cabelos
e que a nau lembra ao passar
a encher-nos mais a memória
de coisas ruins de lembrar.
Já longe a nau do Camboja
vai, pelos mares se arroja,
e sua voz de anti-sereia
tão cheia de dor, tão cheia
de revolta fica no ar.

Ai, dia de ódio e neblina
em que se vira forçada,
num porto lá na Indochina,
a suas águas deixar.
A bordo centenas de homens,
mulheres, velhos, crianças
que perdendo pátria e lar
levavam só esperanças
de uma outra pátria encontrar.

Ai, que eram filhos de guerras
expulsos de suas terras
e postos entre dois fogos,
melhor, entre o fogo e o mar.
A nau zarpou sem destino.
Seu destino era zarpar.
Ao largo de muitas terras
a nau passou sem parar
que em todas elas os homens
nem para lhes acenar
que em todas elas os homens
fechavam de par em par
as portas a seus desejos
de nelas desembarcar.
E eram homens que, como eles,
precisavam de um lugar
na Terra – a Terra dos homens –
para a terra trabalhar
tirando dela o sustento
que ela aos homens tem a dar,
e ter no último momento
um chão onde cair mortos
um chão em que se enterrar.
Que dar ao mar os seus corpos
não era nada, se mortos,
mas era de apavorar.
- "Na Terra, a Terra dos homens,
então não havia terras

então não havia homens
que pudessem abrigar
aqueles filhos de guerras
feitos despojos no mar?" –
já perplexo, o comandante
da nau vinha a perguntar.
Assim pediu ao gajeiro
que armasse olhar e radar
e uma terra, mas sem homens,
por toda a extensão da Terra
se pusesse a procurar.
- "Sem homens, meu comandante,
eu vejo até que bem perto
o coração do deserto.
Mas como lá habitar?"
- "Procura ver, ó gajeiro,
se do outro lado da Terra
há um porto, uma esperança
para onde eu possa zarpar."
- "Onde nem o olhar alcança,
bem nos extremos da Terra,
como sabe, há chãos de gelo
onde nem num pesadelo
alguém poderá morar."
- "Então para onde é que iremos?
Nesta nau víveres, água,
combustível, esperanças,
tudo começa a faltar.
E o perigo é que acabemos
por nos entredevorar."
- "Eu só vejo terras de homens
armados ou para guerras
ou para nos expulsar.
E vejo além, comandante,
além de todas as terras
além de todas as serras
além do além do infinito
vejo o inferno onde demônios

estão a nos acenar."
- "E não há homens no inferno?"
- "Sim, há homens a penar.
Mas no seu penar eterno
não vejo nenhuma pena
tão dura de suportar
como esta de ir pelos mares
sem um porto onde atracar."
- "Então mudemos o rumo.
No rumo que dá no inferno
farei esta nau zarpar."

Ai, que mundo de pesadelos
difíceis de acreditar!
Lá vai a nau do Camboja.
Vai. Pelos mares se arroja.
Vai-se sumindo ... Vai pelos
rumos do inferno a rumar.

CARTA AO DESAPARECIDO

Vivo.
Morto.
Queima-me
a esperança
de que onde estejas
(Onde? Onde?)
ouças a minha voz, o eco
de uma voz de amigo
de irmão
de pai
de mãe
de esposa
ou noiva
de filho
de alguém de quem a voz
se faça imagem
e baixe em facho
de luz
à tua treva
se estás vivo
(Onde? Onde?)
És carne
és sangue
és como eu um homem
ou eras um homem

como eu
até há pouco
e até há pouco
cruzávamo-nos nas ruas
sem que por certo
sequer olhássemos
um para o outro
que estarias
no teu pequeno mundo
como eu estava
no meu pequeno mundo.

E agora ... e de repente
esta necessidade
de falar-te
este sentir-me
dentro da pele
de teu pai
e mãe
e esposa
ou noiva
e irmão
e filho
este sentir-me
dentro de tua
pele
contigo pisando
Os mesmos espaços
do mundo
contigo levando
aos ombros
o mesmo peso
do mundo.

Vivo?
Morto?
Estás vivo e tenho
os olhos presos

aos horizontes
e tenho o ouvido preso
a cada pancada
no coração
na porta.
Estás vivo.
Virás.
(De onde? De onde?)
Não. Não virás.
Se vivo,
desejarias
estar morto.
Sim: melhor que estejas
morto.
E vejo-te morto.
Não. Não quero ver-te
morto.
Vejo-te vivo.
(Onde? Onde?
Como? Como?)
Não. Não quero ver-te
vivo.
E vejo-te.
Por mais que não queira
ver-te
mais vejo-te
vivo
morto.
Vivo!
Morto!
Falo-te, quero
falar-te,
dizer-te o que se passa
em nosso
pequeno mundo.
Mas com que voz
e para onde, onde?

Quero falar-te
e minha voz é presa
por teus gritos
de dor e espanto
abafados
em câmaras sombrias.
Minha voz é presa
por teu súbito silêncio
de vivo-morto
ou morto-vivo.
Teu súbito silêncio
por que?
Para que teu súbito
silêncio?
E minha voz é presa
entre garranchos
que estão queimando.
E queima-me a revolta
e a dor
e o espanto
por serem teus algozes
em câmaras sombrias
como nós homens
de carne
e sangue
com quem por certo
cruzamo-nos nas ruas.

TRISTEZA SUL-AMERICANA

Agora é ir mascando esses bagaços,
é ir roendo esses sabugos. Deles,
como de mim, há muito que sugaram
alma e salmoura. Mas é o que resta
da mesa que servi a altos senhores
à medida que eles me despojavam
do que seria minha herança. Agora
se olho a paisagem, os horizontes,
até os horizontes foram saqueados.
Duro é ficar. Mas fico. Digam ao povo
que fico. Já que seria ainda mais duro
ir pelo mundo sem a certeza da volta.
Fico. Finco os pés. O chão embala-me,
que aqui, por aqui foi que fincou raízes
o coração, por aqui haverá abrigo
para o filho pródigo que volta. E fica.
Finco os pés e marcho. Soam tambores
pelo infinito. A ordem vem de fora
e vem de dentro: Ordinário, marche!
Marcho. Aqui sou dono, a minha casa
é aqui. (Aqui sou dono? Aqui é minha casa?)
Calai-vos, gaios papagaios. Pássaros
e incertezas, calai-vos. Olhai que sirvo
a altíssimos senhores. Eis a propina.
Dela vivo. Por ela vivo. Para ela vivo.
Esses senhores são o sal e o sol da Terra

e estou ao sul da Terra. Cá embaixo
o que me retempera? Que sol é que ilumina?
A quem está por baixo é um consolo
falar de alturas. Pois falemos, falemos
da Lua. A Lua vem de trás dos Andes
- falemos dos Andes – a jorrar melancolias
em nós, que a refletimos. Somos luas
e melancolias. Pálida luz nos resta,
a nós que erguemos ao Sol templos de ouro
e iluminados por nossa devoção. E a Lua
espalha em nós sentimentos de desterro
em nossa própria terra (em *nossa* terra?
em nossa *própria* terra?). Somos luas,
satélites de um sol que nos ofusca
sem que mesmo o vejamos em nossas
rotações e melancolias. Melancolias.
Falar em melancolia é falar de corda
em casa de enforcado. Geme melancolias
o tango que levamos dentro do peito
como peso permanente e envergonhado
de ser um tango. Por isso as máscaras
e os batuques nas ruas enquanto escorrem
de nós amazonas de mágoas. Oblíqua
a nossa voz ressoa à margem da margem
do quintal do mundo, sem que lhes prestem
maior atenção ou mesmo dêem ouvido
a seu tom de quem espera e espera
a hora e a vez. Que tarda. Que é nunca.
Que desolada, a paisagem. Nós mesmos
semeamos esses desertos, nós mesmos
nos reservamos para nunca. Nós agora
desolados, marchamos. Ordinários,
marchamos. E mil olhos olham-nos, polvos
lançam tentáculos, sereias perto
e longe. Em vão tapamos o ouvido.
Mãos invisíveis nos torcem, tecem
nosso destino enquanto marchamos
pelas margens plácidas (*plácidas*?)

murmurando: Independência ou Morte.
E ouvindo:
Independência?
Independência!
Para a morte, sim, sois livres. Mas para
a vida estais
contados
pesados
divididos.

A BEIRA DE TEU CORPO

(TRENODIA)

(1988)

Ao Giles, meu filho morto.

A luz se apaga e a poesia
se transmuda em epitáfio.

Domingos Carvalho da Silva

Nada passou nada passa
Nem esta ausência dentro de nós

Lenilde Freitas

I

À beira de teu corpo eu busco, e alcanço-a, e agarro-a,
a mão que, de onde estás, já não me estendes, a mão
que em criança, com toda a confiança, me estendias.

E então, de mãos dadas, saíamos pelo mundo
com que te deslumbravas e eu ia aos poucos
tentando explicar, a ti que o contemplavas
com os olhos arregalados, e o colorias
a teu modo, com tintas próprias, e te soltavas
de mim e nele mergulhavas, e dele me estendias
de novo a mão como se quisesses conduzir-me
para o avesso de mim, ou para a fuga
de um mundo que nos deslumbra e se desdobra
em paisagens de dor, quando explicado.

II

Com teus olhos que já não me fitam, o que vês
que não me contas, como se tua vida e tua morte
nada tivessem a ver comigo, não fosse da conta
de quem te pôs neste mundo e tenta agora
conter o pranto por te ter posto neste mundo
para tão cedo e, antes de mim, dele partires?
O que olhas, que não me explicas, a mim que tentava
explicar-te até o inexplicável, e se tens a boca
entreaberta como a querer falar de alguma coisa,
de algum espanto,
e, curvado sobre teu corpo, eu colo o ouvido
à tua boca, e nada ouço, e nada dizes?

Apalpo-te. Sinto o gelo em tua testa. Olho-te
nos olhos que talvez percorram as paisagens de um mundo
que aos poucos devassas, ou de um relance apenas
devassaste, e é um segredo, e não me contas.
Tento fechar tua boca, cobrir teus dentes
que tanto amavam morder os quitutes do mundo,
deste mundo que com ternura mas mordaz olhavas
e em vão à tua maneira refazias.

III

É de espanto, é de escárnio, também de paz
é o sorriso que ainda tens no rosto.
Terá sido teu último gesto, ou é reflexo
de teu último pensamento, o que tiveste
no instante em que mãos invisíveis
ou só por ti visíveis
puseram-se a acenar-te da outra margem
do abismo que ias transpor num salto
mortal!
Este o troféu que levas, ou que deixas,
um sorriso a fundir espanto e escárnio
e paz diante do mundo. Que mundo,
só tu dirias: se o mundo que deixavas
ou o que, impalpável, te esperava.

IV

A noite em que mergulhas
é densa, é densa, é densa.

É de horas que não passam
por já suspenso o tempo.

É sono acumulado
no sono dos abismos.

É névoa que se forma
de todos os nevoeiros.

É túnel que vai dar
em mais profundo túnel.

É porta que se fecha
para não mais abrir-se.

É resposta em silêncio
à suprema pergunta:

Se uma Luz nos espera,
ou nos espera o Nada.

V

UMA
LUZ
NOS
ESPERA
OU
NOS
ESPERA
O NADA?

VI

UMA
LUZ
NOS
ESPERA
OU
NOS
ESPERA
O NADA

VII

A noite em que mergulhas
é densa, é densa, é densa.

Não posso ver-te, aí, na noite densa
em que mergulhas ... Como quem no escuro
fecha os olhos com medo e vence o escuro
com escuro maior, eu fecho os olhos
à beira de teu corpo, e vejo, vejo-te
mais visível que nunca, bem mais próximo
de mim que antes, e é quando teu sorriso
ora ilumina em volta, ora faz troça
dos que acendem candeias e assim querem
iluminar o mundo. És doce e amargo
e amargo e doce, e trazes este travo
de revolta no rosto, sem que saibas
contra quem, contra o que tanta revolta
e em mim jogas a culpa, em Deus, no mundo
assim como foi feito ou é desfeito
pelos homens. Com ar de amuo e mando
pisas o mundo, gritas: "Que assim seja
o mundo como é feito, mas me cocem,
com bom jeito me cocem ... isto, cocem
esta coceira aqui que não tem jeito,
que é doença sem cura, cocem, cocem."
E já não te revoltas, me rodeias
bem próximo de mim, mais que estiveste
antes, e ouves, e súbito repetes

trechos de um rock, e então te calas, cismas.
Tens um segredo, ou o pressentes, cismas
e nada dizes, tentas dizer, pedes
somente: "Esquece", e engoles teu segredo
que tenho agora que engolir ao ver-te
junto de mim, bem próximo, mais que antes ...

Mas não te vejo nessa noite densa.

VIII

A taça de amargura que em gotas vou bebendo,
quanto mais dela bebo mais ela enche e transborda.
E enquanto, com caretas de dor, eu vou bebendo-a,
não peço, nem posso pedir ao Pai que a afaste
de mim e assim me poupe, pois o que veio enchê-la
já se cumpriu, foi vontade do Pai, agora é tarde.
É tarde, Pai, e força é aceitar vossa vontade
e aceitando-a louvar-Vos. Mas como hei de louvar-Vos
se minha alma foi tomada por súbita impotência
e meu peito e língua, ó Pai, estão petrificados?
O que enche a taça é mais que as dimensões de minha alma,
e tenho que bebê-la até o fim, até a última gota,
sabendo embora que a taça, imensa, não tem fundo
e que por mais que beba jamais verei a última gota.

IX

É duro, companheira! A árvore da vida nos deu frutos
que por acreditarmos nossos guardamos, e resguardamos
por serem frágeis como nós, serem também de carne.

Agora
um desses frutos se desprende assim da árvore da vida.

E, à beira de seu corpo, eu olho-o e não acredito,
e olho-a, e sei que também o olha e não acredita
e quer crer que é impossível, que é mentira,
mas olha de novo, vê que é verdade, e olha impotente
para mim, também impotente, e então o auge da dor atinjo
ao ver em seu rosto esta expressão de mater dolorosa.

X

A lógica de Deus, como entendê-la?
Além dos sentimentos que me prostram,
mais esta incompreensão, este remorso
por não ser eu, que já colhi da vida
tudo o que me cabia ou quase tudo,
quem jaz aí prostrado.

XI

Como não é possível saber a hora da nossa morte
nem trocá-la pela de outro já em ponto de morte,
por entre fileiras de absurdos seguimos submissos.
Cabe-nos aceitar como possível sabedoria
saber que fomos pó e que ao pó retornaremos,
e na palma da mão ver este M macabro
como uma marca do humano e a máxima certeza.
E como aí, na palma de nossa mão, a vida eterna
não dá seqüência ao que dizem ser a linha da vida,
o que nos cabe, também, é dar vida na memória
àqueles que amamos e antes de nós se foram.

XII

A pressa de chegar quando partia.
A pressa de voltar quando chegava.

Talvez por ter, de olhos arregalados,
com quatro anos rodado meio mundo,
bem cedo viu que os pontos de passagem,
assim como os de escala e os de chegada,
não diferem do ponto de partida,
uma vez que a paisagem
dentro de nós não muda.

Talvez aonde fosse e onde estivesse,
ao tentar ver, num ponto, o seu destino
visse ou antevisse próximo, já próximo,
isso que é em essência e na verdade
o ponto de chegada.

XIII

O nome estranho a seu ouvido e o entusiasmo
com que junto dele terão falado de Baalbek,
tudo isso o levou a imaginar uma cidade
como as cidades das Mil-e-uma Noites
com ruas e praças atapetadas, todas cheias
de templos belíssimos e palácios fabulosos.
Dias depois, ao lá chegar e ver à sua frente
só um montão de pedras e de escombros,
caiu em pranto e com mágoa nos acusava
por só o termos levado lá "quando a cidade
já estava toda quebrada".

XIV

Seu reino era o da força e da grandeza
e ante os que tinham à fronte a aura
de heróis ou semi-deuses
prostrava-se, irmanado.
Acompanhava Napoleão às batalhas
ao ver um filme na TV
e com Tarzã voava de árvore em árvore
nas selvas que cercavam sua infância.
Os pontos de onde partiam águias,
esquiadores e atletas das alturas,
eram o pórtico do mundo
que digno dele concebia
e a que subia, olhava para baixo
e aos que assustados o olhavam de baixo
em voz forte ordenava que o seguissem.
Contudo, certa vez, o olhar de medo
ou consciência de íntima fraqueza,
ao enfrentar um risco sem conseqüências
num parque de diversões.

XV

À mãe que em seus presságios via uma armadilha
em cada esquina das ruas e em cada curva de estrada,
ele dizia entre sério e jocoso, pondo-a em pânico,
ser o seu maior prazer viver perigosamente
domando o mundo sobre o selim de uma motocicleta
ou domando o tempo e o espaço preso ao volante
de um carro.

Ao pegar o carro e sair sem um destino certo
o seu olhar à frente era de desafio
e triunfo.

Ele não lembrava que se o mundo enlouquece
em alta velocidade, bem pode um automóvel
levar-nos mais depressa ao nosso único destino
que é certo.

XVI

Ao mesmo tempo que tinha os olhos voltados para o alto
presos aos que se destacavam pela força e pela fama
e via-se como bem capaz de no futuro ser um deles,
gostava de se divertir com crianças e animaizinhos,
corria para dar ajuda a cegos, defeituosos e velhos,
sentia-se bem ao ver nos párias marcas de nobreza,
era todo atenções para com os meninos retardados
e só se ajustava aos de algum modo desajustados na vida.

XVII

Pela undécima vez pediu dinheiro
para ir assistir pela undécima vez
ao filme "Guerra das Estrelas".

Ao voltar para casa foi até à janela
cantarolando *Stairway to Heaven*
e contemplou o céu todo estrelado.

Depois desceu a escada para o térreo,
saiu e foi caminhando pela rua
como um estranho no ninho.

XVIII

Ficou furioso ao saber que no censo de mil novecentos e oitenta
tinha sido registrado como adepto da religião católica.
Fazia pouco das orações, dos padres, dos ritos da Igreja,
e, a renegar o dia do seu batismo ou da primeira comunhão,
dizia não querer saber de um Deus "que aliás não existe,
pois se Deus existisse, o mundo não seria assim cheio de erros
e injustiças e misérias e guerras e doenças e imperfeições ..."
Com essas blasfêmias e troças vivia atormentando a mãe
preocupada em lembrar aos filhos os preceitos de Cristo.

Um dia, ao voltar do cinema estava como que transfigurado:
- "Mãe, você tem razão. Agora sei que Deus existe mesmo.
Vi num filme a Brooke Shields, noutro a Nastassia Kinski.
Só mesmo um Deus, mãe, para criar criaturas tão perfeitas."

XIX

Que o barbeiro, ao cortar-lhe o cabelo caprichasse
no corte de maneira a mantê-lo sempre arrepiado,
e nada lhe tirasse da expressão o olhar de amuo,
pois nisso é que estavam os sinais da revolta
com que enfrentava a vida, sempre a acusá-la
por não lhe fazer cafuné ou alisar seu cabelo
e por não lhe oferecer como pão de cada dia
razões para alegria.

XX

Impressionava-o como de um instrumento tão simples saíssem
/sons tão maravilhosos
que, segundo lhe disseram, podiam encantar até os animais
/ferozes.
Quis ter a própria flauta e se pôs a extrair dela os sons
/que enterneciam
até o que no fundo de sua natureza havia de áspero e
/selvagem.

XXI

Talvez porque o relógio, coluna sobranceira na sala,
desse a impressão de ser o verdadeiro dono da casa,
ou porque proviesse de vagos bisavós cujos fantasmas
percorrem nosso sangue e nos guiam de algum modo os passos,
ou porque marcasse os segundos em agudos tique-taques,
lembrando-nos a cada instante sermos escravos do tempo
e que o tempo passa e num ponto do tempo a morte nos espreita,
ou fosse apenas porque suas batidas lhe roubassem o sono,
ele parava-o no meio da noite e, apaziguado, dormia.

XXII

Era um menino elétrico e não se aquietava um só instante.
Mal se falava em algo por fazer, ele corria a fazê-lo.
Se tocavam à porta, saía às carreiras para abri-la.
Certa vez, ao abrir a porta, recuou estarrecido
ao deparar com a massa humana do Antônio Carlos Villaça.
Sem uma palavra e sem ligar ao que o escritor lhe dizia,
tomou-o pela mão e conduziu-o à balança do banheiro.
Na balança, com capacidade para cento e cinqüenta quilos,
o ponteiro deu uma volta e marcou apenas cinco quilos.
Disse ele então, desapontado: "Ora, esse gordão é de vento!"

XXIII

Distraído em busca de algo de interesse, perdeu o último
/ônibus de Maricá para Ponta Negra.
Pôs-se então a andar pelas ruas da cidade, e como não achas-
/se um hotel ou pensão para abrigá-lo,
resolveu enfrentar a pé os dez quilômetros de que distava a
/casa de veraneio onde se hospedava.
A estrada, de terra, era cheia de buracos que mal se podia
/distinguir à luz das estrelas,
e de ambos os lados erguiam-se casas com as luzes apagadas
/e de aspecto fantasmagórico.
À medida que andava aos tropeções, iam saindo das casas
/ladridos ameaçadores de cachorros
contra o único intruso a perturbar o silêncio antes só
/perturbado pelas ondas na praia.
Se bem que afeiçoado aos cães, odiava naquele momento os que
/num coro sinistro o ameaçavam.
podendo levar um dos donos das casas a confundi-lo com um
/ladrão e atirar da janela.
Ao aproximar-se de casa, depois de mais de três horas de
/caminhada aos trancos,
ouviu o miado débil de um gato com jeito faminto e olhar de
/misericórdia ali bem junto à porta.
Viu no gatinho a vítima de sempre dos cães e no seu miado um
/contraste com os ladridos ferozes.
Pegou o gato, levou-o para dentro, deu-lhe leite e comida,
/pondo-o depois a dormir numa almofada.

XXIV

Tinha seus dias de azedume, quando fechava a cara
e não ouvia ou fingia não estar ouvindo
se eu o chamasse e lhe pedisse alguma coisa.
Por fim se, impaciente, o chamasse aos gritos,
acorria às pressas, mas magoado, reclamando
por eu só lhe falar com impaciência e aos gritos.
Depois de um tempo ficaram como que gravados
em seu ouvido ou alma esses gritos de impaciência.
Sem que o chamasse, sem que sequer pensasse nele,
corria às vezes para junto de mim, ressabiado
como a aguardar novos gritos e impropérios,
e se espantava ao me ver bem calmo a ler um livro.

XXV

Intrigado, indagava-me
por que é que eu tinha escrito
num poema de amor,
melhor, de fim de amor:
Chamo-te pelo nome,
quem responde é o abismo.

E expliquei-lhe: a poesia
sente-se, não se explica,
e tentar explicá-la
é sempre, ou muitas vezes,
um modo de matá-la;
mas que, talvez, o abismo
a que me referia
fosse o modo possível
de dar uma resposta
ao que há de inexplicável
num encontro de amor
que em pouco é desencontro,
ou ao que há de insondável
em nossa vida e morte.

E agora
que ele nada me indaga,
eu o chamo, eu o chamo,
o chamo pelo nome,

QUEM RESPONDE É O ABISMO.

XXVI

Nos dias de adolescente costumava fazer pouco da poesia,
recriminando os pais por se dedicarem a coisa tão precária
quando podiam empregar o talento em algo de interesse
como roteiros para filmes e letras para canções.

Também naqueles dias de perplexidades e desencontros
passou de repente a se gabar de detestar as mulheres
por achá-las interesseiras e indignas do amor dos homens.

O tempo se encarregou da vingança bem sutil da poesia
e da vingança como sempre avassaladora das mulheres:
Nas últimas vezes que conversamos ao telefone,
em vez de dar as notícias que lhe eram pedidas,
ficava todo o tempo a dizer as palavras mais exaltadas
em louvor da moça que amava e para quem havia escrito
já meia dúzia de poemas.

XXVII

Gostava de pregar peças e pôr os outros em suspense ou com
/raiva.
Certo dia, ao atender a um telefonema da escola da irmãzinha,
pôs-se a indagar com voz pressurosa se havia muito sangue,
se ela na hora sofreu muito, se desmaiou, e como estava,
mantendo por algum tempo e como que chocado o telefone entre
/as mãos
antes de passá-lo à mãe aflita, que veio a saber com alívio
que a filha, como os demais alunos, tinha sido naquele dia
submetida a um exame de sangue para que se cientificasse,
por exigência regulamentar, do fator Rh de cada um deles.
Se o irmão mais velho ouvia música, ao vê-lo extasiado
com uma sonata de Beethoven, ia sorrateiro a outra eletrola
e punha no volume mais alto um dos seus discos de rock.
Ao chegar da rua à tarde, ia entrando pela cozinha,
dizia estar morrendo de fome, que pusessem logo a mesa;
a mesa era posta, em torno dela reunia-se a família,
mas seu lugar ficava desocupado – ele já tinha saído de novo.
E agora, em plena tarde de um domingo de Carnaval no Rio,
quando a cidade, cheia de blocos em desfile, canta e ferve
/eufórica
por estar comemorando o primeiro dos três dias de adeus à
/carne,
que boa ele nos aprontou ao levar tão a sério o seu adeus à
/carne
e sair assim de súbito no verdadeiro bloco do "EU SOZINHO".

XXVIII

No tempo de semear não semeava.
Vagava por aí sonhando engenhos
de colher sem plantar, e os grãos viçosos
crestavam-se por não aproveitados,
enquanto o solo, fértil e ao acaso,
de ervas daninhas se cobria aos poucos.
O que desse ou viesse era o tesouro
a esperar-se, mas não a ser guardado,
e dinheiro na mão – "Ora, dinheiro
se faz para ser gasto e a vida, gente,
é uma só e o que se tem, vivamos!" –
O seu quinhão de vinho, ao recebê-lo
logo o entornava, e sôfrego comia
de uma vez a ração, nada deixando
para amanhã ... – "Ora, amanhã! Ora, essa!" –

Que bola de cristal tinha em seu íntimo?
Que anunciador falava a seu ouvido?

XXIX

Chamei-o para uma conversa no dia em que ele completava
/quinze anos
e disse-lhe ser hora de falarmos sobre o futuro e o mundo
/que o aguardavam.
Ele me encarou com impaciência, e logo em seguida com a
/curiosidade
de quem está observando o último remanescente de uma
/espécie extinta,
e disse em tom de convicção e desgosto: "Que futuro, pai?
/Que mundo, pai?
Com a terra e o mar já bem poluídos e cada vez mais se
/poluindo,
as armas nucleares voltadas para os homens, os homens
/depredando a natureza ...
Não, pai, a terra não tem mais jeito, mais uns anos e será
/o fim do mundo."
Sem mais dizer, retirou-se, voltando com certeza ao convi-
/vio dos companheiros,
onde talvez os motivos de conversa não fossem como era
/no meu tempo,
esportes, estudos, esperanças e sobretudo as experiências
/de sexo,
mas a desolação de peregrinos que param a contemplar as
/ruínas de um mundo morto.
Vi então que não havia achado palavras com que animá-lo
/nos seus quinze anos,
e tudo aquilo que não me foi possível dizer converteu-
/se em poesia.

XXX

O mundo, eu o olho, quero alcançá-lo,
e o mundo me escapa às mãos que tremem,
tal qual um peixe saltitando sedento
do próprio elemento. Tal qual um polvo,
o mundo nos agarra e nos envolve e nos sufoca
quando assim sem tentáculos, tentamos
desvelar as suas faces mais ocultas
e seus acordes e seus contornos de formas
insepultas, e feitas de átomos de enigmas.
No entanto o mundo aí está para o pisarmos,
nele completas quinze anos, e olhas-me
já como a um ídolo caído e transparente.
E eu ergo as mãos, as mãos que te abençoam
e tremem, como para colher na árvore da vida
o pomo da redenção, e oferecer-te a polpa
ainda não apodrecida ou envenenada.
O mundo, filho, e se ele não é o que penso
ou o que pensas? O mundo, e se o pisamos
como personagens do sonho ou pesadelo
de um deus que o criara para em seguida
abandoná-lo? O mundo, filho, e se ele acaba
no próximo segundo? Sim, minhas mãos tremem,
a voz se embarga, o grito ou gemido
morre antes de emitido, olha o meu gesto
de quem invoca a noite que cai e pede-lhe
que acenda em lugar de tantas estrelas,
de tantas estrelas impenetráveis, uma lâmpada

desde que ligada à fonte da verdade.
É de quanto preciso, filho, para falar-te
de homem para homem, e assim entenderes
que minhas mãos, minhas mãos que tremem
ao erguer-se como num gesto de oferta
ou prece, acenam para as paisagens
de um mundo mais claro, onde não falem,
não precisem falar como de ilha para ilha
um pai
e
um filho.

XXXI

Da mesma forma que Murilo Mendes,
nasceste para assistir ao fim do mundo.

E assim como se deu com o poeta,
o mundo te arrancou do mundo
antes do fim do mundo
e permanece o mesmo mundo
indiferente ao fato de ainda sermos
ou já não sermos.

XXXII

Como bom Sagitário,
atiravas setas contra o mundo,
e as setas,
com a ponta envenenada pelo mundo,
voltaram contra teu peito.

XXXIII

Mais uma vez olho teu rosto
e caio no mundo dos mitos:
Eras tão belo,
que os deuses, ciumentos,
te arrebataram.

XXXIV

Sem que hajas conhecido
meu pai
muito tinhas em vida
de seu rosto e seu jeito
de ser.

Agora olho teu rosto
de morto
e muito vejo
do rosto de meu pai
morto.

XXXV

Daqui, tentando decifrar teu rosto,
pergunto-me como seriam teus poemas,
o que diriam ...
o que diziam ...
Se davas corda às palavras sem rédea
de quem se joga aos pés da bem-amada,
ou se, de fato, as chamas da Poesia
a chamuscar-te o peito
levaram-te a verter em versos
a água revolta a vir à tona
ao te sentires de repente
fadado a desencontros
ou posto fora do caminho
em que estaria um ponto de luz,
uma saída,
uma esperança.

XXXVI

Agora
que não me falas,
agora
que não me ouves,
eu quero aproximar-me mais de ti e junto a tua boca
ouvir tudo o que deixei de ouvir quando falavas
e bem próximo de ti, colado a teu ouvido,
dizer tudo o que deixei de dizer quando me ouvias.

Agora em vão eu te pergunto, em vão eu me pergunto:
O que te chamou, o que te chamava para a estrada escura
em que de súbito encontraste a Morte? Para onde ias?
Cruzavas as vias tortuosas que levam ao coração da amada,
ou o que te chamava, a atrair-te como a boca de um abismo
eram mesmo as vozes que escapam da garganta negra
da Morte?

XXXVII

Tento decifrar teu rosto e a boca que se entreabre
mas está muda, muda, e muda encerra as vozes do mistério.
Volto-me para Deus, a Deus pergunto: Por quê? Por quê?

E só me respondem os ecos da minha própria pergunta.

XXXVIII

De súbito
sinto-te tão distante de mim, ao ver-te morto,
que se torna até difícil para mim chamar-te filho.

XXXIX

"Onde estou? O que estou fazendo aqui?"

Disseram-me ter sido estas
as tuas últimas palavras
ao reabrires de repente os olhos
para logo a seguir fechá-los
para sempre.

Onde estarias?
O que fazias?

XL

Já vais!
Em pouco
o chão
te cobrirá,
vais desgarrado.
De novo
eu busco
e agarro
a tua mão
- mas pedem-me
que a solte.

Já fecham
o teu esquife
e agora
não vou te ver
mais nunca ...
E agora
agarro
e domo
é essa noite
em que mergulhas
e em mim
te ressuscito
e estreito-te

nos braços,
mesmo sabendo
que ao estreitar-te
como se a ver-te
num sonho,
o que eu abraço
é o vazio,
o vazio.

SONETOS AOS PÉS DE DEUS

e outros poemas

(1986 / 1994)

I

Eu bato, eu bato, eu bato à tua porta,
bato sem ver que a porta está aberta.
Sem ver-te, sei, tua presença é certa,
e tento orar, mas minha voz é torta.

A luz que vem de ti em dois me corta,
e do que fui e sou outro desperta.
Não posso, assim, a ti dar-me em oferta,
pois já nem sei que ser meu ser comporta.

Tudo o que busco dás, dás de sobejo,
pois sabes mais do que eu o que desejo,
e estás comigo e em mim, sempre a meu lado.

Comigo estás na paz e nas pelejas.
Por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

II

Guia meus passos, bússola divina.
Aos pés de Deus me leva, antes, me eleva,
pois já me cansa andar em meio à treva,
sem ver em mim a luz que me ilumina.

Não só por mim eu peço: a agulha inclina
mostrando-nos a nós, os filhos de Eva,
se em nosso peito há um deserto ou neva,
onde irmos tendo em nós o amor por sina.

Por todos peço, a todos eu me irmano,
por nos cobrir o mesmo barro humano
com que tu foste, um dia, agasalhado.

Senhor, se só nos dás o que desejas,
por tudo o que nos dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

III

Já tive as mãos chagadas de descrença.
Prostrava-me ante Deus, mas sem senti-lo.
Orava tendo em mente só aquilo
a que aspirava como recompensa.

Orava, e tinha a prece força imensa.
Orava, e aos pés de Deus achava asilo.
Orava, ora em voz alta, ora em sigilo,
e sem ver Deus sentia-lhe a presença.

Orava, e mais que a graça que eu pedia
outras graças a mais eu recebia,
por ter pedido a ti, por ter orado.

Se tantas são as graças que despejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

IV

Em tudo dado a ver vejo teu rastro.
Em tudo a me envolver vejo que existes.
que de mistério altíssimo consistes,
e estás aqui na Terra e no último astro.

Sem ti sou nada e como que me castro,
e só de imaginar que não me assistes
fico entre os passageiros soltos, tristes
de uma nau sem as velas, leme e mastro.

Se estás comigo, então tudo é possível,
enfrento o belo como enfrento o horrível
e mesmo só, me sinto acompanhado.

Se te sinto onde esteja e onde estejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

V

Sou cego e cego a ver, disse eu um dia
por tudo olhar sem ver o que é patente,
e pensei: se Deus visse de repente,
sua presença me aniquilaria.

Olhava, mas sem ver a luz crescente
a iluminar o chão em que eu seguia.
Seguia sem saber que eras meu guia
nos labirintos dados a um descrente.

Eu só te concebia nas alturas
e muito além do alcance das criaturas
que vagam neste chão por nós herdado.

Se a tua luz a todos nós ensejas,
por tudo o que nos dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

VI

Tanto te peço e tanto me concedes
que de seguir pedindo eu me envergonho.
Se mais pedidos a teus pés deponho
é porque para dar, as mãos não medes.

E assim, antes que eu peça, me antecedes
ao me dar muito mais do que proponho
e por ver nas entranhas do que sonho
um bloqueio entre nós – e o desimpedes.

Antes que o peça sabes meu pedido,
sem que o formule vês se tem sentido,
e dás o que mereço seja dado.

Por tantas, tantas graças benfazejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

VII

Contigo quero estar, estar em ti.
Perdão se venho assim, com a alma impura,
marcada por sinais onde perdura
tudo o que vi e tudo o que vivi.

De tanto procurar-te aqui e ali,
perdi-me nos desvios da procura.
Só me encontrei ao ter como estrutura
tuas palavras, só então me ergui.

Tuas palavras, sim, tuas palavras,
com elas a aridez das almas lavras
e mostras o que é certo e o que é errado.

Como com elas tocas o que almejas
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

VIII

Confio em ti, Senhor, em ti confio,
pois sempre hás de me dar o que mereço.
E se tudo em redor torna-se espesso,
com tua luz em mim não me extravio.

Contigo, não me perco no vazio.
Ter-te a meu lado é bem que não tem preço,
é no enigma do fim ver o começo,
é tudo ter se a tudo renuncio.

À tua semelhança e imagem feito,
sinto-me mais que sou, sinto-me eleito
por ter na treva ouvido o teu chamado.

E por sentir que só o bem almejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

IX

Tantas vezes, Senhor, ah tantas, tantas,
a dúvida desviou-me do caminho
e em meio à cerração me vi sozinho,
sem a verdade que nas almas plantas.

Quantas vezes, Senhor, ah quantas, quantas,
senti-me à margem do meu próprio ninho
por não levar à boca o pão e o vinho
com que da treva a nós, mortais, transplantas.

Em mim mantém, mantém em mim acesa
a luz que vence a dúvida, a certeza
de que existes e guardas-me a teu lado.

Rogando que me guardes e protejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

X

O que é que vou temer se estás comigo,
se do alto céu ou de onde o mundo reges,
por ínfimo que eu seja me proteges
e à nudez da minha alma dás abrigo?

Por onde quer que eu vá, por onde sigo,
muitos são os descrentes e os hereges,
mas ouço a tua voz, sei que me eleges
e além de meu Senhor és meu amigo.

Embora deste mundo os males prove,
o espírito do mal não me demove
por me saber por ti acompanhado.

Como por nos amar o amor manejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XI

Senhor, se me dás força eu tudo venço.
Não temerei os males nem a morte,
pisarei firme, se inconstante a sorte,
ao enfrentar o que me for infenso.

Tendo comigo o teu poder imenso,
não haverá pesar que não suporte,
e por frágil que eu seja serei forte
com todos esses eus que em mim condenso.

Sim, tudo hei de vencer se me dás força,
por mais que meu destino a vida torça
e eu seja até dos sonhos despojado.

Como a tudo com teu poder bafejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XII

Por crer em ti a fé é meu tesouro.
Esse tesouro eu guardo-o e ele me guarda,
levando-me a beber, mesmo se tarda,
a água da vida em jorro imorredouro.

Que importa o bom-agouro? E o mau-agouro?
Se creio, o que me importa o que me aguarda?
Nada me assombra, nada me acovarda,
no que é mau hoje eu sinto o bem vindouro.

Por crer em ti a tuas mãos me entrego
e deixo que me guies como a um cego,
levando-me ao que me hajas destinado.

Deixando que por mim meu rumo vejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XIII

Por mais que eu busque nos desvãos da vida
e alto, bem alto, atire o pensamento,
jamais alcanço o que alcançar eu tento
ou a meu próprio ser eu dou guarida.

Bebo nas fontes a água apetecida,
de saborosos frutos me alimento,
ao que me pede a alma eu dou sustento,
mas nunca os meus anseios têm medida.

São coisas que meus olhos nunca viram,
coisas que meus ouvidos nunca ouviram
o que Deus para mim tem preparado.

Seja o que for, Senhor, o que planejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XIV

Por ser filho de Deus, de Deus provenho.
Por ser homem, sou filho e irmão de Cristo.
Sou um sopro no barro, logo existo,
e arde em meu ser inapágavel lenho.

A tudo quanto sou e quanto tenho
soma-se algo que sinto e nunca é visto,
e é de humano e divino anseio um misto,
e é a única riqueza que retenho.

É meu quinhão da fé, que vence o mundo,
e guardo no recanto mais profundo
do espírito, onde Deus é consagrado.

Se me guardas das sombras malfazejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XV

A vida, em curvas, lances e perigos,
é breve, é longa – e ter que percorrê-la
sabendo que será fatal perdê-la
e ir ter a uma alameda de jazigos.

A vida, com seus prêmios e castigos,
cumpre-se, e é impossível refazê-la.
Mas sobre o que foi e é brilha uma estrela
a mostrar o mais firme dos abrigos.

A fé, que move oceanos e montanhas,
penetra-nos as almas e as entranhas
e extirpa o que há em nós de degredado.

Se, como estrela, em volta a nós lampejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XVI

Se levo a minha cruz, sei que me levas
dando-me força para suportá-la.
Se me torturam, tua voz me embala
e posso ouvi-la até em meio às trevas.

Se caio aqui e ali, do chão me elevas.
Se sinto o teu poder, nada me abala.
À luz que vem de ti, o que se iguala?
Com essa luz sem fim as almas cevas.

Se levo a minha cruz, a dor esmagas
quando me mostras o sinal das chagas
em teu corpo por nós crucificado.

Se estás por nós na cruz e nela arquejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XVII

A ti, criador e dono do universo,
eu, um bicho da terra tão pequeno,
ouso pedir que mostres num aceno
se ouves quando a teus pés oro e converso.

Não sou digno, Senhor, pois me disperso
ao dirigir-me a ti, e assim condeno
meu próprio ser à solidão que peno
por ser do que eu devia ser o inverso.

Bem sei, Senhor, bem sei que tudo podes,
e se de ti me afasto me sacodes
mostrando-me o caminho a ser trilhado.

Tendo-te assim, nas dores e pelejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XVIII

Sem que existas, que força move o mundo?
Sem que existas, que faz com que eu exista?
Onde eu olhe é profunda a tua pista,
e o que geras na mente é chão fecundo.

Eterno, o eterno guardas num segundo.
Invisível, ofuscas nossa vista
como a estrela que mais da Terra dista
e é de minha alma a essência com que a inundo.

Nunca tem fim a força que liberas
e vem de antes das mais remotas eras
e tem no espaço o mundo equilibrado.

Como o infinito apenas tu bordejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XIX

O meu intento é nunca dispersar-me
ao pôr aos pés de ti meu pensamento.
Luto com mil demônios e afugento
imagens que me arrastam com seu charme.

Ao prostrar-me a teus pés soa um alarme
e as tentações acorrem num momento.
Tento vencê-las – o progresso é lento.
Sem que me armes, Senhor, como hei de armar-me?

Mas é muito o desejo que em mim cresce
de que seja perfeita a minha prece
e eu fale a ti sem dispersão e enfado.

Se até os filhos pródigos festejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XX

Se olho fora de mim o que acontece,
o mundo se abre em mil portões, o mundo
depura em mim o que há de mais profundo:
a essência de uma ação e de uma prece.

A mão de Deus, mão invisível, tece
à minha volta a luz de um sol fecundo.
É dádiva de Deus da qual me inundo
e assim, a me inundar, me fortalece.

À tua luz enfrento a vida e os fatos,
e sigo dando os passos mais exatos
por sentir que por ti vou amparado.

Com tanta luz que em volta em mim despejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXI

Se olho dentro de mim, um ser difuso
movido pelo amor em mil sentidos
contempla as vastidões dos tempos idos
e se vê a si mesmo como intruso.

Um ser de sentimentos fora de uso,
com os pés pisando terras de banidos,
a converter seus cantos em gemidos,
e a se ver como um ser ainda inconcluso.

Por dentro do meu ser eu vago a esmo
e sinto-me seguro de mim mesmo
só ao ver que por ti eu sou levado.

Sabendo que a meu lado me bafejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXII

Senhor, às vezes sinto-te tão perto
que em vez de Pai em ti vejo um amigo.
Onde vou, onde eu vá estás comigo
dando um sentido a meu andar incerto.

Contigo vou de coração aberto.
Se eu erro não me falas em castigo,
iluminas o chão por onde sigo,
e preso a ti tenho alma de liberto.

Contigo, sei que tenho um companheiro
a me estender a mão se o abismo abeiro
e a me guiar se pego o rumo errado.

Se o sufoco da vida assim arejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXIII

Em ti encontro a fonte de energia
que, mais que o amor, remove sóis e estrelas,
e as mãos que elevo a ti, só por erguê-las
já sei que tenho tudo o que queria.

Na solidão és minha companhia
dando-me forças para as marchas pelas
vias-crúcis da vida, e ao fim vencê-las,
por me lembrar de ti na Sacra Via.

Sei que por um instante fraquejaste
ante o que ias passar e que passaste
a fim de que cumprisses o teu fado.

Mas sei que ao me dar força não fraquejas.
Por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXIV

Bem sei que estás aqui e estás me ouvindo,
que antes que o peça sabes o que peço.
E a distância entre nós, se orando a meço,
faz num milímetro o universo infindo.

Ao te buscar eu sei que sou bem-vindo,
sob o teu manto sei que tenho ingresso
e que me cobres mesmo se confesso
que o amor que inspiras não estou sentindo.

Ao te falar jamais viras-me as costas,
a tudo o que pergunto tens respostas
que hás de dar no momento apropriado.

Se não é o que peço o que desejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXV

Na vida os labirintos me põem tonto
e a dúvida é da minha natureza,
como é, também, a sede da certeza
e o caminhar em volta ao mesmo ponto.

Meu ser vai com meu ser em contraponto
e driblo-me a mim mesmo por defesa.
Meu corpo é livre mas minha alma é presa
à luz que mostra em mim o ser que afronto.

Essa luz vem a mim e me conforta
abrindo em meio às trevas uma porta
em que entro e encontro Deus crucificado.

Estando eu onde estás ou onde estejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXVI

Amar-te é ter a luz no meu caminho
e tuas mãos cobrindo-me a cabeça,
é ter sempre, aconteça o que aconteça,
a sensação de nunca estar sozinho.

De ser um ser perfeito me avizinho
se ao mal do mundo tenho a alma avessa
e o que pregaste aos homens nunca esqueça,
ouvindo a tua voz como um carinho.

Amar-te é sempre ouvir tua voz mansa
no sofrimento dando-me esperança
de estar a todo instante a teu cuidado.

Se a mim o dom de amar-te assim ensejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXVII

À minha sede, deste a água da vida.
À tua sede, deram-te vinagre.
Deixa que, enquanto vivo, eu te consagre
por toda essa injustiça sem medida.

A água que deste vem sendo bebida
e impede que em meu ser o ódio deflagre
ao ver-te preso à cruz, nesse milagre:
- da morte do imortal jorrando a vida -.

Ao sol do teu poder e amor eu vivo,
e se por mim morreste, isto é motivo
de nunca me sentir desesperado.

Se, morto, a água da vida em mim despejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXVIII

Tanto esperei de ti e tanto espero
que no ermo do meu ser brilha a esperança,
que ao ver-me vacilar, por mim avança
e leva-me a ir além da estaca zero.

A quanto sonho, a quanto penso ou quero,
sei que virás guiar-me sem tardança.
Se o que peço me negas, é tão mansa
a recusa, que eu a ouço e não me altero.

Sei que por nós coroas-te de espinhos.
Abres caminho onde não há caminhos
e integra-nos o ser desintegrado.

Sempre a esperar que, como sou, me elejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

XXIX

Se eu entro no Jardim das Oliveiras,
nada, ninguém impede o meu ingresso.
Lá tento ver-te no íntimo recesso
enquanto oras ao Pai horas inteiras.

Ouço o que dizes, queiras ou não queiras,
e como tu, eu tenho o peito opresso.
A prova que atravessas atravesso,
porque estás em mim de mil maneiras.

És Deus e oras agora como um homem
ante as dores que a nós, homens, consomem.
Como tu, tenho o peito devastado.

Como ao ouvir o Pai nem pestanejas,
por tudo o que me dás louvado sejas,
por tudo o que não dás sejas louvado.

Outros Poemas

TABUADA METAFÍSICA

O DESERTO, O DESERTO

Andas, e tens à frente
o deserto, o deserto
sob um sol inclemente
a um tempo longe e perto.
À sombra de miragens
os teus dias embalas
numa rede de imagens,
de músicas, de falas.
Dentro, bem dentro, trazes
o choro de um menino
que se perdeu do oásis
tido por seu destino.
Em ti tropeças
quando olhas para trás
e de novo atravessas
o que já se desfaz.
Andas, e em fogo brando
fundes o torto e o certo
enquanto vais calcando
o deserto, o deserto.

MATÉRIA DE POESIA

Os apelos do íntimo e os apelos da rua
como matéria de poesia, nua e crua

⌘

Diálogo sem fim
e a esmo
entre mim
e mim mesmo.

⌘

Tudo o que vi e que vivi retomo
e ao que o destino me negou eu somo.

ESTADO DE GRAÇA

A poesia me põe no estado
de um boi ruminando o passado
ou de conter na mente uma ave
que voa bebendo o presente.
E às vezes o estado de graça
nasce dos ais de uma desgraça.

O SER E O FINITO

Sem cessar e sem descanso
ratos roem
o centro
do ser

⌘

Há no tempo letais
misturas de venenos
em cada instante a mais
em cada instante a menos

⌘

Que o corpo seu fim trisca
em cada instante a mais
eu sei como quem cisca
os seus restos mortais

REFLEXÕES NO JARDIM DO ÉDEN

Árvore da Vida
- galhos de espantos,
folhas de cantos,
flores de encantos,
seiva de prantos,
frutos de tantos
enigmas ... Quantos!

Se do Imortal veio o homem
mortal
e do homem a mulher
mortal,
ambos teriam
o fruto e a cobra
que imortalizariam
a Sua obra.

AMOR

Bailam os pés num chão metafísico
e o olhar palmeia um belo físico

Do amor nascidos
e para o amor nascidos,
seguimos marionetes
ora coroados de flores,
ora de espinhos.

ESCRITO NA AREIA

De água somos. E pó. E choro. E riso.
E há um sol que arde em nós.
O sol aviva o chão, o chão que piso
E nós pisamos. Sós

FELIXGRAMA A MURILO MENDES

De onde quer que hoje estejas,
ó mestre, me responde,
por um murilograma
ou um eternograma,
se aí na eternidade
pisas firme o absoluto
ou tudo é relativo
como aqui entre os vivos.

ARTE DESTILADA

Do alto dos cimos azulados,
bem longe de tudo e de todos,
de podridões, ferrugens, lodos
e ares compartilhados,

baixar o olhar em desafio
aos lobos maus da natureza,
chocar os ovos da beleza,
no fim dar à luz o vazio.

AVE, MÚSICA

Só de ouvido colado
ao coração de Deus
pode-se ouvir linguagem
mais pura do que a música.

⌘

E não seria a música
ecos do que se ouvia
antes que o espírito de Deus
boiasse sobre as águas?

⌘

E não seria a música
a tradução possível
de secretas parábolas
de Deus aos homens?

QUEIXUMES PÓS-MODERNOS

A vida é meia vida
se não há mais paisagens
e nem mesmo miragens
da terra prometida.

⌘

Quem sou eu, se assim me consumo
em ser um servo do consumo?

⌘

De muitas máquinas o fumo cobre
a Terra.
E a Terra, ela é mais rica, ou é mais pobre?

LEMBRANÇA DE DARCY DAMASCENO

No parque de Maria Luisa, em Sevilha

Teus rastros sigo, encontro-te, te abismas.
Olhas talvez teu íntimo, e com calma
vês através de um prisma, ou muitos prismas,
o que se passa nos meandros da alma.
O mesmo és ao olhar-me, sem surpresa.
No olhar claro de irmão não há segredo
e, ambos na Espanha, a mente temos presa
ou irmanada em Gôngora e Quevedo.
Do duro fim que suportaste, heróico,
não te queixas. Não eras dado a queixas.
o espírito reténs sereno e estóico,
a aura de um lírico em teus rastros deixas.
Por nós falando os pássaros e os ramos,
tu morto e eu vivo mudos conversamos.

REVISITANDO GRANADA

Muerto cayó Federico
ANTONIO MACHADO

Anos se foram. Volto aqui, Granada.
Muito mudei e a mesma me pareces.
Subo a Gran Via, não estranho nada.
Forço a memória e nem no tempo cresces.
Não és talvez a mesma, é que reluto
em ver mais que o que em mim fundo se inscreve.
A canção a invocar-te eu não escuto,
nem a *Dança do Fogo* e *A Vida Breve*.
Do alto do Alhambra eu te olho sem ver nada,
sem ver que és bela, bela e ornada de água.
É só um som o que ouço aqui, Granada,
e a única cena a ver, já na alma trago-a:
Um tiro fere o ar e a madrugada.
Por terra um corpo – e a Espanha, assassinada.

REMATE

O meu silêncio é muito mais que um grito,
se em si preserva o sal que se desfez
num código vivido e não escrito.

Como o caos na expressão nem sempre omito
nem ponho em ordem peças de xadrez,
o meu silêncio é muito mais que um grito.

Como comigo estou sempre em conflito,
o que ao cantar revelo só tem vez
num código vivido e não escrito.

Como para eu galgar o mundo o rito
é feito de protestos e gaguez,
o meu silêncio é muito mais que um grito.

Como exibir-me de alma aberta evito
e me encubro de véus, fica a nudez
num código vivido e não escrito.

De tudo o que em palavras tenho dito
muito há de oculto e muito de mudez:
num código vivido e não escrito
o meu silêncio é muito mais que um grito.

FÊNIX REDIVIVA

SAUDAÇÃO DE CARL SANDBURG

Hog butcher for the world,
Tool Maker, Stacker of Wheat,
Player with Railroads and the Nations
Freight Handler;
Stormy, husky, brawling,
City of the Big Shoulders.

CARL SANDBURG, *IN CHICAGO POEMS*

Poetas que vindes do Sul e habituados estais ao calor das coisas,
saio do mundo dos mortos, do mundo mudo e frio dos poetas mortos,
e feito por um momento em calor e palavras, aqui estou para receber-vos.
Em nome dos que aqui vivem e aqui laboram, eu vos entrego as chaves da cidade.
Abri a porta e entrai, lá dentro a cidade com seus muitos espaços vos espera.
Em pouco vereis que não é Chicago a mesma de que falei há setenta anos,
que de seus matadouros fornecia carne suína para o mundo,
nem só a fabricante de instrumentos, nem mera estocadora de trigo,

e muito menos uma cidade tumultuosa, de voz rouca, dada a
brigas barulhentas.
Vereis que hoje é por meios bem sutis que ela distribui dádivas
ao mundo,
através de papéis variados e valiosos na Bolsa de Mercadorias
e Futuros,
além de ser ela em si, na bolsa de valores da vida, uma dádiva
ao mundo.
E vereis, ó poetas, que ela continua a cidade dos grandes
ombros.
Sobre esses grandes ombros ela há de vos transportar por
inesperados recantos
feitos e refeitos por seu espírito de Fênix, pronto a ressurgir
das cinzas.
Ireis até a um bairro com meu nome, onde, se quiserdes,
construireis um lar novo
a dar para o sem fim do Lago Michigan ou para um parque e
ruas arborizadas.
Entrai, e ao entrardes trazei, dentro de vós trazei garra e
esperança.

BABEL HORIZONTAL

Do alto da Sears Tower vejo a meus pés o Rio Chicago e a
cidade.
Volto-me para todos os lados e em cada ponto um cartão-
postal se desenha.
Fecho os olhos e vejo homens a arrancarem de um pântano
tudo o que aqui se ergue.
Eles enfrentam desconfortos, o rigor do inverno, o uivo
selvagem dos ventos
e a sensação de ser este o local menos indicado para se
construir uma cidade.
Abro os olhos e está prostrada à minha vista toda uma
esplêndida arquitetura,
e a se desdobrarem por todos os lados paisagens não nascidas
da geometria,
mas com os matizes de obras da natureza completadas pela
mão de homens.

E penso: não terão esses homens, como seus semelhantes
bíblicos de outrora,
ao se verem com tanto poder criador, tentado alcançar as
alturas de Deus,
desafiando-O com esta torre de cujas grimpas, contemplo a
meus pés o mundo?
Olho para um dos lados e o lago põe-se a dizer segredos
incompreensíveis.
Olho para os outros lados e em todos eles a cidade se estende
em infindável plano.
O que ouço, vinda de todos os lados, é uma confusão de
línguas se desencontrando.
Elas vêm de bairros de negros, hispânicos, poloneses, alemães,
ucranianos,
além de outros de gregos, irlandeses, judeus, assírios, árabes,
asiáticos ...
Perco-me no emaranhado de vozes e volto-me para o céu
ainda muito alto e distante.
Então, vinda da profundeza de todos os mistérios, chega até
a mim a voz de Deus.
A voz de Deus faz com que se cale a misturada de vozes e é
a única voz que compreendo.

À MARGEM DO LAGO MICHIGAN

As águas do lago, mansas, invadem lembranças e labirintos.
Abraça-me a paisagem e com ela me ponho logo em sintonia.
Resta-me agora aguardar que das fontes mágicas do desejo
jorrem ilhas-almofadas na mansidão das águas que se espraiam
para eu pousar a cabeça e deixar que as horas rolem, rolem.
Sento-me numa rocha e no chão estende-se minha sombra.
A minha sombra, a meu lado, olha-me de viés, com ironia,
como a indagar se é possível repousar enquanto rolam as horas.
É quando me sinto bem menor que sou e a minha sombra cresce,
invade as águas que me invadem e se fragmenta em espelhos.
Passam gaivotas e vão em vôo silencioso, sem nenhum destino.
Quero segui-las e assim não me olhar, não me ouvir, anular-me.
Quero que se ofusquem por um momento meus olhos de
sertanejo
confusos entre a vastidão do lago e o *skyline* de Chicago.
Quero. Mas olho e vejo-me, sou eu multiplicado e dividido
em fragmentos e mais fragmentos. Multiplicado, dividido.
Fala uma voz que vem de longe. O que diz ela? O que dizes?
Chegas bem junto de uma porta, um rumo a tomar se insinua.

Cabia a ti escolhê-lo, com o teu poder de amor subjugá-lo,
ao mesmo tempo conhecendo-lhe a força e pondo-te sob seu jugo.
Tinhas a chave e a puseste fora, tinhas o coração e fizeste
com que ele resvalasse numa planície de gelo. Fugiste.
E aquele rumo – elemento com que marcarias o ritmo da vida,
teu pensamento feito estrela, teu corpo a levitar-se,
seqüência do que eras, recriação do que serias -,
como o esperavas, como o nutrias ... como, como o esperavas!
E fugiste, ganhaste o mundo súbito a negar-te um caminho
quando os deuses, em coro, te renegavam nos teus descaminhos
e o próprio Deus trancava para ti a face de misericórdia.
Aonde ias ficavas à margem, à margem de tudo, até de ti mesmo,
abrindo coração e peito à maldição e às bênçãos da poesia.
Esta voz que vem de longe, é ela o reclamo do rumo perdido?
Ou é ela a voz de um anjo do tempo em que ouvias anjos
e com eles voavas por entre nuvens seqüestradas da infância?
Pobre anjo da anunciação, bem que ele te conduziu à porta
a fim de que, abrindo-a, convivesses em paz com a natureza
e com as ordenações secretas da Terra, em paz com Deus.
Mas não a abriste, fugiste. Agora pesa-te no peito o remorso
até de não sentires remorso, e mesmo se pisas o paraíso
vais suportando a sina sem redenção de expulso do paraíso.

FLANANDO NA NEVE

Que passos os meus passos! Eu, tonto marionete,
no passo que vou dar em vez de um passo dou sete.

Seguindo, a cada passo ou escorrego ou deslizo,
e é preciso ir em frente, navegar é preciso.

Pulo a neve e é só neve, e a neve no seu brando
vir do céu cai sem dó e vai me se-pul-tan-do.

Ser e estar enregelado, eis o meu aqui e agora.
Envolto em feltro e lã, só olhos e nariz de fora.

A armadura me cobre todo, mas é inútil a guerra.
Oh que saudade, ó Catulo, do solzão da minha terra!

Que faço aqui? pergunto, e antes de tudo quero
que me digam se é viver viver abaixo de zero.

Explicam-me: há o fator vento. E daí, o que importa,
se este vento, meu Deus, é de navalha e me corta?

Caí no nono Círculo por meus vícios e pecados,
com gelo dentro de mim e por todos os lados?

Já mal sinto meus pés. Será, meu Deus, que morro?
E em mundo assim tão frio, a quem pedir socorro?

A neve tapa os céus, não vejo no alto o Pai Eterno,
mas rogo-lhe, por piedade, uns bons bafos do inferno.

LINGUAGEM DAS MÃOS

A Alberto da Costa e Silva

Temos livres os pés, mas nossos passos
como que seguem invisíveis traços,
e vamos de arrastão.

Que nos empurra ou puxa para a frente
por mais que o que queremos sonhe ou tente
não ir por atração?

É divisarmos no horizonte um ninho
e a bússola nos mostra outro caminho
em outra direção.

E sempre em vez daquilo há de ser isto?
E esbarraremos sempre no imprevisto
de bem ou maldição?

E o amor? A Amada eterna, deusa ou mito,
um dia é só lembrança. Está implícito
na entrega oculto não?

Na névoa, nós, como a singrar sem remos
em mar incerto, incertos percebemos
que incertas, sem perdão,

impassíveis fiandeiras nos espiam
e em diferentes tramas fiam, fiam
inefável cordão.

Seguimos a esmo e livres, mas nos termos
de riscos esboçados ao nascermos,
por obscura razão,

quando elas, num desenho emaranhado,
marcaram-nos as mãos com nosso fado
e o legado de Adão.

UM POEMA: "À BEIRA DO TEU CORPO"

A Abgar Renault

Era o poema o sumo de uma dor muito minha, inexcedível, indivisível, e – a dúvida – devia eu guardá-lo contra o peito, só para mim, ou passá-lo adiante?

O poema, como uma esfera, como o infinito, começava e terminava em qualquer uma de suas partes, e, cheio de arestas, não era mais que a junção ou superposição das coroas de espinhos que me haviam circundado a alma. E eu me perguntava se cabia compartilhar essa dor muito minha, alimentando ainda mais o volume de um vale de lágrimas já repleto até a borda, me perguntava.

O poema, ele doía dentro de mim como uma chaga oculta, me desafiava, escandia-se em voz alta, e ruído nenhum dentro ou fora de mim impedia que eu o escutasse.

O poema, como silenciá-lo, como não passá-lo adiante, se ele me estraçalhava o peito, abrindo-a com toda a força e com toda a força lançava-se para fora?

O HOMEM QUE FAZ ANOS NO DIA QUINZE DE NOVEMBRO

Após a leitura da obra reunida de Bernardo Elis

Como o homem que fazia anos no dia sete de setembro,
a quem diziam ser em sua homenagem os festejos da
Independência.
Bernardo Elis acordou ao toque das matinas e ao estrondo
dos foguetes no dia quinze de novembro,
abriu os olhos lembrando que completava mais um ano de
vida
e que era parte dos festejos do dia a inauguração do seu
busto numa praça.
Pulou da cama, saudou a aurora e pôs-se a vestir com todo
capricho o fardão de acadêmico,
após o que mirou-se no espelho e viu que o traje não assentava
bem a seu espírito
como que talhado para não pertencer a academias.
Nada obstante, envolto no fardão foi assistir aos festejos da
República e à inauguração do próprio busto,
que, uma vez descoberto, fixou-o do alto do pedestal e
parecia dizer-lhe:
"Que vale esse fardão a cobri-lo? Que vale ficar eu aqui

exposto às intempéries?
Não lhe bastou, ó estranha simbiose de deus e de matuto,
ter criado heróis e anti-heróis que vivem e morrem em odor
de humanidade,
e dado vida, com a força de suas sagas, aos ermos mais ermos
das extensões goianas,
emprestando assim, sem nenhum vezo acadêmico, *um sentido*
mais puro às palavras da tribo?
Pois isso é o que o cobre de glória, *a glória que fica, eleva,*
honra e consola."

O DÉCIMO CÍRCULO DO INFERNO

Já quase ao fim da estrada aberta em meio
desta selva selvagem que percorro
cada vez mais perdido no seu seio,

sem ter para guardar-me arma ou cachorro
e com voz que tão fraca já se torna
que em vão seria um grito por socorro.

(Voz minha que de ardente se faz morna
por sentir que o silêncio perto a espera
e a música do amor não mais a adorna.)

Ali me vi à sanha de uma fera
que me aguardava no seu antro oculto,
com olhos de dragão ou de pantera.

Garras à mostra, ela era de tal vulto
que a descrição do olhar que projetava
ao poder de meus versos não faculto.

Quis correr, mas a perna se colava
uma a outra e por isso e como efeito
meu coração era outra fera brava

a bater, a bater dentro do peito
com tanta força mas com força tanta
que lá por dentro eu me senti desfeito.

Sem fôlego me vi, muda a garganta.
Mas, sempre a olhar-me, a fera a falar pôs-se
e o que mais me espantava e ainda me espanta

é que seu tom de voz era tão doce
que me embalava, e ao cabo de um momento
todo o medo que eu tinha dissipou-se.

E era de ver-se o meu encantamento
àquela voz que em timbre de segredo
a me tranqüilizar dava-me alento.

Ela me disse assim: - Do que tens medo?
Desse instinto feroz que dorme no homem
hás de ver que não sou mais que arremedo.

Verás quais são os seres que consomem
sem dó o que a eles de melhor lhes dera
o mundo, e escravos são do próprio abdomem

na ânsia de devorar. – E então a fera,
pegando-me, atirou-me na distância
como quem lança um dardo ou uma esfera.

Tudo ocorreu sem minha relutância
porque logo me vi a correr mundo
e em mim carrego, como sina ou ânsia,

o espírito em essência vagabundo,
e, mais, porque no centro de Florença
eu aportava em menos de um segundo.

Eu pus-me a olhar em torno sem detença
e vi, sem crer embora no que via,
o que só por lembrar traz dor imensa.

Por obra de um insano, a Galeria,
onde obras de arte varam o futuro,
quase toda em escombros se fazia.

Da dor que então senti jamais me curo
e sobre o autor de tal ação não cria
pudesse haver um coração tão duro.

Prostrei-me ali e logo escurecia,
quando me pus a andar por uma rua
tendo só meu instinto como guia.

O céu era estrelado mas sem lua.
E eis que de súbito uma sombra, um vulto
vai-se esboçando, aos poucos se acentua.

Eu da memória, os pélagos consulto,
uma lembrança a outra lembrança ajunto
e delas salta um ser nunca sepulto.

Só para ter certeza eu lhe pergunto:
- Sois, por acaso, Dante Alighieri? -
E seu modo de olhar então assunto.

É tão longínquo o olhar que ele desfere
que mais parece fixo em outro mundo,
que ele fica a fitar sem que se altere

o ar nem de morto nem de moribundo.
- Sois Dante, certo estou, meu mestre Dante.
Não será de outro o vosso olhar profundo.

- Quem invoca o meu nome? Oh, que desplante,
interromper-me! Aqui contemplo a Amada,
cumprindo o meu penar de eterno amante.

- Perdão, ó mestre. Mas não vejo nada
nem ninguém, até onde a vista alcança,
nesta rua tão pouco iluminada.

Estranho aqui estardes. À lembrança
me vem que desterrado de Florença
fostes, ou perseguido ou por vingança.

Sabeis quem sou: poeta em terra imensa
de um mundo em vosso tempo inda impensado,
sou, e sinto-me no auge da descrença.

- Poeta, certo estás. Sim, desterrado
fui desta terra minha sobretudo.
Só que a nela existir sou condenado.

E aqui me posto feito um surdo-mudo,
pois tive (ou tenho, para ser preciso)
neste lugar o céu na terra, tudo.

Aqui passava quando de improviso
apareceu Beatriz subindo a rua
e súbito envolveu-me num sorriso.

Por que, poeta, essa descrença tua?
A um olhar de Beatriz cri na verdade
do amor, o amor que a vida perpetua.

Intrigas, injustiças e crueldade
por eu o bem de todos ter em vista,
levaram-me a deixar minha cidade.

Mas nela ficarei enquanto exista
minha alma e exista esse sorriso terno
que embora breve os séculos conquista.

Quem peca por amor o próprio inferno
escolhe, e aqui plantei, e aqui se planta
minha alma sempre a arder de ardor interno.

Bem mais que a Deus, bem mais que à Virgem Santa
a Beatriz eu amei, este o pecado
que entre meus erros todo mal suplanta.

Por ele eu, ao morrer, fui condenado
ao paraíso-inferno, onde contemplo
o rosto de Beatriz eternizado.

- Mostrais, este lugar fazendo em templo,
que o amor faz curta a eternidade e a vida,
e a nós, ó mestre, vós servis de exemplo.

por vivermos numa era embrutecida.
Pois vede: o templo de arte aqui por pouco
não ruiu todo, e está quase perdida

a obra de mestres. Tudo ação de um louco.
Em que inferno o poríeis? – Com tiranos
eu punha-o a conviver sempre em sufoco.

Milhões de mortos, sei, e grandes danos
devem-se a Hitler, Mussolini e Franco,
três feras sem iguais entre os humanos.

Pois que esse destruidor sente num banco
em sala a lhe exibir o ato execrando
num filme projetado em preto-e-branco.

Juntos, lá dentro, Hitler discursando,
Mussolini a comer soltando arrotos,
Franco a seus pés a ressonar roncando.

Pois, disse Sartre: *O inferno são os outros.*

VOLTA AO LAR EM BRASÍLIA

A Lina e José Francisco Del Peloso

Ébrio de céus e nuvens, vi num amanhecer esses horizontes multimilionários. Armei a tenda e entrei. Aqui cumprir-se-ia por certo meu sonho atávico de prometido Eldorado.

Em pouco percebi que a altura, pródiga embora, não despejava no meu feudo as esperadas chuvas de deslumbramentos. E nem na imaginação podia devassar as fraldas familiares das serras dos Pirineus e de Jaraguá, detrás dos horizontes. Ao mesmo tempo minha alma, infensa à geometria, desaprendia de andar nas retas e ângulos que se fechavam a meus acenos e investidas.

Até que um dia, com ânimo de um foragido, parti. E eu era como essas aves de arribação que à medida que voam vão descobrindo o seu caminho entre as encruzilhadas de ar e de distâncias.

Agora, feito em guerreiro sem apetite de conquista e glória, estou de volta. Encontro a tenda ainda armada. A seu redor erguem-se árvores hospitaleiras que antes não existiam. Armo uma rede à sombra das copas sonolentas, e como a evocar o regaço materno deito a cabeça pesada dos caminhos do mundo. Presas aos troncos das árvores, legiões de cigarras parecem zombar de mim com seu canto de pássaros ensandecidos.

POEMAS DISPERSOS

(1948 / 1986)

SONETO COM CHAVE
DE GUILHERME DE ALMEIDA

Eis-me fruto do amor no rio esquivo
réstia de luz mais frágil do que o pranto
demônio semeando olhar de santo
sol a nascer envolto em sangue vivo

Estilhaço da dor eis-me no entanto
na alegria do louco o redivivo
Eis-me aflorando em música e passivo
ao desespero a me entregar num canto

Eis-me buscando em ti o amor e como
as aves do meu corpo aos seus reclamos
cantam no espaço à antevisão dos ninhos

Mas não tomas as formas que retomo
e ao me perder em ti vejo que estamos
quanto mais juntos tanto mais sozinhos

1948

O TEMPLO ACESO

A água se torna turva ao curvar-se meu rosto
e o dia-a-dia esmaga imagens que procuro.
Da verdade só ter o impreciso, o suposto.
A dor fere tão clara – e meu canto é obscuro.

Ao ir colher o amor, saber que tem mais gosto
a fruta que ficou, na infância, atrás de um muro.
Se em nada me abriguei, eu vou assim exposto
aos azares do tempo, às nuvens de um céu duro.

Ir atrás de ilusões, do horizonte ... horizontes ...
Estas asas nas mãos, e mesmo assim ir preso
ao ar que me amordaça e ao sol neutro e bifronte.

Se a nada me apoiei, eu próprio sou um peso
que levo aos ombros, levo ... e ninguém que me aponte
na turva água da vida a luz de um templo aceso.

1950

PALAVRAS AO NASCITURO

A Maria Lúcia, recém-nascida

Como dizer do espaço
que aqui te aguarda, e esmaga
quem vai por ele, livre,
sofrendo dele o peso?
Não és mais do que o ofego
de um pássaro que dorme,
e já trazes, no corpo em
enevoados contornos,
o mistério do impulso
que move o Sol e a Terra
Em coxins do inefável
pousas agora o que
será tua cabeça,
e ao abrir-se uma porta
virás como que expulso
do Paraíso Terrestre.
E te aguarda um chão duro.
Sei, saberás mais tarde
que terás de amassá-lo,
que terás de amansá-lo,
este chão, este barro,
e o animarás com vida,
a ele, que nos dá vida.
Sim, a vida, a que em cada

uma de tuas formas
visíveis e invisíveis
está e por espaço
clama. Sim, duas bolhas
explodirão em lágrimas
no instante em que as romperes
ao despertar do mundo.
O mundo, este que vejo
como paralisado
na mesma expectativa
com que te adivinhamos,
nós, que já o habitamos.
Que te dizer do mundo?
Talvez o que em segredo
dele penso e não penso.
Vai dar-te o ar, o espaço
e hás de sair dançando,
que a vida é uma dança
febril e cega, a ritmos
que não se espera, e impelem-nos
sempre, através do espaço.
Há mais de vinte anos
estou aqui, e exausto
pelo feito e não feito
antes de mim, e agora.
Agora o chão te aguarda
os pés, e vai o espaço
modelar tuas formas.
Serás mulher ou homem.
De nervos, carne e osso
serás, e nos veremos
um ao outro, comparsas
dançar conforme a música
da vida com seus ritmos
inesperados. Sempre.

ARS ABSCONDITA

Vós que me ouvis, perdão, se me atiça e deslumbra
o sol adormecido em carvão, na penumbra.

1950

DEUS

A Murilo Mendes

Aqui e nas alturas
Em tudo o Seu reflexo

Muito além das origens
e além dos fins do tempo

O invisível visível
a vir em sarça ardente
ou em línguas de fogo
Enigma onipresente
a revelar-Se e oculto

Maior que o que pensamos
da vastidão do espaço
É maior que o universo
e está dentro de mim

Se o entendimento morre
nas linhas do visível
que o coração O alcance
além de toda altura
Que o coração Lhe fale

Aqui dentro de mim

1951

ÁRVORE AVOENGA

(Poema narrativo em treze fragmentos)

Ser o herdeiro de tudo e de miséria ser,
Senhor de desamor e de tristezas.

Marcos Konder Reis

I

A Peregrinação do Sangue

Em corredores noturnos
o sangue escorre
e é seu destino
o oceano dos deuses

Em nós e dentro de nós
o seu murmúrio
constante

Em nós e dentro de nós
mantém nosso equilíbrio
e vai como escorrendo
pela Avenida Goiás
em Goiânia
Goiás

Lado a lado
descemos a avenida
e o que nos une
e nos embala
é a voz antiga
dessa fonte

E não o sopro dos deuses

Que os deuses não têm sangue.

II

No Princípio a Paisagem

No princípio era a paisagem
e o silêncio

Era o silêncio
cortado de vozes de pássaros
e grilos
e ventos

Chapadas sem descanso
embrenhando-se nas matas
de raízes junto ao sono dos rios
iam morrer ao pé de montanhas
e renasciam
do outro lado

Seriemas sem destino
cruzavam as chapadas
uivos e silvos
guardavam
a solidão

Goiás era a paisagem

III

As Visões de Rousseau

Sem a terra,
o homem não seria o homem

Goiás era o desterro
onde viviam homens
vindos de ninguém sabe
que mistério

Nus e sem espanto
eles iam formando
em clareiras nas matas
as visões de Rousseau

Cresciam e se multiplicavam
onde houvesse árvores com frutas
onde houvesse caças e pescas
onde corresse a água
dos rios

Sem a água
o homem não seria o homem

Que o homem é feito de barro
e o barro
de terra e água

IV

As Faces do Fogo

É do homem
é do seu destino
um dia ser expulso
do Paraíso

E sempre hão de pender sobre o homem
espadas de fogo

O fogo vem do alto
da essência do Sol e mais estrelas
É dádiva de Deus

O fogo tem na essência
relâmpagos e raios
e línguas de ameaças flamejantes
do império de demônios

Tão súbito
de outro mundo chegavam
estranhos homens brancos
e duros seus braços
vomitavam fogo

Seria o ouro que buscavam
com desespero
o próprio fogo na terra
petrificado

Melhor lhes dar todo o ouro
antes que a água dos rios
se erga em fúrias de línguas
flamejantes

Anhangüera
demônio velho

V

O Ouro e a Verdade

As lendas correm com a força
do vento
e têm a mesma força
da verdade

De ouro as montanhas
De prata o leito dos lagos
Rochas trazendo gravadas
por mãos imemoriais
imagens do martírio de Cristo

Os rios e as estrelas
iam ensinando os caminhos
aos homens e a sua febre
e a seus cavalos

Eles não viam feras
nem perigos
nem doenças
nem os espinhos fundos
da saudade
O ouro era a verdade

Onde quer que a terra
lhes revelasse ouro nas entranhas
crescia uma cidade

Sobre um reino desfeito
outro reino se fazia

VI

Clemente da Costa Abreu

(1678-1768)

Numa praia em Lisboa
contando grãos de areia
o pensamento como rede
atirada no mar
e no além do mar

O luso impulso de ir pelos mares
já esboçando no outro lado
do Atlântico
riqueza e amor

Qual novo Abraão tudo deixar
para trás
e partir como que obedecendo
a estranho chamado

Em Itu
em terras de São Paulo
o amor

Por outro estranho chamado
seguir e com ele a companheira
no rumo do desconhecido
e ali lançar a rede

Nas terras de Goiás
o ouro
a riqueza

Como de Abraão pedaços do seu ser
hoje incontáveis feito grãos de areia
na praia

VII

Maria Pinheiro da Fonseca

À jovem que se casa
não se dirá a sorte que a espera

Que a sorte não tem normas

De Itu em São Paulo
a Congonhas em Minas
aos sertões de Goiás
esse o roteiro
do que no esposo havia de loucura
estilhaçada em sonhos
Esse o roteiro de assombros

Eva no Éden
matriz e matriarca
em meio ao ermo e a um mundo por fazer-se

Às duas filhas um papel – dar vidas
ao mundo desolado
e aos filhos dessas filhas
e aos filhos desses filhos
outro papel – dar vida
às extensões de atraso
e desconforto
Tanta miséria em meio a tanto ouro

Eva no Éden

Aqui jaz ela
avó e adubo
em nosso peito
Ela e uma fieira
de filhos e mais filhos de suas filhas

Amiga
nossa existência é um réquiem a muitos mortos

VIII

Intermezzo

A tudo o que me dizes
nesta área entre raízes
onde planto e me planto
ao teu lado em amigo
árias de antigo canto
acordam no que digo

e tudo eu mal te digo
ao mesmo tempo dizes
como se atenta e a um canto
guardassem as raízes
dos cantares de amigo
que em mim plantei e planto

e a tudo o que hoje planto
os germes do que digo
ao falar-te em amigo
misturam-se aos que dizes
e em pouco outras raízes
se formam do meu canto

e tudo o que hoje canto
rego de amor e planto
com brotos das raízes
que acordam ao que digo
e ao que sem dizer dizes
junto a meu peito amigo

e em tudo sou o amigo
que te preserva a um canto
do peito e do que dizes
faz os germes que planto
às margens do que digo
e espalham-se em raízes

e em tudo essas raízes
se entrelaçam no amigo
que com o que não digo
te dá na área do canto
as árias com que planto
as margens do que dizes

IX

O Ouro e a Ilusão

Nem tudo que reluz é ouro
nem mesmo o ouro

Do esforço por buscá-lo
que recompensa

Para arrancá-lo da terra
eram afastadas serpentes
ali de bote armado
como guardando-o

E ao vê-lo fora da terra
os homens iam criando
meneios de serpentes

Das mãos de quem o arrancava
da terra
o ouro era arrancado
indo brilhar bem longe

Seu brilho em outras terras
e a terra aqui empobrecida

Em vão era guardado
de novo no ventre da terra
em vão era feito recheio
de santos-de-pau oco
se homens com olhos de serpentes
viam através do espesso
e da distância

Em vão tentar a fuga
ao confisco e ao castigo

Seria o ouro maldito
Seria maldição dos homens
expulsos de suas terras
ou feito escravos
ou mortos

Goiás fruto do ouro
e de remorsos

X

As Metamorfoses – 1

Os caminhos abertos
os abismos abertos
em busca do ouro
e de súbito nada

Ei-los os heróis de ontem
ei-los de braços cruzados
à beira dos abismos

Pousadas sobre as casas
de aldeias natimortas
sombras de abutres
Sem o ouro e a esperança
nem o presente
nem o futuro

No fundo dos abismos
a vertigem do nada
Ei-los os heróis de ontem
um dia descruzando os braços
e por aí semeando
geórgicas pastagens

De súbito o bezerro de ouro
por eles antes adorado
saindo pelas pastagens
multiplicado em boiadas

Em volta dos abismos
eram plantadas roças
construídos currais
e amestradas tropas

De novo pródiga
a terra ia fechando
os seus abismos

XI

As Metamorfoses – 2

Assim por acaso
nasceram as cidades
como é também por acaso
que se dão os encontros

Mas Goiânia
nasceu de um sonho
e da pobreza
envergonhada

E nosso encontro
em Goiânia
que então se erguia
foi o encontro
como previsto
de uma alma pobre
e em cacos
consigo mesma

Goiânia a erguer-se
e tudo como
que renascia
E a teu encontro
minha alma em cacos
se refazia

XII

As Falas

Que fale em nós o sangue a voz que escorre
da fonte que não morre

Que o sangue é imortal semeando o escuro
de sombras do futuro

Que fale em nós atávico eufemismo
em épico lirismo

Que a história ao me alcançar tange na lira
o quanto ela me inspira

Que fale em nós quem fomos fale a história
de uma fortuna inglória

Que se o passado é um rio de surpresas
em mim verte em tristezas

Que fale em nós quem somos fale o rio
por que seu extravio

XIII

Grand Finale

Os deuses
amiga
não têm sangue
porque são deuses
e não têm sonhos
porque já sabem
o seu destino

Meu canto
outrora ode
aos deuses que desenham
os horizontes
e os caminhos do mundo
meu canto
agora
é movido
a sangue
e sonhos

Os deuses não têm sangue
e dos seus páramos
de imortalidade
e tédio
vão destelhando
o teto do mundo

que teríamos
e dando esboço
a tudo o que perdemos
sem ter ganho

Desabrigados
descemos a Avenida
Goiás
e Goiás é a paisagem
Goiás é o desterro
a envolver o ninho
por nós criado
de nós
em nós
e para nós
de súbito miragem
de um castelo
a desfazer-se

Goiânia, novembro, 1951

LA DONNA È MOBILE

Tom: "Ode Vingativa" de Manuel de Barros

Ela se abrigará entre paredes de espelhos
e onde quer que olhe há de ver o reflexo
do meu perfil desdenhado, sorumbático, altivo.

Ela há de projetar no chão e na lembrança
não sua sombra, mas minha sombra atenta, onipresente
por ter roubado o posto ao seu Anjo da Guarda.

Ela há de me encontrar no interior do sono,
onde operoso, peripatético, sem descanso
comandarei os seus sonhos até que ela desperte
e sinta no lençol o meu cheiro e as marcas
da minha ausência presente, lúbrica, indomável.

Ela aplacará os seus fervores de fêmea
mas de olhos cerrados o que há de ver é o meu vulto
magro, pedinte, quase lírico, talvez trêmulo,
e no auge do amor gemerá o meu nome.

Ela há de ter também a hora da sua morte,
quando, já morto ou ainda vivo, estarei ao lado,
correto, meio sonâmbulo, à altura do momento,
para exalar com ela o seu último suspiro.

1951

AVES SEM POUSO

Onde há carne há solidão
Lêdo Ivo

Percorro o território do teu corpo
e um ninho, um pouso busca a boca cega
salivando saliências e reentrâncias
que dás e negas, tão cheia de graça,
e és tão cheia de ninhos, só que pairas
em páramos que esboças pelo teto
quando descerro as portas que me trancam
o coração, e o coração já voa
também por outros páramos, por onde
como soltos no espaço nós soltamos
asas de aves que em vão buscam um pouso.

1951

QUINTANA

Saio. A noite me agasalha
do vento e suas navalhas
de frio ... O faro não falha,

e é fácil ir em seus rastos:
Se é florido o seu sapato,
de flores serão seus passos.

Feito o príncipe ao trabalho
de a moça achar no borralho,
de porta a porta atrapalho-me.

Que em todas deixou pegadas:
Ruas, esquinas, calçadas
floridas e enquintanadas.

Sem onde ou como encontrá-lo
volto ao Rio, onde a meus calos
em flor, grave e estóico eu falo

da minha sina e seus tapas:
Dormir sozinho na Lapa
e, em Roma, não ver o Papa.

1951

SERESTA

A flor, a flor abrindo-se
talvez, talvez nos diga
do enigma de um encontro.

Parar à tua porta
e nem bater ... A um canto
ficar como afinando
um violão invisível,
que será contracanto
ao desencanto e ao canto
que em mim, como falhada
voz de um pássaro, dorme
dentro de mim, bem dentro.

E o canto vem de dentro
de tua casa – e o encanto,
o teu, abrindo a porta
e a abrir-se, desabrocha
em mim flores dormidas,
como se nesse canto
a se negar lá dentro
de mim, lá estivessem
desde sempre gravados
teu canto
e teu encanto

1951

FOTOGRAFIA

Sob os cabelos o perfil sugere
sonho e distância.

Ela contempla
montanhas de amarguras que desabam.
Pedras vão-se afastando
e voam víboras
das brechas do destino.

Ela contempla
clareiras que se abrem.
Saltam praias à espera:
Sonho e distância.

1952

EXERCÍCIO DE EXÍLIO - I

Je chante comme je cours. Je n'ai pas d'envoi, je n'ai pas de but à atteindre. Là bas, personne ne m'attend.

A. D. Tavares Bastos

Bem me disseram que eu não devia deixar na alfândega
o coração, com todos os seus naufrágios e despojos.
Agora ouço meus passos junto ao cais soarem surdos
e pesa-me mais que antes a velha carga do íntimo
agora envolto em andrajos e sonhos congelados.
O mundo é outro, outra a cidade, serei eu um outro?
Sob o céu de Paris já não me acenam aves migradoras
e em minha sombra sobre o Sena mal me reconheço.
Apenas essas árvores, nuas de folhas e carícias,
vão seguindo a meu lado como fantasmas familiares.

Paris, 1954

LADAINHA DA PAZ

A Jorge Amado

A paz – ilha de rosas
num mar de ondas serenas,
a paz – mãos e mãos dadas
em anel sobre a terra,
a paz – de boca a boca
o tragar de um cachimbo,
a paz – glebas cobertas
de oliveiras e pombas,
a paz – almas sem nuvens
e o céu descendo em aves,
a paz – mel das palavras
nos desvãos dos diálogos,
a paz – sonhos de Gandhi
à luz do sol nascendo,
a paz – bandeiras brancas
da bem-aventurança,
a paz – o sal que sobra
de ideais e evangelhos,
a paz – ovo dos símbolos
do mundo entressonhado,

que ela esteja conosco.

A paz – mas se trazemos
Caim e Abel no sangue
a paz –mas se é dos homens
cavalgar outros homens,
a paz – mas se uma fera
é solta em nosso ventre,
a paz – mas se ainda há brasas
nos fornos de extermínio,
a paz – mas se pisamos
um chão gelatinoso,
a paz – mas se nem vemos
um caldeirão que ferve,
a paz – mas se são bombas
os pesos na balança,
a paz – mas se a sustenta
o medo, o mútuo medo,
a paz – mas se é o medo
que atrai para os abismos,
a paz – mas se a queremos
como a um canto ou a um beijo,

que ela esteja conosco.

A paz – que então se torça
a essência do que somos,
a paz – que então a pele,
como as cobras, soltemos,
a paz – que então nos cubra
couraça à prova de ódio,
a paz – que então se extirpe
o que em nós é peçonha,
a paz – que então nossa alma
e máscaras mudemos,
a paz – que então em Cristo
amemos uns aos outros,
a paz – que então em Marx
unamo-nos uns e outros,
a paz – que então se encontrem

os iguais e os contrários,
a paz – que então a todos
o mesmo sol os cubra,
a paz – que então se grave
bem fundo em nosso peito:

que ela esteja conosco.

Helsinque,1955

EXERCÍCIO DE EXÍLIO - II

A Darcy e Iracilda

Assim vou eu, como à deriva,
pela rua, e pesa a ironia
de ela chamar-se perspectiva,
se até do horizonte me priva.
E tudo me embaraça: agora,
ao ver-me como não me via,
mais que nunca me sinto o estranho,
o estrangeiro, o que está fora
mesmo estando dentro, e esta rua
que não tem termo, piso-a, ganho
seus contornos, de manso, como
quem alcança a face da lua
de nós oculta, ou prova um pomo
interdito às mil fomes do homem.
No vazio, ou ventre, do tempo
que eternidades se consomem
antes que eu chegue e pare aonde
vou estar enfim, à vontade,
junto ao rio que me responde
ao murmúrio dos pensamentos
com outro murmúrio, estribilho
da linguagem de um pai a um filho.
O rio, ele escorre à medida
que escorre o tempo, e nele banho

a alma sem margens nem estuário
que me veste ... Bei sei que é de ida-
e-volta o meu itinerário,
e no entanto é outro, é estranho
o ar que respiro, é outro o mundo
e outro é o caminho de volta
que do meu peito, ou do mais fundo
de mim, sai com o ar, no ar se solta.
Olho a cidade, e como a olhar-me
Moscou se me revela, mostra
a estática beleza, o charme
com que se estende e aqui se prostra
comigo, à beira deste rio.
E de súbito não me sinto
mais no chão escorregadio
de há pouco. A luz de um sonho extinto
rompe o carvão e em rubro e brasa
ilumina o que há de mais fundo
em mim. Sinto-me então em casa
e posso, à flama de um segundo,
ver que dois mundos se encontram
formam um mundo
e assim dois seres que se encontram
formam um mundo.

Moscou, 1955

TROCADERO, 1955

Enquanto eu te esperava, enquanto se desfazia
a espuma no copo de cerveja, eu ia escrevendo
palavras sem sentido e nenhum nexo numa folha
de papel que, como a recortar um lagarto
cujos pedaços continuassem teimosamente vivos,
rasguei em pedacinhos, cada um deles
com uma letra e cada seqüência de letras,
como se num sonho ou num poema dadaísta,
dando um sentido ao que dentro e fora
de mim se passava e se resumia num grito mudo
de quem se despede e sabe que está se despedindo
para sempre, e sabe também que numa despedida
pedaços de nós como que amputados se destacam
e vão ficando teimosamente vivos pelo caminho.

DIÁLOGO COM O PAI, COMPANHEIRO DA INFÂNCIA E ENAMORADO DAS ESTRELAS

Depois de muita cabeçada,
os rumos não deram em nada
e o fim da estrada é outra estrada
- E agora, pai?
- Meter o peito para a frente,
a favor ou contra a corrente:
De um desses matos, de repente
um coelho sai.
- Um coelho, mas não na medida
que quero.
- E que queres da vida?
- Ó pai, o que quero da vida?
O que, meu pai?
- Tenhas ou não um sub-reptício
jeito de ser, viver é o ofício
de ir levantando um edifício
que se ergue, e cai.
- Mas vai indo, a gente se cansa
de dar tantas voltas na dança.
- Ora filho, e a fé? e a esperança?
- E daí, pai?
- Como viste ou talvez não viste,
seja a música alegre ou triste,
o homem que é homem não desiste
e a si não trai.
- Mas acho o avesso tão direito!
De que massa estranha fui feito?
Por que esta alma assim sem jeito?
Por que, meu pai?
- Não bebas tanto esses venenos
da alma, e olha: não és mais nem menos
que os outros que vão a teu lado.
Assim como eles, um recado
tens gravado na mão, lembrando
a Morte, não se sabe quando.
- A morte, não se sabe quando!

- Perdão! Eras um nada, um sono
boiando no não-ser, o dono
de toda uma extensão de treva,
perdido grão do ventre de Eva,
e te fiz desse mesmo barro
que se distrai
a desfazer-se enquanto o agarro.
- E agora, pai?
- Sentar e acender um cigarro,
ou dar uma volta de carro,
ou como o poeta, ao ver-se tísico,
não pisar um chão metafísico,
e deixar que role o destino
nas dobras de um tango argentino.

1956

PERGUNTAS, COM LOUVAÇÃO, À MÃE
E À SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA

Tesouro este que guardas
em invisível cofre,
envolto em sins teosóficos
e teu, por mais que te abras
na fala sem aldrabas.
De onde a tens, a certeza,
num mundo a vogar torto
em falazes contornos,
trazendo as margens presas
por cordoalha desfeita?

Quero dar-me, incompleto
arremedo de filho
sempre a chegar, vazio,
de translações sem nexo
em volta a enorme zero.
Falo – mas onde o timbre,
o cristal da garganta
que à hora da dor te chama
e é a própria infância-esfinge
que de mim me redime?

Mais que dívidas, dúvidas
trago-te ... e me respondes.
Olhas e olho o horizonte:
recuo a abismos, curvas.
E não vês mais que a lúdica
mão de Deus com seus traços
de sinuosos enredos
e tons de branco e negro
a acabar nossos rastos
de eterno e de macaco.

Calma, e que de arte e engenho
ao juntar os contrários

em colcha de retalhos
em sutis condimentos
em razões de alto exemplo.
Calma, e um espinho criva-te
a alma sempre e em segredo.
E assim, posta em sossego,
olhas – e o que divisas
é um filho morto, em vida.

Dar-te como conforto?
Em Deus achas justíssimo
que dê e roube filhos,
e tem de filho morto
muito o meu viver solto.
Para ires assim, para
extirpares da vida
as vãs filosofias,
que nuvens resignadas
ensinaram-te a estrada?

Bem sei que não te cega
minha voz, mesmo em júbilo:
Cubro-a, torço-a, e vês tudo
que se passa na treva
de um ser que não dá trégua.
Se a treva é muita, acendes
lenho que não se apaga
com teu vulto de dádiva.
E quem vai de mim rente
é tua sombra e sempre.

1956

TESTAMENTO

No ano trigésimo da minha
vida que um acaso fez minha
e vai roubando-ma aos pedaços
ao dar-me dela outros pedaços
como se a um cão lançasse um osso
que há de fazer do cão outro osso
duro como os ossos do ofício
portar a vida assim como eu
rôo o osso de existir sendo eu –

No ano trigésimo da vida
minha a que todos chamam vida
muito embora um sabor de morte
nas horas que morrem passando
conquanto vivam de ir passando
a encher os remansos do tempo
do que já me levara o tempo
e que a memória rói como eu
rôo o osso de existir sendo eu –

No ano trigésimo da estrela
que quando nasci fora a estrela
que se escolhera para guarda
dos que ora nasciam e guarda
com modos de anjo malogrado
estes passos de malogrado
que me levam a um mar vazio
onde um rato rói o vazio
da maneira mesma como eu
rôo o osso de existir sendo eu –

disponho a vossos pés o quanto
tenho e por ter me tem e é quanto

me rouba assim como eu a vós
a vós que ides ficar no mundo
eu vos roubo – deixando-o – o mundo
e o osso de existir sendo vós.

1956

ELEGIA DE MAIO

E vais por frios dédalos e és fumo
e um sopro entre montanhas e um agudo
silêncio é o teu hálito e o teu sumo

e não falas e falas e ouço tudo
e a voz vem de tão fundo e são segredos
do olhar e das feições de um surdo-mudo

e eu vou e apalpo a morte entre teus dedos
e ponho o ouvido e a dor sobre teu peito e
vais por geladas zonas de degredos

e vais a cavalgar um sol desfeito e
aqui te multiplicas e eras e eras
o domador de nuvens e o insuspeito e

amigo a dar-se e a dar cachos de esperas
e a esmola de uma fala e um riso e abraços
e torrões de harmonia e primaveras

e coxins de horizontes e estilhaços
de consolos num mundo sem consolo
e o teu pasmo ante o belo e estardalhaços

ao ver mulheres belas e o ar de tolo
com que a olhá-las a ti e a Deus dizias
que a vida é bela e o mundo tem consolo

e a vida te driblava e fez teus dias
de velho um lento cantochão de cargas
e mazelas que pálido curtias

e o engasgo e a ânsia e o fígado e as ilhargas
e a tosse do diabo e em estribilhos
e a careta ao sorver horas amargas

e o trabalho a cumprir e a insônia e os filhos
e os sonhos altos e a fezinha e os planos
e os abismos e o mundo e os empecilhos

e foste mesmo assim e ralos panos
encobriam-te a alma e assim mostravas
em raios-X os âmagos goianos

e nada em tua boca e mastigavas
o nada e assim te davas à distância
e andavas e cismavas e guardavas

e amavas o que fosse voz de infância
e eras uma criança e eras destas
que espalham a alma e o espanto e a exuberância

e fugias das turbas e das festas
e armavas uma rede entre saudades
e contavas no céu o brilho e arestas

e subias aos céus de outras idades
a pescas e idos chãos e em ti nevando
saudades de Matão e mocidades

e a companheira e a calma e o jugo brando
e a vingança e a carícia e o amor nos nomes
de Muxiba e Canhão que lhe ias dando

e agora vais e te desvais e somes
e a terra de Goiás baixa e te cobre
e o tempo enfim te come a carne e as fomes

e aqui eu fico ó Pai e sou mais pobre.

1959

A MALDIÇÃO DA CIGANA

Moço, não quero dinheiro
nem falo por bruxaria.
As mãos protegem seu bolso
e essas mãos é que eu queria.
Suas mãos e as mãos da moça
que vai com você na via
que é férrea, mas também *crucis*
será a quem se extravia
não indo bem paralelo
à linha da cortesia.
Suas mãos, se e as pegasse
tudo o que o espera eu leria
nas linhas que aí se cruzam
em secreta analogia,
e seu corpo, aos malefícios
fechá-lo eu bem que podia.
As mãos da moça, ah se as pego!
Em pouco daria às linhas
que entram na carne macia
contorno que responde
aos sonhos e à fantasia.
As quatro mãos me estendessem,
e o sol da quiromancia
desfaria o que de sombra
da noite e também do dia,
e haviam de ser um do outro

muito mais que companhia,
em sendo um anjo da guarda
guiado por quem ele guia.
Eu pus a mão no seu bolso?
Eu disse alguma quantia?
E vem você, me escorraça
que nem se eu fosse uma harpia,
fugindo do meu contato
com raiva, com zombaria.
Assim me arranca da boca
o que eu de bom preveria.
Moço, guarde o seu dinheiro
e faça dele mania,
que o vejo multiplicado
mesmo à sua revelia,
mas sem da felicidade
ser aval ou garantia.
Sim, ele cresce em seu bolso,
eu vejo ... mas que ironia!
sem para o que mais quiserem
ser recurso ou ter valia.
Filhos terão, vejo vários,
e um castelo de utopias
com janelas dando para
um sol de melancolia.
Vejo viagens sobre oceanos,
vejo vestes de honrarias.
vejo uma cama em que dormem
um sono de regalias.
Mas vejo logo acordarem
em plena vida vazia,
comendo pela metade
pães do amor e da poesia.
É isso o que hoje lhes digo
e muito mais eu diria
nesta dura via-férrea
via crucis, travessia.

1959

O CÍRCULO

Nem bem perdi meu pai ganhei um filho
e assim uma vez mais fala o mistério
da vida a seguir tonta sobre o trilho
na ponte entre o berçário e o cemitério.

AÇÃO DE GRAÇAS

Aos voluntários que na noite de 25 de agosto fizeram fila à porta do Hospital Distrital, para doação de sangue

Valeu a pena? Valia a pena
dar gotas e horas de suas vidas
por minha vida que se extinguia?
Eu não era mais que massa indistinta
de músculos e ossos expostos,
e o pouco sangue que em mim pulsava
não era do corpo, seria da alma
ali a um canto, fria e encolhida
bem junto do Anjo da guarda
que, espantado, se censurava
pelo descuido de um segundo
na guarda, que tem por destino,
da minha vida em seus tropeços.
E a pouca vida que me restava
eram os sopros do pensamento
a recobrirem com flores de ódio
o coração que era puxado
para um dos lados pela morte
e para o outro lado pela vida.
Esses sopros do pensamento
se voltavam ou se revoltavam

contra este nosso mundo de máquinas
contra este nosso mundo de pressa
e no centro do mundo, alvo do ódio,
um rosto de homem se colocava.
Era o homem que numa estrada
com sua pressa e sua máquina
fora da estrada me jogara,
fazendo-me ou desfazendo-me em massa
com força apenas para desejar-lhe
paralisia ou lepra ou câncer.
Era um homem ou era o homem
deste mundo de pressa e máquinas
que eu via, quando um sussurro
de alguém ou do Anjo da guarda
disse-me da fila de voluntários
que fizeram da noite de sábado
por programa salvar-me a vida.
Seus rostos, embora os não visse,
desmancharam o rosto que eu via
assim como as flores do ódio,
tornando-se então o rosto do Homem.
Por eles e graças a esse rosto,
não fosse salva a minha vida,
na morte a alma seria salva.

1962

TOADA DE UM MORADOR DE BRASÍLIA

Da cartola da geometria
saltou a cruz no chão fixou-se

Por vias-sacras e profanas
veio meu ser crucifixou-se

E eis meus planos desengonçados
nos Planos das Linhas Exatas

E eis o que é bússola em meus passos
desorientado entre quatro ângulos

onde as retas nascem de régua
e as curvas de ternos compassos

onde se elevam monumentos
a heróicos concretos armados

onde os horizontes são obra
de deuses de cubos e hexágonos

os mesmos deuses que elegeram
este céu de perfeita abóboda

Cruz avião no chão deitada
em doce maneira de abraço

Estreito esse duro lenho
de lei esse frio alumínio

Palpo-a como a fêmea belíssima
sem macio e sabor de carne

Cubro seus vértices de rosas
e as rosas desabrocham cimento

Pelo áspero verdor dos ermos
pedras se encantam sobre pedras

Da cartola da geometria
saltam edifícios pilares

Palácios pássaros e sapos
enterrados e já decolam

Colunas em êxtase de asas
Velame pousado em desterro

Estradas semeadas de trevos
vão morrer no lago em cobalto

Então não sabes a história
do lago que ficou seco?
É do tempo em que só índios
viviam por esses ermos.
Te conto: Sem fazer força,
os índios tinham sustento.
Tupã lhes dava de tudo:
caças, pescas, índias, leitos.
Eis que um dia em troca e em paga
Deus Tupã fixara um preço:
Índios de todas as tribos
deviam ir rumo ao centro
da terra em que eles viviam
para lá erguer um templo.
Mas um templo diferente,
que, em si, já fosse um apelo
de mãos abertas e erguidas
para as nuvens em silêncio.
Pois bem, com a ordem divina
em pouco foram eleitos
para a missão os melhores

dentre os melhores guerreiros,
como também as melhores
mulheres, para entretê-los.
Ouve, meu bem, nesses dias
a rede era um novo invento.
As mulheres, rede às costas,
os homens, com os apetrechos,
seguiram rumo de um lago
que era das terras o centro.
Ali chegaram aos bandos,
e as margens, quase a um só tempo,
eram cobertas de redes,
e em cada rede dois leitos.
A brisa da água em repouso
a embalar de esquecimento
os índios com suas índias
e as índias, com seus desvelos.
E eis que a voz de Tupã, no alto
ressoa em trovões austeros.
Em pouco, a terra sugava
toda a água, que em desespero
pôs-se a bater contra as margens
até secar no chão seco.
E em pouco o vento arrancava
as redes dos seus esteios,
e das copas que as cobriam
fez mirrados arvoredos.
E a voz de Tupã lhes disse
vibrando em ecos serenos,
que, por castigo, viriam
homens de outra cor e jeito
para tomar-lhes as terras
que bem ali têm o centro.
Disse-lhes, mais, que esses homens
com outra cor, outro jeito,
do que pode o esforço humano
iriam dar-lhes exemplo,
erguendo ali a cidade
a ser na terra um reflexo

da cruz lá no céu, de estrelas
- e nessa cidade um templo.
Mas um templo diferente,
que em si, já seria o apelo
de mãos abertas e erguidas
para as nuvens em silêncio.
Só então ressurgiria
o lago nesse chão seco.

Eles vieram como ao sopro
de um vento de febre e cansaço

Suas lembranças escorriam
na água dos rios da Amazônia

Seus olhos gemiam imagens
de caatingas fomes e secas

Em seu ouvido ressoavam
seduções das praias do Leste

Pés que já cruzaram os Pampas
Mãos que garimparam no Oeste

Ânsias bandeirantes curtidas
em desvairada paulicéia

Almas que no Sul pouco a pouco
foram despindo-se de europas

Vultos alterosos de Minas
Cargas de esperanças goiases

Eles vieram como a um gesto
da cruz deitada num abraço

Vieram e ali se encontraram
num sonho de pedra e argamassa

Juntaram-se enquanto juntavam
os tijolos sobre os tijolos

E eis que do mutirão ergueram-se
paredes num passe de mágica

Da cartola da geometria
saltou um éden rodoviário

Os pneus vão rodando macios
sobre esta cruz sem cruzamentos

Vamos que é sempre sinal verde
às sedes do nosso destino

Vamos por este asfalto à prova
de imagens de morte e tragédia

De trás do raiban contemplamos
o éden de enleios burocráticos

Os ministérios em fileiras
assistindo a nossos desfiles

E é impossível trocar beijos
pela Praça dos Três Poderes

Impossível falar da vida
quando ela não nutre um processo

Ai meu amor se alçou ao nível
de altas funções gratificadas

Minhas Musas Protocolares
soltas ao vento do Planalto

como encontrar-vos num desvio
nesta cidade feita a régua?

Como manter meu andar torto
em ruas não-ruas tão certas?

Como entre combogós dar forma
aos castelos que armo na areia?

Como ir em rumos matemáticos
se a contramão seguem meus sonhos?

Como entre paredes de vidro
ter ninhos de amor exclusivo?

Como dobrar-vos ó princesas
do Império das Linhas Exatas?

1964

PAVANA PARA UMA INFANTA VIVA

A Isabela

Porque nasceste
as horas se abrem
agora em flores
Porque nasceste
no meu percurso
vão renascendo
jardins sepultos
Porque nasceste
no meu percurso
até teu berço
as flores se abrem
como a falar-me
Porque nasceste
as horas falam
que agora vives
e agora e sempre
o ar que respiro
também respiras
Porque nasceste
renasce o mundo

1964

SOLOMBRA PARA CECÍLIA MORTA

Que voz é tua voz! É um aviso, é suave.
Chega como em surdina, acorda oceanos, ilhas.
E tem de asas batendo. Ah, fugitiva ave.

Ela sobe da Terra. Ou do céu ela desce.
Sonâncias de cristais, dolorido estribilho
de música interior, de madrigais, de prece.

Nenhum *flash* ou trovão. Ela é vaga, quão vaga
e funda a percussão. De um jogral em vigília
trará os entretons, o alaúde que embriaga.

Às vezes tão estranha, erra em estranhos mundos.
E em seus sussurros há de um falar em família.
Sim, o que alívio traz também fere, e bem fundo.

Cecília, Cecília, Cecília.

1964